



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Leila Figueiredo de Barros

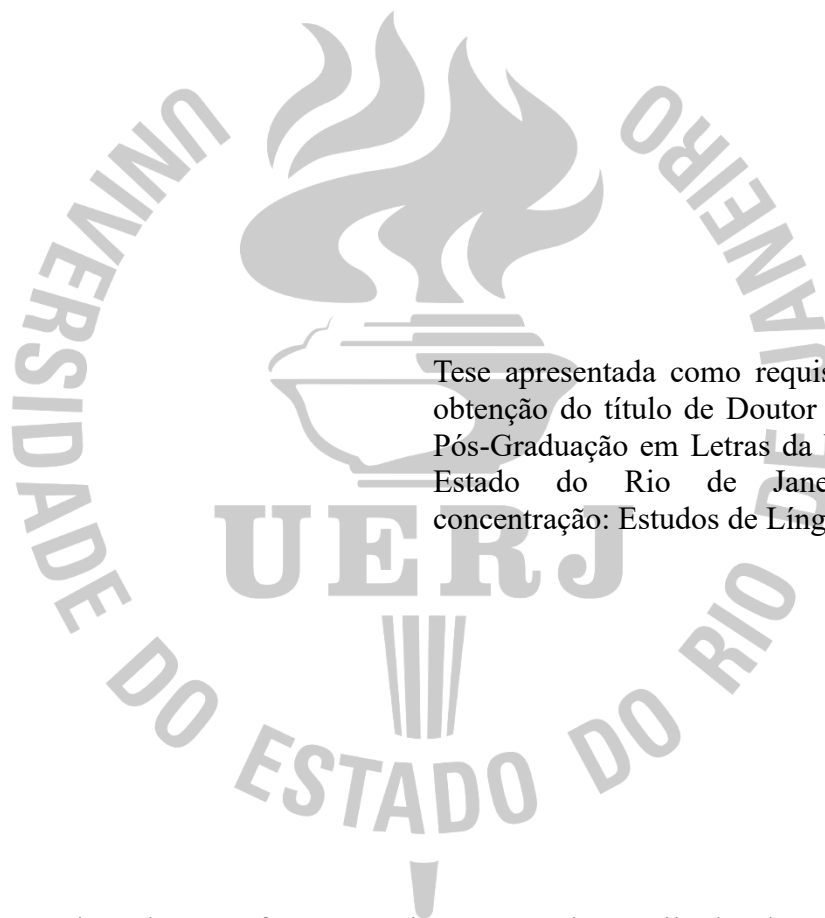
Varição entre *né* e *não é*, *entende* e *entendeu* na fala de idosos de distintos mundos socioculturais: um estudo comparativo em Livramento (MT) e Rio de Janeiro (RJ)

Rio de Janeiro

2020

Leila Figueiredo de Barros

Varição entre *né* e *não é*, *entende* e *entendeu* na fala de idosos de distintos mundos socioculturais: um estudo comparativo em Livramento (MT) e Rio de Janeiro (RJ)



Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

B277	<p>Barros, Leila Figueiredo de. Variação entre né e não é, entende e entendeu na fala de idosos de distintos mundos socioculturais: um estudo comparativo em Livramento (MT) e Rio de Janeiro (RJ) / Leila Figueiredo de Barros. - 2020. 222 f.: il.</p> <p>Orientadora: Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Sociolinguística – Teses. 2. Oralidade – Teses. 3. Idosos - Linguagem – Teses. 4. Jovens - Linguagem – Teses. I. Abreu, Maria Teresa Tedesco Vilardo, 1963-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p>CDU 800.86</p>
------	---

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Leila Figueiredo de Barros

Varição entre *né* e *não é*, *entende* e *entendeu* na fala de idosos de distintos mundos socioculturais: um estudo comparativo em Livramento (MT) e Rio de Janeiro (RJ)

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua

Aprovada em 25 de junho de 2020.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof.^a Dra. Maria Teresa Gonçalves Pereira
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Michelle Gomes Alonso Dominguez
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Sybille Große
Universidade de Heidelberg

Prof.^a Dra. Nilza Barrozo Dias - UFF
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

À memória dos meus pais, **Antonio Nazareth de Barros e Maria Figueiredo de Barros** (*In memoriam*)

“Neste momento, alguém gostaria de estar conosco e está ausente, mas as lembranças e sua presença, o som de sua voz sopra suave na memória, no murmúrio triste de lamento e saudade”. Vocês se foram em um adeus eterno; mas estão aqui lembrados, presentes, eternos!

Dedico esta conquista a um brilhante professor que tive o prazer de conhecer na graduação em Letras, **José Antonio Marques Pereira**, pessoa fascinante que me trouxe as primeiras discussões, os primeiros contatos com os estudos linguísticos, mostrou-me que o estudo da língua não se restringe apenas aos fatores internos, mas que todos somos falantes ativos e reflexivos na sociedade. Lembranças eternas! (*In memoriam*)

À amiga **Michella Cristina de Andrade Silva**, que não teve a oportunidade de vivenciar o envelhecimento, partiu muito jovem. Mas deixou muitas lembranças e saudade eterna. (*In memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço, a *Deus e a Nossa Senhora da Medalha Milagrosa*, que desde o início de minha caminhada estiveram comigo. “Dias e noites passaram. Vitórias foram conquistadas. Derrotas foram superadas. Amizades foram criadas. Conhecimentos foram adquiridos. Diante desse diálogo constante, vim louvar, agradecer e oferecer, humildemente, a vida, o amor, a felicidade. Enfim, a vitória deste momento”.

À professora *Dra. Maria Teresa Tedesco V. Abreu (UERJ)*, pela pessoa incrível que ultrapassa os limites da orientação. Amiga, dedicada, companheira para todos os momentos. Teresa, você oportunizou-me viver no Rio de Janeiro os melhores momentos de minha vida. Com você pude crescer como pesquisadora, como pessoa, pois mostrou-me que a pesquisa nunca se esgota e que sempre há possibilidades de aperfeiçoamento e de construção. Você é maravilhosa, pessoa que nasceu com o dom de ensinar e contagiar com a sua busca por novos conhecimentos. Quero que saiba que esta pesquisa só teve frutos por conta da sua linda parceria. Agradeço-lhe eternamente pelos avanços nesta pesquisa e em minha vida.

À professora *Dra. Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ)*, pelas contribuições valiosas no exame de qualificação, pelas correções e pela credibilidade depositada em minha pesquisa. Pessoa incansável na busca pelo conhecimento e sempre disposta a ler e reler minha escrita. Obrigada por toda dedicação e todo carinho.

À professora *Dra. Michele Alonso (UERJ)*, pelas leituras e pelos comentários relevantes no exame de qualificação, por me fazer ampliar o olhar nas questões teóricas e metodológicas. Obrigada por ter gentilmente aceito o convite para participar da minha banca.

À professora *Dra. Sybille GroÙe (Universidade de Heidelberg- Alemanha)*, por ter me aceito no estágio em Heidelberg, por meio do qual vivenciei momentos únicos que muito contribuíram para meu crescimento como pesquisadora. Oportunizou-me conhecer novas culturas, novos lugares. Sybille, você é muito especial, fomenta a interação entre os países e contribui significativamente com os estudos científicos. Parabéns pelo lindo trabalho.

À professora *Dra. Nilza Barrozo Dias (UFF)* por ter aceito gentilmente o nosso convite para participar desta banca, e pela leitura cuidadosa.

A todos os *professores* do Programa de Pós-Graduação da UERJ com os quais tive a honra de poder compartilhar de seus conhecimentos teóricos, seja durante as disciplinas cursadas, seja em congressos ou seminários a que assisti. Agradeço pelas lutas realizadas em defesa da Universidade Pública e de qualidade, pelas resistências em momentos de crise na UERJ. Vocês são verdadeiros gigantes! Obrigada pelas interações!

A todos *funcionários* da UERJ, que, mesmo nos momentos difíceis enfrentados pela universidade, nos últimos anos, resistiram e superaram todas as dificuldades e nunca deixaram de apresentar um atendimento de excelência. Expresso aqui um carinho especial à Ana Célia, ao Roberto e ao Thiago.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa *Varia-Idade no Brasil* - Cristina Normandia, Yasmin Soares, Laís Lima, Júlio Emanuel, Marizete Grandó, Márcia Furtado. Aos do Grupo de Pesquisa *Varia-Idade na Alemanha* - Vanessa França, Ronny Beckert, Cláudia, Júlio, Laís

Martins. Agradeço a todos por construirmos uma grande amizade no decorrer desta jornada e aprendermos juntos um pouco mais sobre as transcrições e a relevância da pesquisa científica.

A todos os *meus amigos* da Secretaria de Estado de Educação (Seduc-MT), em especial, Antonina da Silva, Bernadete Lara, Graciete Maria Teixeira, Eliane E. de Anunciação, Sebastiana Menezes, Maria Aparecida P. de Oliveira (Marcida), Izolda Marques, Aidir, Aparecida Borralho (*In memoriam*), Lucy Maso, Marluce P. Sampaio, Carla Cristina. F. de Sousa, Neiva Boeno, Dilma Moreira, Selma Schneider, Rosemar Coenga, pela torcida, pelo carinho, pelo incentivo e pelas orações.

Aos irmãos que são amigos e aos amigos que são como irmãos:

“Agradecer é admitir que houve um momento em que se precisou de alguém: é reconhecer que um homem jamais poderá lavar para si o dom de ser autossuficiente. Ninguém cresce sozinho, sempre é preciso um olhar de apoio, uma palavra de incentivo, um gesto de compreensão, uma atitude de amor”. (*Núcleo Pedagógico Passo a Passo NPPP "Camila"*)

A vocês,

Selma Schneider, Mary Barbosa, Keyla Rabelo, Iracy C. de Souza, Beatriz Vieira, Janisse Koch, Domingos P. de França-Francis, Graciete Teixeira, Ariagda Moreira, Anne, Neiva, Francisca Mercedes Teixeira, Lizanete, Vanessa França, Maria Hermínia, Rosana Aparecida A. Silva.

À amiga *Antonina da Silva*, pelas leituras nas entrevistas, por trazer comentários riquíssimos da fala do mato-grossense que, muitas vezes, passavam despercebidas por mim. Antonina, faltam-me palavras para expressar tudo que você representa em minha vida. Você é amiga, irmã, mãe. Gratidão eterna por tudo que fez e faz por mim.

Ao meu sobrinho *Pietro Patrese* e minha irmã *Maria Nazareth Barros de Lima* pela torcida, pelas orações e bons diálogos nesse percurso. Obrigada!

À minha querida amiga *Neiva de Souza Boeno*, por ouvir minhas angústias, por estudar comigo, revisar meu texto, ler, reler, por compartilhar seu conhecimento amplo e teórico, por me fazer compreender o que, muitas vezes, parecia incompreensível. Neiva, você foi mais que uma amiga, uma verdadeira irmã. Obrigada!

À amiga *Shirlei Santos*, por ler, revisar alguns capítulos, comentar, estudar comigo e apresentar críticas importantíssimas para que eu melhorasse e afinasse meu olhar como pesquisadora. Obrigada!

Ao amigo *Sávio André de S. Cavalcante* por estudar comigo, por tirar dúvidas sobre muitos fatores que eram, de início, incompreensíveis. Agradeço imensamente por toda ajuda e manuseio do programa computacional Goldvarb. Você me acalmou no tratamento dos dados estatísticos. Obrigada!

À minha querida amiga *Maria Hermínia Vieira*, pelos nossos bons momentos de convivência, amizade, por ter me apresentado Labov, por ouvir minhas angústias, por brigar e por estudar comigo, por toda partilha de seu conhecimento dentro da sociolinguística variacionista, por me fazer crescer como pessoa e pesquisadora. Hermínia, você foi e é uma verdadeira irmã. Obrigada!

Ao amigo *Rosemar Coenga* por todos nossos diálogos sobre pesquisa, desde o início do projeto. Obrigada pelas preciosas recomendações de leituras. Você é incrível!

À amiga **Izilene Leandro da Silva**, pela amizade, pela disposição, pelo carinho, por me ter apresentado a coordenação da Escola José de Lima Barros, por ter contribuído significativamente com as entrevistas de Mato Grosso. Sem você, a qualidade não seria a mesma. Muito obrigada!

À minha querida amiga **Selma Schneider**, pela amizade, companheirismo e amplo conhecimento sobre Educação do Campo.

À amiga **Vanessa França**, pela revisão no resumo em Língua Francesa, pela amizade e por todo carinho despendido tanto na cidade de Heidelberg quanto no Brasil.

Ao amigo **Domingos P. de França-Francis**, pela revisão no resumo de Língua Inglesa, pela amizade de tantos anos.

À **Maria Luzenira Braz**, pelas maravilhosas indicações e pela gentileza de conceder vários materiais da EJA em Mato Grosso.

À Amiga **Ariagda Moreira**, pelos diálogos, pela leitura atenta do meu texto, pelo olhar nas referências bibliográficas, pelos ricos comentários, revisões e sugestões. Obrigada pelo carinho!

À **Silvia Adélia H. Guimarães**, pelas ótimas sugestões de bibliografias e pelas dicas maravilhosas para a pesquisa.

A **Marcelo Moreira**, pelos bons diálogos sobre a cidade do Rio de Janeiro e pelos materiais concedidos. Obrigada!

À **Márcia Furtado**, pela colaboração nas transcrições do grupo de pesquisa Variedade, pela amizade e por todo carinho no trato com minha gatinha Minnie.

À amiga **Marizete Grando**, por toda ajuda com os mapas do Rio de Janeiro e de Livramento.

À amiga **Angela Regina Lana Pinto**, pelo seu apoio e pelas suas palavras de incentivo, amizade, orações. Agradeço por acreditar em mim desde o início de minha jornada que seria capaz de fazer o mestrado e, posteriormente, o doutorado. Obrigada!

À professora Dra. **Simone Jesus Padilha**, pelos ensinamentos adquiridos e conquistados no mestrado e por entender que eu poderia alçar voos longínquos e avançar muito mais na aquisição cultural e no conhecimento científico. Parabéns pelo seu lindo trabalho no Rebak.

Agradeço imensamente ao coordenador da E.E. José de Lima Barros, atualmente assessor Pedagógico do município de Livramento, **Cássio Manoel de Assunção**, pelos diálogos sobre a comunidade Faval, sobre o funcionamento da escola e por disponibilizar materiais preciosos para a pesquisa. Muito Obrigada!

À **Mayra Cristina G. Averbug**, pela gentileza de conceder vários livros da sociolinguística que foram fundamentais para a construção e o aperfeiçoamento da minha análise. Obrigada pelo carinho!

Agradeço à minha **gatinha** siamesa **Minnie**, pela companhia nos momentos de solidão da escrita, estando comigo a todo instante, mesmo que dormindo sobre os livros.

À Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso-**SEDUC-MT**, por todo apoio e incentivo e pela concessão da licença para qualificação.

À *FAPEMAT*, pela credibilidade depositada em meu projeto e pela bolsa de apoio concedida. O incentivo financeiro foi de suma importância para a concretização desse sonho. Obrigada!

Agradeço a *todos os idosos* de Nossa Senhora do Livramento- MT e do Rio de Janeiro- RJ, do Brasil e de todo o mundo que aceitaram o envelhecimento como mais uma etapa da vida, como uma arte que precisa ser vivida e respeitada todos os dias.

Aos aqui não nomeados, mas que contribuíram, de alguma forma, com os construtos desta pesquisa, muito obrigada!

RESUMO

BARROS, Leila Figueiredo. *Variação entre né e não é, entende e entendeu na fala de idosos de distintos mundos socioculturais: um estudo comparativo em Livramento (MT) e Rio de Janeiro (RJ)*. 2020. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Nesta pesquisa, buscamos analisar, à luz da Sociolinguística Variacionista, a variação entre “né”, “não é”, “entende”, “entendeu” na fala de idosos de distintos mundos socioculturais, considerando condicionamentos linguísticos e extralinguísticos com base nos dados extraídos de entrevistas realizadas com idosos a partir dos 60 anos, pertencentes aos municípios de Livramento (MT), alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do município do Rio de Janeiro (RJ). Para tanto, testamos cinco grupos de fatores linguísticos, quais sejam: posição na cláusula, tempo verbal do verbo principal, modo verbal do verbo principal, tipo semântico do verbo principal, sequência textual; três grupos extralinguísticos, quais sejam: sexo/gênero, grau de escolaridade e região geográfica. Nosso *corpus* é composto por vinte e quatro entrevistas, sendo doze do município de Livramento e doze do município do Rio de Janeiro. Foram encontrados 1684 ocorrências dos marcadores discursivos “né”, “não é”, “entende”, “entendeu”, dos quais, 1,1% ocorrências de “entende?”, 8.1% situações de “entendeu?”, 1,5% de “não é?” e 89.3% ocorrências do marcador “né?”. Nossos dados foram submetidos ao programa computacional estatístico *Goldvarb*, que gerou os pesos relativos que serviram de alicerce para a descrição e para a análise proposta dos dados. O programa apontou que os fatores extralinguísticos sobressaíram-se sobre os linguísticos. Os pesos relativos, indicam que o informantes do Ensino Fundamental tem maior apropriação da partícula “né?” e os do Ensino médio utilizam com maior frequência o marcador “não é”, demonstrando que o uso de não é ocorre com falantes de maior nível de escolarização. O “né” se mostrou mais inovador por conta do processo de discursivização. O fator extralinguístico região geográfica foi o grupo que se mostrou mais relevante. O Rio de Janeiro mais conservador porque se manteve mais restrito as variações concernentes à língua. Em contrapartida, Livramento mostrou-se mais aberto as transformações, sendo mais inovador no que diz respeito a modalidade oral da língua. Os marcadores “né?” e “não é?” se revelaram mais inovadores e os “entendeu” e “entende” mais conservadores. A relação do idoso com seu meio social traçou marcantemente a presença dos fatores externos (sexo, escolaridade, região geográfica). Os fatores linguísticos internos (elementos gramaticais) não demonstraram diferenças consideráveis. A marca da subjetividade, ou seja, as questões emocionais prevaleceram em todas as entrevistas dos informantes, independentemente de estarem no interior de Mato Grosso ou na capital do Rio de Janeiro. Todos os idosos procuraram interagir dentro do seu espaço social e cultural. Os resultados evidenciaram que as narrativas dos idosos revelam a velhice como uma etapa envolvente da vida e, ao mesmo tempo, imperfeita, como todas as outras. Nossa pesquisa nos permitiu formular a ideia de que o pensamento, a língua e a fala se associam, se completam e se fundem, num complexo e intenso movimento linguístico, como são nossas próprias emoções humanas.

Palavras-chave: Sociolinguística. Marcadores. Livramento. Rio. Idosos. Eja. Oralidade.

ABSTRACT

BARROS, Leila Figueiredo. *Variation between “right this”, “is not it”, “you see”, “did you understand” in the speech of elderly people from different socio-cultural worlds: a comparative study in Livramento (MT) and Rio de Janeiro (RJ)*. 2020. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

In this research, we seek to analyze, under light of Variationist Sociolinguistics, the variation between “right this?”, “is not it?”, “You see?”, “Did you understand?” in the speech of elderly people from different socio-cultural worlds, considering linguistic and extralinguistic conditions based on the extracted data interviews conducted with elderly people from the age of 60 in the counties of Livramento (MT), students of Youth and Adult Education (EJA) and Rio de Janeiro (RJ). For this purpose, we tested five groups of linguistic factors (position in the clause, verb tense of the main verb, verbal mode of the main verb, semantic type of the main verb, textual sequence), and three extra-linguistic groups (sex/gender, education level, geographic region). Our corpus was collected from twenty-four interviews, twelve from Livramento and twelve from the counties of Rio de Janeiro. In the twenty-four interviews collected, we found 1684 data distributed in the use of discourse markers “right this?”, “is not it?”, “You see?”, “Did you understand?”, of which, 1.1% occurrences of “right this?”, 8.1% situations of “Did you understand?”, data that correspond to a percentage of 1.5% of “is not it?” and 89.3% occurrences referring to the marker "right this?". Our data were submitted to the Goldvarb statistical computer program, which generated the relative weights that served as a foundation for our description and data analysis. The program pointed out that extralinguistic factors stood out over linguistic ones. The relative weights showed that Elementary Education has a greater appropriation of the “right this?” and high school had more relevance with the marker "is not", demonstrating that its use occurs with speakers with a higher level of education. The “right this?” proved to be more innovative due to the discursivization process. The geographic region was the group that was most relevant, Rio de Janeiro was more conservative and Livramento was more innovative with regard to the oral modality of the language. Bearing in mind that the elderly in Livramento were more open to language changes and Rio de Janeiro was more conservative because the variations concerning the language remained more restricted. The marker "right this?" and “Is not it?” proved to be more innovative and “You see?” and “Did you understand?” more conservative. The relationship of the elderly with their social environment strongly traced the presence of external factors (sex, education, geographic region). The internal linguistic factors (grammatical elements) did not show considerable differences; the impress of subjectivity, that is, emotional issues prevailed in all informants' interviews, regardless of whether they were in the interior of Mato Grosso or in the capital of Rio de Janeiro, all the elderly sought to interact within their social and cultural space. The results showed that the elderly's narratives reveal old age as an involving stage of life and, at the same time, imperfect, like all the others. Our research allowed us to formulate the idea that thought, language and speech are associated, complemented and merged, in a complex and intense linguistic movement, as are our own human emotions.

Keywords: Sociolinguistics. Bookmarks. Livramento. Rio. Elderly. Eja. Orality.

RÉSUMÉ

BARROS, Leila Figueiredo. *Variation entre (n'est pas), (n'est ce pas), (vous comprenez), (vous avez compris) dans le discours des personnes âgées de différents mondes socioculturels: une étude comparative à Livramento (MT) et Rio de Janeiro (RJ)*. 2020. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Dans cette recherche, nous cherchons à analyser, à la lumière de la Sociolinguistique des variations, la variation entre (n'est pas), (n'est ce pas), (vous comprenez), (vous avez compris) dans le discours des personnes âgées de différents entourages socioculturels, en tenant compte des conditions linguistiques et extralinguistiques sur la base des données extraites d'entretiens menés avec des personnes âgées à partir de 60 ans dans les municipalités de Livramento (MT), des étudiants de " l'Éducation des Jeunes et des Adultes" (EJA) et Rio de Janeiro (RJ). À cette fin, nous avons testé cinq groupes de facteurs linguistiques (position dans la clause, temps du verbe principal, mode verbal du verbe principal, type sémantique du verbe principal, séquence textuelle) et trois groupes extralinguistiques (sexe / genre, niveau d'éducation, région géographique). Notre corpus a été recueilli à partir de vingt-quatre entretiens, douze de Livramento et douze de la municipalité de Rio de Janeiro. Dans les vingt-quatre entretiens collectés, nous avons trouvé 1684 données distribuées en utilisant des marqueurs de discours " n'est pas ", " n'est ce pas", "vous comprenez", "vous avez compris", dont 1,1% occurrences de " vous comprenez?", 8,1% situations de « vous avez compris?», 26 données qui correspondent à un pourcentage de 1,5% de «n'est ce pas?» et 89,3% occurrences se référant au marqueur " n'est pas ". Nos données ont été soumises au programme informatique statistique Goldvarb, qui a généré les poids relatifs qui ont servi de base à notre description et à l'analyse des données. Le programme a souligné que les facteurs extralinguistiques se démarquent des facteurs linguistiques. Les poids relatifs ont montré que l'enseignement primaire a une plus grande appropriation du "n'est pas?" et l'école secondaire avait plus de pertinence avec le marqueur "n'est ce pas?", démontrant que son utilisation se produit avec des locuteurs ayant un niveau d'éducation plus élevé. Le marqueur "n'est pas" s'est révélé plus innovant en raison du processus de discoursivisation. La région géographique était le groupe le plus pertinent, Rio de Janeiro était plus conservatrice et Livramento était plus innovante en ce qui concerne la modalité orale de la langue. Gardant à l'esprit que les personnes âgées à Livramento étaient plus ouvertes aux changements de langue et celles de Rio de Janeiro étaient plus conservatrices étant donné que les variations concernant la langue restaient plus restreintes. Le marqueur "n'est pas? " et "n'est ce pas?" se sont avérés plus innovants et "vous comprenez?" et "vous avez compris?" plus conservateurs. La relation des personnes âgées avec leur environnement social a marqué la présence de facteurs externes (sexe, éducation, région géographique). Les facteurs linguistiques internes (éléments grammaticaux) n'ont pas montré de différences considérables; la marque de la subjectivité, c'est-à-dire que les questions émotionnelles ont prévalu dans tous les entretiens avec les informateurs, qu'ils soient à l'intérieur du Mato Grosso ou dans la capitale de Rio de Janeiro, toutes les personnes âgées cherchaient à interagir au sein de leur espace social et culturel. Les résultats ont montré que les récits des personnes âgées révèlent la vieillesse comme une étape de la vie engageante et, en même temps, imparfaite, comme toutes les autres. Nos recherches nous ont permis formuler l'idée que la pensée, le langage et la parole sont associés, complétés et fusionnés dans un mouvement linguistique complexe et intense, tout comme nos propres émotions humaines.

Mots-clés: Sociolinguistique. Marqueurs. Livramento. Rio. Personnes âgées. Eja. Oralité.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Distribuição geográfica do município do Rio de Janeiro.....	86
Figura 2 – Distribuição geográfica dos informantes do município do Rio de Janeiro....	131
Figura 3 – Distribuição geográfica dos informantes do município de N. Sra. do Livramento (MT)	131
Figura 4 – Janela de trabalho do f4transkript.....	133
Quadro 1 - Guia de entrevista com questões semidirigidas para as entrevistas dos idosos da cidade de N. Sra. Livramento (Questões elaboradas pelo grupo Varia-Idade e adaptadas para aplicação em Livramento)	91
Quadro 2 - Guia de entrevista com questões semidirigidas para as entrevistas dos idosos da cidade do Rio de Janeiro (Questões elaboradas pelo grupo Varia- Idade)	92
Quadro 3 – Trecho transcrito do informante M80EO.....	109
Quadro 4 – Trecho transcrito do informante M84GU.....	119
Quadro 5 – Noções sobre marcadores discursivos ou marcadores conversacionais.....	117
Quadro 6 – Declaração de Consentimento.....	128
Quadro 7 – Narrativa de um informante do Rio de Janeiro.....	132
Quadro 8 – Narrativa de um informante de Nossa Senhora do Livramento.....	132
Quadro 9 – Demonstrativo da distribuição das salas anexas e a distância da escola sede.....	135
Quadro 10 - Seleção e composição dos informantes - corpus sociolinguístico do Município de Nossa Senhora do Livramento (MT).....	137
Quadro 11 - Seleção e composição dos informantes - corpus sociolinguístico do Município do Rio de Janeiro (RJ))	138
Quadro 12 – Demonstrativo das variáveis dependentes	139
Quadro 13 – Demonstrativo das variáveis independentes	140
Tabela 1 – Distribuição do uso de marcadores discursivos entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	144
Tabela 2 – Região geográfica e distribuição do uso dos marcadores discursivos	

	“entendeu” e “entende” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	147
Tabela 3 –	Gênero/sexo do informante e distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu” e “entende” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento.....	148
Tabela 4 –	Grau de escolaridade do informante e distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu” e “entende” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento	150
Tabela 5 –	Sequência textual e distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu” e “entende” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento.....	152
Tabela 6 –	Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes e distribuição do uso dos marcadores discursivos <i>entendeu</i> e <i>entende</i> entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento.....	156
Tabela 7 –	Tempo verbal do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu” e “entende” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento.....	157
Tabela 8 –	Tipo semântico do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu” e “entende” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento.....	159
Tabela 9 –	Grau de escolaridade do informante e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” e “não é” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento.....	161
Tabela 10 –	Região Geográfica e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” e “não é” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento	163
Tabela 11 –	Gênero do informante e distribuição do uso dos marcadores discursivos <i>né</i> e <i>não é</i> entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento...	166
Tabela 12 –	Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” e “não é” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	166

Tabela 13 – Tempo verbal do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” e “não é” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	169
Tabela 14 – Sequência textual e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” e “não é” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	170
Tabela 15 – Tipo semântico do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos <i>né</i> e <i>não é</i> entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	172
Tabela 16 – Região Geográfica e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” + “ não é” e “entende” + “entendeu” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	174
Tabela 17 – Gênero e distribuição do uso dos marcadores discursivos <i>né</i> + <i>não é</i> e <i>entende</i> + <i>entendeu</i> entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	178
Tabela 18 – Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né + não é” Versus “entende + entendeu” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	179
Tabela 19 – Sequência Textual e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né + não é” versus “entende + entendeu” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	180
Tabela 20 – Grau de Escolaridade e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né + não” é versus <i>entende</i> + <i>entendeu</i> entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	182
Tabela 21 – Tipo semântico do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” + “não é” versus “entende” + “entendeu” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	183
Tabela 22 – Modo verbal do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” + “não é” versus “entende” + “entendeu” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	186

Tabela 23 – Tempo verbal do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos né + não é versus entende + entendeu entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento.....	189
---	-----

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	18
1	LINGUAGEM, ENVELHECIMENTO E SOCIEDADE.....	23
1.1	O idoso, sua linguagem e o envelhecimento na contemporaneidade.....	23
1.2	O idoso da EJA em Nossa Senhora do Livramento (MT): espaço de raízes, memórias e festas populares.....	33
1.3	O idoso no Rio de Janeiro: entrelaçamento cultural, afetivo e de manifestações populares.....	47
2	MARCOS REFERENCIAIS E CONTEXTUAIS DE PESQUISA.....	61
2.1	Primeiro marco: A cidade de N. Sra. Livramento, a escola Escola Estadual José de Lima Barros e o retrato da Educação do Campo e da EJA.....	61
2.2	Base Estadual, Nacional da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ponderações sobre a BNCC – recortes.....	68
2.2.1	<u>Diretrizes e reflexões sobre Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas Orientações Curriculares de Mato Grosso.....</u>	79
2.2.2	<u>Educação do Campo: realidade e especificidades.....</u>	82
2.3	Segundo Marco: a cidade do Rio de Janeiro e o Projeto Interinstitucional “Varia-Idade”.....	84
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	94
3.1	Apontamentos sobre a Sociolinguística.....	94
3.2	Linguagem e língua como saberes e valores sociais.....	100
3.2.1	<u>A fala como corpus sociolinguístico: elemento de interação social.....</u>	103
3.2.2	<u>A vida a partir de construtos narrativos.....</u>	106
3.2.3	<u>Noção sobre texto, discurso e entrevista.....</u>	111
3.4	Marcadores discursivos “entende?”, “entendeu?”, “não é?”, “né?”.....	116
4	PERCURSO DE PESQUISA E COLETA DE DADOS.....	120
4.1	A orientação teórico-metodológica e a caracterização da pesquisa.....	120
4.2	A abordagem Sociolinguística variacionista e quantitativa.....	121

4.3	Objetivos e Hipóteses	122
4.4	Ficha social – contexto social e informações dos sujeitos participantes e a denominação por codinomes.	127
4.5	Metodologia e coleta de dados.	129
4.5.1	<u>Entrevista</u>	129
4.6	A transcrição das falas dos informantes.	130
4.7	As entrevistas selecionadas para compor o corpus de Nossa Senhora do Livramento (MT)	134
4.8	As entrevistas selecionadas para compor o corpus do Rio de Janeiro (RJ).	137
4.9	Análise quantitativa e as variáveis dependentes e independentes.	138
4.10	As etapas de decodificação e análise estatística.	140
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	142
5.1	Em busca de novos caminhos: diálogos e descobertas	142
5.1.1	<u>Primeira rodada: grupos selecionados estatisticamente para “entendeu? versus entende?”</u>	146
5.1.2	<u>Região geográfica</u>	146
5.1.3	<u>Gênero/sexo</u>	148
5.1.4	<u>Grau de escolaridade</u>	150
5.2	Grupos estatisticamente não significativos para a distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu?” e “entende?”	151
5.2.1	<u>Sequência textual</u>	152
5.2.2	<u>Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes</u>	155
5.2.3	<u>Tempo verbal do verbo principal</u>	157
5.2.4	<u>Tipo semântico do verbo principal (verbo de ação/ não ação)</u>	158
5.3	Segunda Rodada: Grupos selecionados estatisticamente “né?” Versus “não é?”	161
5.3.1	<u>Grau de escolaridade</u>	161
5.4	Grupos estatisticamente não significativos para a distribuição do uso dos marcadores discursivos “né?” e “não é?”	163
5.4.1	<u>Região Geográfica</u>	163

5.4.2	<u>A variável gênero/sexo</u>	165
5.4.3	<u>Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes</u>	166
5.4.4	<u>Tempo verbal do verbo principal</u>	168
5.4.5	<u>Sequência textual</u>	170
5.4.6	<u>Tipo semântico do verbo principal</u>	172
5.5	Terceira Rodada: marcadores discursivos “né? + não é?” versus “entende +entendeu”	173
5.5.1	<u>Região Geográfica</u>	174
5.5.2	<u>Gênero/Sexo</u>	177
5.5.3	<u>Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes</u>	178
5.5.4	<u>Sequência Textual</u>	180
5.5.5	<u>Grupos estatisticamente não significativos para marcadores discursivos “né? + não é?” Versus “entende + entendeu”</u>	182
5.5.5.1	Grau de Escolaridade.....	182
5.5.5.2	Tipo semântico do verbo principal.....	183
5.5.5.3	Modo verbal do verbo principal.....	186
5.5.5.4	Tempo verbal do verbo principal.....	189
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	190
	REFERÊNCIAS	200
	ANEXO A - Guia de entrevista com questões semidirigidas para as entrevistas dos idosos da cidade de N. Sra. Livramento (Elaborado pelo Grupo Varia - Idade Rio de Janeiro/ Heidelberg e adaptado para as entrevistas dos alunos da EJA em Nossa Sra. do Livramento).....	211
	ANEXO B - Guia de entrevista com questões semidirigidas para as entrevistas dos idosos da cidade do Rio de Janeiro (Elaborado pelo grupo Varia-Idade Rio de Janeiro/ Heidelberg).....	213
	ANEXO C - Guia da documentação das entrevistas e das convenções usadas para o trabalho de transcrição do projeto Varia-Idade.....	215

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como propósito o estudo dos marcadores discursivos “né”, “não é?”, “entende?” e “entendeu?”; compreendidos no percurso investigativo como variantes discursivas. Todos são marcadores linguísticos responsáveis pela organização estrutural, própria da oralidade, pela manutenção do contato entre os interlocutores, pela relação coesiva de continuidade e pela consistência entre os enunciados. Partimos da análise da modalidade oral da língua, propondo um estudo comparativo da relação estabelecida entre os sujeitos entrevistados e suas relações socioculturais.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar, à luz de pressupostos da sociolinguística variacionista, a variação entre os marcadores discursivos “né”, “não é?”, “entende?” e “entendeu?” na fala dos idosos dos municípios de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ).

Especificamente, a pesquisa está orientada pelos seguintes objetivos: (1) Aferir a frequência dos marcadores discursivos “né” “não é” “entende” e “entendeu” na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ); (2) Verificar o grau de motivação do fator sexo/gênero (masculino/feminino); (3) Analisar a influência do fator grau de escolaridade (fundamental/médio); (4) Analisar a influência do fator região geográfica; (5) Comparar a relação entre os fatores sociais (sexo, escolaridade); (6) Analisar e Interpretar a atuação do fator posição de preenchedores em fronteiras de constituintes (intercalado/posposto); (7) Analisar a atuação do fator tempo verbal (presente/pretérito e futuro); (8) Analisar a atuação do fator modo verbal (indicativo/subjuntivo/imperativo); (9) Verificar a atuação do fator tipo semântico do verbo principal (ação/não ação); (10) Examinar a atuação do fator sequência textual (narração/ argumentação/ descrição / injunção).

Para que se entenda por que chegamos a esse tema de pesquisa, com marcadores e a comparação entre falas de idosos, há de se registrar que, desde o início do doutoramento, tivemos dois interesses: trabalhar com a língua oral e trabalhar com jovens e adultos. Esse objetivo nasce no Estado de Mato Grosso, especificamente na Secretaria de Estado de Educação no qual desenvolvemos trabalhos na área da diversidade com Educação Escolar Indígena e com alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Tínhamos como propósito no doutoramento fazer um estudo que contemplasse a língua oral, voltado para essas comunidades que, em sua maioria, não tinham destaques nos cenários estadual ou nacional.

Ao iniciarmos os estudos de doutoramento na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2016, entretanto, conhecemos o trabalho de pesquisa liderado pela nossa orientadora e passamos a integrar o Grupo de Pesquisa Varia-Idade. Como integrante deste grupo de pesquisa, tivemos a oportunidade de conhecer o *corpora* em construção, de participar das transcrições e de supervisionar todas as etapas de pesquisa, o que nos possibilitou receber uma bolsa da Alemanha para um estágio de três meses na Universidade de Heidelberg. A pesquisa Varia-Idade resulta da parceria de cooperação entre a Universidade de Heidelberg, Alemanha, representada pelo Seminário de Romanística, e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, por intermédio do Instituto de Letras. Essa pesquisa Varia-Idade apresenta uma abordagem multidimensional e multidirecional, que agrega diferentes estudos linguísticos, como os estudos e a pesquisa desenvolvidos neste projeto pertencente a um espectro maior em construção elaborado por pesquisadores brasileiros e alemães.

Os conhecimentos advindos do Projeto Varia-Idade imprimiram um novo direcionamento à nossa pesquisa. Ampliamos, a partir desse estágio, nosso olhar, e decidimos por fazer um estudo sobre a linguagem dos idosos e, para não nos distanciarmos do nosso objetivo de origem (estudos com a Eja em Mato Grosso), mantivemos essa ideia, de forma a desenvolver pesquisas com alunos idosos de uma escola do Campo, em nível de formação básica, pertencente a cidade de Nossa Senhora do Livramento- MT.

Nossa hipótese geral é a de que existe um *continuum* inovação-conservadorismo no uso dos marcadores discursivos, o qual está relacionado a fatores socioculturais no contexto dos municípios investigados. No que se refere à metodologia, a pesquisa está vinculada à sociolinguística variacionista de natureza quantitativa e de cunho qualitativo, a partir dos postulados de Labov que inter-relacionam as variantes linguísticas e os grupos de fatores que as controlam às comunidades de fala.

Para a constituição do *corpus* deste estudo foram realizadas entrevistas semidirigidas com idosos de Mato Grosso. No Rio de Janeiro, já havia várias entrevistas realizadas pelo grupo de pesquisa Varia- Idade. Selecionamos algumas entrevistas do Rio de Janeiro (12) para equiparar com o corpus de Mato Grosso, tendo em vista que, no Rio de Janeiro, a pesquisa conta com informantes de diferentes escolaridades, a saber: Ensino Fundamental, do Ensino Médio e do Ensino Superior. Vale ressaltar que o maior grupo de entrevistados do Rio tem formação em nível superior. Por isso, para igualar nosso corpus de Mato Grosso, retiramos os informantes de nível superior e contamos apenas com informantes de Ensino Fundamental e de

Ensino Médio, todos com idade a partir de sessenta (60) anos, nascidos na região ou que vivem nos municípios há mais de 40 anos.

O primeiro grupo é composto por alunos idosos da Escola Estadual José de Lima Barros, situada na comunidade Favai-Distrito de Livramento- MT que oferece Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo uma unidade escolar pertencente à Educação do Campo. Desse universo contextual, os entrevistados são alunos com idade mínima de sessenta 60 anos, do Estado, do município ou que vivem nele há mais de quarenta 40 anos. Em geral, exercem profissões de carpinteiros, do lar, comerciantes, pequenos produtores e muitos são aposentados.

O segundo grupo é composto também por idosos a partir de sessenta 60 anos e que nasceram ou vivem no município do Rio de Janeiro (RJ) há mais de quarenta 40 anos. O universo contextual desse grupo é mais diversificado. O seu nível de escolaridade varia do Ensino Fundamental ao Médio, fator que nos permitiu uma comparação mais equilibrada, com os sujeitos de Livramento, que estão no primeiro grupo. Também seu nível profissional é diverso, como técnico-administrativo, comerciários, funcionalismo público, do lar ou já se encontram aposentados. As entrevistas realizadas com os idosos de ambos os grupos foram transcritas e analisadas ao longo do andamento desta pesquisa. Destacamos que no Rio de Janeiro já havia entrevistas feitas pelo grupo de pesquisa Varia-Idade.

Por fim, a seleção do *corpus* a partir dos dados obtidos em entrevistas sociolinguísticas foi realizada por meio de análise estatística multivariada, usando o programa intitulado *Goldvarb*, que proporciona maior proximidade e veracidade aos resultados obtidos.

Quanto à composição da tese, ela está organizada em cinco capítulos, além dos elementos pré e pós-textuais. No primeiro capítulo, intitulado “Linguagem, envelhecimento e sociedade”, discutimos a temática a partir do título, mostrando a relação do idoso em seu convívio social, destacando sua experiência, seus posicionamentos sobre lugar em que vive e a relação de alteridade. As entrevistas dos idosos são instrumentos que permitem conhecer o processo histórico, social e cultural pelo qual passou a sociedade nos séculos XX e XXI, como modo de falar e de se ver, dos eventos e festas populares, transportes, alimentação, dentre outros. É possível perceber como cada idoso vê e acompanha seu próprio desenvolvimento e do lugar onde mora, sabendo-se protagonista e testemunha das mudanças ocorridas na sociedade em tempos idos.

No segundo capítulo, que nominamos “Marcos referenciais e contextuais da pesquisa”, apresentamos os dois contextos da pesquisa como dois marcos, dois pontos de partida para a análise. No primeiro marco, contemplamos a cidade de N. Sra. Livramento, onde residem os

idosos entrevistados, alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Depois, contextualizamos a Escola Estadual José de Lima Barros (EEJLB), com sede na Comunidade Favala da cidade de Livramento, bem como apresentamos os princípios e as diretrizes da EJA, discorrendo sobre essa modalidade de ensino por meio dos documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC), da legislação vigente e dos documentos orientativos curriculares, como Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Básica (PCN), Diretrizes Nacionais Curriculares para Educação Básica (DNC), Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso (OC) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa parte oferece um retrato da cidade e da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Estadual José de Lima Barros, as quais são contextos dos alunos com quem realizamos as entrevistas semidirigidas.

Pensamos ser relevante para esse estudo, ampliar e, ao mesmo tempo, ressaltar a inserção deste capítulo e do conteúdo referente a essa etapa escolar, em função da real importância vivencial e social da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na vida dos entrevistados de Mato Grosso. Esses idosos são oriundos da Escola Estadual José de Lima Barros e encontraram nesse formato de continuidade de suas escolarizações, não somente uma maneira de reaprenderem conteúdos sistematizados, mas, fundamental e metaforicamente, uma 'ponte sólida e segura', para se reencontrarem e ressocializarem com antigos e novos conhecidos, vizinhos, amigos e mesmo parentes mais afastados. Essas condições que agregam em tempo/espaço/enredo, o resultado mais significativo para o ser humano: vida digna e com qualidade. Também consideramos pertinente realizar uma pesquisa que mostrasse o retrato do Estado de Mato Grosso, pois reconhecemos o investimento destinado a nossa investigação, desse modo, era relevante que levássemos alguma contribuição significativa para o Estado.

Outro fator pertinente a ser comentado é a ausência de trabalho com a EJA (Educação de Jovens e Adultos) do Rio de Janeiro, uma vez que a equiparação de escolaridade entre os informantes poderia ter sido relevante no estudo do objeto. Contudo, o foco da pesquisa não foi centrado na modalidade de ensino, mas no grupo social de idosos com mais de 60 anos residentes no município. Portanto, a modalidade de ensino não foi necessária e tampouco se constituiu em grupos de fatores.

No segundo marco, trouxemos o contexto de fundação e de processos históricos da cidade do Rio de Janeiro, bem como apresentamos o Projeto Varia-Idade, sua estrutura, seus objetivos e sua origem e, em seguida, a composição do *corpus* Varia-Idade, do qual selecionamos as entrevistas realizadas com idosos nascidos ou que vivem no Rio há mais de quarenta anos, configurando nossa pesquisa.

No capítulo três, intitulado “Referencial teórico”, apresentamos alguns apontamentos sobre a Sociolinguística e a teoria da variação, mostrando a importância dos estudos da língua e noções sobre texto, discurso e o gênero entrevista.

No quarto capítulo, intitulado “Percurso de pesquisa e coleta de dados”, não só caracterizamos a investigação, como também apresentamos e descrevemos a metodologia adotada na coleta dos dados, indicando as técnicas e os instrumentos utilizados, assim como os procedimentos específicos realizados nas etapas, desde a seleção dos informantes até a preparação dos dados para a análise, incluindo a transcrição da gravação em áudio digital, o software utilizado e a identificação, a organização e a codificação dos marcadores discursivos.

No quinto capítulo, “Análise e discussão dos resultados”, situamos as narrativas e os marcadores discursivos elegidos para o tratamento estatístico de nossa pesquisa sociolinguística com o propósito de descobrir quais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionaram os usos das variantes com as quais trabalhamos “né?”, “não é?”, “entende?” e “entendeu?”.

Nas considerações finais, que não são necessariamente finais, mas sim um pequeno recorte do que pensamos neste momento de enunciação, sintetizamos os resultados da pesquisa. Assim fechamos nossas ideias momentaneamente, seguidas das referências bibliográficas e anexos, sem os quais a tese não se formularia, com a complexidade e a verticalidade próprias do universo acadêmico científico.

1 LINGUAGEM, ENVELHECIMENTO E SOCIEDADE

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer.
*Arnaldo Antunes*¹

Nesse capítulo nos propomos mostrar o idoso enunciando sua vida, sonhos e posições ideológicas, diretamente do lugar onde vive, de sua cidade e comunidade que, mesmo sentindo algumas dificuldades por conta do corpo e as fragilidades naturais da idade, não perde o vigor primordial nas ações pessoais e coletivas, como estimulação cognitiva que gera outros processos de mudanças, reabilitando funções físicas, psicológicas e sociais nas pessoas, com maior efeito no ato do envelhecimento.

Apresentamos pelo viés social da linguagem humana, a necessidade da aprendizagem de ressignificar algumas questões que ainda não foram bem compreendidas acerca do idoso. Acreditamos que o retrato apresentado, do ponto de vista de nossos idosos entrevistados, personagens das narrativas que chamaremos de informantes, contribuirá para repensarmos nossa maneira de ver, ouvir e agir em relação ao ato de envelhecimento, nosso próprio, bem como das demais pessoas. Vale destacar a importância de vivermos como pessoas dotadas de responsabilidade ética e moral, frente à vida, para construção, valoração e transformação social e humana.

1.1 O idoso, sua linguagem e o envelhecimento na contemporaneidade

A linguagem do idoso, na contemporaneidade, tem sido o foco de pesquisas na área da Psicologia e da Linguística que procuram identificar transformações e encontrar as causas de possíveis mudanças que possam ocorrer no processo de envelhecimento. Quando se pesquisa a linguagem dos idosos, pode-se ter em mente várias possibilidades. Trazemos como epígrafe de abertura para nossa discussão acerca da linguagem e do envelhecimento um trecho da letra da música “Envelhecer” do poeta, compositor e músico Arnaldo Antunes. Nela, há a constatação de que o evento humano de envelhecimento é “a coisa mais moderna” que pode acontecer ou existir na vida, para quem está vivendo, portanto, algo vital, atual e moderno. Acrescentaríamos

¹ ANTUNES, Arnaldo. Envelhecer. *In*: Álbum Arnaldo Antunes. Gravadora Rosa Celeste. Disponível em <https://youtu.be/HFgi79BbrxI>

apenas que o envelhecer, mais do que um processo biológico, é também um processo histórico, social e cultural por meio do qual cada ser humano se forma, se constitui como humano.

Nesse sentido, envelhecer é o momento da vida em que o espírito já desfrutou de muitos acontecimentos e conhecimentos, tanto belos quanto feios, tanto bons quanto maus. Contudo, é no envelhecer que vivenciar novas sensações e experiências requer do ser humano um esforço e uma continuidade de novas aprendizagens e de relações consigo mesmo e com os outros (outros seres humanos, coisas do mundo, animais, flores, entre outros), elaborando, nessa forma e etapa da vida, novas maneiras de ver e estar no mundo.

Continuando nossa abordagem, recorremos a Beauvoir (2018 [1970]) que, em seu livro intitulado *A velhice*, falou sobre “envelhescência” ou “envelhecer”. Segundo ela, o idoso é visto como uma espécie de produto sem utilidade, incômodo, e em sua maioria o que se deseja é tratá-lo como algo desprezível. Beauvoir (2018 [1970]) buscou refletir sobre a exclusão dos idosos em sua sociedade, na década de 70, o que não mudou muito, de lá para cá. Seu ponto de vista é de consciência própria e coletiva, visto que todas as pessoas em algum momento da vida podem se tornar um idoso também.

Para a escritora e filósofa francesa, um dos problemas da sociedade moderna era o fato de que cada sujeito percebe as outras pessoas “como meio para a realização de suas necessidades: proteção, riqueza, prazer, dominação”(pág.107). Uma constatação do século passado que se pode verificar nos tempos atuais, em pleno século XXI, de que as pessoas são úteis até uma certa idade, deixando seu valor produtivo quando envelhecem, tornando-se pessoas improdutivas ao sistema capitalista em que vivemos. Desse modo, nossas relações com outras pessoas acabam priorizando nossos desejos funcionais, e pouco compreendemos e valorizamos a necessidade ou a vida do outro que está em nossa volta.

Beauvoir (2018 [1970], p. 17) aponta que “cada sociedade cria seus próprios valores: é no contexto social que a palavra pode adquirir um sentido preciso. A velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural”.

A velhice, portanto, é um fenômeno biológico, histórico, social, cultural, sobre o qual podemos analisar, falar, ler, refletir, agir, para que mais pessoas idosas possam ter qualidade de vida e sentir-se bem nessa etapa da vida que compõem a história de cada pessoa. Compreender esse momento da existência a partir da ótica do outro (do idoso), mesmo antes de vivenciarmos nossa própria etapa de envelhecimento, é um movimento que pode transformar o mundo que

nos circunda. Essa dinâmica de compreender a etapa do envelhecimento pela ótica do idoso é o que nossa tese também se propõe a fazer: escutar, ler, transcrever e refletir.

Concebemos a velhice como uma totalidade, fase que se deve enfatizar a variedade de condições existenciais dos idosos conforme os valores que conduzem ou dominam em cada sociedade. Seguramente, a velhice por ser um fenômeno biológico, transforma o corpo humano e sua funcionalidade, gerando certas particularidades. Algo que será “um processo comum a todos os seres vivos” (Beauvoir, 2018 [1970], p. 15). Assim como a morte, que mesmo sabendo que possa ocorrer em qualquer momento da vida, sabemos que o normal é suceder à velhice, isto significa que faz parte da vida de todas as pessoas e das sociedades humanas.

Apenas as questões biológicas decorreriam insuficientes para definirmos a velhice como almejamos em nossa tese, pois traria apenas uma explicação parcial dos acontecimentos relacionados a esse fenômeno, e não seria capaz de nos dar uma visão mais abrangente dos comportamentos, das atitudes, dos pensamentos e posicionamentos dos dois grupos de idosos que entrevistamos na cidade mato-grossense² de Nossa Senhora do Livramento (MT) e no município do Rio de Janeiro (RJ).

De tal modo, Nossa Senhora do Livramento e o Rio de Janeiro nos apresentam dois grupos de idosos bem distintos que passam a compor uma representação do envelhecer em nossa sociedade brasileira, um retrato do idoso no lugar onde vive de forma presente e ativa, essencialmente devido ao dinamismo sociocultural, humano e histórico. Nesse sentido, o envelhecimento acontece na sociedade e em cada cultura e tempo histórico. Como afirma Beauvoir

[...] a velhice tem uma dimensão existencial; modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a própria história, por outro lado, o homem não vive em estado natural. Na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto é imposto pela sociedade à qual pertence. A sociedade destina ao velho seu lugar e papel, levando em conta sua idiosincrasia individual, sua impotência, sua experiência. Reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. Não basta portanto descrever, de maneira analítica, os diversos aspectos da velhice. Cada um desses aspectos vai reagir sobre todos os outros e ser afetado por todos esses outros. É nesse movimento indefinido dessa circularidade que é preciso apreender a velhice (BEAUVOIR, 2018 [1970], p. 99).

A “circularidade” a que Beauvoir se refere é justamente o movimento cíclico da vida: nascimento, vida vivida e morte. Outro ponto da reflexão de Beauvoir aponta o

² Alguns estudiosos e membros da academia mato-grossense têm insurgido com debates sobre a nomenclatura (o uso com ou sem hífen), por isso optamos por uma discussão e nomenclatura que atenda ao proposto pela Academia de Letras de Mato Grosso.

condicionamento social da ideia da velhice e dos modos de seu vivenciamento. Nesse sentido, envelhecer passa por “apreender a velhice” e verificar como essa etapa da vida chega a cada um e o afeta e como o eu-próprio, ao envelhecer, se relaciona, para além da dinâmica corpórea pessoal, com a coletividade, uma vez que não há vida isolada.

Preti (1999), em seu livro sobre a linguagem dos idosos, fala da importância da compreensão da própria linguagem do idoso, o que passa por várias perspectivas, das quais citaremos três. A primeira é cultural e remete ao papel específico que é dado aos idosos na sociedade em que vivem, conforme a tradição cultural a que pertencem. A segunda é social e refere-se ao modo como as relações sociais entre os idosos e demais grupos etários processam-se em decorrência da atuação da sociedade em relação aos idosos. A terceira é psicológica e relaciona-se à percepção que cada um tem de si, ou seja, “uma pessoa é tão velha quanto imagina ser”. A nossa velhice, além das questões biológicas, históricas, sociais, culturais, também passa pelas situações e questões psicológicas.

É importante esclarecermos, segundo os estudos de Preti (1999), que as marcas linguísticas próprias da linguagem de idosos ocorrem não só por conta da idade, mas também por outros fatores relacionados ao seu convívio social.

Ao mencionarmos o convívio social, é possível lembrarmos da obra *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*, escrita por Ecléa Bosi, em 1994 [1973]. Nesse livro, Bosi analisa uma série de narrativas que foram a textualização das entrevistas que realizou com pessoas idosas residentes na cidade de São Paulo e, dentre outras considerações, constatou que o idoso é uma camada da população refém da dependência e opressão que impede o velho de exercer sua função social. Em outras palavras, Bosi (1994) evidencia uma memória social, uma psicologia do oprimido, que retrata a diferença de trabalhos exercidos em um passado remoto e como isso é determinante na produção de lembranças afetivas.

Bosi (1994), ao apresentar o seu discurso sobre as lembranças dos idosos, traz à tona, como ela mesma diz, a função da memória da velhice, ou seja, os velhos assumem um caráter fundamental na vida e na formação dos sujeitos a eles próximos, uma vez que eternizam memórias, lembranças, tornando-se testemunhas das mudanças na sociedade. Tanto crianças, jovens e adultos imergem suas raízes por meio das histórias vivenciadas por pessoas mais idosas que fazem parte do seu convívio social.

Stine, Wingfield, Poon (1989) comentam que os idosos utilizam estratégias eficientes para lidar com certas dificuldades como a utilização de habilidades linguísticas em que o discurso é valorizado por um todo em seu contexto diário. Pensando no contexto diário do

idoso, vale ressaltar a importância da fala, pois usa sua voz para contar a própria história, é sujeito em desenvolvimento da autorreflexão, uma vez que as suas falas agregam as recordações de fatos que ressignificam, pois recordam, refletem e as reconstróem, atualizando-as em um tempo contemporâneo. A lembrança é aclamada junto com sua significação, que se desenrola no passado lembrado, e do presente, no qual o sujeito, ao falar do que lembra, constrói paralelamente com o seu interlocutor novos sentidos.

Assim, as lembranças do idoso traduzem, em parte, sua vida individual, social e são rememoradas a partir do seu lugar histórico, social e emocional, ancoradas nos sentidos sensoriais e vivenciais que acompanham os fatos de sua vida. Sua linguagem na contemporaneidade, pensando nesse contexto, vem se formando em consequência de vários fatores. Não queremos trazer para nosso estudo as fragilidades corpóreas do idoso que todos devem conhecer, mas buscamos dar ênfase às questões que passam despercebidas pela sociedade.

Iniciamos pensando na elevação da expectativa de vida, a crescente conquista do idoso do século XXI preocupado com uma vida mais salutar, cuidados com o corpo, com a sua imagem e bem-estar geral. O “novo” idoso é motivado, como já mencionamos anteriormente, por hábitos mais saudáveis, mas não é apenas com a saúde física que o idoso do século XXI está mais cuidadoso. Ciente de que o corpo e a mente estão muito associados, eles buscam manter ambos em atividade, como voltar a estudar. Para exemplificar esse contexto, temos os idosos com mais de 60 anos entrevistados no município de Nossa Senhora do Livramento, alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual José de Lima Barros. Também não nos podemos esquecer dos idosos que estão se preparando para os avanços deste tempo moderno, como aqueles que fazem cursos de informática, hidroginástica, dança, entre outras atividades.

O envelhecimento ou envelhescência ativa é o que irá assegurar a qualidade de vida após os 60 anos, e ele está diretamente relacionado à capacidade do indivíduo de manter a sua autonomia e independência. Beauvoir, ao levantar questões sobre o envelhecimento, comenta que a velhice

[...] não é um fato estático; é resultado e o prolongamento de um processo. [...] mudar é a lei da vida. O problema é simples se considerarmos no homem apenas seu organismo. Todo organismo tende a subsistir. Para isto, é necessário restabelecer seu equilíbrio cada vez que este é comprometido, defender-se das agressões exteriores, ter sobre o mundo o mais vasto e mais firme domínio (BEAUVOIR, 2018 [1970], p. 14-15).

Diante do excerto acima, compreendemos que na vida nada permanece para sempre. Estamos em constante transformação, amplamente aventada na realidade e na ficção, como admiravelmente nos narra Guimarães Rosa na obra *Grande Sertão: Veredas* (2006, p. 23): “o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando”. As mudanças são consequências naturais da existência humana, e o essencial é que possamos aproveitar cada momento da vida.

Desse modo, concordamos com Filho (2004), ao explicar que as pessoas envelhecem de maneiras e ritmos diferentes. As experiências do envelhecimento não são iguais para todos. As diferenças genéticas, culturais e espirituais resultam em diferentes experiências do envelhecimento. A velhice é uma etapa natural da vida, porém para vivê-la com serenidade é relevante se tirar proveito da própria realidade. Envelhecer não é uma doença. De acordo com Mendes (2005), trata-se de um processo natural que caracteriza uma etapa da vida do ser humano e se dá por mudanças físicas, psicológicas, comportamentais e sociais.

Envelhecer traz modificações físicas inevitáveis e saber conviver com essas limitações é admitir a própria condição humana. Por meio do envelhecimento, devemos nos alimentar dos sonhos e ideias, termos a consciência da necessidade de nos sentir útil na sociedade, ter autonomia, espaço de ação, consciência moral e valores definidos. Entendemos, pois, que ser velho não significa ser triste, uma vez que a satisfação de viver e sonhar pode encontrar expressão ou valorização nessa etapa da vida.

A longevidade sempre foi uma inquietação das pessoas e está estreitamente relacionada à capacidade física e conectada à condição de produtividade profissional e social. Com o melhoramento nas condições de vida ao longo dos anos, colaborou-se mais para o alargamento do número de idosos na sociedade contemporânea, entretanto, contraditoriamente, ao buscar a longevidade, se acaba negando o ato de envelhecer, como tema de grande relevância filosófica, histórica, cultural e social. Conforme explica Ligia Py:

[...] as questões do envelhecimento suscitam grandes dúvidas, perplexidades, discussões. Interessam a todos nós, seres humanos envelhecendo. Interessam aos que já estão velhos e, também, aos adultos, aos jovens, às crianças que estão cursando esse processo. Nesse percurso, seguimos todos envelhecendo, com a tarefa humana de criar significações para os fatos que marcam a nossa existência (PY, 2006, p. 113-114).

Na sociedade atual, muitas vezes, a palavra envelhecimento é utilizada de forma modalizada e se ancora em eufemismos para não se falar “velho”. Por isso, ao se mencionar a palavra envelhecimento a tendência que se mostra é a de uma abordagem artificial, como podemos observar no trecho abaixo:

[...] o substantivo “velho” deu lugar para “senhor idoso”, “senhor da terceira idade” ou “senhor de idade avançada”, tanto no gênero masculino como no feminino; e o substantivo “velho” permanece apenas com função adjetiva, quando nomeamos coisas antigas ou usadas. A palavra “velho” pode, no entanto, assumir distintos sentidos em distintas culturas e/ou ambiências, se, por um lado, pode trazer um sentido pejorativo, que carrega a imagem de algo decadente que está na hora de ser descartado, de alguém que não traz qualquer contribuição para o seu grupo social [...]. (PACHANE, 2010, p.477- 478).

Categorizar a velhice não é uma missão fácil, porque ela está sempre inacabada em processo impalpável e incaptável. Por esse e outros fatores, não é conveniente e apropriado chamarmos as pessoas de “velho”, mas entendê-las como um sujeito que envelhece. Entendemos que na velhice o corpo necessita de maiores cuidados por conta da fragilidade que aparece no decorrer da vida, mas isso não torna o idoso uma pessoa anulada. Pelo contrário, é o momento em que ela tem mais experiências e pode contribuir e participar ainda mais com as demandas e projetos sociais, em dimensões humanas e científicas diversas. Freitas (2006 p. 26) comenta que:

Do ponto de vista fisiológico, o envelhecimento é caracterizado por uma limitação da capacidade de cada sistema em manter o equilíbrio do organismo. O declínio fisiológico tem início após a terceira década de vida, sofrendo a influência dos fatores genéticos, do meio ambiente e dos fatores de risco. Isso significa que podemos modificar, até certo ponto, as características do envelhecimento, agindo sobre esses fatores. Apesar de a maioria dos idosos apresentar pelo menos uma doença crônica, esse fato não necessariamente determina limitação para realização de suas atividades, desde que exista controle sobre a patologia ou patologias existentes, emergindo, de forma marcante, o conceito de capacidade funcional.

A idade, muitas vezes, é um fator condicionante das pessoas que acabam submetidas a situações que não são viáveis para sua vida, pois existem ainda preconceitos que anulam os sonhos do idoso, tirando a sua autoestima e negando sua individualidade.

Beauvoir (2018 [1970]) diz que o sujeito é educado pela atitude prática e ideológica da sociedade e um relato dos diversos aspectos da velhice não é suficiente para compreender certas reações e outros comportamentos do ser humano nessa terceira fase da sua vida. No passado, o idoso era visto como alguém sem produtividade e sem serventia para o trabalho. Hoje essa visão se tem modificado por meio do entendimento de que o idoso é ator social que produz e possui conhecimentos que podem ajudar no avanço econômico e social do país.

O idoso, a nosso ver, é um sujeito produtivo, mesmo sabendo que sua produtividade não está mais relacionada com a força do trabalho, mas às experiências adquiridas na vida. Contudo, o idoso no Brasil ainda enfrenta percalços. Segundo dados do IBGE, de 2005 a 2015:

[...] a proporção de idosos de 60 anos ou mais na população do Brasil passou de 9,8% para 14,3%. Ao mesmo tempo, observou-se queda no nível de ocupação dos idosos de 30,2% para 26,3%. O perfil do grupo de idosos que trabalham sofreu mudanças: diminuiu a proporção de idosos ocupados que recebiam aposentadoria, de 62,7% para 53,8%, e aumentou a participação de pessoas com 60 a 64 anos entre os idosos ocupados, de 47,6% para 52,3%. Entre os idosos ocupados, 67,7% começaram a trabalhar com até 14 anos de idade. As pessoas de 60 anos ou mais inseridas no mercado de trabalho possuem baixa média de anos de estudos (5,7 anos) e 65,5% delas tinham o Ensino Fundamental (sic) como nível de instrução mais elevado (BRASIL/IBGE/SIS, 2016).

Conforme a citação acima, e de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), a escolarização dos idosos é considerada baixa, uma vez que 30,7% tinham menos de um ano de instrução, o que exclui ainda mais essa parcela da população dos contextos da vida em sociedade, principalmente se considerarmos que a sociedade é marcada por muita tecnologia e informação rápida, em que as transformações e as inovações são constantes.

Devido ao aumento da expectativa de vida dos brasileiros e da quantidade de idosos no país (em conformidade aos números do Censo realizado pelo IBGE), as políticas públicas que possam atender esse grupo são cada vez mais cobradas, bem como o compromisso de promover oportunidades para que esses idosos participem ativamente da sociedade em que vivem.

Para isso, devemos falar em cidadania, porque é importante ressaltar que os idosos já investiram muito no crescimento do país com toda sua força de trabalho, desde 2003 alguns direitos foram adquiridos a partir do Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003 (BRASIL, 2003). Nesse documento, no âmbito da Educação para os idosos, os artigos 21 e 22 nos chamam atenção porque dizem o seguinte:

Art. 21 – [...] caberá ao poder público criar oportunidade de acesso do idoso à educação, adequando currículos metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

Art. 22 – [...] nos currículos de diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.

Direito à vida, direito a envelhecer com dignidade. Todo ser humano é um ser inacabado, sempre em mudança, em crescimento e constituição, desde o ato do nascimento biológico passando pela infância, juventude, fase adulta e chegando à velhice. Todo ser humano vive e é envolvido em processo contínuo de aprendizagem cultural, social, sistematizada ou não. Por esse motivo, a Educação de Jovens e Adultos deve fazer sentido na vida das pessoas, em particular as pessoas idosas, pois nenhum idoso pode ser desprezado pelas políticas públicas e pela organização do currículo da escola.

Diante da contemporaneidade, almejamos um mundo mais flexível para viver diversas fases da vida, caminhos alternativos para que os idosos construam novas fases, novas etapas de vida, sem pensar ou dar um maior valor para as etapas cronológicas. Acreditamos em caminhos na velhice mais flexíveis, em que se incorpora uma nova concepção de tempo e de vida. Pensar o tempo interno em tempo presente, existencial em que se propõem perspectivas mais próximas ao ser humano sem se limitar ao fazer cronológico, estereótipos ou preconceitos com a velhice. Deve-se pensar o idoso, a partir de um olhar que implica promover a ruptura dos tempos externo e interno vividos pelos sujeitos velhos. É necessário refletir e romper com o entendimento de velhice como algo estigmatizado. Precisamos compreender que o idoso é um sujeito que reverbera desejos e é condutor de seu próprio destino.

Todos ser humano deveria construir a concepção do envelhecer como mais uma fase a ser vivida por cada um de nós. É necessário perceber que, ao envelhecer, torna-se mais pleno e carrega consigo histórias e lembranças que marcam toda uma trajetória de vida, que provem emoções, angústias, paixões. Por fim, é preciso conduzir a velhice como um processo natural.

Tanto Beauvoir (2018[1970]), quanto Bosi (1994) concluíram em suas obras que, em relação à velhice, a sociedade elabora uma série de estereótipos baseados no fato de que, quando se considera o homem idoso um objeto da história e da sociedade, procede-se a sua explicação em exterioridade, ou seja, o idoso é apresentado pelo outro e não por ele mesmo.

Desse modo, o ser humano existe a partir de suas realizações, são os pequenos acontecimentos que dão sentido à vida. Na cidade de Nossa Senhora do Livramento, alguns dos alunos entrevistados da Educação de Jovens e Adultos (EJA) disseram que só voltaram para a escola depois de tantos anos sem estudar, porque se sentem produtivos e, principalmente, porque se encontram com os colegas, cultivam e trocam saberes. A sala de aula para os idosos entrevistados é um lugar de interação e realização pessoal. Essa valorização do espaço e a realização pessoal é confirmada pela fala do idoso M80EO³: “eu; num () eu num venho pra estuda {r} mais; venho pra conversa {r}”.

Ainda na perspectiva de pensar a importância dos espaços na vida dos idosos, trazemos um trecho do pensamento de Beauvoir, que nos fala sobre uma sociedade ideal, em que os idosos se sentiriam ativos e úteis, um discurso crítico que desafia a sociedade atual que deixa a desejar em termos de respeito e de atendimento às necessidades dos idosos, especialmente quando eles, na velhice, desejam continuar trabalhando, sendo úteis a si mesmo e à sociedade.

³ Código utilizado para identificação do idoso entrevistado M80EO (Masculino de 80 (oitenta) anos da Comunidade Estrela do Oriente no município de Nossa Sra.do Livramento-MT

Se a cultura [...] fosse prática e viva; se através dela o indivíduo se realizasse e se renovasse ao longo dos anos, em todas as idades ele seria um cidadão ativo e útil; [...] na sociedade ideal que acabo de evocar, pode-se imaginar que a velhice, por assim dizer, não existiria; [...] um indivíduo morreria sem ter passado por uma degradação; a última idade seria realmente conforme a definição que dela dão certos ideólogos burgueses: um momento da existência diferente da juventude e da maturidade, mas possuindo o seu próprio equilíbrio e deixando aberto ao indivíduo um grande leque de possibilidades (BEAUVOIR, 2018 [1970], p. 351).

Nas duas próximas seções, apresentamos um retrato significativo com base nas entrevistas que realizamos com dois grupos de idosos com mais de 60 anos, cada grupo constituído por 12 (doze) pessoas residentes em dois mundos socioculturais e históricos, como já mencionados antes, que correspondem à cidade de Nossa Senhora do Livramento, em Mato Grosso, e a cidade do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro. Da relação que esses idosos estabelecem a partir da vivência de, no mínimo, 40 anos nessas duas cidades, percebemos algo para além de um riquíssimo material para estudo sociolinguístico, a riqueza do humano e das relações com o lugar em que se vive e com os demais seres, com a natureza, com diversas coisas, com a tradição. Enfim, percebemos que cada idoso, nossos personagens por meio das narrativas orais, e o seu lugar de pertencimento, acolhimento ou nascido ali, sente-se feliz onde está, apesar de todas as questões não desejadas como falta de segurança, de trabalho para quem tem acima de 60 anos, de grandes diferenças políticas e econômicas em relação ao envelhecer com dignidade em nosso país com cada vez mais pessoas idosas.

Nessa direção, apresentamos primeiramente a relação do idoso e a cidade de Nossa Senhora do Livramento (MT) e posteriormente a relação do idoso e a cidade do Rio de Janeiro, seguindo uma ordenação dada pelo nosso projeto inicial de doutoramento, com a ideia iniciada em Mato Grosso e ampliada academicamente nas terras cariocas. Eis o nosso percurso de pesquisa e escrita da tese.

1.2 O idoso da EJA em Nossa Senhora do Livramento (MT): espaço de raízes, memórias e festas populares

És tu símbolo que eu venero
 Que se agiganta no cenário regional
 Na tua fé tem algo cativante e belo,
 Que faz de ti o nosso berço imortal.
 [...]

As tuas ruas sem nenhum alinhamento,
 É a presença dos idos coloniais,
 Em cada esquina um conto, uma lenda,
 Em momentos dos mais tradicionais.

Hino de N. Sra. Livramento⁴

Pelos versos do Hino da cidade de Nossa Senhora do Livramento, adentramos os trechos que identificam a pequena cidade, no interior de Mato Grosso, muito próxima da atual capital, Cuiabá. Sob suas marcas culturais mais acentuadas, a religiosidade e o aspecto das ruas dos tempos idos de sua fundação, ainda na época Colonial.

Por meio de tais traços históricos, sociais e culturais, começamos a situar a cidade de Nossa Senhora do Livramento, ou com o nome em forma abreviada: N. Sra. Livramento, ou ainda, carinhosamente conhecida como Livramento, que fica a 38 km de distância da capital de Mato Grosso, Cuiabá, e onde encontramos nossos 12 (doze) idosos alunos da EJA, seis mulheres e seis homens, que aceitaram participar de nossa entrevista de pesquisa. Alguns estudam o Ensino Fundamental, outros o Ensino Médio, todos matriculados regularmente na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, da Escola Estadual José de Lima Barros, frequentando as aulas em salas anexas pertencentes à comunidade Faval e distribuídas pelo município de Livramento.

A cidade Nossa Senhora do Livramento situa-se na região conhecida como Vale do Rio Cuiabá⁵. Possui características singulares e um dos mais ricos acervos históricos da cultura mato-grossense. Segundo Kchimel, o município de Nossa Senhora do Livramento surge com a

exploração do ouro a partir do século XVIII, quando dois sorocabanos, Antonio Aires e Damião Rodrigues, deixaram Cuiabá com todos os seus pertences, atravessaram o

⁴ Duas estrofes do Hino de N. Sra. do Livramento, letra de Antônio Francisco Monteiro da Silva, música de Irmã Nilza Marque Curvo, disponível no site da Secretaria de Cultura do Município, link www.nslivramento.com.br

⁵ O município de Nossa Senhora do Livramento faz parte da região conhecida hoje por Vale do Rio Cuiabá, ou ainda também conhecida com Baixada Cuiabana. Possui características peculiares e um dos mais ricos acervos históricos da cultura de Mato Grosso, acervo de cultura própria, é um dos municípios mais antigos do estado.

rio e depois de uma marcha de aproximadamente 30 quilômetros, descobriram ouro em alguns ribeirões ou córregos em território do atual município, nas lavras que ficaram conhecidas como Cocais, que hoje é conhecida como município de Nossa Senhora do Livramento (KCHIMEL, 2013, p. 6).

Além dessa versão oficial, temos uma versão do tipo crendice popular, que conta como se deu a fundação da cidade de Nossa Senhora do Livramento, atualmente com 135 anos de existência. A autora mencionada narra que durante uma viagem, ainda no começo do século XIX, a imagem de Nossa Senhora do Livramento, passava pelo povoado de São José dos Cocais⁶, vinda de Portugal, carregada em cima do lombo de um burro, com destino à Vila Bela da Santíssima Trindade⁷. A Comitiva parou para descansar e na saída o animal, que carregava a imagem da Santa, não queria mais sair do lugar. Ao tirarem a carga do burro, o animal andava, colocavam a carga, o animal não saía do lugar. Após várias tentativas o grupo decidiu deixar a imagem da Santa no local, onde hoje se localiza a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Livramento.

A Comunidade Faval, que comporta os alunos distribuídos em salas anexas da Educação de Jovens Adultos, é formada por famílias com pouca terra, e seu sustento advém do cultivo dessas terras, do trabalho em fazendas ou das atividades do funcionalismo público na escola local. Nessa região da cidade de Nossa Senhora do Livramento, os idosos são vistos como pessoas de grande sabedoria que conhecem bem o espaço livramentense, além de ótimos contadores de histórias.

Caracterizar a região de Nossa Senhora do Livramento e especificamente a Comunidade Faval, onde os idosos alunos da EJA estudam e habitam, é poder mostrar um pouco da história desse povo que vivenciou muitas transformações no espaço em que vivem. Concordamos com Campos (2014, p. 18) quando diz que “a cultura é dinâmica e se transforma, ao mesmo tempo em que conserva traços que a caracterizam”. São essas marcas culturais que almejamos vislumbrar dos conteúdos das narrativas orais colhidas na região.

Nossa primeira questão com os idosos foi sobre a identidade deles, se eles são “mato-grossenses de chapa e cruz”, uma expressão popular que significa, uma hipótese, que a pessoa nasceu em Mato Grosso (“chapa”, um instrumento antigo para registrar o nascimento de um bebê) e se deseja morrer também no Estado de Mato Grosso (“cruz”, o símbolo consagrado aos cristãos e que representa também a morte). Essa história está no imaginário do povo mato-

⁶ Primeiro nome dado à cidade de Nossa Senhora do Livramento.

⁷ Vila Bela foi a primeira Capital de Mato Grosso.

grossense⁸. Na sequência, temos as respostas de alguns idosos, alunos da EJA, duas vezes masculinas e duas vezes femininas:

M67EO #00:00:07-8# não eu sou mi:ne{i}ro Minas Gerais Governador Valadares (--) moro aqui aqui em Mato Grosso desde mil novecentos e sessenta e nove eu vim pra Jauru em sessenta e nove: e de Jauru fui para Rondônia de Rondônia voltei pro Mato Grosso novamente e aí tô aqui desde noventa eu tô morando aqui aqui na região do município de Livramento [...]

LFB 00:02:22-8 O senhor se sente contente em viver aqui

M67EO 00:02:27 – sinto muito bem graças a Deus já igual eu disse já tem vinte anos vinte e um que eu já tô morando aqui na região [...] eu me sinto muito feliz aqui graças a Deus tem minha pa minha terrinha aqui que eu convivo

M67EO 00:02:41-2 – nela até hoje e assim eu acho que vou terminar o resto de minhas vida aqui eu penso assim né num sei só Deus sabe disso aí⁹

M80EO –00:00:36-9 [...] eu sou mato-grossense eu (-) lá de perto de Barra do Garças lá lá ficava a retirada de Barra do Garça quando eu nasci era cinco légua naquele tempo falava légua [...]

M80EO – 00:00:26-2 então a gente não pode dizer ah: eu nasci aqui e vou morrer aqui (-) e eu morro aqui mas não quero morrer aqui então tem esse dizer né.

F61EO – 00:00:15-1 sou sou

F78EO #00:00:08-6# sim (2.5) (nasci e criei na gema) reserva indígena meus pai{s} vaqueiro (carreiro) (2.5) (aqui) né

Sumariamente, 75% dos idosos são nascidos no Estado de Mato Grosso, desses, 50% se consideram mato-grossense de “chapa e cruz”, que nasceram e desejam morrer em terras de Mato Grosso, e apenas 25% não quer pensar em morte, pois diz o Idoso “moro aqui mas não quero morrer aqui, então tem esse dizer, né?” (M80EO). E outros, estão em situação diferente, 25% são nascidos em outros estados. Também há outras hipóteses que explicam a expressão, como nos diz Gomes (2000), para ele, “chapa e cruz” designa aquele que nasceu e se batizou em Cuiabá ou em seu entorno. De forma que a expressão

“cuiabano de chapa e cruz” não se restringe aos nascidos dentro dos limites geopolíticos do município de Cuiabá, mas, genericamente, a todos que, além de nascidos na área [...], têm sua história genealógica e cultural ligada à região, vivendo em permanente contato (exclusivo, para alguns) com o linguajar nativo de seus semelhantes (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009, p. 45).

⁸ A expressão “chapa e cruz” ou “/Tchapa e cruz” (escrita foneticamente pronunciada), representa identidade fortíssima para o mato-grossense. Revela, em síntese, o desejo e o direito do nativo de nascer e ser enterrado em Mato Grosso.

⁹ *In memoriam*. Nossos agradecimentos ao Senhor M67EO que partiu desta dimensão em abril de (2019), e como deixou registrado, em nossa entrevista, estava feliz em morar no município de Nossa Senhora do Livramento. Nasceu em outro estado e desejava “terminar o resto de minha vida aqui, eu penso assim, né, num sei, só Deus sabe disso aí”.

Uma outra expressão conhecida no Estado de Mato Grosso é “pau rodado” utilizada para designar as pessoas que moram na região, mas vieram de outros estados brasileiros, conseqüentemente, nascidos em outros estados. Essa percepção de habitantes da cidade de N. Sra. Livramento é traduzida pelo conjunto de pessoas de “chapa e cruz”, de “chapa” e de “pau rodado”, o que mostra o colorido da população, qualidade de mescla de opiniões, comportamentos e tradições. Desse modo, o processo de construção da identidade em Mato Grosso, como em outras localidades, é marcado por hibridismo, desde o povoamento da região até os dias atuais, ou seja, muitas pessoas vieram em busca de melhores condições de vida no Estado.

O processo de migração é muito presente na cidade de Nossa Senhora do Livramento e em seu entorno. A vida dos que chegam mescla-se a dos habitantes locais e essa simbiose é identificada na fala afetiva de vários informantes. Em todas as entrevistas aparece o saudosismo dos idosos alunos de EJA, mesmo daqueles que não nasceram (os “paus rodados”) na região pesquisada, expressando o desejo de terminarem seus últimos dias de vida na região ou no Estado de Mato Grosso. Todos demonstram muito carinho pelo Estado e boa parte dos idosos da EJA não pensam em se mudar da região, mesmo ao enfrentar algumas mazelas no cotidiano, da batalha diária pelo sustento da vida, os “espinhos”, como diz F78EO. A visão de afetividade pela comunidade e pela cidade em que habitam os idosos da EJA aparece nos excertos das seguintes narrativas:

F78EO #00:01:37-0# sinto contente sim (--) tem alguns es:pinho{s} mas {es}to{u} contente né (-) feliz por te{r} um ar puro né

F61EO #00:00:28-3# :calmo sossegado eu gosto daqui muito (-) {a}qui é meu luga{r} () ((haha))

F61EO #00:01:11-9# olha eu não tenho a intenção de muda{r} daqui não porque eu já mo/ morei em muitos estado{s} mas meu luga{r} é aqui em Mato Grosso (-) não tenho intenção de muda{r} daqui não (-) ((pessoas conversando)) acho q/ é só por sete palmo (-) Deus a tenha muitos ano{s}((hahaha))

M67EO #00:01:09-1# olha eu nessa região aqui eu gosto muito da região moro aqui geralmente eu nunca parei num local mais de oito ano{s} e aqui já vo{u} pra vinte e um só nessa região então eu gosto muito daqui é um luga{r} que eu me dei muito bem lido com plantação aqui da{s} minhas: plantação de verdura de: uma coisa e outra e me manti minha vida dent{r}o disso aqui dent{r}o trabalhando na região então a região aqui é muito boa pra esse lado não posso reclama{r} não tanto faz nessa parte como na parte de: de: da pecuária também né () muito boa outra coisa que eu trabalhei muito também aqui foi fa/ fabricando queijo () as principais coisas que eu me dei mais bem aqui mais infelizmente Deus cortou porque fiquei doente

M67EO #00:02:01-0# eu sinto muito bem graças a Deus é uma região que: que eu trabalhei justamente pra (assenta) o povo ((risos)) aqui e eu me sinto bem graças a Deus so{u} amigo de todo mundo [...]

Nessas duas últimas transcrições da narrativa, percebemos que a religiosidade também é um traço bem marcante na voz dos entrevistados. A voz do idoso M67EO exemplifica a fé de um povo, quando diz que “Deus cortou porque fiquei doente”, ao argumentar que depois de tanto trabalhar na “plantação de verdura”, “trabalhando na região”, “pecuária”, “fabricando queijo”, no auge de seus 67 anos já não podia mais trabalhar, se esforçar, e finaliza dizendo que, apesar de não fazer mais o que fez tanto na vida: “não posso reclamar”. Na sequência, agradeceu a Deus pela região em que mora por se sentir bem e argumenta que ali, em N. Sra. Livramento e em seu espaço, trabalhou muito ajudando a si e ao próximo em suas construções, e que por isso, pela relação de colaboração com o outro, se sente bem “graças a Deus”, pois se diz “amigo de todo mundo”.

A força divina na voz do idoso traz em cena a forte tradição de espiritualidade na pequena cidade de N. Sra. Livramento. Para Kchimmel (2013, p.7), os moradores de Livramento cultivam sua religiosidade e “mantêm acesas as chamas da tradição secular”. O lugar é rico em cultura popular e valorizado pelos moradores da região, os quais demonstram, de diversas maneiras na fala, o afeto às suas tradições, conforme evidenciado na narrativa anterior. A região do Vale do Rio Cuiabá, onde se situa a cidade de Nossa Senhora do Livramento, é marcada pela religiosidade, como nos mostra o pesquisador em seu argumento seguinte:

[...] não lhes faltam a fé e oração diante do nicho do santo padroeiro e protetor do seus lares e comunidade: Santo Antônio, São Benedito, São Gonçalo, São Sebastião e Senhor Divino, dentre outros, têm morada mais digna, assim no solar, como no coração e mente dessa gente fervorosa e devota que canta e reza novenas e mais novenas esperando apenas uma mínima lembrança dos céus: seja um pouco de chuva, seja um pouco de sol, seja um pouco de saúde, seja um peixe no anzol. Seja para comemorar, festejar, pagar promessa, gastam o pouco que com muito trabalho ganharam, mas para o santo protetor não pode faltar a festa (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009, p. 45).

A religiosidade também se evidencia pelas Festas de Santos com a tradição de festejar e pagar promessa. Podemos constatar essa relação, na fala do idoso M80EO, que explica como acontecem as festas dedicada aos Santos padroeiros:

M80EO #00:26:30-2# ah: festa de santo que acontece né {v}ocê faz a festa mas é num é pra arrecadar dinheiro se faz a festa {v}ocê cumpri a sua a sua promessa que fez então se cumpre aí faz a festa com () a mo:do ele já vem
(-) () de assisti{r} a promessa que se fez e aí a: tem () também pra eles brica{rem} à noite toda só isso né ninguém paga comida só a bebida é tudo por conta do festero que compra (-) paga: que é difícil né (-) mas (--) aí a comida é tudo por conta do feste{i}ro [...]

A característica peculiar das Festas de Santo nas pequenas cidades do interior de Mato Grosso, e em especial, na cidade de N. Sra. Livramento¹⁰, se dá pelas atitudes de votos e promessas ao Padroeiro (a), coroando-se Rei e Rainha, organizadores da Festa em geral. Depois, iniciam-se os preparativos, arrecadando-se donativos para a festa (alimentos, decoração, flores, etc.), organizando os rituais da Missa e ofertas ao Padroeiro (a) até a realização da grande festa: missa, almoço/jantar, baile. Aos habitantes da cidade e aos visitantes se oferece a refeição (almoço ou jantar), com custos aos fiéis apenas em relação ao valor da bebida, encerrando-se com um grande baile, que anima sempre a todos.

Da temática da religiosidade, passamos aos assuntos de formação pela Educação. Assim, abarcando questões sobre o contexto educacional, os alunos idosos da EJA narram que mantêm uma relação de afetividade com a escola e com seu grupo de convivência, pois a maioria diz que retorna para a escola por querer, o que ressalta as questões pessoais relacionadas não só ao ato de conversar com os colegas, mas também de aprender, que ganha um segundo lugar de importância na visão dos alunos idosos entrevistados. Reflexões que se evidenciam em uma das narrativas:

M80EO: num adianta pra mim porque e eu/ o que adianta eu forma{r} hoje? (-) eu num acho mais emprego (--) né pra que? {v}ocê tá formado tem que: forma{r} pra modo de {v}ocê trabalha{r} porque (-) {v}ocê estuda{r} e depois (-) nu{m} usa{r} o estudo que que vai vale{r}? a me{s}ma coisa a senhora faze{r} um curso (-) e num pratica{r} ele no serviço (--) esquece então é; assim; e; eu; num () eu nem venho pra estuda{r} mais; venho pra conversa{r} e ela também; eu; já; percebi () lá ela num vai lá pra estuda{r}() ela vai lá pra ta conversando (--) com as mulher{res}

Como percebemos na voz do M80EO, a questão do aprender, do estudar na fase da velhice não serve, “o que adianta eu formar hoje?”, porque uma pessoa idosa não vai mais encontrar emprego. Sua narrativa mostra uma crítica direcionada ao sistema trabalhista e à sociedade, primeiramente porque não se oferecem (ou quando se oferece, são poucas) oportunidades de trabalho aos idosos, mesmo que diferenciados pelas circunstâncias físico-biológicas e, depois, devido ao preconceito existente e difundido em nossa sociedade sobre a suposta ausência de capacidades e de habilidades das pessoas idosas para um trabalho funcional e cotidiano. Por isso, estudar sob a perspectiva desse idoso é inútil já que não se pode usá-lo: “você estuda e depois num usa o estudo, que que vai valer?” (M80EO).

¹⁰ A cidade de Nossa Senhora do Livramento recebeu o nome de sua Padroeira e comemora a Festa da Santa no dia 08 de setembro.

Para fechar a reflexão, o idoso afirma que “eu nem venho para estudar mais, venho pra conversar”, porém, nosso personagem desconhece a real importância dos dois atos, estudar e conversar, duas atividades ótimas para deixar a saúde mental em dia, dar mais alvices e ficar mais distantes das doenças mentais. Nessa situação relatada, também podemos entender que só é possível fazer história, a nossa história (história pessoal – nossa biografia), quando se participa e interage nessa mesma história plena de fatos, gestos e pensamentos. A interação que ocorre no espaço escolar faz bem aos idosos alunos da EJA, corporal e, principalmente, mental.

Essa necessidade humana de se comunicar e ser escutado colabora com princípio da efetiva relação entre as pessoas, e das pessoas com o seu meio social e cultural. A cultura de uma população se dá por meio das nossas próprias relações, fundamentadas em sociedade e abarca toda uma vivência comportamental e conversacional, com nuances nas formas de pensar e de se relacionar com a vida e as coisas no mundo. Nesse contexto, a relação de amizade se faz presente na narrativa da idosa F64EO que comenta a importância da convivência na escola e na comunidade, destacando o valor da amizade e do conhecimento desenvolvido na dinâmica da coletividade, conforme recorte da narrativa ratifica:

F64EO #00:01:30-7# mas; eu; só; gosto; (-) e o{u}tra coisa que: :SEM AMI::ZADE (-) :sem um conhecimento você num é um nada uma mão só não faz verão só você dentro de sua casa você num tem (--) você tem que te{r} boas amizade{s} tem que vê com que você pode: ((inspiração)) tá conversando tá se a:brindo ah: muita coisa boa

Ainda na citada narrativa, F64EO brinca com o provérbio popular. Ao invés de mencionar “uma andorinha só não faz verão”, ela o recria para “uma mão só não faz verão”, como metáfora para explicar em profundidade o valor da amizade e a consideração ao outro, aquele que sempre está conosco: parente, vizinho, colega, professor. E completa seu pensamento dizendo que “só você dentro de sua casa, você num tem, você tem que ter boas amizades”. Sozinho, na visão dessa idosa, não se faz nada. Precisamos de uma outra pessoa, de outro(s), eis a questão maior em vida. A relação de amizade, de estar bem na cidade de N. Sra. Livramento aparece em diversas falas e aqui expomos os questionamentos da localidade, a opinião de cada um, sobre o local em que vivem.

Todos entrevistados, idosos da EJA, se sentem integrados ao local de vivência, pois caracterizam os vizinhos como pessoas prestativas e acolhedoras. Além do lugar calmo e tranquilo, qualidades atribuídas à cidade, à comunidade pelos entrevistados, agregam à localidade uma valoração afetiva, principalmente de acolhimento e integração às pessoas que chegam para ali morarem. Como percebemos nos dizeres da idosa/entrevistada F64EO que relata essa qualidade de povo mato-grossense acolhedor:

F64EO #00:03:14-9# aqui; são; muito; bem; recebido{s}; e T O dos que vem de: fora (-) tem muitos que mora{m} aqui que; não; é; mato-grossense; (tá vivendo bem);

Nessa tessitura de saberes, amizades e encantamento demonstrados pela narrativa da idosa F64EO, reconhecemos a importância da cultura local e sua contribuição para o crescimento da região. A mesma entrevistada nos traz relatos importantes para a construção da nossa pesquisa, pois expõe a importância do artesanato de Mato Grosso para a população, viajantes e qualquer outra pessoa que aprecia e admira a boa arte regional. Conferimos que uma das idosas, ao ser questionada sobre se há vantagens ou desvantagens em morar na cidade de N. Sra. Livramento e quais as coisas boas ou ruins na região, nos narra:

F64EO: 00:04:30-4 –BOA porque aqui se você mexer co/ que eu mexo com bastante bordado (-) aqui é cheio de gente ora ruim num tem nunca vi nunca percebi
00:05:02-5 – eu trabalho como artesã quanto (ponto) cruz trabalho com rede e bordado agora parei mas estava trabalhando com muito bordado e costuro também

F64EO #00:05:17-4# ah:: eu acho que tem uns :trinta ano{s} mais assim:: ah tem mais de trinta ano{s} não uns quarenta ano{s} assim carteirinha que eu cadastrei tem mais de: (-) de quarenta ::antes: eu não era cadastrada mas eu trabalhava
LFB: #00:05:39-5# o que a senhora costuma bordar
F64EO #00:05:43-0# caminho de mesa guarda::napo eh: (-) ves:tido pra enfeita{r} ves:ti:do fralda de bebê faço tudo MANUAL num trabalho com máquina tudo manual e na () mostro para você depois

Para a idosa F64EO, fazer seu artesanato na cidade de N. Sra. Livramento é uma das boas vantagens de se morar ali, um aspecto positivo que deu o pontapé inicial ao assunto do “artesanato”. Quanto a aspectos negativos do lugar, diz ela: “num tem, nunca vi, nunca percebi”. Sobre o tema, Ferreira (2001) revela que o artesanato é uma relíquia da cultura de cada estado, de singular importância para manter a cultura viva para divulgar a própria singularidade dos artesãos. O artesanato em Mato Grosso reflete o cotidiano, os costumes de vida dos artistas e, por meio dele, mostra que fazem o que gostam e se dedicam à arte local por muito tempo, por anos de trabalho contínuo.

Todo fazer artístico, como pintura, bordado, artesanato em geral, escultura, dança, música, etc. dá sentido à vida das pessoas e colabora para ampliar e difundir mais a cultura local. Além disso, é uma atividade que alimenta a vida e exercita o cérebro para distanciar o idoso das doenças mentais, deixando-o mais ativo e a memória em bom funcionamento. Ainda na reflexão sobre o artesanato da idosa F64EO, vale destacar de sua narrativa o orgulho e a alegria que demonstra, primeiramente por ter nascido e vivido na região a vida toda, e depois

pela profunda admiração pelo seu espaço social de forma a valorizar a cultura local em seus trabalhos.

Outra temática que apareceu nas narrativas dos idosos da EJA entrevistados, ainda relacionada à economia local, refere-se à pecuária, um pouco já citada na narrativa do idoso M67EO. A região de N. Sra. Livramento apresenta uma agricultura de subsistência. Vale ressaltar que a maior produção local é de bananas. Aliás, uma das comidas típicas que norteia a vida dos moradores da comunidade local é a banana. Em geral, é o ingrediente principal de muitas receitas de doces, farofas, cozidos, assados, fritos, além de outras iguarias produzidas em função da banana. Alguns pratos feitos com banana foram citados por alguns informantes, em destaque agora, nas vozes de M80EO, F61EO e M67EO:

M80EO #00:22:58-8# farofa de ba:na:na tem muita gente que faz né é: o que o povo mais gosta cuiabano gosta muito de farofa de banana né então é sobre esse assunto (-)

F61EO #00:11:32-2# BANAna (2,7) banana; de; frita{r}; (-) banana; da terra; () banana; da; terra;

F61EO #00:11:41-9# a gente come ela é de tudo quanto é jeito ((haha)) é é ela frita é () ah () como ela cozida faz doce ((barulho externo)) de todo jeito a gente come ela

M67EO #00:21:43-4# [olha] geralmente a (--) a comida mais típica aqui é: é o modo que eles dizem assim é o papa banana mesmo aquela comida mais que o pessoal mais tem tradição deles aqui

M67EO #00:21:55-1# é: é da banana mes{mo} essa banana da terra ()

M67EO #00:22:01-7# olha muita gente faz frito ou faz cozido out{r}os faz (-) ela quando ela tá verde eles corta{m} ela e faz num tipo ensopado que: que é é muito gostoso mas eu num (preciso) de explica{r} sei que eles faz{em} é muito bom (-) banana com carne é: fica muito gostosa

A culinária mato-grossense oferece diversos tipos de pratos, constituídos por alimentos que vem tanto da flora como da fauna regional, apresentando um preparo que possibilita uma riqueza de sabores. A comida e a bebida são de suma importância na realização das festas no Estado, principalmente as Festas de Santo, realizadas na região do Vale do Rio Cuiabá, a qual pertence à cidade de Nossa Senhora do Livramento.

Segundo Ferreira (2001), a culinária de Mato Grosso é conhecida pelo seu sabor incomparável quando se refere às especificidades dos pratos como “Maria-Isabel¹¹”, pacu assado com farofa de couve ou banana, carne seca com banana verde, e tantos outros. A magia da culinária mato-grossense é tão forte que existe uma lenda contada pelos anciãos de que quem come a cabeça de um peixe chamado “pacu” na região, nunca mais vai embora do Estado de Mato Grosso. Na cidade de N. Sra. Livramento, a banana tem destaque principal, até artesanato

¹¹ Comida típica de Mato Grosso feito de uma mistura de arroz com carne seca.

com palha de banana se faz, licores e comidas, como nossos entrevistados citaram acima.

O turismo na cidade de N. Sra. Livramento está em crescimento, bem como no Estado, segundo Kchimel (2013), pois conta com as práticas ligadas ao turismo rural, às festas religiosas, especificamente as festas dos santos padroeiros e também com a devida ênfase ao Carnaval, maior festa popular e a mais antiga de todos os tempos. Em destaque, o Carnaval Livramentense é considerado um dos melhores festejos carnavalescos realizados no Estado de Mato Grosso. Nesse sentido, os nossos entrevistados divergem demonstrando que não têm o carnaval como prioridade entre as festas típicas da região. A maioria demonstra maior entusiasmo para festas de santos e festas juninas, juntamente com as memórias de alguns momentos marcantes vividos entre as etapas de infância e juventude. Seguimos ouvindo a fala saudosa sobre o carnaval, nas lembranças da idosa F64EO.

F64EO #00:23:27-4# ah: vamo{s} ve{r} quando minha {a}vó (-) era viva ela fazia festa de carnaval na época do carnaval que nesse tempo num existia o () eu {es}tava com meus oito nove anos ano{s} aí ela fazia vestido pra nós pula o carnaval mas era aquele carnaval é: saudável

F64EO #00:23:49-4# tranquilo todo mundo ia de casa em casa e fazia festa (-) hoje que mudo{u} num é mais como era antigamente

F64EO #00:24:00-9# antigamente o carnaval era muito BOM() carnaval {vo}cê dançava a noite: to:da vo:cê pu::lava aí te/ uma {a}manhecia bem cedo de manhã cedo o povo jogava água em cada uma das pessoa{s} pra pra pra {a}co{r}::da assim

LFB #00:24:19-6#e como chamava essa brincadeira de jogar água nas pessoas

F64EO #00:24:21-7# intrude que chamava antigamente tinha esse nome de intrude

Nas memórias afetivas de F64EO transparecem a nostalgia de uma festa carnavalesca de seu tempo de infância em comparação com a atual, realizada em sua cidade ou mesmo em referência às festas no Brasil, que não a agradam mais. A brincadeira de jogar água nas pessoas na festa carnavalesca, que F64EO chama de “intrude”, na verdade corresponde ao entrudo, uma antiga celebração que acontecia nos três primeiros dias antes da Quaresma, depois incorporado às festas carnavalescas. A brincadeira chegou ao Brasil com os portugueses, no ano de 1641, na cidade do Rio de Janeiro e participavam das atrações todas as famílias e escravos. Fernandes explica que

Na tradição cristã, o Carnaval é um dos máximos momentos em que a sociedade vive tal situação e, como bons católicos do século XVI, os portugueses não poderiam viver sem ele no Brasil. Na realidade, o que eles trouxeram para celebrar os dias festivos anteriores ao resguardo da Quaresma foi **um jogo chamado entrudo**. Lançar águas nas pessoas ou mesmo o contrário, jogar as pessoas em rios e fontes, era uma tradição das festas populares e praticada nos Carnavais [...] (FERNANDES, 2001, p. 17, [grifos nossos]).

A tradição do entrudo, com grande popularidade, afirmou-se como celebração desde que foi introduzido no Brasil nas festas de carnaval (século XVII) até o início do século XX. Depois desse período, alguns governantes e autoridades passaram a determinar o fim da brincadeira, porque geravam violência. E, mesmo em regiões rurais e menores como em Nossa Senhora do Livramento, em que a intenção era apenas brincar, alguns desentendimentos ou intolerâncias também ocorriam devido à brincadeira, como nos narra F64EO:

F64EO #00:24:35-9# e eu gostava da folia falava pra mim assim FULANO DE TA{1} NÃO GOSTA QUE JOGA ÁGUA NELE ELE ELE {es}TAVA DESCUIDADO EU CHEGAVA () E TCHAM:: nele **ai ele vinha pra me bate{r}** e eu era esperta e segurava no bracinho dele e falo cuidado meu filho: FOI :TEMPO que você ia derruba{r} a veinha :aqui ((haha)) eu aprontei ::muito ((hahaha)) ([grifos nossos])

A agilidade da F64EO quando brincava o “entrudo”, fugindo da água pois “era esperta e segurava no bracinho dele”, “eu aprontei muito”, no sentido de que teria se divertido muito, brincando as festas carnavalescas de outrora. Mesmo depois da proibição do entrudo popular em várias cidades, somente nos primeiros anos do século XX, perdeu força. Nos dias atuais, não se ouve falar mais, mas em algumas regiões do Brasil ainda é comum, na época do Carnaval, as guerras de água e frutas podres, lançadas entre crianças e jovens de regiões mais desprovidas (PEREIRA, 2004).

No destaque às crianças, os idosos afirmam que a transformação em N. Sra. Livramento e arredores chegou rapidamente, fazendo comparações entre as crianças de outrora e as crianças no contexto contemporâneo. Adiante, duas narrativas sobre perspectivas da criação dos filhos, segundo duas senhoras, a F78EO e F61EO.

F78EO #00:16:26-1# ah:: (-) as criança{s} de antigamente tem mais eh (--) vamo{s} supor assim eh: de primeiro o menino tinha mais obediência (-) cê num acha? (--) o menino hoje passa por você e num fala nem oi nem nada né (--) prime{i}ro ele tinha obrigação de vim tomar benção como; é; que; vai; (-) é mais obediência (--) parece que ficou assim sem doutrina nenhum{a} (-) aí faz que nem um um (--) um rapaz chegou aqui e disse e você você nunca prestou atenção que depois que {a}cabo{u} essa (--) {a}cabo{u} no colé/ como; que; chama; que; tinha; aqui; de prime{i}ro; (2.7) eh: educação moral e cívica não tem mais nas escolas já foi acabado aí que eu lembrei que no tempo que eu estudava aqui morava porque cê cê tinha que te{r} :moral cê tinha que te{r} cívica (-) comportamento né (-) aí () bem as coisa{s} assim que você pega uma coisa e pega o{u}tra ali (-) você () sim (-) as criança{s} né que q/ a dificuldade mas a gente até nem num culpa as criança{s} porque ((inspiração)) o meio de vida é diferente diferenciou (--) né? meio de vida e o deferencio{u} num é mais aqui na vida (--) mais pa:ca:ta; que veio nas () né? então aqui () onde eu pensava vê minha filha jeito que eu tô vendo minhas filha{s} que eu tô vendo aí () (4.1) né?

Nessas memórias, a F78EO fala sobre alguns comportamentos e qualidades dos filhos,

em tempos anteriores, quando mais obedientes e quando pediam a bênção (geralmente se pede bênção aos pais, tios, avós, padrinhos, pessoas mais velhas), diferentemente do comportamento das crianças na atualidade. Seguidamente, F78EO atribuiu essas mudanças, em parte à escola que não oferece mais a disciplina “Educação Moral e Cívica”, porém sem culpabilizar a criança na contemporaneidade inserida em um “meio de vida” diferente. Ela reconhece que os tempos atuais não se devem comparar aos tempos de “vida mais pacata”, em que viveu no passado. A questão aparece também na voz de F61EO, com sons e tons bastante críticos e comparativos.

F61EO #00:04:42-3# ::ah mudou :MUIto; muito; muito; diferente das criança{s} de hoje (as) criança de hoje quer mandar na gente né a lei protege muito as criança{s} então a lei pôs as criança{s} tudo tudo porcaria no mundo (-) que a lei cê não pode ultimamente cê não pode bate{r} no guri ((barulho de sinuca)) tem um tal de conselho que vem e vai então a lei a lei estragou muito a: cria: {r} a: juventude a criança o povo criança criança hoje o guri pra trabalhar tá de maior aí vai lá pra cadeia cê vê cê vê o: o: o: o () não tem na cadeia mas cê vê um: um poli/ batendo no fim cê não pode mas cê vê os filho{s} de uma (egua) amarrando seus filho{s} e cê cê não pode fazê nada tem um () guri aqui telefonou já vem o Conselho Tutelar atrás aí você aí começa um fu/ fu/ fuma a droga que a droga : tá horrível começa fuma droga vai parar na cadeia a polícia desce pirai aí num fala não pode fazê nada ((inspiração)) a le/ a lei que tá aí é porcaria.

Constatamos que na visão de F61EO as “criança de hoje” são diferentes, “muito, muito, muito”, enfatiza ela, de forma que a “criança hoje quer mandar na gente”, pois há uma lei que as protege. F61EO sinaliza o conhecimento do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que, de fato, foi criado para proteger direitos das crianças e adolescentes.

A posição negativa da F61EO em relação ao ECA está explícita, principalmente quando culpabiliza a Lei pela má criação e educação das crianças nos dias atuais, pois a qualquer momento, toda criança pode chamar o Conselho Tutelar, ou mesmo, algum adolescente ser preso. Nossa entrevistada conta que é possível ver cenas do tipo que a polícia (“poli”, como ela diz) bate em alguém, e diz impotente que “no fim cê não pode, mas cê vê os filho de uma égua amarrando seus filho, e cê não pode fazê nada”.

Em outra cena de sua narrativa, F61EO conta que um guri começou a fumar droga, depois foi para a cadeia e a polícia bateu nele com o “pirainha”, ou como é mais conhecido “pirai”, um chicote de couro cru curtido que se usava para bater em cavalos e os pais usavam para corrigirem seus filhos, antigamente. Os policiais andavam a cavalo na região do Vale do Rio Cuiabá, e portavam o “pirai”. Segundo F61EO, “a lei que tá aí é porcaria”, expressão que implica no entendimento de que a Lei deu liberdade às más atitudes de crianças e de adolescentes.

De fato, muitas mudanças ocorreram nos últimos 40 anos. Atitudes extremas de

correção na educação dos filhos não devem ser mais empregadas. Outras formas são sugeridas pela Lei e precisam ser acolhidas, as boas ao menos, pelas famílias e pelas políticas públicas. Os avanços tecnológicos também merecem destaque em nossas reflexões e ocorreram com mais intensidade a partir do final do século XX e início do século XXI, trazendo várias transformações para a sociedade. Não só as crianças mudaram seus comportamentos como o a cidade de N. Sra. Livramento, conseqüentemente e, principalmente, alterando o modo de vida das pessoas que moram mais afastadas da parte central de cidade.

As mudanças ocorreram de diversas formas: existiam poucos transportes na região e na atualidade as pessoas ainda têm problemas para chegarem aos centros urbanos mais próximos, mas já conseguem transportar-se com mais facilidade. A maioria tem sua própria locomoção, como carro e moto. O comércio ainda é precário, mas, de alguma forma, ampliou-se de maneira modesta na região, trazendo algumas facilidades para subsidiar a população. Na visão da idosa F78EO, as pessoas, os vizinhos são solidários e ajudam-se mutuamente.

F78EO #00:21:20-0# [...] na hora que precisa mesmo deles pode i{r} eles estão pronto{s} para nos ajudar né (2.4) na hora que tá precisando que nem agora há poucos dias teve um mutirão de médico de tudo quanto é coisa ali no colégio (-) a comunidade {es}tava em peso lá

Hospitalidade e solidariedade: outros traços presentes nas narrativas dos idosos em N. Sra. Livramento. Com relação aos passeios e os entretenimentos, nota-se que a população trabalha muito para seu sustento e manutenção da vida no campo. Nada chega à região com muita facilidade. São lutas constantes nos que habitam a região e, em seu tempo livre, aproveitam para visitar os parentes e estreitar os laços familiares. Dos entrevistados, poucos tiveram a oportunidade de conhecer o Pantanal¹², região nas proximidades do Vale do Rio Cuiabá, com uma vasta diversidade de planícies alagadas, fauna e flora.

No que tange à formação escolar, os idosos da EJA comentam em seu modo de dizer que gostam da escola, dos colegas e em seus comentários, evidenciam um ponto de vista sobre a Educação, como mecanismo para a mudança social, histórica e humana. Notemos recortes das narrativas de três vozes femininas, primeiramente das idosas F61EO e F64EO, depois a da idosa F78EO, quando responderam sobre a importância do estudo e da escola:

F61EO #00:15:50-4# gosto gosto de faze{r} todas coisa{s} gosto de estu:da{r} gosto

¹² Zona geofísica que constitui um dos mais importantes ecossistemas do Brasil; é a maior planície inundável do planeta, com uma área de cerca de 120 mil km² que abrange o Sudoeste de Mato Grosso, a Oeste de Mato Grosso do Sul e parte do Paraguai (GODOI FILHO, 1986).

de () gosto de assis:ti{r} gosto de ouvi{r} bastante
 LFB: #00:16:46-1# você acha importante o estudo
 F64EO #00:16:49-2# muito

F64EO #00:18:23-9# são professores bom [...] ensina bastante tem paciência com idoso professora [...] é bastante (-) assim atenciosa () faz uma pergunta a todos ela responde tem paciência professora [...]nem se :fala e a professora o{u}tra esqueci: o nome :dela de matemática (-) esqueci o nome da o{u}t{r}a professora nova (--) tudo; bem;

A F61EO revela que gosta de todas as atividades realizadas na escola, enquanto a F64EO diz que o estudo é importante e que os professores são bons, têm paciência, atenção e ensinam bem as pessoas idosas. Um retrato de muita eficiência na pedagogia e ensino de alunos idosos matriculados na Educação de Jovens e Adultos, na cidade de N. Sra. Livramento. Eis o tema na voz da F78EO:

F78EO #00:22:04-8# hum: que o curso (-) hum bom esse curso que eu tô fazendo eu tô indo vindo lá: lá {a}trás só (--) alguma hora você pega alguma coisa de cá né (2.1) o que eu aprendi lá: eu renovo ele cá () essa vantagem () quase; isso; falta; eu; faze{r}; esse; aqui; né; (--) é isso aí né dizer que você desen:volve a memória pra tanta coisa assim não (--) porque parece que pra ela () pa idoso mesmo né ((haha)) como já disse sabe{r} passa se não sabe{r} passa (-) agora eu eu eu? percebo que eles gosta{m} muito da minha presença lá fam/ (-) quando eu não vo{u} eles fala{m} ah mas por que dona [...] num veio (--) mas eu so{u} difícil (-) num (-) que só de segunda-feira aqui (-) aí tem uma aula da sexta aí já faz pra nós na quinta porque cansa (-) ele mesmo nota que nós tá todo mundo cansado tem uns que ainda trabalha né que nem a pitita (-) cuida da mãe dela;
 F78EO #00:23:24-4# no/ e eu tenho ainda curiosidade (-) sabe? mas num era assim eu toda vida eu gostei de le{r} (-) eu nunca gostei foi de escreve{r} nunca gostei de escrever mas hoje eu tento passo lá no quadro né (-) gostei muito da escola da aula assim

Para a idosa F78EO, o estudo é muito importante, inclusive para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da memória, mostra que nada na vida é ou vem fácil, dizendo ainda que os colegas juntamente com ela, muitas vezes, estão cansados por conta de tantas outras atividades durante a jornada diária. Comenta que gosta de estudar e acredita que há muitas coisas para aprender, tendo em vista suas curiosidades. Gosta de ler e sua percepção sobre a escrita mudou, antes não gostava, hoje já escreve até no quadro da escola.

Desse modo, entendemos que o idoso reúne seus sonhos, suas curiosidades como qualquer outro ser humano e, muitas vezes, suas perspectivas são vistas na sociedade de maneira negativa, como se não importasse seu tempo de vivência, experiências ou mesmo sua história de vida. Precisamos ouvir mais nossos idosos e cuidar para que as políticas públicas possam atender cada vez mais a essa faixa etária, uma vez que um dia envelheceremos, a ordem natural da vida nesse planeta. Seguindo a linha de pesquisa, no tópico seguinte, evidenciaremos, o marco segundo, as relações do grupo de idosos residentes na cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado do Rio de Janeiro.

1.3 O idoso no Rio de Janeiro: entrelaçamento cultural, afetivo e de manifestações populares

Cidade maravilhosa
Cheia de encantos mil
Cidade maravilhosa
Coração do meu Brasil
André Filho

O trecho de *Cidade maravilhosa*, uma marchinha carioca, é nosso epíteto para abrirmos essa seção e falarmos da relação do idoso em sua cidade, o Rio de Janeiro. Nosso modo de contextualizar o lugar em que vive o idoso carioca, ao menos os 12 (doze) idosos que selecionamos para realizarmos nossa pesquisa.

A marchinha *Cidade Maravilhosa*, do compositor André Filho, no ano de 1934, inspira-se em um programa radiofônico intitulado *Crônicas da Cidade Maravilhosa*, que eram escritas pelo acadêmico imortal Genolino Amado. Essas crônicas eram lidas em um programa de rádio pelo apresentador César Ladeira. Anos depois, a marchinha foi oficialmente considerada o Hino da cidade (KRIEGER, 2015). Ainda nesse viés, a escritora e poetisa francesa Jane Catulle Mendès ao conhecer a cidade do Rio de Janeiro, e habitar por um tempo ali, apaixonou-se pelas belezas naturais do local e, inspirada pelos encantos da cidade, escreveu um livro de poemas intitulado *La Ville Merveilleuse (A Cidade Maravilhosa)*. Esse material teve publicação em Paris no ano de 1913.

Retornando à marchinha carnavalesca, podemos dizer que ela é muito conhecida no Brasil e pelo mundo afora, mesmo tendo conquistado o segundo lugar no Concurso de Músicas de Carnaval da Prefeitura do Rio (quem se recorda de “Coração ingrato”, a marchinha vencedora daquele ano?) de 1935. O nascimento dessa expressão “Cidade Maravilhosa” também é cercada de algumas hipóteses, como citamos acima, mas principalmente como se narra no artigo de Krieger (2015) “*Cidade maravilhosa*” I: *André Filho e a saga de uma marcha-hino*, publicado no site do Instituto Moreira Salles. Basta o epíteto ser mencionado ou o refrão da marchinha cantado que o referente aparece como imagem acústica em nossa consciência e surge, então, a exuberante cidade do Rio de Janeiro: o Cristo Redentor, a Urca e Pão de Açúcar, Praia de Copacabana, e por aí vai.

Desde essa época, a cidade mantém o título de “cidade maravilhosa”, cercada pelas belezas naturais e arquitetura, ao mesmo tempo convivendo com a violência que assola a metrópole carioca. É nesse espaço, nessa cidade que os idosos entrevistados por nós, habitam.

Podemos observar a visão de uma informante, residente no Bairro do Lins, quando fala sobre a questão da violência em sua narrativa:

F66ME #00:03:29-8# eu acho eu acho que o Rio é maravilhoso ((inspiração)) é uma cidade maravi:lhosa ((inspiração)) eh: eu acho assim que tem tudo né é :mar é :serra ((inspiração)) a be:le:za é uma pena mesmo que a gente sempre fala é: que tá um descontrolado total né? da vio:lência é de tudo ((inspiração)) como como tá o nosso Brasil né to:do (-) desregulado aí ((voz risonha)) todo (-) mal ((suspiro))

A mesma contradição da cidade, em ser bela e também violenta, está na posição desse informante, quando perguntamos se desejava sair do Rio de Janeiro, mudar-se para outro lugar. Ele respondeu:

M61LV #00:03:21-7# (-- olha fica{r} eu fico porque eu gosto do bairro é um bairro que tem bastante acesso né conduções pra outros bairro{s}; pro centro da cidade; (-) e:: então nós por esse lado nós (nos) sentimos feliz(es) mas ao mesmo tempo (-) devido a esse problema de violência que tem atingido o Rio de Janeiro e até o próprio bairro a gente não sente tão feliz e tão seguro porque devido ao clima de violência (--) (com a das drogas) tem acontecido muito aqui; tem prejudicado muito as família{s} de modo geral

F79LV: #00:03:10-9# no dia de hoje é difícil diz{r} que eu vo{u} muda{r} (-) ((tosse ao fundo)) a idade faz com a gente cu{o}nheça o ambiente que se vive muda{r} e re/ e fa/ refaz{r} amizades torna-se difícil (-) porque as pessoas hoje não são solidárias (-) elas cada uma tá se retraindo cada vez mais então nos sentimos isolados ainda mais na nossa idade (2.1) de modo que; num pretendo muda{r} só no último caso se meu companhe{i}ro falece{r} de repente vive{r} sozinha meus filhos vão quere{r} que eu viva com eles em Campo Grande um bairro bem mais longe (-) que não: não desfaço do bairro mas não é (--) o meu ((haha)) o meu tipo pra mora{r} é um bairro que ainda considero meio rural ((hahaha)) (2.6)

Esclarecemos que a cidade do Rio de Janeiro aqui contextualizada é a cidade vista e sentida pelos nossos sujeitos de pesquisas, as pessoas idosas que entrevistamos, o lugar de fala é deles, materializada nas narrativas, nas transcrições das falas de cada um deles. Ouvir a voz do idoso sobre o Rio de Janeiro é o mesmo que ouvir e ver com os olhos deles as transformações ocorridas nos últimos quarenta anos na capital carioca.

Nossa entrevista foi composta por questões semidirigidas e tentamos fazer um passeio por questões sobre a identidade do entrevistado, e também sobre aspectos históricos, sociais e culturais de suas experiências ao viver na cidade do Rio de Janeiro. Iniciamos pela questão da identidade, mais especificamente, queríamos saber sobre a naturalidade desses sujeitos.

A questão sobre identidade e naturalidade do idoso girou em torno da expressão “Carioca da Gema”. Entre os doze entrevistados, cinco disseram ser cariocas da gema, quatro apenas cariocas, e três vieram de outros estados e vivem no Rio há mais de quarenta anos.

Alguns contam que, “carioca da gema” é quando os pais também são cariocas, ou seja, quando os pais são nascidos na cidade do Rio de Janeiro. Caso somente a mãe ou o pai, tem-se um carioca, mas não da gema. Na realidade, constatamos que foram apresentadas várias versões para o termo “carioca da gema”. Vejamos alguns relatos

EME: #00:00:01-5# boa noite a senhora é uma carioca da gema
 F90ME: #00:00:06-3# (-)sim; SIM nasCI e se criei me aqui (-) no Méier; no Rio de Janeiro que antigamente era distrito federal

F65BT: #00:00:11-5# carioquíssima da gema (--)

F79LV: #00:00:07-4# sou (-) porque; eu nasci aqui no Rio de Jane{i}ro totalmente (--)

M98VP: #00:00:07-8# hum hum eu num so{u} carioca da gema eu so{u} (-) do estado do Rio? mas tô desde quarenta e três no estado do Rio de Jane{i}ro

Quando, em nossa entrevista, a pergunta gira em torno da descrição do local em que vivem os idosos, como veem a composição da população e de como é a vida ali, notamos que mesmo com os problemas enfrentados, as pessoas sentem orgulho de terem nascido na cidade e se expressam sobre o local com muito saudosismo. Essas manifestações de amor e carinho pela capital carioca resgatam de forma significativa os bons momentos vividos pelos idosos na cidade e fortalecem o Rio como capital cultural. Alguns fragmentos nos apresentam essa descrição e olhar afetivo:

F65BT: #00:00:36-9# super tranquilo (2.5) eu eu você tá: na Barra (-) e ao mer{s}mo tempo você eu digo {es}to{u} numa roça (2.1) entendeu; (-- mas::: é gostoso de se viver (2.3)

F79CG #00:06:00-7# eu gosto demais daqui((ha)eu amo o lugar que eu nasci eu amo (-) amo muito aqui amo a minha igreja pra mim o dia que eu tou ()a minha igreja é o melhor lugar do mundo e eu não era católica eu não era evangélica eu era católica (-) mas depois (-) eu me converti eu perdi o sofrimento aí (--)

F62SR: #00:05:51-4# eu não penso de sair dali (-) eu acho que num tem mais eu tou tão acostumada lá que eu num acho que num tem outro lugar melhor SAbe (-) porque a gente fica tranqui:la o::: a hora que a gente que{r} né? porque pelo tempo que eu moro lá eu já não tenho mais medo não eu fico tranquila chego saio sabe todo mundo me conhece eu não acho nunca pensei de sair assim pra i{r} pra outro bairro outra cidade (--) [...]

Essas memórias de afetividade pelo Rio nos aproximam do pensamento de Rabha (2004 [1954], p. 13) quando diz que “a memória urbana do Rio de Janeiro está indissolúvelmente ligada a sua paisagem natural. Cidade-porto, aberta às inovações, nela a natureza, exuberante e pródiga, concentra em território restrito os mais belos e variados acidentes geográficos: rios,

morros, rochedos, florestas, mar, restingas, lagoas, mangues e uma esplêndida baía”. Justamente a imagem acústica que narram os idosos entrevistados.

M70IR: #00:03:29-7# ah sim (-) tem muitos lugares no Rio de Jane{i}ro (-) muito bonito muito: (-) maravilhoso; (2.3)

M67ST: #00:13:50-7# cinema tem ali no: no Largo do Guimarães tem o Cine Santa passa bons filmes por sinal; (--) bons filmes passa{m} ali (--) começo{u}: ((batida)) (-) era na igreja? (-) na igreja anglicana (-) que é na mesma rua depois transferiu para (-) esse luga{r} que já tem um:{s} (-) dez anos mais o{u} menos temos cinema aqui (2.7)

Destacamos que o Rio com sua beleza e profusão de cores e formas tropicais foi marcante pela sedução de seus descobridores, também por meio desses mesmos elementos, evidenciaram força e resistência aos processos de ocupação, e hoje, no século XXI, ainda se faz impactante e importante para as pessoas que ali vivem há mais de 40 anos.

Ao questionarmos sobre o que os entrevistados descreveriam a respeito do lugar onde vivem, suas respostas nos revelaram críticas ao governo. Uma das causas é sobre o sistema de habitação, um problema já antigo, desde a fundação do Rio lá pelos anos de 1533, com o Morro da Providência. De lá para cá, muitas transformações ocorreram, chegando até às atuais formações de conjuntos habitacionais, favelas ou comunidades. Da moradia e das oportunidades de trabalho, dos lugares para venda como ambulantes, tudo isso devido ao grande movimento migratório, gerou transtornos sociais e até violência.

Com isso, trazemos a fala do informante M84GU de Guaratiba, uma pequena descrição do lugar e da população local com suas condições de oportunidade de moradia e trabalho, configurando-se como um caos histórico da história não oficial. É uma síntese apresentando o fato migratório no Rio, que até 1960 era Capital do Brasil, uma cidade que recebia pessoas de outros estados e até do exterior, bem como uma voz que critica, que clama por melhores condições.

M84GU: #00:16:56-5# ah tem muita gente aí desconhecida (-)daqui da/ aqui tem pouca gente que (-) eu conheço (--)é pouca gente; a maioria é tudo desconhecido (--) aqui podia dormir até com a com a porta aberta que ninguém entrava (-) agora é tanta gente desconhecida depois que o governo depois então que o:: Carlos Lacerda mudou (-) depois que o Carlos Lacerda entrou que o Carlos Lacerda foi o primeiro governador né do Rio de Janeiro (-) ele fez muita favela aí po lado de Santa ()ele não fez de novo favela ele fez conjunto mas do conjunto fizeram fizeram favela né (-) era um querendo matar o outro por causa de por causa de ponto né o pior do bairro dele é isso que quando o cara vê que o ponto tá dando lucro aí um quer tomar do outro aí é que/ aí quer matar

A afirmação do idoso M84GU de que se podia “dormir até com a porta aberta que ninguém entrava” demonstra um tempo de paz, quando o bairro em que reside o Informante ainda era menos populoso e havia menos concorrência no campo profissional. Depois, com o advento da migração e do progresso, outras mudanças estruturais no bairro aconteceram e, por consequência, a convivência em sociedade também precisou mudar.

Esse perfil histórico de luta, presente na narrativa do informante M84GU, é também um traço do histórico da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Rabha (2004 p. 13), foram “mais de 400 anos de história de luta entre as forças humanas e ambientais. Assim pode ser contada a construção da cidade que teve alterada, modificada e submetida pelo trabalho do homem, durante gerações grande parte de sua morfologia natural”. Hoje, a população, de forma geral, aprendeu a conviver com a diversidade cultural de pessoas de todo o país e de diferentes partes do mundo que, por diversos motivos, vieram para o Rio de Janeiro morar ou passear. Como um dos principais centros urbanos, o percurso trouxe à cidade do Rio de Janeiro uma concentração de recursos que possibilitou a criação de instituições e de universidades de pesquisa, teatros, museus, orquestras, escolas de samba e a maior festa de Carnaval do planeta.

Esse universo histórico-sociocultural chamado Rio de Janeiro, banhado por tanta diversidade tece o que poderíamos considerar como um cenário cultural vibrante. Vale ressaltar que os 12 (doze) idosos sujeitos de nossa pesquisa, puderam vivenciar as várias transformações ocorridas no município desde a década de 40 ou 50. Do local, outra Informante, a F77PS, fala sobre o crescimento da cidade e as transformações estruturais ocorridas no Rio.

F77PS: #00:00:29-9# cresceu muito né? (-) em:: comér:cio eh: transpor:te (2.1) e: o dia a dia da vida assim:: ele desenvolveu muito porque:: foram fazen{d}o muitas resident/ tinha{m} muitos terrenos assim ainda: desocupados (-) eh:: foi feito: foram fazen{d}o prédios né? (-) agora tem muitos ed/ muitos prédios têm condução bem: variada

Em certa medida, os idosos que entrevistamos, residentes na cidade do Rio reconhecem o crescimento da cidade, os avanços e os benefícios que chegaram até os bairros mais longínquos da cidade. Por conta disso, a maioria dos idosos cariocas e demais idosos que vivem na cidade do Rio sentem grande apreço pelo local, sentem-se integrados na região, têm bons relacionamentos no bairro e com vizinhos, e não gostariam de se mudar para outro lugar a não ser para o interior do Estado, em busca de mais tranquilidade e qualidade de vida. Um outro idoso, sujeito de nossa pesquisa, traz em sua narrativa outros acontecimentos que transformaram o lugar onde vive, a visão própria do “seu” Rio de Janeiro, mas dessa vez

abordando um aspecto negativo do progresso e também deixando transparecer, por meio de recordações dos tempos de infância, o sentimento de paz que se fazia presente outrora.

M61LV #00:00:56-6# (-) ah: se eu fo{r} conta{r} assim na época da minha mãe; (né?) quando eu era garoto a casa da minha mãe não precisava nem te{r} chave; (-) ah as casa n/ os muro{s}; tudo era baixo; tinha bastante pé de fruta muitas casas; pouquíssimos apartamento{s}; então no passado era BEM melhor porque as pessoas eram mais não tem esse ritmo que temos né de muito assalto muito roubo; eh: um envolvimento das droga{s} no bairro né o bairro piorou muito mas ele era muito bom muito bom a gente podia dizer que tínhamos orgulho de mora{r} aqui porque nós tínhamos uma cachoeira que hoje é completamente contaminada pelo lixo pelos objetos que jogam nela e antes não nós tomávamos até banho nela e hoje não tem como; piorou muito;

O Rio de Janeiro que percebemos por meio das falas dos idosos, nossos informantes, sofreu transformações significativas, tanto com aspectos e resultados negativos, quanto positivos, o que fez com que cada um, a sua maneira, buscasse novas formas de interagir com o lugar onde vive e com as demais pessoas, até mesmo diante da busca de oportunidade de trabalho.

Nas narrativas dos idosos, também, percebemos a situação de mudanças em relação à Educação, aos filhos e aos pais, que mudaram com o passar do tempo. O panorama sobre essa temática suscita uma crítica, uma reflexão que coloca em jogo um contraste entre o passado e o presente, de como eram as escolas, a criação dos filhos e os filhos contrapondo o que os idosos veem na contemporaneidade. Para todos os 12 (doze) entrevistados, a relação dos filhos com os pais e a Educação era melhor no passado em detrimento da atual realidade, consequência que se atribui muito ao novo cenário de comunicações e entretenimento rápido, alienando os adolescentes e jovens. Ressaltamos o relato sobre essa situação de formação e Educação:

F65BT: #00:12:57-8# ãh (3.1) a/ e o/ antigamente é o que eu dizi/ é o que eu digo né? pros meus filhos né? (3) antigamente a gente tinha colégio{s} bon:s (3) as pessoas tinham mais educação (3) o{s} filhos respeitavam mais os pais; (-- os professores (2.3) eu acho que os pais hoje {es}tão nem liga:ndo se o filho tá respeitando ou não (-- entendeu? eu acho que hoje tem é muito mimo porque esse negócio da falta da palMAda porque os meus filhos apanharam bastante e eu criei cinco filhos soZInha (-) e não tenho nenhum droGAdo nenhum::: (--sabe? (-- desemprega:do (-- ((liquidificador)) mas levaram chineLAda chicoTAda (-- tapa na minha mão de eu botar ela no congelador (-- entendeu? (-) mas (-- {a}inda mais eu criando (-- cinco o o quando eu me se/ quando eu me divorciei o meu filho= (-- a minha caçula tinha seis anos e o meu filho tinha oiTO (2.5) entendeu? e: você [imagina] você cria{r} quatro

Ainda abordando as transformações das últimas décadas, perguntamos sobre o comércio, a divisão e as áreas de funcionamento, bem como modalidades. A cidade do Rio de

Janeiro modernizou-se, ampliando o comércio, de maneira geral, construindo shoppings, lojas, supermercados, restaurantes, igrejas, botecos entre outros, como podemos notar na narrativa do Informante M61LV:

M61LV #00:14:07-1# (-) eh o comércio cresceu né? cresceu apareceu muitas lojas que não tínhamos muito né? hoje devido o crescimento da população a gente olha pro bairro a gente vê que tem várias farmácia{s}; tem várias salão de cabelo; padarias então cresceu muito assim na área do comércio mercados; que não tinha no passado hoje tem;

EME #00:14:45-8# aqui no bairro nós temos botequim?

M61LV #00:14:50-7# sim temos vários botequim; bastante;

(-) existe várias igrejas; temos aqui nossa pa/ a paróquia Nossa Senhora da Guia; temos a Sagrado Coração de Jesus; e: temos algumas igrejas evangélica{s} dentro das comunidade{s}; tem as capela{s} também dentro das comunidade{s} da igreja ca/ então (não) tem várias igreja{s} essa que é a verdade;

Outro fator marcante na vida dos idosos entrevistados é a participação nas festas populares, festas religiosas, festas juninas, e o carnaval, desde a realização na Av. Presidente Vargas até a construção do Sambódromo, lembranças de uma época, de um povo. Na linha de pensamento de Caúrio (1988), no início do século XX, comunidades negras do Rio de Janeiro “excluídas de participação plena nos processos produtivos e políticos formais, perseguidas e impedidas de celebrar abertamente suas folias e sua fé” formaram um novo samba, diferente dos tipos então conhecidos, que viria a ser chamado de samba urbano, samba carioca, samba de morro ou unicamente samba. Elas também criaram as escolas de samba, espaços de reunião, troca de experiências, formação de laços de solidariedade, criação artística e festa. Para Motta (2012), o ritmo foi trazido pelos escravos e depois o Rio se transformou na capital do Samba.

Da música vieram o ritmo e a festa que se consolidou como a mais importante do Brasil e uma das maiores do mundo. O samba e o carnaval têm forte destaque nas narrativas dos idosos. Muitos disseram que têm paixão pelo carnaval e já participaram dos festejos por muitos anos (“até uns setenta e cinco anos” – diz F87PS) e alguns afirmam que participam até hoje. Nesse sentido, podemos observar trechos da fala da informante F87PS que apresentou muita emoção ao lembrar de seus momentos e, a partir dela podemos identificar a história que os livros não contam como diz o trecho do enredo campeão da escola de samba Mangueira de 2019: “A história que a história não conta...”, “Com versos que o livro apagou”. (DOMÊNICO, *et al.* 2019).

F87PS: #00:20:45-8# o samba a história começou assim quando a gente VEIo pro Rio de janeiro antigamente tinha desfile de escolas de samba lá na cidade na Presidente Vargas não existia sambódromo também não então eu ainda era gaROta mocinha sabe? então e aí eu e minhas irmãs assistia o desfile aí a gente trepava nuns banquinhos pra poder ver a escola passar e ((sorrindo))outro dia muito engraçado tem um () na

rádio nacional que ele tava contando que antigamente ele via o desfile lá na Presidente Vargas trepado no banco eu cá{aqui}comigo eu também ((sorrindo))então eu fui CRIAda ali sempre vendo(-)então quando eu casei quando eu namorava meu maRIdo a gente ia pro Botafogo eh: pra dançar no carnaval(-) entendeu? e depois que eu casei é que eu aproveitei muito mais quando eu conheci ele porque quando eu comecei a namorar eh: a gente saía pro carnaval a a/ com a minha cunhada que já faleceu o marido dela eh: sempre tinha uma vida assim alegre [...]

F87PS [...] todo dia tinha desfile né tinha que ir né((sorrindo))aí quando chegava de manhã que terminava(-) nós saíamos atrás da última escola((sorrindo))não era só nós não ((sorrindo)) todo mundo né? ah:: mas mui:to bom (--))aí depois continuamos ((palmas)) a frequentar e todos/ olha eu fui assistir desfile até:: uns setenta e cinco anos(--)) depois não dá mais não(-) tinha que subir escada{s} na arquibancada(--)) olha até quase setenta eu fui LÁ mas na qua::dra eu ia sempre(--))eu ia sempre na quadra na PorTEla (--)) eh: [...]

As narrativas dos idosos são singulares e riquíssimas, pois são plenas ao colocar em evidência um contexto sociocultural de experiências vividas por eles. São informações que não se podem apagar porque fazem parte de uma identidade, de uma família, de uma comunidade, de uma cidade. Nesse particular modo de expressão, outro trecho nos chamou muita atenção, pois mostra a fala de uma informante de 90 (noventa) anos que, mesmo depois de tanto tempo participando das manifestações de carnaval, lembra com carinho das fantasias que para ela não eram luxuosas como na atualidade, mas traziam boas alegrias e diversão. Como se pode observar no fragmento a seguir:

F90ME: #00:23:40-4# olha não era tão luxuoso(-) como: era lá na Getúlio Vargas antigamente que não tinha ainda o sambódromo né? mas era divertido passava o bloco (-) tinha o bloco da da (--))agora eu não me lembro é de uma(--))eu não me lembro era muito divertido passava os blocos aí de crianças né? e tinha o clu:be onde eu dan:çava que eu frequentava o Mackenzie né? e levava as crianças ao baile eh:

Em outra narrativa, o informante M61LV fala do seu encantamento também pelo carnaval mais recente, em que recorda os grandes carros alegóricos:

M61LV #00:26:05-4# (--)) olha o carnaval em si eu gosto porque eu gosto assim fico encantado com aqueles carros alegórito{s}; né? a capacidade de eles monta{r} aquela: aquele carro parece uma coisa assim original né? então é mui/ eu acho muito bonito; [...]

Pelo que percebemos nas narrativas citadas, os idosos participaram de diversas modalidades no carnaval, como bailes fechados, blocos e desfiles na Av. Presidente Vargas e a grande festa atual no Sambódromo. Ainda mais festivo é o desfile nas ruas, uma grande alegria

que mistura todos os credos, classes sociais, homens, mulheres, moradores e visitantes. Boa parte dos nossos idosos entrevistados já desfilaram em escolas de sambas ou blocos de carnaval.

F65BT: #00:05:30-7# desfilei sete anos pela Beija-Flor (--) um ano pela:: Caprichosos de Pilares (--) dois anos (-) três anos pelo Salgueiro (3.3) e:::; um ano:: ah pela: (--) ah esqueci até o nome; (--) foi com uns amigos meus médicos
 F65BT: #00:06:05-2# a::mo (--) se bobeia{r} saio até hoje [...]
 F65BT: #00:36:55-5# ah o carnaval porque eu comecei a amosa[r] (--) co[m] meu ex-marido (-) nas escolas de samba (--) mas antes disso eu/ antes de eu desfilarmos ele ficava em casa e eu ia pros blocos

O carnaval do Rio é uma festa que agrega cultura popular da melhor qualidade e, desde sua criação, produz símbolos consagrados pela população como: Tia Ciata, Cartola, Ismael Silva, Cordão da Bola Preta, Estação primeira de Mangueira, Bafo da Onça, Portela, Salgueiro, dentre outros, que garantem o espetáculo, realizado atualmente no Sambódromo ou nas ruas entre os meses de fevereiro ou março, dependendo do calendário vigente, sentimento que prospera na paixão das pessoas e se renova a cada ano. Dos 12 (doze) entrevistados, grande parte nos conta algum episódio de sua relação com essa festa de tradição.

Na esfera da cultura, no exercício da vida social e encontro com amigos, outras festas além do carnaval marcaram a vida dos idosos entrevistados que se apresentam de forma ativa como atores e produtores de sua história, possibilitando interação com outras pessoas, não apenas da família, em uma contínua construção ativa de experiências agregadas às vivências. Podemos observar essa expressividade por meio das narrativas dos idosos F65BT (ir a “bailinhos” e participar do concurso de “miss primavera”) e M61LV (de participar de ‘festa junina’):

F65BT: #00:35:15-3# uh: na::da eu; (--) sempre gostei de dançar muito queria ir a todos os bailinhos (2.6)ah e me escrevi (-) no clube que eu era sócia (-) eu me escrevi não me escreveram pra concorrer a missi (-) é missi (--) primavera (--) ganhei

M61LV #00:28:18-5# (-) ah eu costume sim; quando tem e que eu to disponível se não for no dia de algum evento de alguma atividade eu gosto de participar sim; geralmente eu frequento porque eu gosto muito de me diverti{r} ((risos)) e a Festa Junina pra mim eh; acho maravilhoso;

Além das festas sociais na comunidade, sempre presentes nos vários bairros da cidade do Rio de Janeiro, a questão da moda marcou décadas no município porque até 1960 era a Capital do Brasil, porta de entrada para todas as novidades vindas de outros países. Alguns dos entrevistados nos contam o que perceberam sobre as vestimentas e calçados nesses últimos quarenta anos.

M67ST: #00:44:00-8# as pessoas usavam aquelas calças boca de sino um: um macacão um:: umas camiSEtas colorida{s} uma muita ro{u}pa colorida que a gente mesmo? costurava às vezes a gente pegava fo/ enfeitava aquelas ro{u}pas e (-) fa/ camisa botava enfeite ficava tudo uma coisa muito colorida

F87PS: #00:47:27-8# calça comprida isso(-) bEM algumas pessoas usavam EU usava mais vestido entendeu? e andei sempre de salto(-)por:que aonde eu trabalhava nós tínhamos(-)trabalhavam eu no meu setor trabalhava no setor de processamento de dados trabalhava/ tinha que ter uniforme daí assim tá e: usava salto assim e: sempre usei salto (-) e: por isso que agora eu tenho que/ não posso nem andar com sandália havaiana(-) que eu não ando (2.2)tem que ter saltinho aqui oh: salt/

F64BT: #00:26:23-2# nós pegamos a época dos Beatles com uns quinze dezesseis...

De acordo com Miranda, Garcia, Leão (2001, p.01), a “moda é um dispositivo social, portanto o comportamento orientado pela moda é fenômeno do comportamento humano generalizado e está presente na sua interação com o mundo”. Na narrativa, vemos que a influência de artistas também alcançava a geração de nossos idosos, ainda jovens àquela época.

Para Moura (2008, p. 37), a moda “é uma área de produção e de expressão cultural contemporânea”, que apresenta reflexos e referências que marcam uma sociedade, como a época dos Beatles, da Jovem Guarda, do Movimento Hippie dos anos 1960. Na cidade do Rio de Janeiro, temos o exemplo da artista Leila Diniz, que lançou moda em plena ditadura militar, sendo a primeira mulher brasileira a falar de sexo de maneira aberta na imprensa e a primeira grávida a usar biquíni na praia, revolucionando o pensamento e o comportamento feminino frente à cidade do Rio e ao mundo. Uma personagem da vida real que deu voz ao que veio a ser chamado de “feminismo”, lembrada na narrativa da Informante F64BT:

F64BT: #00:32:55-3# todas assim; (-) tinha toda{s} essas coisas aí teve BO: cas de si::no aí quando começo{u} entro{u} Be::athes entro{u} a época da da jovem guarda foi tudo junto né? (-) e começo(u) a revolução (-) começo{u} o o o tóxi{co} começo{u} a/ o lado Hippie (-) da situação: o (-) começo{u} o femiNIS::MO né de Leila Diniz e tudo foi tudo tudo dessa época

Outro ponto narrado pelos idosos entrevistados foi a questão das comidas típicas mais frequentes na cidade do Rio de Janeiro. O prato típico mais citado foi a feijoada, sem contudo deixar de aparecer a “dobradinha”, o “churrasco”, o prato básico de “feijão, arroz, salada”, “bacalhau” e o famoso “macarrão de domingo”. Pelo modo que nos contaram, constatamos também que o ato de comer é algo que vai além da alimentação funcional, com o poder de se constituir como domínio cultural dinâmico, que se explica pelo ato de transmissão, de geração a geração, traduzindo-se em cada pessoa pelo sentimento de afetividade e de pertencimento,

bem ao tipo: “eu como, logo gosto e pertencço”. Esses são sentimentos muito importantes aos idosos entrevistados.

F65BT: #00:09:13-5# cozi:do: feijoa::da:: da/ dobradi::nha:: (2.4) só comi::da light (-) ((risos))

F79LV: #00:36:33-8# ((haha)) claro que tem a fe{i}joada o cu{o}zido tudo tranquilo agora estão querendo bota{r} é: (-) é o: estrogonofe e a pizza né mas a fe{i}joada e:: tá em prime{i}ro luga{r} eu creio na aqui nos cariocas

F77PS: #00:28:34-3# ah:: a fe{i}joada né (-) fe{i}joda aí vem né? (-) o bacalhau que que (-) Semana Santa a tradiÇÃO né? o PE{i}xe (--) é isso: (igual) e o diário é o arroz o fe{i}jão a carne né? é a saladinha (-) ou o macarrão de domingo com a carne assada (-) né (-) uma batatinha pra enfeita{r} ((haha)) (2.6) a minha vida foi sempre assim muito simples então eu num tenho muita coisa assim pra conta{r} ((haha))

Ao destacarem a feijoada carioca, queremos trazer Câmara Cascudo, em seu livro *História da Alimentação no Brasil* (1983, p. 271), de que “a feijoada é um modelo aculturativo do cozido português, com o feijão e carne seca iniciais”. Há muitos anos, o autor já intitulava a feijoada como “o mais gloriosamente nacional”, e hoje entendemos que acabou sendo até mais do que Cascudo pronunciava. Há tempos, a feijoada, e de forma especial a feijoada carioca, conhecida como feijoada completa, feita com o feijão preto, variedade de carnes e todos seus acompanhamentos, é um alimento sobre o qual nos deliciamos e fazemos reflexões sobre a relação entre a iguaria e a cultural patrimonial brasileira. Acerca de outra temática, perguntamos aos idosos sobre a existência, na percepção de cada um deles, de uma linguagem própria da cidade, e alguns responderam da seguinte forma:

F77PS: #00:30:43-1# o sotaque que sinto assim ((ts)) (-) pessoal daqui digamo{s} desses arredores da Praça Seca (-) é um jeito (-) quem mora mais pra comunidade já são o{u}tro{s} tipo{s} de de (-) de de se expressa{r} (-) né (-) já se expressam bem diferente

M79LV #00:43:37-7# (2.2) ah sim; (-) existe; existe uma fala carioca como existe a fala paulista como existe a fala nortista; eh:: cada região tem um sotaque digamos assim próprio né? (-) isso já: (-) a gente percebe muito no sotaque do paulista do nordestino (-) quando vem recente a gente vê; existe;

F66ME #00:28:05-4# :sim eh: todo mundo fala fala que dizem que chia que né que o carioca chia ((inspiração)) é tanto é que quando eu vou a Porto Alegre fala ih: tá fa:lando (-) tá :chi::ando e aqui ainda apesar de tudo esse tempo tem pessoas que ((inspiração)) que notam que eu ainda tenho algum sotaque (-) e fala ih: você é :gaúcha ((reprodução da fala)) num; sei; o; que; eu falei é: é mais eu não sou não e quando eu vou até Porto Alegre eu volto com mais sotaque ainda

Pelas narrativas citadas se evidencia o conhecimento da existência de uma linguagem própria do Rio de Janeiro, diferente no modo de ser pronunciada mesmo nas diversas regiões da cidade (Informante F77PS), com uma tonalidade identificada como “carioca chia” (Informante M79LV), tom reconhecido em outros estados. Ainda nesses fragmentos, fica o

registro de que existe uma “fala carioca”, assim como existe uma “fala paulista”, “fala nortista” e que “cada região tem um sotaque, digamos assim, próprio” (Informante F66ME).

Conforme Callou (1999), a fala das pessoas do Rio de Janeiro se compõe como um conjunto de variedades regionais, decorrente de uma interação linguística, um mecanismo de comunicação social flexível e diversificado em todos os seus aspectos, utilizado por sujeitos oriundos de diversas partes, que contempla questões sociais, culturais e geográficas. Diante das narrativas dos idosos entrevistados, pudemos vislumbrar um retrato da cidade do Rio de Janeiro, ao longo dos últimos 40 anos, como um espaço de cultura dos idosos. Percebemos que vivem ativamente, interagindo com a comunidade onde moram e da vida social da cidade, nos pequenos eventos localizados ou dos grandes eventos.

Conforme o Censo Demográfico de 2010, a cidade do Rio de Janeiro tinha 14,9% da população marcada por idosos, o que a fez ser considerada a segunda capital mais idosa do país (IBGE – 2010), só perdendo para a cidade de Coqueiro Baixo, no Rio Grande do Sul. Hoje, certamente essa porcentagem já aumentou, e, certamente teremos novos número no próximo Censo Demográfico. Por isso, é importante falarmos sobre o idoso e sobre o envelhecimento no Brasil, uma vez que cada vez mais somos um país que tem essa faixa etária da população em constante crescimento. Conhecer a característica dessa população, suas memórias e seus anseios para uma qualidade melhor de vida, é um caminho oportuno para obtermos a cada dia melhores ações sociais, humanas, culturais e históricas a serem ofertadas aos idosos e a quem já está no processo inicial do envelhecimento.

Como exemplo de ação ofertada aos idosos na cidade do Rio de Janeiro temos o projeto desenvolvido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) intitulado “A Universidade Aberta da Terceira Idade-UnATI”, que tem o propósito, desde 1993, de atender à população com idade mínima de 60 anos, e visa a contribuir para a melhoria dos níveis de saúde físico-mental e social das pessoas idosas. O objetivo é ser um Centro de ensino, pesquisa, extensão, estudos, debates e assistência voltados para questões peculiares ao envelhecimento da população carioca. Compreendemos que o anseio maior do Projeto é contribuir para a transformação do pensar da sociedade brasileira sobre os seus idosos. De acordo com o site da (UnATI/ UERJ, 2019, p.4), a Universidade Aberta

conta com uma Coordenação de Projetos de Ensino estruturada em um Centro de Convivência para idosos que oferece cerca de 50 Cursos/Oficinas livres por ano - administrados por uma Coordenação Pedagógica, além de inúmeras atividades abertas como conferências, seminários, fóruns, workshops, palestras, encontros, grupos de estudos, rodas da saúde, aulas abertas, cine debate, café literário, exposições,

comemorações, festas temáticas, etc, promovidas pela Coordenação de Eventos Educativos e Socioculturais.

É necessário que se compreenda que o envelhecimento não é sinônimo de inutilidade e dependência, e que as pessoas idosas têm um certo grau de vulnerabilidade, muito natural se pensarmos na saúde mental e corporal, na composição físico-biológica do ser com idade mais avançada. É o primeiro direito à vida declarado no *Estatuto do Idoso*, no Título II, Cap. I, Art. 8º. “O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social” (BRASIL, 2003, p. 16).

Desse modo, é importante desenvolvermos uma cultura do cuidado, sustentável e que atenda às necessidades dessa população idosa. É na velhice que as pessoas deixam de exercer as funções laborais que exerceram em suas vidas com mais vigor e passam a se reinventarem, reorganizando-se, reprogramando-se no sentido de buscar o que fazer após a aposentadoria e, no decorrer da sua velhice, sentindo-se útil, vivaz e dotado de novas capacidades e habilidades, capaz de continuar participando das atividades na comunidade e na cidade, além de conviver e dialogar com outras pessoas, famílias e amigos, em especial.

Nessa primeira instância, ao trazermos as narrativas dos idosos de N. Sra. Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ), e nossa interpretação das narrativas, constatamos realidades distintas devido ao histórico de vida de cada um e do lugar em que vivem (MT – região definida como campo; RJ – região urbana); a estrutura da cidade em que habitam (MT – 7 mil habitantes; RJ 6,32 milhões) e a exploração econômica da região (MT – pecuária, agricultura, fabricação de queijos, ações comunitárias e de campo; RJ – maiormente composta por indústrias e serviços), para citar alguns contrastes. Contudo, os dois grupos de idosos comungam de alguns sonhos como percebidos em suas vozes narradas: de um dia constatar que o idoso é valorizado pelo que se produz na sociedade, pelas palavras que agregam valores e aprendizagem, sabedoria; e que o idoso tenha novas e outras oportunidades de emprego e seus direitos por lei assegurados e existentes na prática das instituições, municipais, estaduais e/ou federais.

Os idosos entrevistados nos mostraram um lado do envelhecimento que não nos remete a lugares comuns e estereotipados do envelhecimento, tão difundidos em nossa sociedade, mas a outro, repleto de leveza e alegria, fundamentalmente, quando rememoravam a história de sua vida mediadas por nossas questões de pesquisa. Esse processo nos possibilitou o entendimento de que o ato de envelhecer é natural, humano, social e repleto de memórias, tradições e histórias

próprias com todas as suas afinações e desafinações pessoais¹³.

No capítulo seguinte, apresentaremos os marcos referenciais e contextuais de nossa pesquisa, colocando em evidência o contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Comunidade Faval, lugar de fala dos idosos alunos de EJA na cidade de N. Sra. Livramento (MT) e também alguns apontamentos sobre a pesquisa Varia-Idade, lugar de fala dos idosos na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

¹³ Importante pensar que toda pessoa poderá alcançar mais idade, e, quando isso acontece, é sinal que viveu muito e é testemunha de muitas outras histórias. Nascer, viver e envelhecer: percursos de vida, e o que vem depois, vem depois e cabe a cada um.

2 MARCOS REFERENCIAIS E CONTEXTUAIS DE PESQUISA

“No hay edad para dejar
de estudiar, no hay edad
para dejar de sentir curiosidad”¹⁴
Ramiro Giménez

Neste capítulo, apresentamos um painel nocional sobre os marcos referenciais e contextuais empregados na pesquisa. Chamamos assim à realidade local, à base situacional, na qual vivenciam e participam os sujeitos de nossa investigação sociolinguística.

O primeiro marco se refere à cidade de N. Sra. do Livramento que acolhe os idosos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nossos sujeitos de pesquisa estudam em uma escola do campo, em salas anexas longe da sede principal da Escola Estadual José de Lima Barros (EEJLB), situada na Comunidade Faval, distante da cidade por cerca de 70 km. Apresentaremos o projeto educacional que atenda às pessoas da cidade, em especial sobre a EJA, amparada pelas políticas públicas estaduais e federais, mostraremos um panorama pelo viés dos documentos oficiais. Justificamos a inserção deste capítulo, pelo fato de os entrevistados de Mato Grosso serem idosos pertencentes a essa unidade escolar.

O segundo marco é de suma relevância no estabelecimento e na observação dos elementos sociais, culturais e históricos, que alimentam os aspectos comparativos dessa pesquisa sociolinguística, pois se refere à cidade do Rio de Janeiro e ao Projeto Interinstitucional “Varia-Idade”.

2.1 Primeiro marco: A cidade de N. Sra. Livramento, a escola Escola Estadual José de Lima Barros e o retrato da Educação do Campo e da EJA

Em nossa pesquisa, os alunos idosos estão vinculados à Comunidade Faval e matriculados na Escola Estadual José de Lima Barros (EEJLB), uma Escola do Campo, pertencente ao município de Nossa Senhora do Livramento, situado no povoamento de Cocais, fundada no século XVIII. Esse povoamento é datado do início do século XVII e os registros

¹⁴ “Não há idade para parar de estudar, não há idade para parar de sentir curiosidade”. Ramiro Giménez nasceu em Múrcia- Espanha em 1923, hoje é professor voluntário e aluno da Universidade de UNED - Tudela. Tem 96 anos, fala cinco idiomas e está aprendendo alemão. Ramiro é um exemplo de envelhecimento ativo.

dessa histórica região em grande parte foram perdidos, em 1930, quando o interventor Armênio de Moraes queimou todos os documentos e livros antigos da Prefeitura, argumentando que a partir daquele momento, estaria definida uma vida nova.

A Escola Estadual José de Lima Barros (EEJLB) está localizada na Comunidade Faval, a 70 km da sede do município, Nossa Senhora do Livramento (MT). Conforme o Projeto Político da Escola – PPP (2018), a unidade escolar foi criada em 15 de abril de 1961, pelo decreto n.º 85/61, publicado no Diário Oficial de 29 de dezembro de 1961. Sua autorização de funcionamento para o Ensino Fundamental foi atualizada pelo Ato 133/2012, publicado no Diário Oficial de 08 de Agosto de 2012, incluindo também o Ensino Médio. O fundador da EEJLB foi José de Lima Barros¹⁵, popularmente chamado na região de “seu Zeca”, um dos maiores pecuaristas e líder político da região entre os anos de 1950 a 1975, deixou um grande legado como prefeito do município no qual atuou por dois mandatos (1955/1959 e 1967/1970).

A comunidade é constituída por pequenos produtores de terras cujo sustento advém do cultivo, do trabalho em fazendas ou da atuação no trabalho público, como funcionários da própria escola. A renda na comunidade é baseada na agricultura familiar com a produção de mandioca (aipim, nome mais popular utilizado nas regiões sudeste e macaxeira no nordeste), banana e hortifrutigranjeiro, ou seja, produtos cultivados simultaneamente em hortas, pomares e granjas. Os produtos são escoados nos grandes centros de Mato Grosso, como Cuiabá e Várzea Grande. Também, no município, há a Associação dos Pequenos Produtores Rurais que auxiliam a comunidade nas diversas demandas relacionadas à terra e ao seu cultivo. Outra fonte de renda é a própria escola que tem em seu quadro 80% de moradores da Comunidade, dos quais boa parte conseguiu, em 1993, a efetivação na rede pública. Atualmente, uma parcela desses funcionários já está aposentada.

Na Educação do Campo voltada para a Educação de Jovens e Adultos na Escola Estadual José de Lima Barros, em especial, para os idosos, a metodologia é organizada de maneira diferenciada na política pedagógica do Ensino Fundamental, pois adota um trabalho que prioriza a formação participativa dos alunos e sua integração familiar dentro da sociedade. A pretensão é orientar os sujeitos sobre seus direitos e seus deveres. A escola investigada vê os idosos da EJA como cidadãos protagonistas inseridos em um processo de transformação, que articula estudos teóricos, incentivo a pesquisas e a atividades práticas aos saberes locais e cotidianos desses educandos do campo.

¹⁵ O líder político `seu Zeca` faleceu aos 88 anos, em 1989, no município de Várzea Grande (MT), onde viveu seus últimos anos com a família.

Nesse vislumbre de Educação e diretrizes, observamos que a Escola Estadual José de Lima Barros está intrinsecamente ligada à comunidade local, uma vez que os trabalhos pedagógicos são bem organizados mediante inserção da comunidade escolar. Podemos conferir tal afirmação no Projeto Político Pedagógico – PPP (2018) da escola que salienta a importância da comunidade como:

parte inseparável de cada passo, de cada ação didático-pedagógica. Necessita de envolvimento da família, do estudante e dos diferentes sujeitos que atuam na escola. É um processo contínuo, participativo, com função diagnóstica, prognóstica e investigativa, cujas informações propiciam o redimensionamento da ação pedagógica e educativa, reorganizando as próximas ações do educador, do coletivo do Ciclo e mesmo da escola, no sentido de avançar no entendimento e desenvolvimento do processo de aprendizagem (EEJLB, 2018).

A escola desenvolve um trabalho bastante envolvente com a comunidade, a ponto de as famílias dos alunos se sentirem à vontade no ambiente escolar. Essa organização pode favorecer um processo de aprendizagem mais eficaz e dialógico, uma vez que a Educação do Campo é feita da diversidade de múltiplos olhares de sujeitos históricos, culturais, sociais, políticos e econômicos. Nesse contexto da Educação de alunos idosos na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma pedagogia centrada na interação é fundamental para a aprendizagem, pois possibilita a integração de inúmeros saberes e experiências que favorecem o aprendizado.

A EEJLB, como todo espaço escolar, identifica-se pelos seus sujeitos com traços identitários e alteritários próprios. São pessoas de diferentes idades, famílias diversificadas em sua formação e sua composição, de diferentes naturalidades porque nem todos nasceram na região, mas que, juntos, constroem e formam a cidade onde moram, constituições que colorem todas as manifestações na cidade. A localização da unidade escolar é definida como escola do campo e, por isso tem por finalidade ofertar ensino sistematizado e formação adequada à realidade local, principalmente, atender às pessoas que vivem na região e trabalham sem medir esforços para ampliarem e melhorarem a economia da cidade, conseqüentemente, colaborando com o Estado de Mato Grosso, considerado o maior produtor de grãos do país.

Nesse traçado de escola do campo, a unidade agrega ideais de articulação para que seus alunos jovens, adultos e idosos se organizem e saibam conduzir com clareza e objetividade sua formação escolar, lhes proporcionando espaços de aprendizagem diferenciadas para atender o objetivo maior que é educar e levar conhecimento aos alunos, além de colaborar para a inserção no mercado de trabalho. Procuram alterar a própria história de cada um, pela ausência dos

estudos em tempo regular de aprendizagem ou mesmo modificando os caminhos que não foram oportunizados aos pais desses alunos, por inúmeros motivos. No Brasil, ouvimos muitas histórias de famílias que viviam afastadas do município, enfrentando muitas dificuldades para chegarem aos grandes centros (muitas atualmente vivem a exemplo de nossos idosos entrevistados do município de N. Sra. do Livramento), em que havia poucas condições para o estudo, por motivos pessoais de cada morador ou mesmo devido à ausência de escolas locais, um problema do sistema público governamental.

Retornando a apresentação da EEJLB, vale ressaltar que a modalidade do Ensino Fundamental do Campo segue as instruções legais da Base Nacional Comum (documento de caráter normativo) e a política do Estado de Mato Grosso na forma de Ciclo de Aprendizagem com ênfase nas Ciências e Saberes do Campo. Para incluir as noções básicas do currículo da escola, buscam-se estabelecer discussões que reverberam a realidade social e cultural da comunidade local.

Dessa forma, o trabalho pedagógico voltado para as Ciências e os saberes do campo demonstra que as áreas de conhecimento têm um grande desafio para a construção de uma escola democrática que valorize a identidade desses moradores. A comunidade escolar convive com o desafio da construção teórica e prática que fortaleça e potencialize, cada vez mais, a aprendizagem dos alunos a partir dos conhecimentos advindos das experiências comunitárias, agregando-as às áreas de conhecimento (Linguagem, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática). Esse modo de articulação de saberes, tanto da comunidade quanto da cientificidade resulta em ações pedagógicas significativas e diferenciadas que podem colaborar não só com pessoas que ali estudam, mas também com a comunidade e a cidade de forma geral, uma vez que possibilita a transformação humana, conseqüentemente, da realidade social local.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico – PPP da EEJLB (2018), instrumento de identidade da unidade escolar, por estar em um contexto de escola do Campo, a matriz curricular do Ensino Fundamental da EJA é organizada para atender o aluno em três ciclos e apresenta cargas horárias diversas para desenvolver tal matriz curricular, atende muitas comunidades do Campo, inclusive as salas anexas, no caso, aquelas turmas que pertencem ao quadro da escola, mas cujas aulas são ministradas em outros espaços, geograficamente falando. Essas salas “anexas” se localizam distantes da sede central da EEJLB justamente porque a escola atende às demandas de ofertar educação às pessoas que moram afastadas do centro da cidade.

O (PPP) da EEJLB deixa claro que o direito de aprender dá acesso ao desenvolvimento de habilidades e de competências sistematizadas e orientadas pelo docente. A escola busca trabalhar as habilidades e as competências dos alunos para que alcancem proficiência e domínio do processo de leitura, de interpretação e de escrita. A EEJLB é um exemplo de integração de saberes sociais e culturas locais com os saberes escolares. Há um movimento de integração não apenas dos saberes e culturas dos alunos, mas dos próprios professores que também fazem parte da comunidade local.

Nesse contexto, refletir sobre as questões culturais de um povo, ou melhor, da Comunidade de Faval em que pesquisamos, especificamente, da EEJLB, passa pelo entendimento e pela consideração de que se trata de uma realidade social diversa que só pode ser expressa com mais propriedade por aqueles que a vivenciam. É o momento em que almejamos escutar os alunos idosos da EJA para nossa pesquisa. Entendemos, contudo, dentro dessa realidade local, que a Educação do Campo é uma noção que provoca uma discussão bastante ampla. De acordo com Molina e Sá (2012, p. 324):

Escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da Educação do Campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto da luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. Trata-se, portanto, de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no campo.

As noções “do e no campo” precedem, visto que devem ser a base para se pensar em políticas públicas. Caldart (2008, p. 77) assevera que: “Na Educação do Campo, o debate do campo precede o da Educação ou da Pedagogia, ainda que o tempo todo se relacione com ele”.

Em se tratando de Educação do Campo, há uma carência ainda maior da valorização das especificidades relacionadas às pessoas que lá habitam. Roseli Caldart (2001) ressalta que a escola é muito mais que uma escola quando se trata das lutas dos trabalhadores do campo, pois além do local de aprender de forma mútua na interação com professores, alunos e comunidade escolar, ela oportuniza a constituição da identidade desses sujeitos do campo de maneira a valorizar a cultura e suas diversidades locais.

A EEJLB apresenta grande integração com a comunidade, tendo em vista que os alunos tanto da Educação de Jovens e Adultos como aqueles matriculados na modalidade de ensino regular pertencem às diversas comunidades do mesmo município. Observamos, nas entrevistas realizadas com os alunos da EJA, que os trabalhos pedagógicos realizados tanto na escola sede como nas salas anexas, consideram muito as questões socioculturais dos habitantes da região.

Ao se trabalhar a cultura local, preserva-se e dissemina-se a cultura advinda do Vale do Rio Cuiabá (ou Baixada Cuiabana), vinculada às tradições de povos indígenas e afrodescendentes.

A maioria dos habitantes é descendente de negros por causa da existência de territórios quilombolas na região; um dos mais conhecidos se chama “Comunidade Quilombola de Mata Cavallo”. A região também apresenta característica própria de fala e de religiosidade como a devoção aos Santos, mais especificamente, a São Gonçalo e a São Benedito. As questões da diversidade cultural e social na EEJLB são trabalhadas e prestigiadas nos eventos escolares e nas festas folclóricas e dos Santos. A festa folclórica é realizada uma vez por ano e as Festas de Santos, nas datas comemorativas, organizadas com grande participação dos professores que moram na região, juntamente com os familiares que também lá vivem. De acordo com as falas dos entrevistados, as festas são bem harmoniosas, respeitando o direito e as diversidades de cada indivíduo.

Na Escola Estadual José de Lima Barros, procura-se lidar com a aprendizagem diariamente, ou seja, o aluno da EJA e demais alunos de outras modalidades são avaliados permanentemente porque há entendimento de que a aprendizagem se dá de forma contínua e é uma ação humana concreta, contextualizada, portanto vivenciada no cotidiano da escola na construção da formação humana. A EEJLB investiga e assessora cada aluno em seu processo de construção do saber, planejando estratégias necessárias para que as mediações dos educadores harmonizem o desenvolvimento humano da aprendizagem.

Os cursos da EJA são realizados em tempo parcial e noturno. A maioria está organizada na modalidade de Educação de Jovens e Adultos destinada, em sua maior parte, a estudantes trabalhadores, com maior maturidade e experiência de vida. A escola possui vinte e cinco turmas de EJA, sendo três localizadas na sede principal e vinte e duas turmas em salas anexas espalhadas em diferentes comunidades, distantes umas das outras e da escola sede. A modalidade Educação de Jovens e Adultos do Campo contempla o Ensino Fundamental e Ensino Médio da EJA, respeitando a legislação de Educação de Jovens e Adultos.

O currículo da EEJLB, de acordo com o PPP (2018, p.12), contempla “Experiências escolares que se edificam em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, articuladas pelas vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente construídos e contribuindo para construir as identidades dos alunos”. Nesse horizonte de definição, o currículo configura-se como um conjunto de práticas que proporcionam a produção, a circulação e a troca de significações no espaço social em que os alunos da EJA vivem e participam ativamente.

Pensando nessas vivências, a EEJLB delineou a matriz curricular da modalidade EJA Campo Ensino Fundamental (1º e 2º Segmento) e EJA Campo Ensino Médio (1º e 2º Ano). A maioria das turmas compõem salas multisseriadas e salas anexas distantes da Escola Sede em torno de 12 a 120 km. Essa modalidade de Educação Básica segue a Resolução 005/2011 do CEE/MT e a Legislação preconiza a organização da metodologia da Pedagogia da Alternância, Educação Modular, observando as especificidades da comunidade local, agregando seus valores culturais, econômicos e sociais no currículo da escola.

Na EEJLB, a Educação do Campo é organizada de maneira diferenciada na política pedagógica do Ensino Fundamental. A metodologia adotada opta pela formação participativa dos estudantes e sua integração com a família e a sociedade com objetivo de orientar os alunos diante dos direitos e deveres.

Os saberes práticos são vivenciados junto às famílias na execução das atividades e das teorias aprendidas na escola durante a troca de experiência dos conteúdos ensinados, possibilitando a interação de alunos, da família, da comunidade e da escola. Na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), o ensino parte da realidade socioeconômica ambiental vivenciada pelos alunos e o tipo de atividade contempla a agroecologia no seu caráter social. Outro ponto importante na EEJLB é a cultura e a história camponesa, ribeirinha, pantaneira, indígena, quilombola entre outras realidades que integram a diversidade que constituem a Educação do Campo de maneira dialogada e interdisciplinar.

As ações participativas auxiliam nas práticas de cidadania e apresentam o fortalecimento das práticas sociais. A aprendizagem crítica e participativa evidencia-se no envolvimento dos educandos nos projetos desenvolvidos pela escola. Todas as atividades na EEJLB ocorrem por meio da interação que valoriza o aprendizado e o conhecimento do aluno de maneira contínua e espontânea. Com esse método de avaliação, pode-se constatar um número menor de evasão escolar, segundo a observação da equipe gestora. O aluno se sente valorizado no seu espaço escolar quando aproveitados seus talentos e conhecimentos advindos da sua prática cotidiana.

2.2 Base Estadual, Nacional da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ponderações sobre a BNCC - recortes

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino amparada por lei e voltada para atender pessoas que não tiveram acesso ou oportunidade, por algum motivo pessoal, ao ensino regular na idade adequada. Segundo Haddad e Di Pierro (2000), a Revolução de 1930 foi um marco na reformulação do papel do Estado nas políticas educacionais no país e no modo como a Educação era entendida. A Constituição Federal de 1934 estabeleceu a criação de um Plano Nacional de Educação que indicava, pela primeira vez, a Educação de adultos como dever do Estado, incluindo em suas normas a oferta do ensino primário integral, gratuito e obrigatório para adultos.

Na década de 1970, sob a ditadura militar, marca-se o início das ações do Movimento Brasileiro de Alfabetização – o MOBRAL, constituía-se em um projeto com o propósito de acabar com o analfabetismo em apenas dez anos. As pesquisas publicadas destacam que, após esse período, “quando já deveria ter sido cumprida essa meta” (SEDUC, 2009, p. 113), o Censo divulgado pelo IBGE registrou 25,5% de pessoas analfabetas na população de 15 anos ou mais.

No ano de 1971, ocorreu a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692 e, no mesmo ano, foi implantado o ensino supletivo em todo o país, com o propósito de ser um modelo de Educação do futuro, atendendo às necessidades de uma sociedade em processo de modernização. O objetivo era “escolarizar um grande número de pessoas, mediante um baixo custo operacional, satisfazendo às necessidades de um mercado de trabalho competitivo, com exigência de escolarização cada vez maior” (SEDUC, 2009, p. 113).

No início da década de 80, a sociedade brasileira passou por grandes transformações políticas e evidenciou o fim da ditadura militar e o início do processo de redemocratização. Em 1985, o MOBRAL foi extinto, substituído por outra Fundação intitulada EDUCAR. Com a Constituição de 1988, podemos dizer que houve avanços significativos para a EJA: o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, passou a ser garantia constitucional também para os que a ele não tiveram acesso na idade apropriada.

Diante da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de n.º 9394/96, ficou definida a integração da EJA à Educação Básica - observada a sua especificidade. Com a nova LDB, aprovou-se a flexibilidade da organização da Educação Básica, inclusive a aceleração de estudos e a avaliação de aprendizagens extraescolares entre muitos outros fatores

pertinentes à EJA. Estabeleceram-se as idades de 14 e 17 anos para o Ensino Fundamental e Médio, respectivamente, e, além disso, diminuíram, no documento, a idade mínima para que os participantes interessados pudessem acessar os Exames Supletivos (15 anos para o Ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio).

Nesse panorama, a EJA também é organizada de acordo com o Parecer n.º 11/2000 e a Resolução n.º 01/2000, ambos do Conselho Nacional de Educação, documentos que apresentam o novo paradigma da EJA. Da concretização de diretrizes, podemos relembrar aqui as reflexões disseminadas pelo educador Sérgio Haddad que corroboraram para a melhoria e a estruturação da escolarização de jovens e adultos em nosso país, trabalho e pesquisa que vêm sendo desenvolvidos desde a década de 60. Para uma qualidade nessa modalidade de Educação era necessário:

[...] extinguir o uso da expressão supletivo; restabelecer o limite etário para o ingresso na EJA (14 anos para o Ensino Fundamental e 17 anos para o Ensino Médio); atribuir à EJA as funções: reparadora, equalizadora e qualificadora; promover a formação dos docentes e contextualizar: currículos e metodologias, obedecendo os princípios da Proporção, Equidade e Diferença; e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (HADDAD, 2002, p. 67)

O novo paradigma, a nova compreensão para o currículo da EJA também traz, como objetivo, oferecer aos jovens e aos adultos uma alternativa de atendimento na forma direta, possibilitando-lhes a ampliação da escolarização (Ensino Fundamental e Ensino Médio). Além disso, pretende promover a autonomia dos jovens e dos adultos, de modo que se tornem sujeitos do aprender e se apropriem do mundo do “fazer”, “conhecer” e “agir”, atos que os possibilitam na organização do seu tempo escolar. A EJA não se restringe apenas à escolarização, ela abrange o modo de acesso à escola, à produção do conhecimento nos mais diversos contextos e espaços de convívio social.

Nesse contexto, um pouco depois, foram elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCN) que resultam de um processo social longo por meio do qual se buscou incluir os alunos da EJA na escolarização. O documento propõe um ensino qualificado para o estudante da EJA a fim de oportunizar currículo e espaços para o desenvolvimento de habilidades e de competências. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos preconizam a função reparadora da EJA no sentido de propiciar escolarização e aprendizagem a pessoas que não tiveram oportunidades no tempo adequado. Ela precisa contemplar com atitude a forma de ensinar, possibilitando novas inserções no

mundo do trabalho, na vida social, entre outros ambientes importante para a formação humana. Também preconizam a formação voltada para a solidariedade, a igualdade e a diversidade.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos, o educador, pedagogo e filósofo Paulo Freire é uma grande referência no Brasil e no exterior, conhecido como o “pai” da EJA. Uma de suas obras, intitulada *Pedagogia do Oprimido* (2019 [1968]), faz uma importante reflexão sobre o sofrimento das pessoas por causa do processo de desumanização imposto pelo opressor a seus oprimidos. Entende que a liberdade precisa ser observada e sentida tanto pelo opressor como pelo oprimido. Para ele, a libertação do estado de opressão é uma ação social, que não pode acontecer de forma isolada. Em outras palavras, Paulo Freire (2019 [1968]) afirma que o homem é um ser social e, por isso, a consciência e a transformação do meio devem ocorrer no contexto social.

Dessa forma, a Educação de Jovens e Adultos não se atém apenas ao percurso de escolarização, mas à trajetória pessoal de cada sujeito, à vida cruzada com a aprendizagem escolar, pois todo ser humano vivencia experiências nos espaços da vida, com consciência da construção social que realiza e da perspectiva cidadã a que tem direito. A escola, nesse sentido, é também um espaço de construção e de constituição social e singular para a formação humana e cidadã. Diante disso, a Educação de Jovens e Adultos carece de um planejamento pedagógico diferente das demais modalidades de ensino, uma vez que o currículo deve contemplar metodologias de ensino alinhadas à realidade de vida e de experiência dos alunos, em particular, dos alunos idosos com mais de 60 anos.

O educador Paulo Freire (2019[1968]) mostrou consciência dessa realidade, da necessidade de que a Educação deveria ser oferecida a todos, principalmente aos que não lograram a oportunidade de estudar na infância, como o caso dos idosos. Ele argumenta, ainda, sobre a importância de uma alfabetização que integre a realidade do sujeito. O aluno deve ser autor de sua aprendizagem, uma vez que aprende com o professor (aprendizagem sistematizada e normativa) e vice-versa, em que o professor aprende com o aluno (aprendizagem da vida, troca de experiências e saberes populares). Quando o assunto está ligado à Educação de Jovens e Adultos, essa relação professor e aluno é perceptível em sala de aula por meio dos diálogos, por palavras, textos orais ou escritos e/ou por comportamentos, linguagem corporal, atos que constituem uma rede dialógica de relacionamento e muitas aprendizagens.

Para Arroyo (2001), os olhares sobre a condição social, política e cultural dos alunos da EJA têm ensinado as diversas concepções da Educação que lhes é oferecida, os lugares sociais

a eles reservados, tais como marginais, oprimidos, excluídos; também têm determinado o lugar reservado à sua Educação no conjunto das políticas públicas oficiais.

Os alunos da EJA, em sua maioria, particularmente os alunos idosos da Escola Estadual José de Lima Barros (EEJLB), são trabalhadores e, na maioria das vezes, a experiência com o trabalho começou quando eram muito jovens. Desse modo, entendemos que se deve valorizar a existência de toda a sabedoria no sujeito, advindo de sua experiência de vida e conhecimento cultural, pois tal valorização contribui para que resgate uma autoimagem positiva, fortalecendo a autoestima e autoconfiança.

O professor é fundamental para possibilitar ao aluno maiores aprendizagens porque parte dos conhecimentos prévios para oportunizar a aprendizagem de conhecimentos novos. Fomenta-se, assim, o encontro dos saberes da vida prática com os saberes escolares. Como dizia Paulo Freire (1992, p. 11), “a conscientização precede a alfabetização, a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Por isso, não se deve restringir o conhecimento aos saberes da comunidade, mas reconhecer a legitimidade do saber popular, da cultura da comunidade, de suas crenças. O importante era estabelecer relações entre o saber primeiro e o saber sistematizado, científico, entre diferentes saberes e experiências, tendo por base critérios de relevância social e cultural.

Os PCN propõem que os alunos da EJA façam uma reflexão sobre a língua e possam desenvolver habilidades intelectuais para compreender o contexto em que estão inseridos, de forma a participarem com eficiência de uma situação de comunicação. E ao participarem da EJA, retomando as atividades escolares, os alunos idosos tomam para si a experiência de um novo tempo, um tempo de recomeço, de construção de novos diálogos, novos amigos, novos encontros na vida, algo que não puderam realizar na juventude. A EJA é um espaço de interação que agrega possibilidade de encontros diversos ao aluno idoso.

Nesse entendimento, o método de Paulo Freire (1980) fomenta condições de Educação para os alunos dessa modalidade de ensino. A alfabetização não se deve limitar a atividades mecânicas. Assim, todo aprendizado necessita relacionar-se e atender situações concretas do aluno. Um dos seus objetivos maiores era a conscientização do sujeito sobre sua própria realidade, de forma a transformá-la. A proposta de Educação freiriana serve de ferramenta para a autossuficiência, uma vez que prioriza o diálogo e a interação entre professor e aluno, bem como a consideração e a valorização dos saberes prévios do aluno para que novos conhecimentos sejam construídos a partir dos conhecimentos já apropriados ao longo da vida.

Os protótipos curriculares, quando buscam garantir o diálogo e a interação, possibilitam a aprendizagem dos conceitos escolares, conhecimentos científicos e formais, mas também colaboram para a convivência social guiada pelos princípios da solidariedade, respeito às diversidades e à construção de uma comunidade participativa e cidadã.

Nessa perspectiva, no ano de 2014 houve muitas discussões em uma reunião organizada pelo MEC em torno da elaboração do novo Plano Nacional de Educação (PNE), e, concomitantemente, começou-se a discutir as primeiras ideias sobre a criação de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pensando-se em um documento organizado por direitos e objetivos de aprendizagem e de desenvolvimento.

As ideias de criação da BNCC foram embasadas pela Constituição Federal (CF), no artigo 205, como direito visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, e no artigo 210, em que se reconhece a necessidade de fixar conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental; pela Lei de Diretrizes e Base (LDB) de 1996, inciso IV, artigos 9º, em que se versa sobre as competências e as diretrizes para a Educação Básica, com função de nortear os currículos e seus conteúdos mínimos, orientados por uma definição de aprendizagens essenciais. Nesse inciso, a LDB apresenta os dois conceitos para o desenvolvimento curricular, ou seja, um modo de ver as “competências e diretrizes” como básico-comum e os currículos como diversos e múltiplos, atendendo à modalidade de ensino e ao público-alvo.

Outro documento de embasamento da BNCC é constituído pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) 2010, pela Lei 13.005/2014 que promulgou o Plano Nacional de Educação (PNE) e, por fim, o documento de 2017, alterando a LDB/1996 por força da Lei 13.415/2017 em que a legislação Brasileira passa a utilizar simultaneamente duas nomenclaturas para se dirigir às finalidades da Educação: Art. 35-A, em que a BNCC definirá “direitos e objetivos de aprendizagem” e no Art. 36 §1º, em que se define a organização das áreas e das respectivas “competências e habilidades”. Duas maneiras diferentes que designam o comum em termos de conhecimento que os alunos devem aprender durante a Educação Básica.

De acordo com informações do Ministério da Educação (MEC), a BNCC, elaborada à luz do que diz os PCN e as DCN, é mais específica e determina com mais clareza os objetivos de aprendizagem para todos os alunos tanto de escolas públicas quanto privadas. É documento obrigatório em todos os currículos de todas as redes do país, ao contrário dos documentos nacionais os PCN, as DCN e os documentos estaduais, como as Orientações Curriculares para

a Educação Básica de Mato Grosso (OC), documentos orientadores e não obrigatórios nas redes.

Por meio da BNCC, almeja-se indicar objetivos que possibilitem o desenvolvimento intelectual e proporcione aos educandos desenvolvimento das dez competências gerais no percurso da Educação Básica, as quais deverão ser desenvolvidas desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Essas dez competências estão imbricadas e dispostas por: 1. Conhecimento (processo de construção do saber), 2. Pensamento científico, crítico e criativo (desenvolvimento do raciocínio), 3. Repertório cultural (produção artística autoral do aluno), 4. Comunicação (novos entendimentos dos textos para além da linguagem verbal), 5. Cultura digital (o saber e o bom uso das tecnologias), 6. Trabalho e projeto de vida (a gestão de desejos e objetivos na vida), 7. Argumentação (exercício do argumentar em todas as disciplinas/áreas do conhecimento), 8. Autoconhecimento e autocuidado (o saber sobre cuidados físicos e emocionais), 9. Empatia e cooperação (desenvolvimento social), 10. Responsabilidade e cidadania (o agir ético, responsável em prol da construção de uma sociedade mais justa e solidária).

As competências descritas na BNCC não requerem criação de aulas específicas para tratar delas, nem mesmo que sejam transformadas em componentes curriculares, mas que tais competências devam atravessar a vivência do aluno na escola, em cada ano da Educação Básica. Algo que deve ser pensado, refletido e estar presente no currículo no PPP da escola, compondo o processo de ensino e de aprendizagem, incorporadas, portanto, as ações do cotidiano escolar.

O MEC explica que o anseio é que as escolas deixem de ser apenas transmissoras de conteúdos e que promovam o desenvolvimento atitudinal dos alunos para aprenderem a conviver com questões emocionais, culturais, tecnológicas entre outras, como vislumbramos por meio das dez competências apresentadas acima.

Desse modo, após a reflexão inicial sobre a Base Nacional Comum Curricular - BNCC e sua constituição aprovada e homologada em sua terceira versão (que inclui o Ensino Médio), portanto, pronta para orientar a construção ou a reconstrução do currículo nas escolas para toda a Educação Básica, passamos a observar o que versa a BNCC sobre a Educação de Jovens e Adultos - EJA, modalidade que se configura como alternativa para atender os sujeitos que, por algum motivo, não coabitaram a escola na idade correta, conforme é definido na Lei 9.394/1996 (LDB). Notamos que tanto a Constituição Federal (CF) de 1988, quanto a LDB de 1996, apresentam em seus textos a importância destinada à Educação de Jovens e Adultos, do direito ao estudo àqueles que não tiveram oportunidade de frequentar ou nem mesmo terminar o ensino

na idade apropriada. A emenda constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, modificou o artigo 208, inciso I, da CF/1988 e traz que: “I – educação básica e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos aqueles que a ela não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988, p. 122).

Tendo em vista os diversos problemas enfrentados pelas pessoas com idade maior de 18 anos, a LDB/1996 determina e expõe que

Art. 37. § 1º: Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 1996, art. 37).

Por esse viés, surge o direito de importância fundamental ao acesso à Educação formal no Brasil para jovens, adultos e idosos. Com isso, compreendemos a importância da Educação para o Brasil e todo o mundo como algo intransferível a cada pessoa. Consideramos de grande relevância os artigos 37 e 38 da LDB/1996 quando determinam que

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.
[...] § 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. § 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.
Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular (BRASIL, 1996).

Assim, como já preconizado desde a CF/1988, não podemos pensar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma modalidade de complemento educacional, mas como uma modalidade com toda sua especificidade e necessidade de organização e de sistematização em relação ao tempo, ao espaço, a estrutura e ao currículo que sejam adequados ao público da EJA.

Ressaltamos que a modalidade agrega um público específico e peculiar, repleto de vivências, experiências e expectativas voltadas ao conhecimento, tendo em vista que a maioria dos jovens, dos adultos e dos idosos ficaram muito tempo afastados dos bancos escolares. São alunos que trazem uma educação viva, madura e requerem um currículo diversificado direcionado às práticas e às vivências dessas pessoas mais vividas e de acordo com sua realidade social, histórica e cultural, levando-se em conta também os aspectos regionais.

Na parte introdutória da BNCC, podemos ler e constatar que, quando se aborda a articulação entre a Base e os currículos, o MEC expõe que tanto a Base quanto o currículo exercem papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para a

Educação Básica, pois se baseiam nas decisões coletivas que elaboram o currículo e o tornam vivo, um currículo em ação, em movimento. As decisões, por meio das redes de ensino ou das escolas, considerando suas autonomias, deverão ser tomadas em prol de adequar as proposições da BNCC à realidade local, levando em conta o contexto e as características dos alunos.

Nessa orientação, a Base apresenta ações que compõem algumas dessas decisões a serem tomadas na coletividade: contextualizar os conteúdos, decidir sobre formas de organização interdisciplinar, selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas complementares, conceber e pôr em prática situações para motivar os alunos nas aprendizagens, construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa, selecionar e avaliar recursos didáticos, criar e disponibilizar materiais de orientação, manter processos contínuos de aprendizagem etc. (BASE, p. 16-17). O MEC esclarece que

Essas decisões precisam, igualmente, ser consideradas na organização de currículos e propostas adequados às diferentes modalidades de ensino (Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola, Educação a Distância), atendendo-se às orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2018, p. 17).

Em suma, especificamente sobre a modalidade de EJA, a BNCC não apresenta determinações de procedimentos ou práticas didáticas para o trabalho com alunos da EJA, o que significa que a responsabilidade continua a ser das redes de ensino e de cada unidade escolar, como já praticado anteriormente à existência da Base, seguindo as determinações expressas pela CF/1988, pela LDB/1996, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Básica (DNC).

Nesse sentido, o que se preconiza na BNCC deve ser levado em consideração na organização dos currículos, na atualização ou reelaboração do Projeto Político Pedagógico e das propostas adotadas pelas redes de ensino e das escolas de forma adequadas não só para a EJA, mas as demais modalidades atendidas em cada rede e escola.

Diante dessas considerações, o que devemos pensar sobre a Base em relação à modalidade EJA? Primeiramente, devemos entender que a Base apresenta o que os alunos têm direito aprender (o que ensinar em cada ano da Educação Básica) e os objetivos que precisam ser alcançados. A Base não descreve objetivo de aprendizagem pensando o *aluno* em sua particularidade (diversidade humana, social, cultural, histórica), mas em etapas da vida (criança, adolescentes, jovens e adultos) e nem fala em espaço, estrutura escolar e metodologias. Diante disso, todas as redes de ensino e escolas precisam construir e/ou reconstruir o currículo, passando pela definição dos princípios de cada rede de ensino e da própria escola, *do como*

ensinar (as estratégias metodológicas) para o desenvolvimento das propostas na BNCC. A reformulação e a readequação do currículo devem acontecer, concomitantemente, com o ato de elaboração e/ou reelaboração do Projeto Político Pedagógico da Escola, movimento que requer participação de toda a comunidade escolar, pois pretende ser uma construção colaborativa.

A BNCC é normativa e será implementada até início de 2020, iniciando-se pela BNCC para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Até lá, os sistemas de ensino devem orientar sua rede a como realizar o trabalho de implantação da BNCC via escola, via currículo, via comunidade escolar. Assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Diretrizes Nacionais Curriculares (DNC), a Base é um referencial de habilidades essenciais para toda a Educação Básica, valores, atitudes e conhecimentos e, como dissemos, não comporta orientação metodológica, procedimentos esses que ficam a cargo das redes e das escolas, do professor em sala de aula, que pode ter a Base como referência para o planejamento de aulas.

Vale ressaltar que, desde a implantação dos PCN e DCN, nas últimas décadas, os Estados e Municípios vêm elaborando currículos para as suas respectivas redes de ensino, especialmente para atender às especificidades das diferentes modalidades. Em Mato Grosso, a SEDUC elaborou as Orientações Curriculares para Educação Básica de Mato Grosso (SEDUC, 2010) descrevendo as orientações para todas as modalidades. Aqui destacamos o documento direcionado à EJA, dispondo também de materiais de apoio e de formação continuada aos professores da rede.

Nesse quadro de atuação, vemos que a BNCC, mesmo não trabalhando e apresentando propostas para a implementação do currículo específico para a EJA, mostra propostas para o Ensino Fundamental e Médio bem descritas, não limitadas, em se tratando das áreas de conhecimento e de componente curricular (disciplinas), que podem funcionar como ponto de partida para o planejamento das aulas e da reformulação dos currículos em todas as modalidades de ensino, incluindo entre elas, a EJA.

Como readequar as proposições da Base ao ensino na modalidade de EJA? Eis uma das questões que surgem pelo caminho na hora de readequar o currículo, momento que está acontecendo nos Estados e Municípios. Para pensar sobre isso, pesquisamos o proposto, para o Ensino Fundamental, na área de linguagens.

Na BNCC, a organização do currículo passa pela articulação das práticas de linguagem situadas (tratadas como eixos: leitura de textos, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica) e é dada por campos de atuação, em que as práticas se realizam. Os

campos de atuação centram-se a contextualização do conhecimento escolar, derivadas de situação da vida social, aproximando os aprendizados escolares à realidade do aluno.

Os campos de atuação apresentados pela BNCC são:

Campo da vida cotidiana (somente anos iniciais), Campo artístico-literário, Campo das práticas de estudo e pesquisa, Campo jornalístico-midiático e Campo de atuação na vida pública, sendo que esses dois últimos aparecem fundidos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com a denominação Campo da vida pública (BRASIL, 2018, p. 84).

Como exemplo, trazemos uma prescrição das práticas de linguagem, no campo de atuação: “Campo da vida cotidiana”, da BNCC para o Ensino Fundamental (em que as disciplinas atuais foram mantidas e continuam comuns a todas as escolas), da área de Linguagem, do componente de Língua Portuguesa – 1º ao 5º ano, que preconizam o seguinte:

Campo da Vida Cotidiana – Campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, próprias de atividades vivenciadas cotidianamente por crianças, adolescentes, jovens e adultos, no espaço doméstico e familiar, escolar, cultural e profissional. Alguns gêneros textuais deste campo: agendas, listas, bilhetes, recados, avisos, convites, cartas, cardápios, diários, receitas, regras de jogos e brincadeiras (BRASIL, 2018, p. 96)

No contexto das “práticas de linguagem”, podemos observar que, ao descrever o Campo de Atuação, apresenta-se o contexto de produção de textos e de leitura, há uma ampliação na explicitação da descrição e da sugestão de textos/gêneros a serem trabalhados, com uma proposta que nos apresenta uma perspectiva correspondente ao que já estava preconizada em documentos anteriores, como PCN e DCN, uma perspectiva enunciativo-discursiva, em que o trabalho pedagógico tem o texto como centralidade da unidade das atividades escolares, articulando o texto ao seu contexto de produção, considerando seu pertencimento a um gênero discursivo.

Assim, na BNCC, o texto define conteúdos, habilidades e objetivos, portanto, consideramos que se trata de um aprofundamento das descrições dos conteúdos e objetivos de aprendizagem, em linguagem atualizada, em favor do desenvolvimento das capacidades para uma maior participação do aluno em diferentes esferas da atividade humana. Entendemos que a Base traz uma linguagem atualizada porque reflete em sua escrita e modo de apresentação os últimos estudos e pesquisas desenvolvidos em todas as áreas de conhecimento, e essa característica da BNCC é positiva.

Além dos conteúdos descritos para as áreas de conhecimento, a Base trata de temáticas contemporâneas que nos envolvem e nos afetam cotidianamente, na escala local, regional e global. Para isso e, da mesma forma, os sistemas, redes de ensino e escolas, respeitando suas esferas de autonomia e competência, devem incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem desses temas, de forma transversal e integradora (BRASIL, 2018, p. 19).

A BNCC contempla as temáticas contemporâneas nas habilidades dos componentes curriculares (nas disciplinas) que, de toda forma, em se tratando de currículo, deverão ser pensadas, adequadas e contextualizadas de acordo com a especificidade da modalidade de ensino. Sobre esses temas contemporâneos, a BNCC destaca alguns, como: direitos da criança e do adolescente, educação para o trânsito, educação ambiental, educação alimentar e nutricional, processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso, educação em direitos humanos, educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, bem como saúde, vida familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho ciência e tecnologia e diversidade cultural (BRASIL, 2018, p. 19-20).

Desse rol de temas, destacamos o “processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso”, que é matéria do Estatuto do Idoso, Lei n. 10.741/2003, que nos envolve no percurso desta pesquisa, visto que temos como sujeitos participantes e informantes pessoas situadas nessa temática e que merecem todos os direitos ali expressos.

Evidentemente que, se pensarmos na readequação do currículo de EJA tendo em vista as proposições da Base, que não trata da diversidade educacional, necessitamos de pensar no diálogo constante e na formação dos profissionais envolvidos, em especial, formação dos professores, pois eles coordenam a ação de reformulação do currículo na escola, juntamente com a equipe gestora. Acreditamos que compreender os conceitos e as noções apresentadas na Base é o primeiro passo a ser dado pelas redes e escolas, depois os outros movimentos de planejamento, escrita e implementação das ações do currículo.

Ressaltamos, portanto, que, nas ações de reformulação do currículo, as redes e as escolas precisam relevar a discussão sobre o currículo como algo agregado e selecionado da cultura de cada sujeito, uma vez que se deve valorizar a autonomia que a escola necessita para estudar a melhor proposta de trabalho frente à realidade de seus alunos. Desse modo, compreendemos que (...) “o currículo não pode ser separado do contexto social, uma vez que ele é historicamente situado e culturalmente determinado” (VEIGA, 2001, p. 27).

E, no currículo da EJA, devemos assegurar competências específicas com base nos princípios a serem definidos pela comunidade escolar a partir da cultura local, reconhecida pelas redes de ensino e propostas pedagógicas das escolas, em seus sistemas próprios de ensino e aprendizagem. A BNCC pode, a nosso ver, colaborar, como base comum e orientadora, como ponto de partida, para os avanços das discussões em cada unidade escolar a fim de que se aproxime cada vez mais o currículo da escola à realidade dos alunos, delineando um currículo vivo, situado no contexto da escola, dos alunos e da sua região.

2.2.1 Diretrizes e reflexões sobre Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas Orientações Curriculares de Mato Grosso

O direito de estudar para jovens, adultos e idosos se ampliou com a construção e elaboração da Política Curricular da Educação de Jovens e Adultos, visando à aprendizagem, ao direito à formação profissional, o desenvolvimento do senso crítico e a tomada de consciência da realidade social (MATO GROSSO, 2010).

Em Mato Grosso foram construídas as Diretrizes da Política Curricular da Educação de Jovens e Adultos que procuram solucionar, principalmente, as questões ligadas à exclusão. De acordo com Arroyo (2006, p. 26), os alunos da EJA vêm de uma cultura de “negação de direitos, de oportunidades, que necessitam ser reparadas”. Para que a situação seja superada, a escola necessita desconstruir paradigmas ligados à visão inferiorizada atribuída a tal modalidade de Educação específica.

A Política Educacional de Estado para a Educação de Jovens e Adultos evidencia “uma defasagem curricular” e as evidentes “descontinuidades” na “formação inicial e continuada do professor da EJA”, diz Braz (2014).

Para que se recupere e o Estado possa atender às necessidades locais de cada comunidade,

[...] é preciso política contínua e efetiva alicerçada nas Orientações Curriculares de Mato Grosso, objetivando sua concretização mediante o Projeto Político-Pedagógico tanto nas escolas de EJA quanto nos Centros de Educação de Jovens e Adultos. As legislações e pareceres têm servido de regulação na defesa dos Direitos Humanos e Idosos, tal como o Parecer 11/2000, CNE/MEC e Resolução nº 05/11, CEE-MT. Contudo, essa defesa precisa ser construída, pois exige projetos, profissionais e políticas públicas concretas. No estado de Mato Grosso, por intermédio do Programa de Educação de Jovens e Adultos de Mato Grosso (RESOLUÇÃO 177 CEE-MT),

essa modalidade passa por uma ruptura com o modelo arcaico de EJA existente para os educandos do Estado. Desde então, a Seduc vem buscando formas de atender estes sujeitos com uma educação de qualidade (BRAZ, 2014, p. 04).

A orientação e a diretriz no Estado de Mato Grosso que possibilitou a organização curricular da EJA para se encaminhar à superação dos desafios já existentes na modalidade foi construída na proposta pedagógica dos Centros de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), criados pelo Decreto nº 1.123 de 28 de janeiro de 2008 para atendimento às diversidades e como espaços irradiadores de cultura para além da escolarização (BRAZ, 2014). A criação dos CEJA “foi fundamental para as pessoas jovens, adultos e idosas, assegurando-lhes oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características, interesses, condições de vida e de trabalho com valores pedagógicos e éticos” (BRAZ, 2014, p. 16).

Dessa forma, a Educação de Jovens e Adultos está respaldada na consideração de seus alunos e na busca pelo respeito e pelo atendimento satisfatório à aprendizagem, em que o objetivo é trazê-los (“pessoas jovens, adultas e idosas”), mesmo fora da idade de escolarização, ao convívio escolar, à vida escolar, retomando a aprendizagem dos conhecimentos formais e o desenvolvimento intelectual. Como comenta Fonseca (2005, p. 32), “(re)tomam sua vida escolar apresentando perspectivas e expectativas, demandas e contribuições, desafios e desejos próprios em relação à Educação Escolar”.

A Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT) apresenta estudos, intervenções e projetos de caráter aberto à comunidade, voltados para as necessidades de inclusão desses educandos da EJA, pois saberes práticos são atrelados aos ensinamentos teóricos adquiridos na escola durante a troca de experiência dos idosos com o professor, possibilitando a interação entre teoria e prática. Para que tal interação aconteça de fato é muito importante que a escola atenda às expectativas dos alunos idosos, trazendo um estudo de qualidade com aulas significativas e contextualizadas à realidade dessas pessoas para que as mesmas se tornem leitores do mundo, da vida e de si próprios.

A Política Educacional do Estado de Mato Grosso para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) assumiu o desafio histórico de diminuir o analfabetismo, por meio de uma reorganização curricular pedagógica, cujo objetivo é preparar os alunos jovens, adultos e idosos para a autonomia, de maneira que se tornem sujeitos do seu aprender e possam se apropriar dos diversos conteúdos. Almeja-se que a prática e o convívio diário com as pessoas os deixem preparados para as práticas tecnológicas, políticas, éticas e sociais próprias da cidadania.

A modalidade EJA necessita de modelos pedagógicos próprios e adequados a seu público com característica peculiar. Para melhor atender esse grupo específico de alunos, a

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais, por meio do Conselho Estadual de Educação, procurou rever a normatização vigente, homologada e publicada em 2000 sob a Resolução de nº 180/2000, que apresenta normas para ofertar a Educação de Jovens e Adultos no Sistema Estadual de Ensino.

De acordo com as Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso (MATO GROSSO, 2010), a modalidade EJA era vista como algo complementar e superficial na aprendizagem, pois visava como prioridade à aquisição da certificação, em processos rápidos, com pouco conhecimento e qualidade e o ensino não apresentava produtividade no aprendizado. Diante do exposto, a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, representada pelos gestores, reformulou o programa para reconstruir de forma coletiva um ensino para a EJA de qualidade e que fizesse sentido para os alunos.

O Estado de Mato Grosso assume por meio de um documento os marcos referenciais da política de Educação de Jovens e Adultos no âmbito da rede pública de ensino, na perspectiva da escolarização, conforme descrito na Constituição, como dever do Estado. Desse modo, não desconsidera que o sentido da Educação de Jovens e Adultos, como exposto na V Conferência Internacional em Hamburgo - Alemanha em 1997, e mais adiante complementado pelo Parecer CNE nº 11/2000, no qual atribui que o ato de “Aprender é por toda a vida”, que as pessoas possam interagir por meio de conhecimentos empíricos e científicos e que façam da vida um processo de humanização.

A Unesco, na Conferência de Hamburgo (1997), expõe a importância de investir mais na Educação de Jovens e Adultos e reforça a necessidade de reconhecer o papel indispensável do educador e formador de opiniões, bem como de garantir a diversidade de experiências; de reafirmar a responsabilidade do Estado diante da Educação; de fortalecer a sociedade de forma que contemple a cidadania e integre a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade permanente de aprendizagem da Educação Básica. Na EJA, em todo o Estado de Mato Grosso, espera-se que os alunos possam ampliar o domínio discursivo e ativar as diversas situações de comunicação de uso de linguagem oral, ou seja, aprender os conteúdos da escola, valorizando a participação social para constituir-se cada vez mais cidadãos críticos.

O idoso representa uma parte da população marcada por muitas exclusões. Nas salas de aula da EJA em Mato Grosso, a situação não difere do restante do Brasil, muitos idosos também sofrem algum tipo de preconceito por causa da idade.

2.2.2 Educação do Campo: realidade e especificidades

Na segunda metade dos anos 1960, a sociedade começou a enfrentar os tempos do autoritarismo e da repressão. Os movimentos sociais assumem um caráter de luta pela redemocratização da sociedade, buscando direitos e fazendo com que muitas iniciativas no campo da Educação Popular constituíssem expressões e lugares de participação nas políticas públicas. A Constituição Federal de 1988 tornou-se expressão da redemocratização do país e afirmou a importância de uma cultura de direitos. Os movimentos sociais construíram elementos fortes de luta pela escola pública como direito social, trazendo a responsabilidade como dever do Estado. Esses movimentos passaram a defender políticas públicas que resgatavam os diferentes sujeitos, evidenciando sua cultura, seus valores, sem perder de vista suas especificidades.

Nesse contexto, a Educação do Campo insere-se em um cenário de luta por direitos dos que trabalham no campo. É relevante trazermos à cena a história de que a origem da Educação do Campo surgiu da luta dos movimentos sociais pela terra, buscando a implantação de uma política educacional voltada para os assentamentos rurais, oriundos da Reforma Agrária (FERNANDES, 2006, p. 28).

O advento da Educação do Campo, especificamente destinada aos camponeses, está relacionado a uma educação diferenciada que se constrói enquanto processo de formação humana. Por isso, entendemos que a Educação do Campo envolve diversos níveis e modalidades de ensino. Possui uma legislação própria e está vinculada a projetos de desenvolvimento sustentável, articulados com outras instituições ligadas ao meio rural. Com o trabalho de sustentabilidade, tem como objetivo melhorar os espaços escolares e assegurar o acesso à Educação, contribuindo para a permanência dos jovens e dos adultos no meio rural.

A Educação do Campo surge também em um espaço de lutas sociais por políticas educacionais que respeitem os povos do campo. Essas políticas são bastante amplas, já que existe uma grande diversidade no campo. Os assentamentos são uma parte do todo que compõe o campo, incluindo nele a Educação. Como explica Fernandes (2006, p. 28), “A Educação na Reforma Agrária é parte da Educação do Campo, compreendida como um processo em construção que contempla em sua lógica a política que pensa a Educação como parte essencial para o desenvolvimento do campo”.

Discorrer sobre Educação do Campo sempre é uma missão árdua, pois é feita da diversidade, de múltiplos olhares e sujeitos culturais, sociais, políticos e econômicos, tudo permeado por ideologias. Para compreendermos o diálogo a respeito das perspectivas e dos desafios que levaram a uma concepção de Educação voltada para os povos do campo, é interessante conhecermos suas origens e as contribuições para sua construção. Partimos de Souza (2006, p. 16) ao afirmar que a

Educação do Campo nasceu dos pensamentos, desejos e interesses dos sujeitos do campo, que nas últimas décadas intensificaram suas lutas, especializando-se e territorializando-se, formando territórios concretos e imateriais, constituindo comunidades e políticas, determinando seus destinos na construção de suas ideologias, suas visões de mundo. A educação rural nasceu da cabeça dos ruralistas como forma de subordinar os camponeses, de reservar a eles um controlado espaço nas políticas de educação para “civilizar” e manter a subordinação. Assim, por quase um século, a Educação Rural não promoveu políticas autênticas, não propôs o desenvolvimento educacional do campesinato.

Em conformidade com Kolling (2002), a luta dos movimentos sociais e sindicais avançou em qualidade para a Educação no Campo, iniciada na década de 1980, em que se consolidou a ideia de construir um modelo de Educação que considerasse as diversidades e as particularidades da vida cotidiana das pessoas que vivem no campo. Quanto à Educação no Campo no Estado de Mato Grosso, houve avanço na regulação, especialmente na homologação de propostas avançadas no que diz respeito à garantia de direitos desse segmento.

Diante da necessidade existente no Estado de Mato Grosso, relacionada às demandas do Campo, inseriu-se a Educação do Campo em seu Plano Estadual, homologado pela Lei nº 8.006/2008 da Assembleia Legislativa, que implementa - de forma oficial - o Comitê Institucional Permanente da Educação do Campo e, dessa forma, agregando os movimentos sociais e os órgãos governamentais envolvidos com a Educação e os problemas existentes sobre a terra. As questões ligadas à Educação do Campo cresceram tanto que foi criada pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, uma Gerência da Educação do Campo ligada a uma Superintendência das Diversidades Educacionais. Por meio da gerência, busca-se valorizar e estimular a aplicação de recursos públicos estaduais destinados às diversidades. Nesse sentido, por meio de convênios, foram adotados programas de Educação do Campo, tais como Escola Ativa, Pro Jovem e Brasil Profissionalizado.

Quanto à formação inicial, tendo em vista as necessidades efetivas, as universidades do Estado começam a se mobilizar para darem conta do atendimento específico e diferenciado exigido pela Educação do Campo. Vale ressaltar que algumas universidades já ofertam cursos

de especialização e cursos de Pedagogia específicos. Apesar dos desafios e carências, o Estado possui, atualmente, discentes atendidos pela Universidade de Brasília (UNB) que oferece curso para atender às especificidades do campo com metodologias diferenciadas. Siqueira et al (2014, p. 139-158) salienta que:

a institucionalização da Educação do Campo, como parte da Superintendência da Diversidade Educacional, responde à necessidade de se dar maior visibilidade à diversidade na educação, demanda existente, porém reprimida. Diante dos inúmeros desafios apresentados para a Educação do Campo em sua implementação e consolidação efetiva, um dos mais significativos é a formação inicial e continuada dos docentes, pois somente através desta poderá se ter uma real política pública para a educação do campo em Mato Grosso.

A atual conjuntura e as especificidades encontradas no Estado referentes à Educação do Campo exigem, para uma melhor consolidação das políticas de formação de professores, o fortalecimento dos convênios de forma a implementar cursos de graduação e pós-graduação destinados à formação dos professores. Como se percebe, quanto mais bem formado e atualizado o professor, mais eficaz e positiva a multiplicação do conhecimento no atendimento das necessidades de alunos e da comunidade escolar.

2.3 Segundo Marco: a cidade do Rio de Janeiro e o Projeto Interinstitucional “Varia-Idade”

A cidade do Rio de Janeiro foi descoberta em 1º de janeiro de 1502 por uma expedição vinda de Portugal e, de acordo com algumas opiniões difundidas desde o século XVI, conforme opinião do historiador Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878), concedeu a descoberta do lugar ao navegador Gonçalo Coelho, que, ao entrar na Baía de Guanabara (nome de origem indígena, que significa “água escondida”, pensava estar diante da foz de um grande rio como era o primeiro dia do ano, achou prudente batizar e denominar de Rio de Janeiro (ENDERS, 2015).

Conforme Enders (2015), os franceses foram os primeiros a se estabilizarem na região e disputavam com os portugueses o comércio de madeira. Os franceses não queriam perder espaço, e para não se sentirem ameaçados, trouxeram camponeses para morar e explorar a localidade no ano de 1555. Depois de muitas lutas, foram expulsos, pois já habitavam a região há dez anos. Em resposta aos propósitos franceses, no dia 1º de março de 1565, Estácio de Sá,

(militar, nascido em Santarém, Portugal em 1520-1567), funda a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que apresentava ruas irregulares e estilo português medieval.

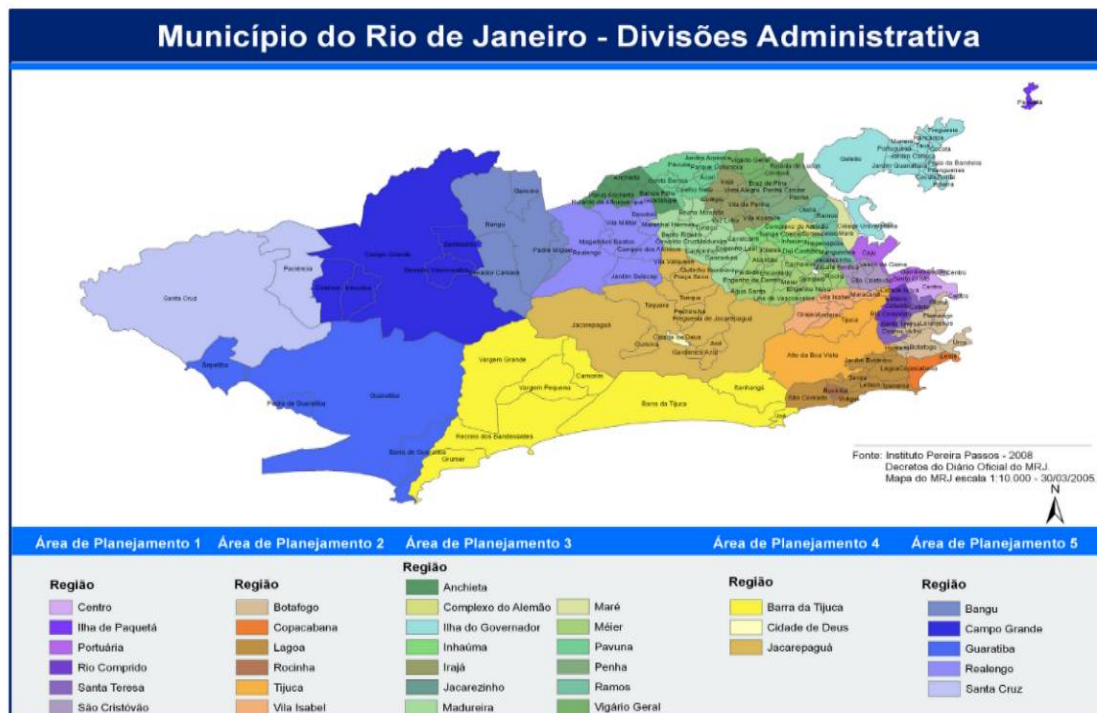
Com uma posição geográfica estratégica da cidade, a Baía de Guanabara, evoluiu como zona portuária e comercial (pesca, cana-de-açúcar e madeira), dessa maneira, a população também aumentou. Esses fatores impulsionaram o Rio de Janeiro como cidade cultural, que passou por quatro fases, ou seja, o Rio de Janeiro foi capital da Colônia Portuguesa do Estado do Brasil no primeiro momento (1621-1815), depois Capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve (1815-1822), a Capital do Império do Brasil (1822-1899) e, por fim, a Capital da República dos Estados Unidos do Brasil (1889-1960) até 1960, quando a sede do governo foi transferida para Brasília, recém-construída. Desse modo, a cidade concentrou hábitos extremamente variados, adquiridos pela soma da cultura dos seus visitantes (ZOLADZ, 2014).

Para Cardoso (1988), o início do século XX, trouxe muitas transformações urbanísticas para o Rio de Janeiro, na gestão do prefeito Pereira Passos, que objetivava melhorar a dinâmica e modernizar a cidade aos moldes europeus. Em 1906, foi inaugurada a simbólica Avenida Atlântica, mas o maior impulso de crescimento de Copacabana veio nos anos 30, condizendo com a Revolução de Trinta, no âmbito político, e com o movimento Modernista, na área das artes, evidenciando o Brasil urbano.

Na contemporaneidade, esse crescimento foi ainda maior. Hoje o Rio de Janeiro apresenta um espaço geográfico que possibilita grandes comércios e melhorias na urbanização, infraestrutura, transporte e ampliação no desenvolvimento econômico.

Atualmente, o espaço da cidade se configura da seguinte maneira:

Figura 1 - Distribuição geográfica do município do Rio de Janeiro



Fonte: Instituto Pereira Passos- 2008/ Decretos do Diário Oficial do MRJ/ Mapa do MRJ escala 1:10 000-30/03/2005. Site: <http://mapaambiental.blogspot.com/2010/08/bairros-do-rio-de-janeiro-shapefile-e.html>

O mapa de divisões administrativas evidencia parte do crescimento no Rio de Janeiro, que atualmente é composto por 160 bairros em cinco regiões bem distintas e que agregam muita diversidade, saberes e cultura. Por falar em cultura, é inevitável trazer à memória o maestro Tom Jobim com sua música lendária “Samba do avião”. Enders (2015) comenta que o Rio de Janeiro aparece em imagens expressas por palavras e musicalidade: “Rio, seu mar, praias sem fim/ Rio, você foi feito pra mim”.

Essa música retrata imagens do mar e das praias marcantes na cidade e sensibilizam quem as olha, despertando o gosto e a paixão das pessoas pela cidade, quando estão em visita ou mesmo para aquelas que habitam esse espaço geográfico. De acordo com Campuzano (2012), o Rio cresceu a partir do mar e tem a praia como a maior de suas influências, principalmente por ser um espaço democrático, público e de lazer e nele, se manifestando muitas questões de inclusões e diversidades. Em meados da década de 1960, a cidade sofre impactos e intenções políticas, sociais, culturais, ou seja, é o surgimento de musas, gírias e personagens, histórias e romances.

O Rio de Janeiro é uma terra que se reinventa nas suas areias desde o início de cada ano em que muitos de seus habitantes, com suas diversidades e credos, pedem a bênção à “Iemanjá” na virada do ano. O município está sempre cheio de acontecimentos que, de acordo com

Campuzano (2012, p.4), podem acontecer em todos os lugares, ou seja, “na curva impecável de Copacabana, na beleza agitada do Arpoador, na diversidade de Ipanema, no sossego do Leblon, no isolamento da Urca, nas fronteiras da Barra e do Recreio, no despojamento de Botafogo, Flamengo ou ilha do Governador”.

Ampliaríamos ainda para a grande Tijuca, Vila Isabel, Maracanã, todos aqueles bairros e pessoas que vivem em comunidades, e sofrem na pele as desigualdades existentes desse país. Implementamos com a diversidade acadêmica que passam pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), agregando pensadores, pesquisadores de diversos credos e regiões brasileiras, professores, funcionários, acadêmicos, comprometidos com a transmissão do saber, tornando o município do Rio cada vez mais cosmopolita e resistente às lutas para a diminuição de tantas desigualdades e mazelas presente no Estado e no país.

É nesse espaço geográfico que os estudos sociolinguísticos chegaram e se consolidaram no Brasil. Diante de tanta diversidade, costumes, credos e linguagem, foram necessários alguns estudos que trouxessem uma amostra significativa para expressar o desenvolvimento das pessoas no que tange à modalidade oral da língua.

Atualmente, há vários pesquisadores no Brasil que se dedicam aos estudos sobre a oralidade, bem como fora do país. Um projeto de pesquisa que se destacou no final da década de 60 no Brasil com trabalhos de grande relevância foi o Projeto Norma Linguística Urbana Culta – NURC, com objetivo de resgatar a preservação da memória linguística nacional, a partir de análises de entrevistas realizadas na cidade do Rio de Janeiro com informantes de nível superior completo, cariocas e filhos de pais de preferência cariocas.

O Projeto NURC nasceu entre 1968 e 1969 no Brasil e foi oriundo, inicialmente, das ideias e diálogos propostos pelo professor Juan Lope Blanch, da Universidade Nacional Autônoma do México, quando propunha descrever a norma culta do espanhol falado na América, projeto a ser especificamente desenvolvido na Capital do México. Essa proposição de pesquisa foi apresentada no Programa Interamericana de Linguística e Ensino de Idiomas (PILEI), realizado na Cidade do México, em agosto de 1964, evento que contou com diversos professores, entre eles, o professor Nelson Rossi da Universidade Federal da Bahia.

Quatro anos depois do PILEI, o professor Nelson Rossi apresentou uma nova proposta de estudo da língua oral no Brasil, com aspecto diferenciado do que havia proposto o Prof. Blanch para a Cidade do México, citada acima. A proposição do Prof. Rossi foi pronunciada em um Simpósio e, diante dos pesquisadores presentes, teve a oportunidade de argumentar sobre a dimensão de sua ideia, e que se realizasse a pesquisa da língua oral do Brasil, não apenas

na capital do Brasil, na época Rio de Janeiro, mas também em outras capitais que apresentassem no mínimo um milhão de habitantes (SILVA, 1998). E assim aconteceu, a pesquisa por meio do Projeto NURC foi ampliada e desenvolvida por pesquisadores no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife, e teve como premissa analisar a linguagem de pessoas graduadas na década de 70 e 90.

De certa forma, o Projeto NURC se articula com a concepção do Projeto de Pesquisa Varia-Idade (que recebe o mesmo nome do Grupo de Pesquisa do qual somos membro participante), que tem como subtítulo “Comunicação entre geração: Estratégias linguísticas e discursivas na idade maior”.

Na Europa, existem pesquisas que manifestam a relevância de estudos que também abordam a oralidade, atrelados ao público idoso; como exemplo, citamos a enquete sociolinguística realizada em Orleans (ESLO) que se dividiu em duas fases (1969 -1974 / ESLO 1; 2008 / ESLO 2). Nesse exemplo de projeto, foram entrevistadas pessoas idosas que por suas narrativas biográficas contaram sua vida cotidiana. Dessas narrativas, a língua francesa foi estudada e analisada em diversas perspectivas linguísticas.

Outro projeto que consideramos pertinente trazermos como ilustração, intitula-se como “*corpus* do francês falado em Paris dos anos 2000”, em que uma das coordenadoras foi a professora Dra. Sonia Branca da Universidade de Sorbonne. O *corpus* francês falado parisiense (CFPP2000) se constituiu por meio de várias entrevistas nos bairros de Paris e nos subúrbios.

Diante desse quadro de pesquisas com foco na língua oral, mencionado anteriormente, acreditamos que tais trabalhos apresentam percursos de desenvolvimento investigativo que são experiências intelectuais que enriquecem e fortalecem a pesquisa Varia-Idade desenvolvida pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, e a Universidade de Heidelberg, na Alemanha, desde 2016, com o objetivo de estudar a oralidade de idosos acima de sessenta anos e formar um banco de dados que sirva de apoio para pesquisadores de várias áreas do conhecimento.

A pesquisa Varia-Idade tem uma abordagem multidirecional, que agrega diferentes estudos linguísticos. Os estudos e a pesquisa desenvolvidos nesse projeto fazem parte de um espectro maior, em construção, elaborado por pesquisadores brasileiros e alemães, oriundos de uma parceria de Cooperação entre a Universidade de Heidelberg, Alemanha, representada pelo Seminário de Romanística, e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, tem como representante o Instituto de Letras.

O Projeto Varia-Idade tem seu pioneirismo com a professora Dra. Sybille Große da Universidade de Heidelberg - Alemanha e, em seguida por seus anseios de pesquisadora, abrange o Brasil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, representada pela Professora e pesquisadora Dra. Maria Teresa Tedesco Vilaro Abreu. Com essa parceria, desde 2016, todos os trabalhos acadêmicos são coordenados por elas.

A pesquisa tem o grupo de idosos como protagonistas, visto que as questões entrelaçadas a essa etapa da vida carecem de mais atenção e reconhecimento pela sociedade. Outro fator que impulsionou a investigação, por princípio, diz respeito às inúmeras pesquisas existentes na atualidade que destacam as questões dos jovens, adultos e crianças, importantes também para compreensão da sociedade em que vivemos. É preciso, entretanto, dar mais espaço e voz às pessoas idosas.

No âmbito deste projeto maior, criou-se um *corpus* que abrange cerca de 80 entrevistas ‘urbanas-biográficas’ com idosos a partir de 60 anos que nasceram ou vivem em diferentes bairros do Rio de Janeiro há mais de 40 anos, a fim de que narrem, por meio de um questionário, a sua vida nesse espaço geográfico e as modificações sofridas com o passar do tempo.

Em março de 2019, o *corpus* do Projeto Varia-Idade completou um total de setenta e sete (77) entrevistas, quarenta e oito (48) pessoas do sexo feminino e vinte e nove (29) do sexo masculino. A faixa-etária apresenta uma variação da seguinte forma: com idade entre 60 – 69, totalizam-se 35 entrevistas com mulheres e 13 com homens, somando-se quarenta e oito; com idade entre 70 -79, totalizam-se 9 entrevistas com mulheres e 11 com homens, somando-se nessa faixa etária vinte entrevistas; entre 80-89 anos, totalizam-se 4 entrevistas com mulheres e 3 com homens e com idade entre 90-99 anos, totalizam-se uma entrevista com mulher e outra com homem, somando-se duas entrevistas. As entrevistas realizadas, em sua maioria, apresentam uma duração entre 35 a 45 minutos, algumas com duração até de uma hora e quinze minutos. Elas foram realizadas em situações similares dentro do conforto afetivo familiar, para proporcionar melhor interação do idoso-informante, tentando não tirá-lo de sua rotina para que a entrevista fluísse com mais naturalidade. E, para possibilitar a publicação do material posteriormente, antes da sua realização, é solicitado um termo de consentimento do idoso, que assina e concorda com os propósitos da pesquisa, assegurando seu nome resguardado.

Os questionamentos figuram como assuntos voltados para o cotidiano das pessoas como por exemplo: a vida no Rio de Janeiro, local de nascimento, mudanças ocorridas na cidade, bem como a descrição do bairro e composição da população. São abordados fatos da vida dos idosos em seu espaço social como: encontro com amigos, vida no bairro, comidas típicas, formação,

transformações no trânsito, desenvolvimento do transporte público, comportamento entre gerações, infância, entretenimentos variados como (praia, esporte, carnaval, festas e outros), acontecimentos nas comunidades, moda, questões históricas que marcaram o país, a linguagem típica carioca e as curiosidades imbricadas nos bairros do Rio de Janeiro.

Para demonstrar como foram realizadas as entrevistas do município de Nossa Senhora do Livramento- MT e do município do Rio de Janeiro- RJ, trouxemos para encerrar este capítulo, dois quadros que ilustram as perguntas realizadas nas entrevistas e sua adaptação para a realidade de Mato Grosso.

Compreendemos que esses quadros seriam adequados para o capítulo metodológico, mas pensamos na importância de trazer essas informações no marco referencial pelo fato de ter abordado os dois municípios nesse contexto.

Quadro 1 - Guia de entrevista com questões semidirigidas para as entrevistas dos idosos da cidade de N. Sra. Livramento (Questões elaboradas pelo grupo Varia-Idade e adaptadas para aplicação em Livramento)

Guia de entrevista da cidade de N. Sra. Livramento - Mato Grosso	
<p>1. Vida em Mato Grosso- Livramento: nascimento/mudanças na região</p> <p>2. Descrição da comunidade e composição de sua população</p> <p>3. Divisão dos comércios (bares, mercados, rios, farmácias, médicos, salão de beleza)</p> <p>4. Vida social: o encontro com amigos e amigas</p> <p>5. A formação: o ensino e as escolas e universidades</p> <p>6. A vida na rua, a comida na rua</p> <p>7. O trânsito e o transporte público: ônibus...</p> <p>8. Os rios, o esporte, o carnaval (as festas de santos) diversão em Livramento e região</p> <p>9. Contato entre a população e outras comunidades da região</p> <p>10. Moda</p> <p>11. História</p> <p>12. Linguagem mato - grossense (Livramento)</p> <p>13. Curiosidades da comunidade</p>	<p>5. Vida social: o encontro com amigos e amigas antigamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Para onde você andava (discoteca, boate, teatro, cinema,...)? • Você tem amigos e/ou amigas na região? • Você sai para fazer compras, tomar café, tomar um chope, dançar, assistir a um show? <p>6. A formação: O ensino e as escolas/as universidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Você frequentava ou frequenta a escola/escola básica na região? • Por que escolheu fazer Eja? Por que resolveu voltar a estudar? • Existem mais ou menos escolas agora? <p>7. A vida e a comida na rua</p> <ul style="list-style-type: none"> • Você toma o café da manhã na rua? • Você gosta de tomar um suco ou um chope na rua? • A vida na rua muda conforme as estações do ano? Você sai mais de casa no verão? • Qual é uma comida típica de Livramento ou daqui da região? <p>8. O trânsito e o transporte público:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como é que você se movimentava ou movimenta na região? Você utiliza ônibus, carro ou qual outro tipo de transporte frequente na região? • Subir e descer no ônibus, é fácil ou difícil para você? • Tem alguma mudança no transporte de antigamente e hoje na região? • Quando você era jovem/criança, como era o transporte na região? • A cachoeira, os rios, o esporte, o carnaval (as festas dos Santos) • Você ia sempre as cachoeira? Para passear, caminhar, fazer esporte? • Já havia comércios aqui quando você veio para morar na região? • Você gosta do carnaval? Como é o carnaval na região de livramento? e antigamente? • Como surgiram os blocos de carnaval no em Livramento? • Durante o carnaval, você está/estava sempre na rua para dançar? • Como é o carnaval hoje e como era há 40 anos atrás? • Participa/participou em algum bloco de carnaval? Como se chama o bloco de livramento • Você vai às festas juninas? <p>9. Moda</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foi a moda (na sua época) em Mato grosso ou livramento? • homens: Você usou salto carrapeta? Conhece quem usou? <p>10. História</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foi a revolução militar no Brasil? Você participou de alguma forma? • A revolução militar afetou de alguma forma a sua vida? • Houve censura? <p>11. Linguagem Mato Grossense</p> <ul style="list-style-type: none"> • Existe uma fala Mato-grossense ou típica de Livramento e região? <p>12. Curiosidades do bairro</p> <ul style="list-style-type: none"> • Qual seria a coisa mais estranha que aconteceu aqui na região? <p>mais: música, imprensa...</p>
<p>1. Vida em Livramento: nascimento e mudanças na região</p> <ul style="list-style-type: none"> • Você é um mato-grossense de chapa e cruz? • Faz muito tempo que você mora nesta região de livramento? • Como se pode caracterizar essa região? • Você se sente integrado ou deslocado aqui? • Você fica contente por morar aqui? • Se pudesse se mudar daqui de Mato grosso- Livramento, para onde você mudaria? • Mas você deixaria Livramento, esta comunidade? • Por que você ou seus pais decidiram sair da sua cidade natal? • Quando chegou em Mato Grosso você se adaptou bem na comunidade, município? • Nesse tempo que você está aqui, você tem se adaptado? • Mato Grosso, para você, é realmente "um estado acolhedor" ? <p>2. Descrição do bairro e composição de sua população</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quem vive aqui no seu bairro? • Quem passa/circula aqui no bairro? • Quais são as vantagens e desvantagens do bairro para você? <p>A vida das gerações</p> <ul style="list-style-type: none"> • Você observa no seu bairro hoje mais jovens ou mais idosos? ou mais famílias? • As crianças de antes e de hoje do seu bairro, quais seriam as maiores diferenças? <p>3. Divisão dos comércios (bares, padarias, sapateiros, farmácias, médicos, salão de beleza, rios, igrejas)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nos últimos anos têm ocorrido grandes mudanças na região? A região vem mudando/mudou muito? • Existem novos comércios? • Quais são suas lojas favoritas? • Que tipo de loja lhe atrai mais? • Quais lojas faltam hoje em dia que eram comum antes? • O botequim de antes ainda existe? Quem vai ao botequim? Para ver uma partida de futebol? • Tem hoje em dia mais ou menos farmácias e médicos do que antes? • Tem hoje em dia mais ou menos salões de beleza? • E igrejas? • O que você acha dos rios, cachoeiras da região? <p>4. Vida em casa: os porteiros e a vida dos condomínios e das casas de repouso hoje:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Faz muito tempo que você mora aqui? • Você conhece os outros moradores da região/da casa? • Você fala com os vizinhos? 	

Quadro 2 - Guia de entrevista com questões semidirigidas para as entrevistas dos idosos da cidade do Rio de Janeiro (Questões elaboradas pelo grupo Varia-Idade)

Guia de entrevista – Rio de Janeiro	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Vida no Rio: nascimento/mudanças na cidade 2. Descrição do bairro e composição de sua população 3. Divisão dos comércios (bares, bancos, quiosques da praia, farmácias, médicos, salão de beleza, piscina) 4. Vida em casa: os porteiros e a vida dos condomínios e das casas de repouso 5. Vida social: o encontro com amigos e amigas 6. A formação: o ensino e as escolas e universidades 7. A vida na rua, a comida na rua 8. O trânsito e o transporte público: táxis, ônibus, metrô 9. A praia, o esporte, o carnaval (as festas) e as academias 10. Contato entre a população da favela e a do bairro 11. Moda 12. História 13. Linguagem carioca 14. Curiosidades do bairro <ol style="list-style-type: none"> 1. Vida no Rio: nascimento e mudanças na cidade <ul style="list-style-type: none"> • Você é um carioca da gema? • Faz muito tempo que você mora neste bairro? • Como se pode caracterizar o seu bairro? • Você se sente integrado ou deslocado aqui? • Você fica contente por morar aqui? • Se pudesse se mudar no Rio, para onde você mudaria? • Mas você deixaria o Rio? • Por que você ou seus pais decidiram sair da sua cidade natal? • Quando chegou no Rio você se adaptou bem no bairro e na cidade? • Nesse tempo que você está aqui, você tem se adaptado? • O Rio, para você, é realmente "uma cidade maravilhosa"? 2. Descrição do bairro e composição de sua população <ul style="list-style-type: none"> • Quem vive aqui no seu bairro? • Quem passa/circula aqui no bairro? • Quais são as vantagens e desvantagens do bairro para você? <p>A vida das gerações</p> <ul style="list-style-type: none"> • Você observa no seu bairro hoje mais jovens ou mais idosos? ou mais famílias? • As crianças de antes e de hoje do seu bairro, quais seriam as maiores diferenças? 3. Divisão dos comércios (bares, bancos, padarias, sapateiros, quiosques da praia, farmácias, médicos, salão de beleza, piscina, igrejas) <ul style="list-style-type: none"> • Nos últimos anos têm ocorrido grandes mudanças no seu bairro? O bairro vem mudando/mudou muito? • Existem novas lojas? • Quais são suas lojas favoritas? • Que tipo de loja lhe atrai mais? • Quais lojas faltam hoje em dia que eram muito comuns antes? • O botequim de antes ainda existe? Quem vai ao botequim? Para ver um match de futebol? • Tem hoje em dia mais ou menos farmácias e médicos do que antes? • Tem hoje em dia mais ou menos salões de beleza? • Existem piscinas, clubes? • E igrejas? • E os quiosques da praia, o que é que você acha? 4. Vida em casa: os porteiros e a vida dos condomínios e das casas de repouso <p>hoje:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Você mora numa casa? Num condomínio? Numa casa de repouso? • Faz muito tempo que você mora aqui? • Você conhece os outros moradores do condomínio/dá casa? • Você fala com os vizinhos? • Qual é o papel do porteiro? 	<p>antigamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Havia empregadas domésticas? Ainda há? • Você tinha duas portas de entrada no condomínio?
<ol style="list-style-type: none"> 5. Vida social: o encontro com amigos e amigas <p>antigamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Para onde você andava (discoteca, boate, teatro, cinema, ópera...)? e no bairrro mesmo? o fora do bairro? <p>hoje</p> <ul style="list-style-type: none"> • Você tem amigos e/ou amigas no bairro? • Você sai para fazer compras, tomar café, tomar um chope, dançar, assistir a um show? 	<ol style="list-style-type: none"> 6. A formação: O ensino e as escolas/as universidades <ul style="list-style-type: none"> • Você frequentava a escola/escola básica no bairro? • Existem mais ou menos escolas agora? 7. A vida e a comida na rua <ul style="list-style-type: none"> • Você toma o café da manhã na rua? • Você gosta de tomar um suco ou um chope na rua? • A vida na rua muda conforme as estações do ano? Você sai mais de casa no verão? • Qual é uma comida típica carioca? 8. O trânsito e o transporte público: táxis, ônibus, metrô <ul style="list-style-type: none"> • Como é que você se move/movia no bairro e na cidade? • Você pega ônibus ou usa taxi ou talvez Uber? • Subir e descer no ônibus, é fácil ou difícil para você? • Você pega também o metrô? • O metrô mudou/mudará os seu costumes e hábitos? • Quando você era jovem/criança, você se movia muito de bairro a bairro ou até ao centro da cidade? 9. A praia, o esporte, o carnaval (as festas) e as academias <ul style="list-style-type: none"> • Você ia sempre à praia? Para passear, caminhar, fazer esporte? • Já havia quiosques ou barracas de praia quando você era criança? • Você jogava na areia? • Você gosta do carnaval? Como é o carnaval no seu bairro? e antigamente? • Como surgiram os blocos de carnaval no Rio? • Durante o carnaval, você está/estava sempre na rua para dançar? • O carnaval, no seu bairro, como é e como era? • Participa/participou numa escola de samba? Como se chama a escola de samba do bairro? • Você vai às festas juninas? 10. Contato entre a população da favela e a do bairro <ul style="list-style-type: none"> • A favela/comunidade já existia quando você era criança ou quando se mudou para o bairro? • Você já entrou na favela/comunidade? 11. Moda <ul style="list-style-type: none"> • Como foi a moda (na sua época) no Rio? • <i>homens</i>: Você usou salto carrapeta? Conhece quem usou? 12. História <ul style="list-style-type: none"> • Como foi a revolução militar no Brasil? Você participou em alguma forma? • Como afetou a revolução militar a sua vida? • Houve censura? 13. Linguagem carioca <ul style="list-style-type: none"> • Existe uma fala carioca? 14. Curiosidades do bairro <ul style="list-style-type: none"> • Qual seria a coisa mais estranha que aconteceu no bairro? <p>mais: música, imprensa....</p>

Os quadros 1 e 2 apresentam 14 grupos de perguntas que serviram de mote para as conversas semidirigidas que possibilitaram realização das entrevistas e composição dos corpora. É importante registrar que dentro de cada quadro, há em destaque, um resumo das temáticas propiciadas pelo elenco de pergunta. Essas perguntas têm como objetivo, apenas, orientar o fio condutor da conversa, direcionando de forma ampla os tópicos discursivos que compõem as discussões, por isso, semidirigidas. Por fim, é necessário assinalar que houve uma adaptação das perguntas construídas pelo grupo de pesquisa varia-idade para serem aplicadas no grupo de Livramento.

Em suma, vale comentar que as perguntas expostas nos quadros foram utilizadas como suporte para a condução no momento das entrevistas, mas não foram utilizadas de forma rigorosa, porque entendemos que o importante em uma pesquisa sociolinguística é deixar o informante à vontade para que o mesmo possa expressar, com naturalidade, as informações solicitadas para melhor obtenção dos resultados.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando eu comecei na Linguística, eu tinha em mente uma mudança para um campo mais científico, baseado na maneira como as pessoas usavam a linguagem na vida cotidiana. Quando eu comecei a entrevistar pessoas e gravar suas falas, descobri que a fala cotidiana envolvia muita variação linguística, algo com que a teoria padrão não estava preparada para lidar.

*William Labov*¹⁶

Neste capítulo, apresentamos o referencial teórico que subsidiará a análise dos dados levantados em nossa pesquisa. Expomos alguns apontamentos da Sociolinguística e a teoria da Variação evidenciando, com relação aos estudos da língua, noções de texto, discurso e entrevista. Além disso, mostramos como as narrativas que compõem nosso *corpus* principal, são estratégias de textualização. Para encerrar, discorreremos sobre alguns construtos relativos aos marcadores discursivos que selecionamos.

3.1 Apontamentos sobre a Sociolinguística

Para falarmos sobre a Sociolinguística, é importante, antes de mais nada, deixarmos para trás a ideia de que a língua é uma estrutura formatada, pronta e acabada. É necessário que tomemos os seus estudos a partir de algo suscetível à mudança e à variação. Nota-se, ainda, que as pessoas que usam a língua sofrem influências na forma como falam, de onde falam e na maneira como essa língua é usada. Para mergulharmos nos conceitos da Sociolinguística, é essencial entendermos a língua em uso, observarmos os falares e as linguagens à sua volta. A partir daí, começaremos desvendar os segredos da Sociolinguística, uma área da Linguística a qual estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos.

Para definirmos os estudos sociolinguísticos, vamos iniciar pelo ano de 1964, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), onde se reuniram vinte e cinco pesquisadores para uma conferência sobre Sociolinguística realizada pelo estudioso William Bright, abrindo para debater diversos temas relacionados à sociedade e à linguagem. A partir

¹⁶ LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

desse evento, se fixou a Sociolinguística como um ramo de estudos da Linguística. Para Bright (1974 [1966], p. 17-18), “a tarefa atribuída à Sociolinguística é a de demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e sociais”. Ainda mais à frente diz que “a variação ou diversidade não é livre, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas.

Calvet (2002) comenta que o texto escrito por Bright, em 1974 (1966), possui na contemporaneidade um sentido histórico pelo qual registrou que o encontro de 1964 marcou o nascimento da Sociolinguística, representando uma maneira diferenciada de fazer Ciência, contrapondo-se à gramática gerativa de Chomsky.

A Sociolinguística está inserida em uma subárea da Linguística em que se estuda a língua em uso dentro das comunidades de fala, relacionando aspectos linguísticos e sociais. Labov (2008 [1972]) foi um dos grandes nomes nessa área. Concentrou suas preocupações na relação entre língua e sociedade, com a intenção de sistematizar as variações existentes na língua falada por meio de pesquisas que consideram fatores extralinguísticos, ou seja, classe social, idade, sexo, escolaridade, entre outros. Com esses fatores, Labov procura demonstrar a interdependência entre o conteúdo linguístico dos falantes e o meio social em que vivem.

As ideias labovianas representaram um grande avanço nos estudos sociolinguísticos. Por meio delas, o autor demonstrou a importância de se estudar a língua como objeto de construção social, considerando a particularidade das pessoas e da própria língua. Labov tratou as variações sociais, regionais e geográficas sem rotulações, ou seja, estudou a língua como um discurso linguístico e social.

Na perspectiva da Sociolinguística¹⁷, a língua é compreendida como uma fonte geral e universal que pode ser estudada e analisada cientificamente, sendo a variação o objeto de estudo eleito. Para essa ciência, as línguas são dinâmicas, têm suas peculiaridades e se agregam heterogeneamente. A Sociolinguística considera a importância social da linguagem, destacando sua manifestação específica, tanto em pequenos grupos socioculturais, quanto em comunidades maiores. Ainda, interessa-se pelo contato entre as línguas, pelas questões relativas ao surgimento e extinção linguística, pelo multilinguismo, pela variação e pela mudança.

Por isso, optamos por fazer a análise dos dados da nossa pesquisa, utilizando o suporte da Sociolinguística Variacionista, sob a perspectiva da Teoria da Variação. Como observa Mollica (2003, p. 10), "ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é,

¹⁷ A expressão Sociolinguística considera em particular como objeto de estudo a variação, compreendendo-a como base geral e coletiva que se pode analisar de maneira científica, com isso parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são motivadas por fatores estruturais e sociais.

controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível". Com isso, entendemos que a Teoria da Variação se dedica à língua em seu contexto sociocultural, pois se constrói a partir de uma explicação para a diversidade, que se concretiza nos usos linguísticos e pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico¹⁸, quase sempre, conduzindo-se para fatores internos da língua. Para que esse estudo ocorra de fato, é necessário calcular a interferência que cada fator interno ou externo ao sistema linguístico possui para realizar uma ou outra variante. Em outras palavras, a análise sociolinguística procura constituir a relação entre o processo de variação que se analisa na língua em um determinado período (sincrônico) de acordo com as mudanças ocorridas na estrutura da língua ao longo do tempo (diacrônico).

Labov (2008 [1972]), na década de 1960, mostrou que é possível ocorrer encadeamentos diacrônicos da língua por meio de análises sincrônicas. Labov mostrou na prática trabalhos de pesquisa realizados em um primeiro momento na ilha de *Martha's Vineyard*, no ano de 1963, e em seguida fez o estudo na cidade de Nova York, em 1966. No primeiro trabalho, ele investigou o inglês falado naquela ilha, confirmando, por meio da *Teoria da Variação*, o propósito fundamental dos fatores sociais na explicação da variação linguística, por meio do método teórico-metodológico, que propõe analisar os fenômenos linguísticos no contexto social por meio de estatísticas e interpretá-los.

Desse modo, nossa pesquisa pretende trilhar um caminho próximo ao de Labov (2008[1972]), considerando a variação linguística como um fenômeno sistemático, organizado, através da conexão de fatores linguísticos e sociais. Entendemos que o variacionismo tem como premissa a heterogeneidade manifestada na fala e que ele pode ser analisado de maneira coerente. O pesquisador não confia em intuições, mas baseia-se em exemplos construídos pelo próprio pesquisador, coletando uma boa quantia de dados¹⁹ na comunidade.

Em toda sua relevância, a metodologia proposta por Labov não se esgota na análise das estruturas da língua, mas se apresenta na variação condicionada por fatores de ordem social, que podem funcionar como marca de identificação na comunidade em que ocorrem. Nas palavras do próprio Labov (2006 [1968], p. 247):

Tudo parece comprovar a hipótese de que os falantes da classe média baixa mantêm uma forte tendência ao sentimento de insegurança linguística e, em função disso,

¹⁸ Em um estudo sociolinguístico, o pesquisador busca descrever estatisticamente ativa e fundamentada um fenômeno variável, tendo como principais características apreender, analisar e sistematizar variantes linguísticas utilizadas por uma mesma comunidade de fala.

¹⁹ Em nossa pesquisa, esses dados serão submetidos à análise estatística, que possibilitará testar as hipóteses, comprovando ou refutando-as.

procuram adotar as formas de prestígio utilizadas pelos membros mais jovens da classe alta. Essa insegurança se manifesta na grande amplitude de variação estilística da classe média baixa, na grande flutuação dentro de um dado contexto estilístico, em seu esforço consciente de correção e em suas atitudes fortemente negativas com referência aos padrões de linguagem que herdaram.

Para pensar a questão da insegurança linguística, Labov enfatiza a importância de se usarem métodos simples para que os informantes utilizem as variantes pertencentes à sua própria pronúncia, como se encontra em algumas de suas pesquisas, centradas nos ditongos (ay) e (aw) na ilha de *Martha's Vineyard* ou a da pronúncia do (r) na cidade de Nova York, que se resume a cálculos de frequência expressos em percentuais.

Para a análise dos dados da nossa pesquisa, tomamos esse modelo de estudo estatístico de Labov, como ponto de partida para o tratamento dos dados e o aplicamos de forma diferente, tendo em vista que optamos pela pesquisa de cunho qualitativo e quantitativo a qual objetiva demonstrar, por meio do Sistema *Goldvarb*, os fenômenos linguísticos e sociais encontrados nas entrevistas com os idosos da cidade de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ). E ainda nessa etapa, observamos, analisamos e interpretamos, com o auxílio da Teoria da Variação, alguns fatores da estrutura linguística e empírica que constituem e atuam sobre o domínio da língua.

Identificamos e reconhecemo-nos neste percurso de pesquisa sociolinguística, porque ela colabora de maneira direta e significativa com nossos estudos, uma vez que nos possibilita a articulação de conhecimentos dos estudos de fenômenos linguísticos aos estudos de fenômenos sociais e culturais, do uso da língua oral em duas situações concretas de comunicação por meio dos falantes de duas comunidades distintas. Além disso, possibilita-nos o estudo particular de cada uma dessas comunidades e uma possível aproximação mediante o estudo comparativo, tecendo, assim, nosso percurso de pesquisa sociolinguística variacionista comparativa.

Segundo Scherre (1988), a Sociolinguística de pesquisa variacionista entrou para o Brasil em 1970 com o grupo intitulado Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), sediado no Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ressalta-se ainda, que nesse período o escritor Gregory Guy era aluno do curso de doutorado na Universidade da Pensilvânia, sob a orientação de William Labov. A partir daí, a convite do projeto Competências Básicas do Português, coordenado pela professora doutora Míriam Lemle, e com o apoio de Labov, Gregory passou a responsabilizar-se pelo início das análises quantitativas desenvolvidas no Brasil.

Labov foi o precursor na abordagem dos estudos referentes à relação entre língua e sociedade, fortalecendo o campo de estudos que veio a ser considerado por Sociolinguística variacionista. Conforme Labov (2008 [1972], p. 13), a base do conhecimento intersubjetivo na Linguística deve ser encontrada na fala, “língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos”.

Desse modo, Labov (2008[1972]) expressa que a forma como uma língua é falada ou escrita difere entre sujeitos como também em situações vividas pelo mesmo sujeito. Argumenta que essas diferenças acontecem de forma natural e com certeza são essenciais para o funcionamento de uma língua. Para Mollica (2010, p. 9), a Sociolinguística variacionista defende a proposta de um sistema linguístico dinâmico e apresenta uma ciência presente em um espaço interdisciplinar na fronteira entre língua e sociedade, na qual focaliza os empregos linguísticos concretos e heterogêneos.

A Sociolinguística está no domínio da Linguística e estuda a língua em uso no contexto das comunidades de fala, em que prioriza a investigação que relaciona elementos linguísticos e sociais. Alguns estudos comprovam que a base do conhecimento egocêntrico ou emocional da Linguística, tendência a ser encontrada por meio da fala, pois a língua só faz sentido quando a utilizamos nas práticas diárias da vida social. Nesse sentido, pode-se chamar de sociolinguistas os especialistas que compreendem a língua como um transmissor de comunicação, informação e interação entre os sujeitos, ou seja, não existe uma comunidade de fala homogênea nem um falante ideal. Pelo contrário, todos temos nossas diferenças e, por isso, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é algo evidenciado.

De acordo com Monteiro (2002, p. 26), ocorrem duas abordagens importante sobre os estudos da Sociolinguística: uma macrossociolinguística, que abarca o estudo das relações entre sociedade e língua como um todo, principalmente no que tange às investigações sociológicas e políticas; e a microssociolinguística, ancorada na análise das interferências sociais sobre a estrutura linguística. Conforme Romaine (1994), a diferença está na forma de como é feita a observação das abordagens: a primeira busca mostrar como ponto de partida a sociedade, colocando a língua como um componente de organização das comunidades; a segunda centra-se na língua, na qual faz uso dos componentes do entorno social como fatores condicionantes para determinar as estruturas linguísticas. A nossa pesquisa está inserida na segunda abordagem, mais especificamente, no modelo da Sociolinguística variacionista.

A teoria da variação ou Sociolinguística variacionista, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa, tem como objeto de estudo a estrutura e a evolução da língua em um contexto social da comunidade de fala. O foco é na função social e comunicativa da língua na qual é um fator importante na identificação de grupos e na definição de diferenças sociais na comunidade. O variacionismo parte do pressuposto de que a heterogeneidade é manifestada na fala, modo que requer do pesquisador a necessidade de estar desprovido de sua intuição e coletar os dados na prática, dentro da comunidade pesquisada e, após a realização da coleta, poderá testar estatisticamente suas hipóteses.

As questões relacionadas às variáveis são observadas como inerentes ao sistema, algo previsível que surge a partir da língua em uso, uma vez que é concebida pelos sociolinguistas como “heterogeneidade sistemática” em que o objeto de estudo está focalizado no comportamento humano. Para Tarallo (2007), a variação pode ser sistematizada ao observar os seguintes aspectos: levantamento exaustivo de dados de língua materna; descrição detalhada da variação (variável e variantes); análise dos possíveis fatores condicionantes; encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade.

Labov (2008 [1972], p. 271) afirma que a “variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes: isto é, as variantes são idênticas em valor referencial ou valor de verdade, mas opostas em sua significação social e estilística”. As pessoas de uma mesma língua não se comunicam da mesma forma o tempo todo e também não falam sempre do mesmo jeito. Os registros são realizados de maneira diferente e, dependendo da situação ou local, o falante tem sua expressão específica de acordo com a sua realidade e seu contexto. Então, a Sociolinguística é uma área da linguagem em seu uso real, considerando a estrutura e respeitando os conhecimentos sociais e culturais de produção da língua.

As línguas, de modo geral, apresentam uma diversidade que agrega e constitui o falante que vai progredindo paulatinamente, ou seja, primeiro adquire as variantes informais e posteriormente se apropria de estilos, e dos gêneros formais, chegando a se aproximar das variedades cultas. Toda a língua, no entanto, evidencia variantes mais prestigiadas do que outras, e sobre isso, os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de quebrar preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real da comunidade de fala ou da escola.

Uma pesquisa sociolinguística agrega grande conhecimento e aprofundamento de saberes das comunidades de fala, indispensáveis, para a compreensão de dados

extralinguísticos, que envolvem as comunidades de falantes pesquisadas²⁰. A Sociolinguística se constitui de um permanente repensar e redescobrir, pois para os estudos sociolinguísticos, sempre há tempo de recomeçar e acrescentar novas ideias na pesquisa. É um estudo que apresenta novas possibilidades de interação e construção para formar e reavaliar conceitos de sustentação para estudos vindouros.

3.2 Linguagem e língua como saberes e valores sociais

A sedução que a linguagem apresenta sobre o ser humano vem desse poder que permite criar, transformar o mundo em que vivemos, mas o que nos faz crescer a cada instante, é, sem dúvida, a possibilidade de trocar experiências e aprender com outras pessoas. Toda linguagem nos é necessária, mas, para este estudo em especial, daremos ênfase à linguagem oral, pois acreditamos que é o produto da reflexão e da elaboração do pensamento e o condutor da comunicação social. A nosso ver, as pessoas não vivem em plenitude de forma isolada, por isso, não existe sociedade sem linguagem e não há linguagem fora da sociedade que agrega saberes e valores.

A linguagem é um tanto autônoma; por meio dela, conseguimos imprimir ideias, emoções. No entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas ideologias, pelas deliberações da realidade social, histórica e cultural de seu falante. Em Fiorin (2013, p. 13), a linguagem

[...] é a capacidade específica da espécie humana de se comunicar por meio de signos. Entre as ferramentas culturais do ser humano, a linguagem ocupa um lugar à parte, porque o homem não está programado para aprender física ou matemática, mas está programado para falar, para aprender línguas, quaisquer que elas sejam. Todos os seres humanos, independente de sua escolaridade ou de sua condição social, a menos que tenham graves problemas psíquicos ou neurológicos falam. Uma criança, por volta dos três anos de idade, já domina esse dispositivo extremamente complexo que é uma língua.

Como vimos no excerto acima, a linguagem contempla as necessidades da comunicação humana. Não é algo manifestado de forma natural, mas uma necessidade de aprendizagem, pois a linguagem, a nosso ver, precisa ser apreendida dentro do contexto de uma língua, de uma comunidade, que se imprime por meio de atos da fala. A Linguística considera o estudo da

²⁰ Como já mencionado em outros pontos da tese, no tocante a nossa pesquisa, os falantes idosos da EJA da cidade de Nossa Senhora do Livramento em Mato Grosso e os falantes idosos do Rio de Janeiro são o foco para repensarmos, refletirmos e redescobriremos essências das pessoas idosas.

língua falada importante e fundamental para o aprimoramento da língua e, por esse motivo, acreditamos que nossa pesquisa sobre a língua falada dos idosos de diferentes cidades no Brasil, Nossa Senhora do Livramento (MT) e Rio de Janeiro (RJ), resgata a importância da fala do sujeito, de forma a mostrar suas experiências e vivências no século XXI.

Preti (2011) em uma entrevista concedida a Universidade Federal Fluminense reforça que ensinar a Língua deve agregar discussões sobre variedade linguística e sua forma de interagir com diversas situações de comunicação. Assim, à medida que o falante evolui, aumenta sua participação no convívio social. Para o autor, as questões ligadas ao papel da linguagem e o valor social das variantes linguísticas são preocupações que o falante aprende a partir da sua vida prática, concomitantemente aos estudos que a escola proporciona.

No entanto, para alguns autores, a língua é considerada uma estrutura construída por uma rede de elementos que tem valor único e funcional de formas determinadas. Chomsky (2006) preconizava a língua como biológica e concebida como um conhecimento abstrato, isto é, adquirida rapidamente por estímulos. Não precisamos, quando crianças, ouvir todas as sentenças de nossa língua para que nos tornemos proficientes em uma gramática, portanto, capazes de produzir qualquer sentença; esse conhecimento está “localizado” em nossa mente.

Labov (2008 [1972]) apresenta outro pensamento a respeito da língua, contrapondo à ideia de Chomsky, pois para ele a concepção de língua não é biológica, mas social. As palavras e frases são chamadas de ferramentas linguísticas e colocadas em sentido amplo no processo de comunicação. Por isso, os usos dessas ferramentas se explicam pelos termos sociais e não só pelas questões e termos linguísticos.

Para Labov (2008 [1972]), a língua não se “localiza” na mente de seu falante, mas no seu uso por uma comunidade de falantes. Com isso, as intuições sobre a gramática de uma língua em torno da língua materna têm de oportunizar e de valorizar as ocorrências que a fala das pessoas oferece. Numa língua, não existe uma única forma para os significados, pois o que existe são variantes, um conjunto de opções do qual retiramos as formas que empregamos ao falar e ao escrever. Essa escolha não é por acaso, nem aleatória, pois ocorrem motivações de toda ordem, nos dirigindo rumo a constantes processos de formulação linguística. Sobre os aspectos mencionados, Faraco (2008, p.31) ensina que,

[...] uma língua é constituída por um conjunto de variedades e não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades de outro, como muitas vezes se acredita no senso comum, a língua é o próprio conjunto das variedades. Trata-se de uma realidade intrinsecamente heterogênea.

A língua é um sistema organizado, formado por regras definidas e regras variáveis, pois podemos dizer que a mesma língua que possui estrutura, também é composta por variabilidade, ou seja, trata-se de uma língua intrinsecamente heterogênea. Às vezes, as pessoas pensam que, ao falar de língua heterogênea, implica ausência de regras, mas isso é um equívoco, porque a língua heterogênea é estruturada e muito bem organizada. A língua comporta, ao lado de regras categóricas, regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico quanto do extralinguístico.

A Sociolinguística tem como foco as regras variáveis da língua, aquelas que permitem que, em certos contextos linguísticos, sociais e estilísticos, falemos de uma forma e, em outros contextos, de outra maneira, ou seja, podem-se alternar duas ou mais variantes²¹. Assim, as variáveis linguísticas de que trataremos neste estudo são os marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, opções de dizer a mesma coisa de maneiras diferentes e essas escolhas, entre uma e outra das variantes, são motivadas por fatores internos e/ou externos à língua intitulados como “condicionadores”. Outro fator importante é a observação desses condicionadores internos e externos que explicam a escolha das variantes para atestar a organização da variação.

Em outras palavras, a língua comporta regras variáveis que permitem aprendizagem por meio da interação, ou seja, um determinado falante pode aprender formas usadas pelo outro e vice-versa, sem perder ou abandonar os conhecimentos ou formas já por ele adquiridos. O estudo da sociolinguística se preocupa essencialmente com a gramática geral da comunidade de fala, e não com o sistema específico de um ou outro indivíduo. Labov (2008 [1972], p. 150) explica que “uma comunidade de fala não é apenas um grupo de falantes que usa as mesmas formas da língua, mas um grupo de falantes que, além disso, compartilha as mesmas normas a respeito do uso dessa língua”.

Para Faraco (2008, p. 36), toda norma tem uma organização estrutural e esse fato deixa sem fundamento empírico enunciados de senso comum que afirmam, por exemplo, a ausência de gramática na fala dos analfabetos ou falantes de variedades do chamado português popular. Ainda segundo Faraco (2008, p.37), se toda norma é estruturada, o sujeito não está fora da gramática. Assim, não existe fala sem gramática, pois, apesar das diferenças de domínio das muitas normas sociais entre os falantes, não existe falante que se expresse sem o domínio de alguma norma. Para ele, histórias e experiências culturais diversas geram normas discordantes

²¹ São formas que devem ter o mesmo significado “referencial ou representacional e ser intercambiáveis” no mesmo contexto discursivo.

ou diferentes para grupos sociais diferentes. Desse modo, não há grupo social que não tenha sua norma, que fale sem suporte de uma determinada organização estrutural²².

Essa diversidade está relacionada com a heterogeneidade da rede de relações sociais que se estabelecem internamente em cada comunidade, que agregam pessoas que compartilham experiências coletivas. Isso podemos observar de modo expressivo em nossa pesquisa, pois trabalhamos com dois grupos de falantes idosos habitantes de contextos socioculturais bem diferentes, pessoas que mantêm relações intensas e atravessadas pelo local onde vivem e pelas pessoas que com eles convivem na vida cotidiana. As linguagens desses falantes agregam uma múltipla diversidade, pois tanto Nossa Senhora do Livramento quanto o Rio de Janeiro, recebem pessoas de diversos lugares do Brasil e até do mundo. Esse encontro de diversas linguagens, sotaques, compartilham valores e saberes únicos que fortalecem e ampliam a língua humana.

Marcuschi, na obra *Conversas com linguistas* (2003), explica que a língua deve ser entendida como uma atividade e não um sistema ou forma, é uma atividade constitutiva. Franchi (1977, p.39) comenta que “língua é mais que um conjunto de regras ou representação mental para dizer o mundo”. A língua se manifesta como uma atividade social e histórica que é desenvolvida mutuamente pelos sujeitos no processo de interação e agrega finalidades cognitivas para dar e construir sentido em tudo que vivemos na sociedade, sendo assim, cabe ainda reforçar a necessidade de compreender a língua não como forma, mas principalmente como atividade.

3.2.1 A fala como *corpus* sociolinguístico: elemento de interação social

A linguagem é apontada como uma produção humana e constituída por meio de práticas sociais. Pela linguagem, as pessoas têm a possibilidade de se transformarem em sujeitos, capazes de construir sua própria história, de maneira a se constituir histórica e socialmente. A linguagem vai além de seu aspecto comunicativo, pois os sujeitos se constituem por meio das interações sociais. Dessa forma, podemos dizer que a linguagem possibilita a representação e a

²² Certa organização estrutural que indica que, “não há, vernáculos sem lógica e sem regras, o que pode haver, e há, são vernáculos com outra lógica e com outras regras” (FARACO,2008, p. 37), configurando singulares características.

sistematização do pensamento e da ação, em que se podem comunicar ideias, intenções de diversas maneiras, e influenciar o outro de forma a estabelecer relações de interação.

Pensando no processo de interação e em relação à linguagem, nesta seção, abordamos alguns conceitos de fala que, de acordo com Marcuschi (2010), é a verbalização da língua em um percurso individual, pois é o próprio sujeito que decide sobre os elementos linguísticos que pretendem utilizar para expressar sua fala, seus anseios e sua cultura. Marcuschi (2010, p. 18) discorre que a fala, enquanto manifestação da prática oral, “é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá o primeiro sorriso ao bebê”.

A fala sofre algumas variações e é importante considerar a linguagem utilizada para que a comunicação seja repassada de maneira clara, sem que haja incompreensão; um exemplo que podemos citar é o Coloquial-popular, isto é, a fala utilizada por uma boa parte da sociedade, diariamente, de forma informal, espontânea, sem preocupação com regras linguísticas; enquanto o Formal-culto é a fala utilizada pelas pessoas de maneira formal, com preocupação das regras.

Nessa perspectiva, nosso estudo conta com amostras de fala vernácula de duas variedades linguísticas de dois estados brasileiros: Mato Grosso e Rio de Janeiro. Dentro desse contexto, foram entrevistados idosos, acima de 60 anos e com nível de escolaridade diferente. Diante do exposto assumimos as palavras de Bortoni-Ricardo (2005, p. 169)

Qualquer conversa é imprevisível *a priori*, já que o número de sentenças originais que os falantes têm competência para produzir é infinito. Entretanto, a interação se constrói a partir de um conjunto de regras organizacionais e sequenciais que tornam a comunicação apropriada e socialmente interpretável.

Tendo em vista o uso de diferentes tipos de linguagem, alguns fatores influenciam a fala, como por exemplo, os fatores regionais. Entendemos que, dependendo da localização, o sujeito utiliza a fala de forma diferenciada. Um exemplo são os idosos habitantes da cidade de Nossa Senhora do Livramento que apresentam algumas questões da fala diferente dos idosos habitantes do Rio de Janeiro, e vice e versa. Outros elementos influenciáveis são os fatores culturais e contextuais, os quais apresentam nível de escolaridade, proveniência e formação cultural particular, dependente das circunstâncias, isto é, a conversa com amigos, convivência com vizinhos e colegas na escola, situações em que prevalece o uso da linguagem informal. De modo diverso, nos ambientes de formação acadêmica se exige um discurso acadêmico, mais

elaborado que corresponde a uma linguagem formal, como enfatiza o próprio Marcuschi (2007, p.25)

A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano.

O que determina a escolha de uma variação ou outra é a situação concreta de comunicação e a possibilidade de a língua expressar a variedade cultural existente em cada grupo. Assim, é inquestionável que a variação é inerente à natureza da linguagem humana. É certo que as variações redimensionam a vida de diversas comunidades, que constroem seus valores, presenciam experiências diferentes, evidenciando que a realidade de cada uma é permeada, por questões muito específicas, que alteram aspectos sociais, históricos e linguísticos. Por isso, o fato de o falante adequar o seu repertório linguístico, segundo as práticas correntes da comunidade a qual pertence, faz do sujeito um ser singular diante da sua fala. Para Tarallo (2007 [1985], p.19), a língua falada é

a língua usada na comunicação face a face sem a preocupação de como enunciá-la e isto constitui a essência para a análise sociolinguística. E para coletar essa língua falada, que é o vernáculo, precisamos interagir com a comunidade nas diversas situações comunicativas, porém sem permitir que essa interação perturbe a naturalidade da conversação, a fim de que se constate a heterogeneidade e variabilidade da língua falada.

Andrade (2000), em seu texto denominado “A digressão no texto oral”, postula que o contexto situacional em que o texto oral se efetiva manifesta-se no próprio texto, não de uma forma mecânica, mas por meio de um relacionamento ordenado entre o meio social, de um lado e a organização funcional da língua, de outro. Explica que o texto e o contexto apresentam-se integrados e um serve para observar o outro. O texto oral é um evento interativo, uma troca social de significados e essa troca se torna mais visível na conversa espontânea, pois se trata de um tipo de texto em que os sujeitos exploram todos os recursos da língua, pois é o momento em que as pessoas podem improvisar, criar, inovar e na qual as mudanças podem acontecer.

Na perspectiva de Hasan (1989), os textos estão inseridos em situações específicas, assim como em uma organização contextual, melhor dizendo, certos aspectos de um texto são realizados pelo “aqui – agora”, num determinado momento e situação de fala. No que tange ao texto oral, ou falado, vale ressaltar que, para que o texto falado aconteça, é necessária a ativação da percepção do sujeito em relação à comunicação e a partir de um conjunto de informações, o

contexto situacional à própria construção cognitiva. O sujeito percebe os elementos da realidade que o rodeia, ou seja, os elementos da cultura, biográficos e de conhecimento de mundo.

Desse modo, compreendemos que o ser humano não vive isolado e o processo de interação estará sempre presente na vida das pessoas, pois, por meio dela, agregam-se aspectos sociais, culturais, discursivos e linguísticos. Na seção seguinte, imprimimos comentários respaldados na concepção de texto e de discurso. Trataremos do discurso, gênero discursivo, na concepção de alguns autores que discutem o assunto. E para encerrar o tópico, apresentaremos o gênero entrevista para enfatizar sua relevância para a análise da nossa pesquisa sociolinguística.

3.2.2 A vida a partir de construtos narrativos

Apesar de a narrativa ser, na nossa tese, um mecanismo e um instrumento de geração de dados, optamos por inseri-la na parte teórica porque entendemos que a narrativa também é uma teoria de construção e de reconstrução da memória, da organização coletiva e social. Tendo em vista que o ato de narrar é costume milenar apontado como uma das atividades de linguagem mais expressiva na história da humanidade. Barthes (2011 [1981], p. 19) explica que “a narrativa está aí, como a vida”, inicia-se com nossa própria história humana porque a encontramos em todos os tempos, lugares e sociedades. Todas as pessoas e as comunidades têm suas narrativas as quais são contempladas em culturas diversas e sustentada por diferentes linguagens.

A narrativa é evidenciada na contemporaneidade em muitas teorias que objetivam descrever suas condições de produção, a estrutura, a função dos narradores e seus estímulos para narrar, de forma a considerar seus efeitos sociais. Para Garcia (2003, p. 258), “toda narrativa consiste numa sequência de fatos, ações ou situações que, envolvendo participação de personagens, se desenrolam em determinado lugar e momento, durante certo tempo”.

A comunicação deve levar em consideração a organização dos sentidos do que se quer contar, pensando no contexto da interlocução e em quem são os sujeitos leitores, o que se conhece sobre eles, de que maneira manter a atenção e interesse desses sujeitos. É importante que exista uma razão pelo qual se conta uma história. Para Labov e Waletzky (1967), o que define uma narrativa é a ligação temporal entre pelo menos duas propostas que expõem a

estrutura em que estão constituídos os seguintes componentes: resumo, orientação, ação complicadora, avaliação e resultado, abaixo resumidos:

- a) O resumo ou síntese apresenta uma introdução ou resumo dos fatos da narrativa.
- b) A orientação traz as referências de pessoa (quem?), lugar (onde?), tempo (quando?) e situação da fala (o quê?).
- c) A ação inédita (ocorrência não esperada) apresenta o desenvolvimento da história (o que aconteceu?).
- d) A avaliação, em que o narrador informa a responsabilidade dramática da situação, dos fatos e/ou protagonistas da narrativa.
- e) O resultado aponta a causa entre os acontecimentos (qual o desfecho?).
- f) A coda retoma a narrativa para o tempo atual da situação narrada e, pode-se dizer, que é a “moral da história”.

Como se pode observar, em relação à estrutura, a narrativa apresenta uma sequência de fatos (enredo), os personagens que participam dos fatos, o lugar onde ocorrem os fatos (espaço ou cenário) e o tempo, vivências momentâneas, cronologicamente marcadas.

Outro aspecto importante a ser considerado na narrativa, do ponto de vista de Labov (1972), é a questão da reportabilidade. Por meio dela, o sujeito manifesta de forma única sua subjetividade, fazendo escolhas para construir a narração e mostrando, ao longo dos contextos enunciados, sua visão e vontade expressiva como narrador principal.

Kleiman (1989) também oferece contribuições para pensar a ação de narrar. Para ela, a estrutura narrativa constitui-se pela marcação temporal cronológica e pela causalidade, como também pelo destaque aos agentes das ações. Ainda a narrativa expõe uma estrutura que contempla o cenário, o lugar onde acontecem os fatos, os personagens são apresentados; a complicação, o início da trama propriamente dita; e a resolução, o desenrolar da trama até seu fim. Outra contribuição a essa questão é a de Koch e Elias (2010). De acordo com as autoras, as sequências narrativas podem exibir uma sucessão temporal/causal dos eventos, isto é, uma situação inicial e final, entre as quais pode ocorrer alguma modificação de estado das coisas. A definição de Koch e Elias (2010) reforça a posição de Adam (1987) de que uma narrativa não pode ser construída apenas a partir de uma cronologia de acontecimentos, pois se torna um mero roteiro ou descrição de fatos.

Schiffrin (1996) comenta que ouvir as histórias de outras pessoas é abrir-se para descobrir um pouco sobre seu mundo, seja isto viabilizado pelo universo semântico, pela concretude das referências feitas e imagens criadas, seja pela própria linguagem empregada

pelos narradores. Schiffrin (1996) declara que a narrativa supre um “retrato sociolinguístico” ou “uma lente linguística” através da qual percebemos traços da identidade cultural, mas também do gênero, dos papéis sociais e das intenções locais daqueles que animam e atuam nas histórias na função de autores ou figuras. Em nossa pesquisa, cabe a função de personagens protagonistas aos idosos entrevistados.

A ação de comunicar experiências, contar histórias, expor opiniões, narrar acontecimentos, fazer relato da vida e muitos outros fatores é objeto dos estudos relativos ao discurso narrativo. Quando contamos histórias, mobilizamos alguns princípios estruturais e linguísticos, ou seja, organizamos objetivamente a narrativa, utilizando elementos fundamentais, como personagens, espaço, tempo, narrador; por outro lado, exploramos os recursos da linguagem para estabelecer interação entre o narrador e o interlocutor do relato.

Além dessa função estrutural e linguística, a narrativa também pode assumir uma função terapêutica quando relacionada à psicanálise. Contar sonhos ou vivências pode ajudar a solucionar ou minimizar problemas psicológicos e emocionais. Histórias de vida, a nosso ver, colaboram com a recuperação das pessoas em algumas situações afetivas. Com isso, uma das principais atividades que o ser humano constrói por meio da linguagem é o ato de narrar²³, e aqui acrescentamos, narração oral ou por escrito.

Contar fatos, experiências, ajuda a entender de forma mais espontânea a vida, quem somos, como nos constituímos. Ampliando essa visão, nota-se que o percurso da história da humanidade, em seus múltiplos aspectos, como artístico, cultural, científico, econômico, político, trazem marcas visíveis da narrativa. Um bom exemplo é a história da humanidade apresentada como um imenso relato, construído com a narração de atos heroicos, traições, política, interesses, verdades, mentiras, enfim, grandezas e fraquezas humanas.

Narrar possibilita a interação das pessoas consigo mesmas e com o meio em que vivem. Como elemento de comunicação, “ato de narrar” e “capacidade de intercambiar experiências”, esse ato é expresso como

[...] a arte de contar uma história é um acontecimento infinito, pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites porque é apenas uma chave para tudo o que veio depois (BENJAMIN, 1994, p. 37).

²³ A narrativa é um componente de comunicação que, por meio da troca de experiências, pode levar as pessoas a se redescobrirem como seres humanos e até mesmo encontrarem sentido para suas vidas.

Assim, a sequência narrativa assume uma dimensão abrangente, pois não se trata apenas da lembrança acabada de uma experiência, mas a interpretação do sujeito narrador dos fatos vivenciados, experimentados, o que só se faz pela linguagem à medida que o evento/fato é narrado. Por isso, vemos que a narrativa é um instrumento muito recorrente nas entrevistas sociolinguísticas, fundamental para nós, em nossa pesquisa uma vez que o roteiro das perguntas faz com que os informantes de N. Sra. do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ) apresentem relatos ou fatos que aconteceram em determinado tempo e local, tendo em vista que nossas perguntas são abertas e possibilitam aos entrevistados resgatarem suas memórias e histórias vivenciadas. Tavares (2003, p. 83) nos explica que

a narrativa de experiência pessoal tende a ser um dos gêneros mais marcados pela informalidade em uma entrevista sociolinguística, pois o informante costuma estar mais absorto emocionalmente no que diz e mais despreocupado com a opinião do entrevistador do que em outros gêneros que produz na mesma entrevista. Sua fala se torna, pois, um campo fértil para a emergência do vernáculo, o estilo de fala mais informal.

O trecho da narrativa a seguir foi retirado de uma transcrição do nosso *corpus*. Nosso intuito é exemplificar o que foi expresso por Tavares (2003) sobre as narrativas com presença marcada pela oralidade e informalidade, com certa licença também para afetividade.

Quadro 3 – Trecho transcrito do informante M80EO

M80EO#00:08:29-3# aí: eu acho que: que tem mais jovem né porque sempre é: é: mais (-) num todo luga{r} né tá () (-) tem mais jovem aqui mesmo (--) véio é mais pouco véio sempre (-) é mais pouco os cara que as vez{es} tem gente que morre: jovem não chega () chega fica véio logo morre e aí (-) aí (vai ficando) po{u}co{s} véio (2,5) e () é mais

(Nota: Trecho da entrevista de um aluno idoso da EJA de Nossa Senhora do Livramento-MT)

Quadro 4 – Trecho transcrito do informante M84GU

M84GU: #00:00:55-2# o resto era:: lavora (-)boi (-) os cara{s} criava{m} gado aí e lavora (--) agora que::: isso aqui virou brejo (-) eu/ eu plantei muita cana/ cana quiabo: (-) abóbora (-) abóbora aqui colhia muito a terra era muito boa pa abóbora (-) e ultimamente agora viro{u} bre:jo que depois de de:: trinta e sete pra cá aí fizeram loteamento (-) ante{s} era sítio aí depois fizeram loteamento em trinta e sete aí::: povoô{u} né (-)vei{o} muita gente de fora (-)e lá de Jacarepaguá então vei{o} muita gente (--)aí que:: viro{u} isso aí do jeito que {es}tá aí andaro fazeno a estrada/ a estrada naquela época era de chão (-) num tinha luz num tinha água (--) agora de uma certa época pra cá aí veio luz veio água aí foi melhorano foi povoano aí foi melhorano (--)bonde aqui é um/ bonde aqui só vinha até ali no::onde é o cepo aGOra dali pra cá era: só ou de bicicleta ou a pé (-) eu mesmo já vim muita{s} vezes do Monteiro pra cá a pé (-) lá do estádio Mato Alto pro Magarça o bonde recolhia ali sete horas da noite ali dali pra cá tinha que vim a pé vinha do quartel vinha a pé

(Nota: Trecho da entrevista de um idoso do município do Rio de Janeiro-RJ)

Nos dois trechos acima, os informantes são masculinos com faixa etária acima de oitenta anos, têm o ensino fundamental e mesmo vivendo em cidades diferentes, podemos perceber uma interação que está atrelada na fala dos participantes e mesmo sendo entrevistas de estados diferentes, as marcas e a espontaneidade acontecem nos dois trechos destacados. Nesse sentido, a sequência narrativa se apresenta por relatos verbais com predominância de fatos ocorridos no passado e que podem ampliar por um certo tempo os ambientes, pessoas e uma sequência temporal, pois a interação evolui no tempo de forma dinâmica e não estática. Retornando às narrativas, quanto a sua natureza, elas podem desempenhar o papel de transmitir a cultura de geração a geração, os costumes, os aspectos da sociedade, a Literatura, entre outros.

Na nossa pesquisa, a narrativa é instrumento de geração de dados sobre a memória de dois grupos distintos, um formado por alunos idosos da EJA acima de 60 anos de N. Sra. do Livramento (MT); outro, de idosos a partir de sessenta anos, pertencentes ao circuito urbano da cidade do Rio de Janeiro (RJ). O trabalho desta pesquisa reconstrói por meio da narrativa oral dessas pessoas um pouco das histórias e das memórias vividas pelos mesmos a partir do lugar onde vivem.

Ao mencionar memória, trouxemos para o contexto, as explicações de Pollack (1989), que a memória é assinalada pelo tempo presente em sua dinâmica social, desvendando segredos, lembranças e esquecimentos em múltiplos aspectos. Com base nessa perspectiva, a história oral busca registrar a memória viva, construindo uma imagem extensiva e dinâmica do vivido a partir de um processo de pesquisa. É preciso observar também que o registro da memória não se constrói por meio de uma simples entrevista, mas com projeto de oralidade se torna história oral, como mostra Meihy (1996, p. 15)

História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

É nesse patamar e padrão de entrevistas que se constitui o *corpus* desta pesquisa. O estudo da história oral de dois grupos socioculturais distintos não serve à realização de comparações entre “melhor” e “pior”, “superior” e “inferior”, mas à identificação de aspectos que permitam conhecer memórias e experiências sociais, muitas vezes esquecidas ou,

simplesmente, desconhecidas. Com ele, pretendemos verificar se há diferença no uso da linguagem e se houve transformação na qualidade de vida dos sujeitos entrevistados nos últimos quarenta anos.

3.2.3 Noção sobre texto, discurso e entrevista

Iniciamos discutindo sobre a noção de texto e discurso, e para isso trouxemos para essa seção Azeredo (2007) que explica que a atividade comunicativa por meio de uma língua caracteriza o discurso e os objetos em que essa atividade se desdobra e se intitula “textos”²⁴. É por meio dos textos orais e escritos que as informações passam para outras pessoas. O discurso pode ser visto como a explicitação do mundo, a verbalização de uma realidade, na qual estamos inseridos e, por meio do material, pode ser compreendido, interpretado e reorganizado. Foucault declara que (1996, p. 48-49).

[...] discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isto se dá porque todas as coisas, tendo manifestado intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de consequências de si

O discurso apresenta uma força produtiva e criadora, que possibilita que as ideologias se materializem e fortaleçam estratificações sociais que servem para diversas ações na sociedade desde a marginalização, discriminação, como também para organizar a população de forma que traga benefícios para a comunidade local. Em outras palavras, o discurso e o texto são objetos linguísticos repletos de funções sociais que dinamizam e humanizam as relações dentro da sociedade em que vivemos.

Para Bakhtin (2010), nos dois tipos de textos/discursos, da vida ou da Arte, tem a esfera ideológica, pois a palavra é um signo ideológico. Cada idoso com quem interagimos nas entrevistas de Nossa Senhora do Livramento (MT) e por meio do Projeto *Varia- Idade* no município do Rio de Janeiro (RJ), são seres ideológico, político que atuam e falam conforme sua constituição, relação com seu eu e com os outros que estão em seu entorno. Entendemos

²⁴ Colocando em prática, os textos são elementos construídos por meio de palavras, digamos que são materializadas na interação entre as pessoas, no diálogo contínuo e participativo.

que um texto ou um discurso não se resulta a partir de uma atividade ou comportamento que segue um conjunto de regras, pois, falar de texto e de discurso vai além das regras. Ambos apresentam regularidades, estabilidades e relações internas e externas que ancoram no linguístico tudo o que é social e histórico²⁵.

Nesse sentido, não basta somente aplicarmos regras, uma vez que produzir discurso (ou um texto) exige muito mais do que conhecer as formas relativamente estáveis dos gêneros discursivos. É preciso se constituir como locutor, assumir papel de sujeito discursivo, o que impõe se colocar no lugar do outro, o que Bakhtin (2010[1979]) chamava de alteridade, um ponto de vista extralocalizado, situacional e ideológico. Toda relação discursiva se constrói por meio da participação, do convívio; é a presença do outro que nos constitui e transforma a ponto de modificarmos as relações que estabelecemos cotidianamente. Por esses e tantos outros aspectos é que reforçamos a relevância da nossa pesquisa em conhecer e analisar a língua oral dos falantes idosos que, muitas vezes, são discriminados em seu contexto social. Azeredo (2007, p. 21) nos explica

[...] cada texto revela na própria construção e grau de complexidade interna, sua maior ou menor dependência dos fatores característicos de qualquer ato enunciativo: a finalidade e circunstâncias históricas e socioculturais da elaboração do texto e a identidade social de seu enunciador e de seu destinatário.

Diante desses fatores, os textos pertencem a duas ordens de condicionamento discursivo: a) que passam pelos espontâneos, que atendem a necessidades imediatas de comunicação, que passa pela interação face a face “em tempo real”; e b) que passam pelos planejados, que respondem a objetivos comunicativos não imediatos, usados para colocar em contato pessoas, comunidades de culturas, lugares ou grupos distintos.

Os textos são produzidos para serem recebidos e interpretados pelos destinatários. Por conta da interação, os textos realizam seu propósito comunicativo e expressam a atitude do enunciador no que tange ao conteúdo ou ao destinatário de sua mensagem. Todo texto concretiza uma espécie de “modelo de composição” que é apropriado ao evento da comunicação que pretende apresentar. A esse modelo intitulou-se de gênero textual e o contato com os textos da vida cotidiana, como uma receita culinária, uma lista de compras, um anúncio,

²⁵ É nesse sentido, que ao mencionar nossa pesquisa ligada aos dois grupos de falantes idosos, pensamos essa questão do discurso, da fala desses idosos que nos últimos quarenta anos, além das experiências vividas trazem muitas memórias atreladas à vida social de cada um. Dessa forma, todo discurso se materializa, ou seja, todo discurso se “textualiza”, como discute Marcuschi (2007).

guias turísticos, receitas médicas, avisos de toda a ordem etc, constituem diferentes gêneros textuais.

Para Marcuschi (2008), tipo textual é uma sequência linguística, com base na qual é estabelecido um número restrito de categorias como a narração, a argumentação, a descrição, entre outras tipologias. Já gêneros textuais são textos materializados em condições comunicativas, ou seja, os textos presentes no cotidiano, que apresentam modelos sociocomunicativos, definidos pela situação de comunicação. Para o teórico russo, Bakhtin (2010 [1951-1953/1979], p. 279), cada esfera de atividade humana produz seus discursos específicos, os quais mostram as condições e as finalidades para as quais eles foram constituídos.

Podemos dizer que todo discurso apresenta marcas da esfera de comunicação a que pertence. Essas esferas se identificam como espaços de relações específicas como a escola, a igreja, o trabalho em jornal, a política, a família entre outras, enfim, as organizações socioideológicas e culturais dos grupos humanos. Dessa maneira, pode-se dizer que só se age em relação ao outro e o agir motiva em determinadas condições o surgimento de certas formas de interação que, com o tempo, vão estabilizando-se relativamente, modificando-se de acordo com o fluxo de atividade desses espaços. A essas formas de interação discursiva, momentaneamente estabilizadas, Bakhtin (2010[1952-53]) denomina de gêneros discursivos.

Os gêneros discursivos funcionam como um filtro através do qual visualizamos a realidade da vida social. Então, nós apreendemos a linguagem por meio dos gêneros discursivos, os quais são tão diversos que, às vezes, os utilizamos sem mesmo pensar em sua existência.

Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas (a comunicação cotidiana também dispõe de gêneros criativos). Esses gêneros nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática. A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical não chegam ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam (BAKHTIN, 2010[1952-53/79], p. 282-283).

Em Bakhtin, essa diversidade não é um problema em si, mas é própria da natureza da linguagem. O filósofo russo, na verdade, não estava preocupado com classificação, dividindo os gêneros discursivos em dois grandes domínios socioculturais, primários e secundários,

apenas para uma amostra das duas grandes diferenças de organização da vida discursiva, diríamos, uma apresentação didática de noções tão complexas da linguagem e da cultura.

Sobral (2009) faz referência às esferas e aos gêneros discursivos, afirmando, em seu texto, que as esferas são espaços construídos por meio da vivência sócio histórica, ideológica, cultural de um povo, enfim, de acordo com o mundo relacional dos sujeitos, portanto, os lugares de atuação humana nos remetem ao contexto ou condições de produção, circulação e recepção dos discursos, pois todas as esferas da atividade humana, mesmo repletas de diversificações, variações e possibilidades, estabelecem regras próprias de utilização da língua em seu âmbito.

Antunes (2017, p. 130) explica que a expressão gênero discursivo é usado para se referir aos textos materializados que encontramos em nossa vida cotidiana e que demonstram características sociocomunicativas estabelecidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição. Em comparação aos tipos textuais, que se resumem em poucas categorias, como narração, argumentação, exposição, descrição e outros, os gêneros são múltiplos.

Em síntese, os tipos textuais são “construções teóricas”, e existem enquanto objetos teóricos; já os gêneros são, ao contrário, “textos materializados”, isto é, textos concretos, situados em determinado contexto de uso (MARCUSCHI, 2002, p. 22). Assim, o que nós produzimos ou recebemos são gêneros e não tipos textuais. Além do mais, os gêneros caracterizam-se muito mais por suas funções cognitivas e comunicativas do que pelas suas particularidades estruturais e linguísticas (MARCUSCHI, 2002). Desse universo de textos e gêneros discursivos, optamos para o desenvolvimento de nossa pesquisa, o texto/gênero entrevista.

Segundo Hoffnagel (2010, p. 180), o gênero discursivo funciona como "uma constelação de eventos possíveis que se realizam como gêneros (ou subgêneros) diversos. Desse modo, teríamos, por exemplo, entrevista jornalística, entrevista científica, etc," no entanto, Marcuschi (2000), explica as diferenças existentes entre os vários tipos de entrevistas: existem eventos que parecem entrevistas por sua estrutura geral de pergunta e resposta, mas se diferenciam muito disso. Um exemplo prático seria depoimento judicial, ou em uma “prova oral”, pois ocorre uma sequência de pergunta e de resposta entre o docente e discente. Conforme Hoffnagel, (2010, p.181), pode-se dizer que esse gênero possui itens gerais comuns a todos os subgêneros, a saber:

- sua estrutura será sempre caracterizada por perguntas e respostas, envolvendo pelo menos dois indivíduos - o entrevistador e o entrevistado;

- o papel desempenhado pelo entrevistador caracteriza-se por abrir e fechar a entrevista, fazer perguntas, suscitar a palavra ao outro, incitar a transmissão de informações, introduzir novos assuntos, orientar e reorientar a interação;
- já o entrevistado responde e fornece as informações pedidas;
- gênero primordialmente oral, podendo ser transcrito para ser publicado em revistas, jornais, sites da Internet.

Nessa estrutura composicional, o gênero “entrevista” possibilita ao sujeito interagir em diferentes situações de comunicação, pois todo ser humano em algum momento já passou por situações de entrevistas, como por exemplo, em uma consulta médica. Entendemos que a entrevista é um gênero que coloca em cena um entrevistador e um entrevistado e com propósito diverso, tais como coletar informações, opiniões, experiências pessoais e profissionais vividas por alguém, no caso, vividas pelo entrevistado. Hoffnagel (2010, p. 195) comenta que

[...] a entrevista se tornou uma força poderosa na sociedade moderna. Desde muito cedo enfrentamos perguntas colocadas por educadores, psicólogos, pesquisadores da opinião pública, médicos e empregadores. Escutamos, assistimos e lemos entrevistas na mídia[...]

Como se percebe, o gênero entrevista é muito utilizado em nossa sociedade e o registro das falas, por gravação de voz ou por escrita/transcrição, mostra-nos dados, fontes essenciais para pesquisa populacional, de saúde, de política (em meio a campanha eleitoral, bem como aprovação durante o período de governo), resolução de problemas em empresas, Educação, etc. É instrumento eficaz que pode apontar caminhos. Medina (1986, p. 8) apresenta um conceito mais social de entrevista, na qual explica que

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o interrelacionamento humano.

Assim sendo, podemos entender que a finalidade da entrevista é servir como um meio para a interação do homem na sociedade, pois a recepção na realização de uma entrevista é tão importante que se transforma no principal objetivo a ser alcançado pela instância de produção. A citação a seguir mostra a relevância da audiência para uma compreensão responsiva:

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2010, p. 302).

O excerto acima, quando menciona a percepção do discurso pelo destinatário, remete-nos à nossa pesquisa; quando realizamos a entrevista, o destinatário é o próprio entrevistado (o falante idoso) e sua voz social, histórica e cultural²⁶. No primeiro capítulo, p.33, apresentamos algumas reflexões sobre a importância de escutarmos as vozes desses idosos que trazem uma larga percepção cultural e social que, a nosso ver, são posturas de vida e pontos de vista ideológicos que contribuem significativamente para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

3.4 Marcadores discursivos “entende?”, “entendeu?”, “não é?”, “né?”

Os marcadores²⁷ discursivos são elementos que servem para a organização da fala, a manutenção da interação entre os falantes, mas também apresentam uma função primordial que é a atuação no encadeamento coesivo das partes de um texto. Vale salientar que os marcadores compõem-se de elementos sintáticos independentes e sua formação é constituída por elementos lexicais ou expressões não lexicais que, muitas vezes, acabam perdendo seu valor semântico para atribuir usos no discurso e podem aparecer em vários lugares da produção oral, ou seja, no início, meio ou fim.

Os autores, Risso (1996), Macedo (2000), Schiffrin (1992), Penhavel (2005), Marcuschi (1986), Castilho (1989) entre outros, definem como marcadores de passagem porque são representados por uma pergunta direta e servem para testar a atenção do ouvinte. Ex.: entende? entendeu? não é? né? Esses marcadores ocorrem, na maioria das vezes, com entonação ascendente, ou seja, estão sempre elevando o tom.

Vejamos a seguir o que dizem alguns autores sobre os marcadores discursivos ou, como expressos por outros pesquisadores, marcadores conversacionais:

²⁶ As pessoas idosas merecem o respeito e a valorização da sociedade e do Estado, têm direito à qualidade de vida na velhice.

²⁷ Marcadores são recursos verbais (linguísticos), classes de palavras ou expressões estereotipadas, de grande recorrência, mas não contribuem com informações novas para o desenvolvimento do tópico, sua função é nos situar no contexto geral, particular ou pessoal da conversação.

Quadro 5- Noções sobre marcadores discursivos ou marcadores conversacionais

Risso <i>et al.</i> (1996)	Concebem os marcadores discursivos como fundamentos presentes no discurso oral, com a finalidade de participar da organização do texto e das informações durante a fala e de dar “pistas” para o interlocutor sobre o assunto a que o falante se refere. Assim, compreendemos que os marcadores discursivos podem organizar internamente o discurso.
Macedo (2000)	Conceitua o marcador discursivo como sendo um grupo particular de elementos ou expressões lexicais (expressas por advérbios, conjunções. Ex.: né?, não é?, entre outros) que passaram por abreviação fonológica e perderam a função sintática. Desse modo, começam a exercer funções de verificação da interação, de revisão, da continuidade do equilíbrio entre os interlocutores, de forma a organizar o discurso oral.
Schiffrin (1992)	Comenta que os significados dos marcadores discursivos são difíceis de “esclarecer”, mas ressalta a importância dos mesmos como elementos essenciais para fortalecer os argumentos na organização do discurso.
Penhavel (2005)	Define marcadores discursivos como mecanismos que atuam no exercício das relações entre as unidades textuais do discurso ou seja, (organização textual-interativa) entre os interlocutores de várias maneiras sem construir uma classe bem definida.
Marcuschi (1986)	Propõe uma classificação de marcador discursivo, ao qual denomina marcador conversacional, seguindo linhas teóricas alemãs. Salienta as diferenças entre a conversação e a língua escrita, na qual a primeira deve obedecer também a princípios comunicativos conversacionais, além dos sintáticos, comuns às duas modalidades de expressão da linguagem. Apresenta dois grandes tipos funcionais dos marcadores conversacionais: marcadores textuais (relacionados à orientação no texto) e marcadores pragmáticos (imbricados na interação verbal)
Castilho (1989)	Os marcadores discursivos são elementos importantes na organização do discurso e podem ser subdivididos em dois grupos: os interpessoais, orientados para o monitoramento da conversação (e aí?, tudo bem?, não é?, sabe?, né?, entende?, tá?, certo?) e os ideacionais, orientados para a organização textual, como os iniciadores, sequenciadores, expansores e modalizadores asseverativos é claro, exato e atenuadores eu acho (que), me parece que).
Votre Cezário e Martelotta (2004)	Os autores ressaltam as funções que os marcadores discursivos exercem no discurso, considerando como elementos resultantes do processo de discursivização, ou seja, concebem que quando um determinado fenômeno que estava na gramática passa a ter comportamentos não previsíveis em termos de regras seletivas, pode-se dizer que sai da gramática e passa para o discurso. Leva o elemento linguístico a perder suas restrições gramaticais, principalmente de ordenação vocabular, e apresenta restrições pragmáticas e interativas.
Urbano (1995, p. 86)	“Os marcadores conversacionais são unidades típicas da fala. Além de serem recorrentes e contribuírem para a coesão e a coerência do texto oral, o autor complementa que os marcadores são também constituídos de significação discursivo interacional. Funcionam

	como articuladores das unidades cognitivo-informativas do texto e dos interlocutores”. “Os marcadores servem como elo entre as unidades comunicativas, ou seja, são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal” (URBANO, 1995)
Santos (2006)	Afirma que os marcadores conversacionais atuam como elementos de organização textual e interativa, de forma que propiciam a relação entre as unidades que integram o texto e/ou os interlocutores. Além de serem conhecidos por marcadores conversacionais, podem também ser denominados marcadores discursivos, conectivos, partículas pragmáticas e operadores discursivos.

Como observamos acima, muitos autores definem os marcadores discursivos como elementos de organização textual e de interatividade, uma vez que a língua falada é uma atividade comunicativa entre sujeitos e por meio dela compartilham assuntos variados. Tendo em vista a variedade de definições sobre marcadores discursivos, tomamos como base teórica, as ideias de Marcuschi. Por conta dessa mescla de diversidade histórica, social e linguística em que vivemos, nossa pesquisa priorizou os marcadores discursivos: “entende?”, “entendeu?”, “não é?” e “né?”, porque nas transcrições das entrevistas dos idosos, evidenciamos muitos desses marcadores que por conta das repetidas ocorrências, nos chamou muita atenção. Partindo desse contexto, consideramos a situação comunicativa de uso linguístico desses elementos na fala dos idosos – sujeitos da pesquisa – e de como influenciam a linguagem (ou são influenciados pela linguagem) no que tange à vida social e à cultural dos falantes.

Quanto à posição dos marcadores no turno, Marcuschi (1986) explica que podem aparecer em diferentes momentos e situações, tais como troca de falantes, mudança de tópico, em algumas falhas na construção da oração e em outras condições textuais. Na realidade, são independentes do verbo e funcionam no controle da conversação e organização do texto. Os marcadores classificam-se em: 1) Iniciais: não, mas, acho que, não é assim, que caracterizam o início ou a tomada de turno; 2) Mediais: né?, sabe?, entende? digamos, advérbios, conjunções, alongamentos, que são responsáveis pelo desenvolvimento do turno; 3) Finais: né?, não é?, entendeu?, perguntas diretas, pausa conclusa, que assinalam a passagem implícita ou explícita do turno.

Em outras palavras, os marcadores ajudam a construção da coesão e da coerência do texto falado²⁸, em especial no que tange ao enfoque da conversação. Por isso, são apresentadas

²⁸ No sistema de compreensão da fala, podemos identificar etapas dessa modalidade verbal, como: a) interpessoal, atua como elemento de interação entre os interlocutores pedindo a permissão do ouvinte para manter a conversação (MACEDO; SILVA, 1996); b) textual e interpessoal, busca atenção do ouvinte para alguns trechos do texto com

algumas particularidades para apoiar o discurso relacionado à organização da fala. No que tange à classe gramatical que evidencia a função de marcadores discursivos, Marcuschi (1989) expõe que estes não se constituem uma classe própria, ou seja, qualquer classe pode assumir essa função, uma vez que o sentido primário do termo é modificado, e é dado um sentido interacional à organização do texto.

Segundo o autor, “não é pela classe gramatical que identificamos os marcadores, mas pela função que aquela forma tem na interação” (MARCUSCHI, 1989, p. 290). Com o objetivo de organizar as formas dos marcadores em classes, Marcuschi (1989) mostra a seguinte divisão:

- a) marcadores simples - composto por uma palavra apenas.
- b) marcadores compostos - possuem características sintagmáticas.
- c) marcadores oracionais – atua em orações pequenas, e pode se apresentar em todos os tempos e formas verbais ou modos oracionais.
- d) marcadores prosódicos - acontece com recursos prosódicos como tom de voz, hesitação, pausa, entonação etc.

Em suma, os marcadores exercem funções textuais (ideacionais) e atingem mecanismos de coesão textual, que constroem um tipo de relação semântica e estrutural entre diferentes elementos discursivos. Para tanto, nesta pesquisa, optamos por colocar em evidência os marcadores discursivos a partir dos pressupostos de Marcuschi (1989), tendo em vista que o referido autor auxilia de maneira significativa nos estudos da língua. Propomos apresentar um tratamento quantitativo no que tange aos marcadores discursivos e qualitativo, ao comparar as diferenças e semelhanças, de acordo com o delineamento sociolinguístico dos informantes idosos da cidade de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ).

função de enfatizar o que antecede (TRAVAGLIA, 1999; VALLE, 2001; GORSKI *et al.*, 2003); c) marcadores de ritmo (formas automatizadas), ou modelos, perdendo sua modulação interrogativas (VINCENT; VOTRE; LAFOREST, 1993).

4 PERCURSO DE PESQUISA E COLETA DE DADOS

A Linguística não é uma ciência previsível, e eu prefiro deixar o futuro acontecer em seu devido tempo. O que irá determinar o futuro serão os resultados dos estudos em variação linguística, se eles provarem ser uma rota positiva e cumulativa para responder nossas questões fundamentais sobre a natureza da linguagem e das pessoas que a utilizam.

*William Labov*²⁹

Nesse capítulo, descrevemos o percurso de pesquisa que adotamos e a metodologia, indicando os objetivos pretendidos, as hipóteses levantadas, as técnicas e os instrumentos utilizados. Também detalhamos os procedimentos específicos executados em cada estágio de desenvolvimento da pesquisa, abrangendo desde a seleção dos informantes, a preparação dos dados para a análise, a transcrição da gravação em áudio digital, até a sustentação dos dados (o software utilizado), a identificação e organização da chave de codificação veiculada aos marcadores discursivos, “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, os quais analisamos em uma perspectiva sociolinguística variacionista comparativa.

4.1 A orientação teórico-metodológica e a caracterização da pesquisa

A metodologia da pesquisa promove o tratamento de dados, tendo em vista a correlação estatística entre as variáveis dependentes, que são os marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, e as variáveis independentes, ou seja, os contextos estruturais, discursivos e sociais que estabelecem parâmetros para a análise das diferenças de uso entre os marcadores discursivos em questão.

Conforme Richardson (1999), a pesquisa quantitativa é caracterizada pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento por meio dos métodos estatísticos. Nas noções de Mattar (2001), a pesquisa quantitativa³⁰ busca a validação das hipóteses mediante a utilização de dados estruturados, estatísticos, com análise

²⁹ LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

³⁰ A pesquisa qualitativa pode ser usada, também, para explicar os resultados obtidos pela pesquisa quantitativa.

de um grande número de casos representativos. De acordo com Malhotra (2001, p.155), “a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”.

Na visão de Bogdan & Biklen (2003), a definição de pesquisa qualitativa envolve cinco características básicas que configuram este tipo de estudo: ambiente natural, dados descritivos, preocupação com o processo e o significado, e processo de análise indutivo. A pesquisa qualitativa apresenta o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo os autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação investigada, por meio do trabalho intensivo de campo.

Assim sendo, entendemos que nossa pesquisa se enquadra no perfil de pesquisa quantitativa (quando analisamos e interpretamos variáveis dependentes) e qualitativa (quando analisamos e interpretamos variáveis dependentes em relação às variáveis independentes).

4.2 A abordagem Sociolinguística variacionista e quantitativa

A pesquisa em questão é de natureza quantitativa de cunho qualitativo e conta com suporte teórico da Sociolinguística Variacionista, proposto por Labov (1972, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010). Nesta perspectiva da Sociolinguística Variacionista quantitativa, Labov (2008) considera uma intrínseca relação entre língua e sociedade, propondo uma interpretação dos tratamentos estatísticos dos dados recolhidos. Os estudiosos Guy e Zilles (2007, p.101) elucidam que

[...] um modelo quantitativo na Sociolinguística variacionista é quando tomamos um padrão de teoria linguística que procura explicar as possibilidades linguísticas e tentamos entendê-lo para explicar também os padrões quantitativos de uso dessas possibilidades através de um modelo matemático.

Ainda para Guy e Zilles (2007 p. 73), “as análises quantitativas possibilitam o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social [...]”. A metodologia quantitativa tem permitido demonstrar

o quanto a variação é importante para o entendimento das questões ligadas às comunidades de fala investigadas, aos estudos linguísticos de forma particular.

Nossa opção pela pesquisa empírica se dá pelo fato de que, sendo uma ciência social, a sociolinguística depende da observação do comportamento do homem. Por isso, nossa pesquisa abarcou a análise quantitativa e qualitativa, tendo observado três fases: a) A coleta de dados, de maneira a construir uma amostra que represente de fato a comunidade de fala ou grupo escolar, que nos propomos observar, o que é mais facilmente obtido por meio da coleta aleatória; (b) redução dos dados, que possa assegurar um panorama geral do fenômeno, sem enviesar os dados originais, as medidas comparáveis (proporção ou porcentagem) e os índices e, assim também, por meio da sua posterior apresentação, com o uso de gráficos e tabelas; (c) a interpretação dos dados, em que partimos para a análise do fenômeno estudado, no nosso caso, os marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”.

4.3 Objetivos e Hipóteses

Essa pesquisa tem como tema a variação linguística na fala de dois grupos de idosos, um da cidade de N. Sra. Livramento (MT) e outro do Rio de Janeiro (RJ). O objetivo é decodificar, analisar e interpretar à luz da sociolinguística variacionista comparativa os marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, como variantes da variável discursiva, responsáveis pela organização de uma relação coesiva de continuidade e consistência entre os enunciados. Procura comparar influências da escolaridade, sexo e idade sobre esse fenômeno variável em dois *corpora* distintos de narrativas orais e transcritas³¹.

Diante do método adotado em nossa pesquisa, cabe trazer, nomear e discutir os elementos, que conformaram o projeto que definiu e conduziu os estudos aqui assumidos e que delinearam o caráter científico. Sendo assim, a pesquisa tem como objetivos:

³¹ Conforme definido e apontado anteriormente p.106, o primeiro *corpus* oriundo de entrevistas realizadas com um grupo de idosos com idade a partir de sessenta (60) anos, nascidos ou que vivem em diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro (RJ), ou idosos que vivem no Rio de Janeiro há mais de quarenta (40) anos; o segundo, oriundo de entrevistas com idosos nascidos em Mato Grosso ou na região de N. Sra. do Livramento ou que vivem na cidade de N. Sra. Livramento há mais de 40 anos, com mais de 60 (sessenta) anos, e que estão matriculados na Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual José de Lima Barros.

Geral

Analisar a variação entre os marcadores discursivos “entende?”, “entendeu?”, “não é?” e “né?” na fala dos idosos dos municípios de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ).

Específicos

1. Aferir a frequência dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ).

2. Verificar o grau de motivação do fator *sexo/gênero* (masculino/feminino) na variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ).

3. Analisar a influência do fator *grau de escolaridade* (fundamental/médio) na variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do município do Rio de Janeiro (RJ).

4. Analisar a influência do fator *região geográfica* (Nossa Senhora do Livramento-MT/ Rio de Janeiro-RJ) na variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ).

5. Comparar a relação entre os fatores *sociais* (sexo, escolaridade) na variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ).

6. Analisar e Interpretar a atuação do fator posição de preenchimento em fronteiras de constituintes (intercalado/posposto) na variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ).

7. Analisar a atuação do fator *tempo verbal* (presente/pretérito e futuro) na variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ).

8. Analisar a atuação do fator *modo verbal* (indicativo/subjuntivo/imperativo) na variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ).

9. Verificar a atuação do fator tipo semântico do verbo principal (ação/ não ação) na variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ).

10. Examinar a atuação do fator *sequência textual* (narração/ argumentação/ exposição/ descrição / injunção) na variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ).

Visando a alcançar os objetivos propostos, nos orientamos pelas seguintes questões e hipóteses de pesquisa.

Questão geral e hipótese básica:

1. Como se dá a variação entre os marcadores discursivos entende?, entendeu?, não é? e né? na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ)?

Hipótese: Existe um *continuum* inovação-conservadorismo no uso das formas “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, relacionado a fatores socioculturais no contexto do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ). Com base em Coelho *et al.* (2018, p. 45), entendemos que “com relação à faixa etária, estudos têm mostrado que ela não pode ser estudada sem que se leve em conta uma correlação entre indivíduo e comunidade, e entre esse fator e os demais condicionadores sociais”.

Questões gerais e hipóteses secundárias:

1. Qual a distribuição de frequência dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ)?

Hipótese: o uso do “né?” se dá nos contextos das falas dos idosos do município do Rio de Janeiro e dos alunos da EJA de Nossa Senhora do Livramento-MT com mais frequência do que os marcadores “não é?”, “entendeu?” e “entende?”.

2 - Qual o grau de atuação do fator *sexo/gênero* (masculino/feminino) na variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ)?

Hipótese: Quanto à variação social relacionada ao sexo masculino e feminino, alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens, ou seja, elas são mais receptivas à normatização da língua (COELHO et al., 2018, p. 44).

3 - Como o fator *grau de escolaridade* (fundamental/médio) motiva a variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ)?

Hipótese: Quanto ao fator grau de escolaridade, na língua oral enunciada pelos idosos com ensino médio (completo ou cursando) ou com ensino fundamental (completo ou cursando) prevalece o emprego das formas estigmatizadas como o “né?” em detrimento dos marcadores “não é?” “entendeu?” e “entende?”

4 - Em que medida o fator *região geográfica* Nossa Senhora do Livramento-MT/Rio de Janeiro-RJ influencia a variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e Rio de Janeiro (RJ)?

Hipótese: O Rio de Janeiro adota com maior frequência as formas dos marcadores né e Livramento pode adotar o né com menos frequência, pois parecem ser mais conservadores no que diz respeito ao emprego da normatização da língua.

5 - Qual a relação entre os fatores sociais (sexo, escolaridade) na variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro?

Hipótese: Os homens do ensino fundamental do Rio de Janeiro são mais inovadores do que as mulheres. Já no contexto dos informantes gerais, as mulheres de Nossa Senhora do Livramento apresentam maiores possibilidades de serem mais conservadoras na linguagem, por estarem mais motivadas e receptivas ao uso da normatização da língua.

6 - De que forma o fator posição de preenchedores em fronteiras de constituintes (intercalado/posposto) determina a variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ)?

Hipótese: Na oralidade dos idosos de N. Sra. Livramento e do Rio de Janeiro os marcadores “entendeu?”, “entende?” aparecem com maior frequência no final da cláusula por se apresentarem maiores do que o né? e não é?, e posicionam mais intercalados pelo fato de serem mais curtos.

7 - Como o fator tempo verbal (presente/pretérito e futuro) influencia na variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ)?

Hipótese: Na fala dos idosos do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento, ocorre maior alternância entre o emprego do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito do indicativo em relação ao uso dos marcadores discursivos.

8 - Como o fator modo verbal (indicativo/subjuntivo/imperativo) se relaciona à variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ)?

Hipótese: Há menor incidência da utilização do presente do subjuntivo em variação com o presente do indicativo no falar dos idosos tanto de Nossa Senhora do Livramento quanto do Rio de Janeiro.

9 - De que maneira o fator tipo semântico do verbo principal (ação / não ação) motiva a variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ)?

Hipótese: Há uma maior existência de verbos de ação para enfatizar o uso do “né”, uma vez que as entrevistas são compostas por narrativas das vivências dos idosos tanto dos que vivem na cidade de Nossa Senhora do Livramento e do município do Rio de Janeiro.

10. Como a sequência textual (narração/argumentação/exposição/descrição/injunção) se relaciona à variação dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ)?

Hipótese: Os marcadores discursivos indicam que a sequência textual pode estar mais em evidência na argumentação, tanto na fala dos informantes de Nossa Senhora do Livramento como do Rio, porque a tendência é o informante chamar a atenção e manter o interlocutor (entrevistador) conectado ao que está sendo dito.

Na seção seguinte, apresentamos procedimentos adotados para tratamento dos discursos dos sujeitos idosos da pesquisa.

4.4 **Ficha social – contexto social e informações dos sujeitos participantes e a denominação por codinomes**

A ficha social³² é apresentada de maneira simples, apenas com os dados pessoais do informante como: sexo, idade, local de nascimento, estado e país, bairro onde mora na atualidade, profissão, profissão dos pais, e qual a mobilidade na profissão. Outro dado importante é o grau de escolaridade do idoso (tempo e nível, se ensino fundamental ou médio, cursando ou concluído). Nela, ainda, constam algumas perguntas, das quais se destacam as relativas à língua materna do entrevistado, ao domínio de outro idioma, ao local de moradia até os 8 anos, à mobilidade geográfica na cidade, nos bairros, do Rio de Janeiro para os informantes do Rio, e à mobilidade geográfica na cidade, nas localidades/comunidades, para os informantes de Nossa Senhora do Livramento. A seguir, expomos um modelo completo da “Declaração de Consentimento”:

³² Salientamos, conforme já foi adiantado na p.125, que a ficha social dos informantes foi elaborada com o objetivo de preservar a identidade do participante e também autorizar a publicação do conteúdo concedido pelo informante.

Quadro 6- Declaração de Consentimento

Ronny Beckert | Romanisches Seminar | Universität Heidelberg | Seminarstrasse 3 | 69117 Heidelberg
e-mail: questionario@outlook.com

Número: 01 Data: 30/03/16 Local: Leblon (RJ)

Dados pessoais
 Sexo: feminino Idade: 67
 Local de Nascimento / País: Rio de Janeiro
 Bairro atual: Leblon
 Profissão: brasileira
 Tempo e nível de escolaridade (fundamental, médio, superior):
 Onde andou na escola? Rio
 Língua materna: português
 Línguas praticadas: inglês
 Moradia até aos 8 anos: Nízia
 Mobilidade geográfica no Rio:
 Mobilidade geográfica no bairro:
 Mobilidade geográfica fora do Rio: Volter 73
 Profissão dos pais Pai: funcionário público Mãe: funcionário público
 e-mail ou facebook (caso eu tiver questões):

Declaração de consentimento
 Eu, _____, abaixo assinado, concordo que as minhas respostas, gravações e dados pessoais podem ser utilizados para fins científicos. Fui informado pelo pesquisador (Ronny Beckert, Universidade de Heidelberg, Alemanha) sobre a pesquisa e seus procedimentos e, todos os dados a seu respeito não deverão ser identificados por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso. Concordo ainda que as gravações de voz podem ser utilizadas para um arquivo digital on-line, confiando em que serão utilizadas nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo investigador.
 Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento.

30/03/2016, Rio de Janeiro (Leblon) Helena
 Data, local Assinatura

Fonte: Declaração elaborada pela equipe de pesquisa do grupo Varia-Idade 2016 Rio de Janeiro/ Heidelberg- Alemanha

E no cuidado com a pesquisa, os dados coletados e, fundamentalmente, com os informantes, sua identidade e proteção, mantivemos absoluto sigilo quanto as suas informações e traços pessoais, que poderiam expor suas identificações. Sendo assim, para garantir esse anonimato, foi realizada a identificação de cada entrevista por meio de código, que apresenta a subsequente ordem:

- a) Sigla para a letra indicando sexo (**F**- Feminino; **M**- Masculino)
- b) Numeração com a indicação da idade do(a) entrevistado(a)
- c) Letras para indicar o bairro em que o informante mora quando se tratar dos idosos da cidade do Rio de Janeiro. Ex.: **F90ME** (Feminino, noventa anos, moradora do Méier no Rio de Janeiro)
- d) E letras para indicar a localidade em que o informante mora, quando se tratar dos idosos da cidade de N. Sra. Livramento. Ex.: **M67EO** (masculino, sessenta e sete anos, morador do Assentamento Estrela do Oriente, no município de N. Sra. Livramento).

Após o preenchimento e a assinatura da ficha social, os informantes assinam a Declaração de Consentimento e, então, dá-se início às questões da entrevista.

4.5 Metodologia e coleta de dados

4.5.1 Entrevista

Retomando os dizeres de Hoffnagel (2003) sobre gênero discursivo como um evento comunicativo, podemos considerar a entrevista como constelação de acontecimentos possíveis que se realizam em diversos gêneros, como por exemplo, entrevista jornalista, entrevista médica ou de emprego, entre outros. Levinson (1979) notou, nesse sentido, que embora a entrevista tenha uma estrutura geral, comum a todos os tipos de evento em que se realiza, também é constituída de diversos estilos. A entrevista é considerada por Schneuwly Dolz, (2004, p. 73) como:

Uma prática de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, como num jogo de papéis: o entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reorienta a interação; o entrevistado, uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas.

Nesse contexto, podemos dizer que a entrevista é um gênero predominantemente oral. A maioria das entrevistas se refere a interações orais e mesmo aquelas relacionadas ao jornalismo para publicações em revistas ou em jornais, antes de mais nada, são feitas de forma oral e depois transcritas para outros fins, como a publicação. As entrevistas da nossa pesquisa também não foram diferentes. No que tange à forma individual, tiveram duração de aproximadamente 35 a 45 minutos, tanto as realizadas na cidade de N. Sra. Livramento (MT) e no Rio de Janeiro (RJ), das quais participaram apenas um documentador e um informante, sendo esse modelo de entrevista o aspecto que equipara a quantidade de material linguístico para os falantes.

Para a coleta, não foram considerados os turnos de fala do entrevistador, pois se trata de uma fala mais cautelosa, previamente organizada e escrita, também, pela ausência de controle quanto ao seu aspecto social. A escolha por entrevistas sustenta-se nos postulados de Labov (1983[1972]), segundo o qual o vernáculo é a melhor maneira para extrair os dados. O tema das entrevistas estava relacionado à cultura, ao carnaval, ao meio de transporte utilizado na época, aos estudos, à vida familiar, à infância, à moda, às restrições da ditadura, ao trabalho, ao

comércio, à linguagem regional, comidas típicas da região, tempo livre e outras dimensões da vida social.

4.6 A transcrição das falas dos informantes

A transcrição configura-se como mais uma experiência para o pesquisador e se apresenta como uma prévia análise do material. Para a elaboração do *corpus*³³, incluímos tanto gravações como transcrições, uma vez que as entrevistas transcritas servem de base para os estudos e análise posterior dos dados. Com objetivo de garantir as melhores condições de registro da interação verbal a acontecerem durante as visitas realizadas aos idosos, as gravações do Rio de Janeiro foram realizadas nos lugares em que os entrevistados desejavam e lhes proporcionavam melhor conforto. Exemplo: moradia dos entrevistados, universidades e alguns lugares públicos de melhor mobilidade para o idoso. Em Mato Grosso, a maioria das entrevistas foi realizada na escola em que os alunos idosos estudavam. Somente em alguns casos foram entrevistados em suas respectivas residências ou em comércios pertencentes a eles.

Para a gravação, utilizamos o aparelho de celular em que foi baixado um aplicativo de gravação. Em seguida armazenamos nossas entrevistas no formato *wav*. Para adquirir um material linguístico em que predominasse a espontaneidade da fala dos entrevistados, só interferíamos em alguns momentos para estimular a continuidade da fala. Seguíamos o entendimento de Labov (2008, p.83), segundo o qual:

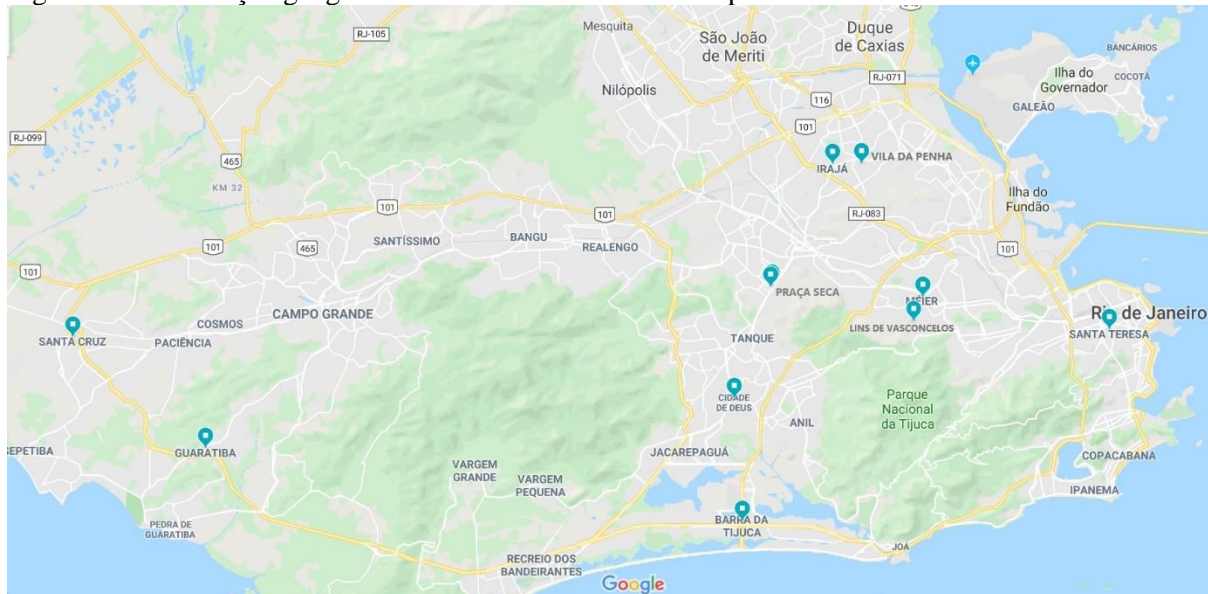
[...] nosso objetivo é observar o modo como as pessoas usam a língua quando não estão sendo observadas. Todos os nossos métodos envolvem uma aproximação a esse objetivo: quando fazemos uma abordagem a partir de duas direções diferentes e obtemos o mesmo resultado, podemos ter certeza de que conseguimos vencer o paradoxo do observador no sentido de que a estrutura existe independentemente do analista.

Após a realização das entrevistas, selecionamos para compor nosso *corpus* vinte e quatro entrevistas, doze do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e doze do

³³ Vale esclarecer que não fizemos entrevistas no município do Rio de Janeiro. As entrevistas foram feitas por alguns componentes do grupo de pesquisa Varia-Idade, do qual não participamos. Nossa participação no grupo varia-Idade foi como coordenadora das transcrições das entrevistas no Brasil, nas quais coordenamos, organizamos materiais e fizemos transcrições.

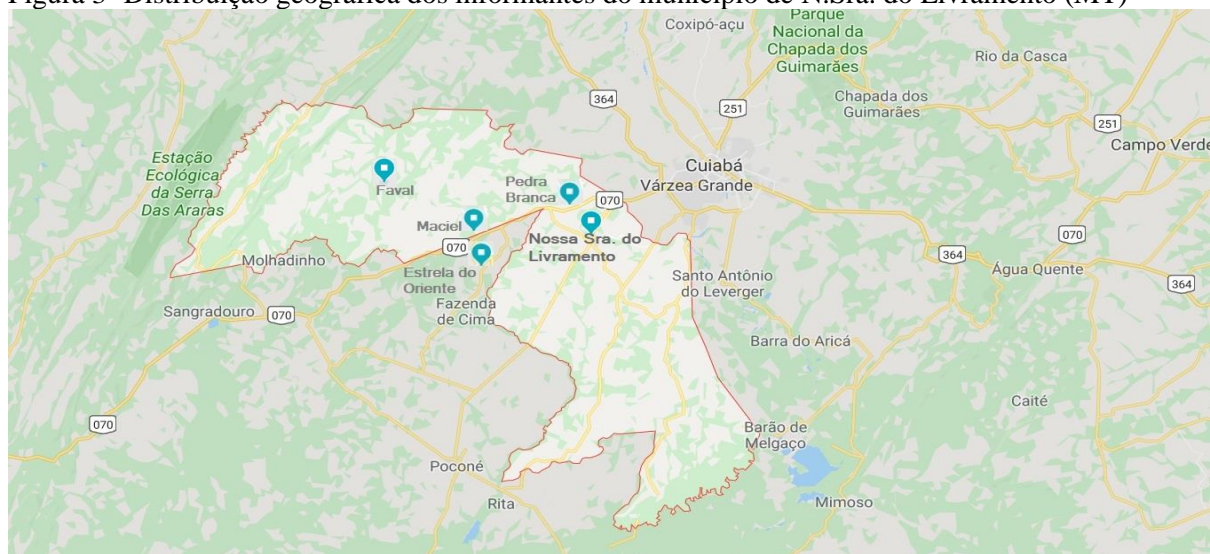
município do Rio de Janeiro (RJ), todos advindos dos dois municípios expostos abaixo no mapa da Figura 2 e da Figura 3.

Figura 2 - Distribuição geográfica dos informantes do município do Rio de Janeiro.



Fonte: Google Maps, 2020

Figura 3- Distribuição geográfica dos informantes do município de N.Sra. do Livramento (MT)



Fonte: Google Maps, 2020

Após a realização das entrevistas, iniciamos as transcrições dos dados, com o propósito de apreender de forma mais precisa os fatos relatados. Essa etapa foi de suma importância para a pesquisa, tendo em vista que todo nosso trabalho está baseado nos resultados dessas transcrições, criteriosamente efetuada após duas audições do material em sua íntegra.

Para que o estudo fosse desenvolvido, seguimos o Guia³⁴ de Transcrição do Projeto Varia-Idade pelo qual todas as entrevistas gravadas tiveram transcrição ortográfica, isto é, demos ênfase à ortografia oficial da língua, mas colocando os registros de forma que não descaracterizasse a fala do informante, conforme podemos observar no excerto transcrito abaixo:

Quadro 7- Narrativa de um informante do Rio de Janeiro

M84GU: #00:00:55-2# o resto era:: lavora (-)boi (-) os cara{s} criava{m} gado aí e lavora (--) agora que::: isso aqui virou brejo (-) eu/ eu plantei muita cana/ cana quiabo: (-) abóbra (-) abóbra aqui colhia muito a terra era muito boa pa abóbra (-) e ultimamente agora viro{u} bre:jo que depois de de:: trinta e sete pra cá aí fizeram loteamento (-) ante{s} era sítio aí depois fizeram loteamento em trinta e sete aí::: povoô{u} né (-)vei{o} muita gente de fora (-)e lá de Jacarepaguá então vei{o} muita gente (--)aí que:: viro{u} isso aí do jeito que {es}tá aí andaro fazeno a estrada/ a estrada naquela época era de chão (-) num tinha luz num tinha água (--) agora de uma certa época pra cá aí veio luz veio água aí foi melhorano foi povoano aí foi melhorano (--)bonde aqui é um/ bonde aqui só vinha até ali no::onde é o cepo aGOra dali pra cá era: só ou de bicicleta ou a pé (-) eu mesmo já vim muita{s} vezes do Monteiro pra cá a pé (-) lá do estádio Mato Alto pro Magarça o bonde recolhia ali sete horas da noite ali dali pra cá tinha que vim a pé vinha do quartel vinha a pé

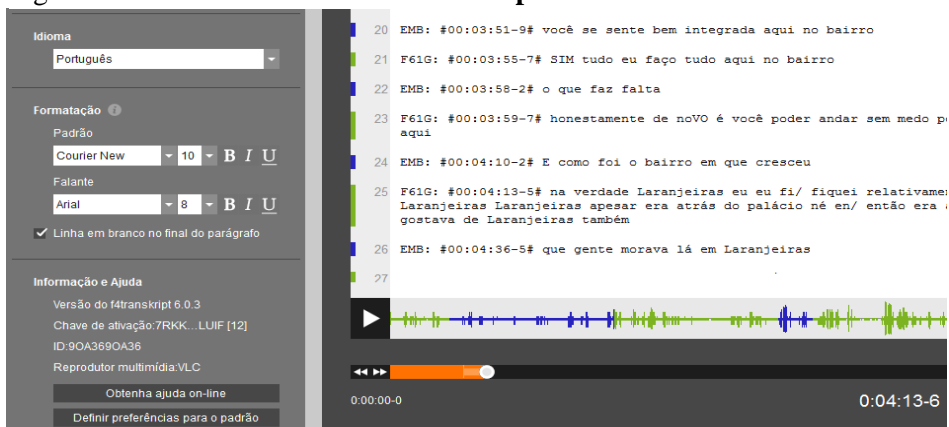
Quadro 8- Narrativa de um informante de Nossa Senhora do Livramento

M80EO #00:05:44-3# É: e eu acredito porque: o estado ((tose ao fundo)) de Mato Grosso ele é um estado que: (-) que tem :muita :coisa :muito la:vo{u}ra né pora/ por acaso acho que o luga{r} que eu mais conheço (-) é Mato Grosso e justamente é aonde tem lavoura né (-) de soja (-) só; (-) mas (-) tem luga{r} no Mato Grosso que nu:{m} (--) que que serve as veze{s} pa{ra} gente passeia{r} só aí: só aí: mora no serve porque é um luga{r} que: não corre dinheiro (-) fica ruim pra {v}ocê se mante{r} né

As transcrições dos dados³⁵ foram feitas com auxílio do programa computacional *f4transkript*. O programa tem o propósito de auxiliar o pesquisador no trabalho da transcrição do registro do áudio. A sua escolha foi motivada por facilitar a identificação das marcações de tempo, o uso das teclas de atalhos para executar muitas outras funções, a oferta de possibilidade de voltar o áudio e ouvir as falas mais rápida ou mais lentamente, com ampla visualização. Em síntese, trata-se de um suporte que auxilia no desenvolvimento de tarefas mais eficazes e completas para a pesquisa, conforme observamos na seguinte figura:

³⁴ O Guia completo será colocado como anexo na parte pós-textual da tese, e nele o conjunto dos códigos que utilizamos nas transcrições das entrevistas.

³⁵ As transcrições dos dados foram feitas com o auxílio do programa computacional *f4transkript*. O programa foi adquirido pela Universidade de Heidelberg-Alemanha e cedido cinco senhas para a realização do trabalho de transcrição no Brasil.

Figura 4 - Janela de trabalho do **f4transkript**

Fonte: Trecho retirado do Guia de transcrição do Grupo de pesquisa Varia-Idade 2016 Rio de Janeiro/ Heidelberg-Alemanha

Posterior ao término das transcrições, fizemos uma leitura de revisão para observar ou detectar alguns empregos inadequados e confirmar se os dados realmente estavam de acordo com as falas coletadas dos informantes. Entendemos que a transcrição é um trabalho meticuloso e, mesmo complexo, que carece de outro olhar para organização e melhoramento do trabalho transcrito, uma vez que sempre é possível perceber algumas peculiaridades que passam desapercibidas, por conta dos volumosos detalhes que, muitas vezes, não conseguimos capturar³⁶.

Após a seleção da comunidade de fala, em seguida passamos para a estratificação da amostra coletada. Para tanto, partimos do pressuposto de que, conforme Guy e Zilles (2007, p. 109), o vocábulo amostra “refere-se ao grupo de indivíduos selecionados para representar no estudo, a população ou o universo do qual fazem parte e que o pesquisador deseja estudar”.

A nosso ver, não é fácil delimitar a amostra do *corpus*, pois, muitas vezes, o número de participantes não se iguala, ou tem mais mulheres que homens, a idade não é compatível, enfim, inúmeros fatores dificultam a realização de uma boa seleção do *corpus*. Embora a trajetória seja árdua, é necessário perceber que os critérios de constituição de uma amostra devem ser coerentes com a pesquisa que se planeja executar. Para a constituição da nossa amostra, compomos, logo de início, dois parâmetros para a seleção dos informantes. Os falantes tanto de N. Sra. Livramento (MT) quanto do Rio de Janeiro (RJ) devem ser pessoas nascidas nas respectivas localidades ou que vivem no município há mais de quarenta anos.

³⁶ Acreditamos que a pesquisa que passa por um contexto social, cultural, ou outras pesquisas na perspectiva da sociolinguística variacionista, agregam um fazer e um refazer constante, com amplo sentido de mais melhoramento e desenvolvimento desse campo.

Em seguida, estratificamos a amostra em dois *corpora* sociais distintos: o município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e o município do Rio de Janeiro (RJ) (região geográfica) e apresentamos os informantes por meio dos fatores: faixa etária acima de 60 anos, sexo (feminino/masculino), escolaridade (ensino fundamental e ensino médio), tempo, modo, tipo de verbo e sequência textual.

Desse modo, as variáveis de estratificação escolhidas justificam da seguinte forma: (2 sexos X 2 regiões geográficas X 2 escolaridades X 3 informantes por célula, fechando em um total de 24 entrevistas). Conforme explicações de Labov (2001), Guy e Zilles (2007), Freitag (2011), quanto à amostragem no que diz respeito aos informantes, tem sido bastante discutida por pesquisadores em Sociolinguística. Labov (2001) propõe o número de 5 informantes por célula, Guy e Zilles (2007), Oliveira e Silva (2012) propõem entre quatro e cinco informantes. Mas vale ressaltar que alguns bancos de dados no Brasil apresentam apenas dois informantes por célula, devido a questões econômicas e financeiras.

Nas seções a seguir, apresentamos a distribuição dessa estratificação de forma mais detalhada em cada *corpus*.

4.7 As entrevistas selecionadas para compor o corpus de Nossa Senhora do Livramento (MT)

Na cidade de Nossa Senhora do Livramento, conforme explicamos anteriormente, decidimos em 2016 realizar a pesquisa com idosos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola que atende o público que desejávamos entrevistar se chama Escola Estadual José de Lima Barros, definida, então, como *locus* para nossa pesquisa. A escola recebe alunos do Ensino Fundamental e do Médio e sua sede principal está localizada no Distrito Faval, mais conhecido pelos habitantes da região como “Comunidade Faval”, 70 km distante da cidade de Nossa Senhora do Livramento. Faval recebe tal nome por ser uma região plena de favas, segundo o coordenador pedagógico da escola (à época do início da pesquisa), atual Assessor Pedagógico do município.

Em 2018, o quadro de atendimento da escola (ver quadro 8), distribuído em salas anexas na zona rural, estava organizado pela modalidade de ensino. Essa informação nos interessa, visto que os idosos matriculados na referida unidade escolar, com sede na Comunidade Faval,

moram em um determinado assentamento ou comunidade rural pertencente (política e historicamente) à cidade de Nossa Senhora do Livramento, e acabam estudando em uma das salas anexas da EEJLB, a que for mais próxima de sua casa, ainda na zona rural, um fator geográfico importante para nossa análise e interpretação dos dados.

Quadro 9- Demonstrativo da distribuição das salas anexas e a distância da escola sede

Modalidade e Etapa de Ensino	Localização das salas anexas e a distância da escola sede (em km), situada no Distrito Faval (Comunidade Faval)
Ensino Médio Regular	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Coxos (2 turmas) 50 km da escola sede. ✓ Laginha de Cima (2 turmas) 45 km ✓ Rio dos Peixes (2 turmas) 28 km ✓ Cabocla 35 km ✓ Quilombo 60 km ✓ Cristal 30 km
EJA- Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Buriti Grande 15 km ✓ Cachoeirinha 16 km ✓ Cabocla 35 km ✓ Cumbaru a 34 km ✓ Laginha de Cima 45 km ✓ Rio dos Peixes 28 km ✓ São Manoel do Pará 25 km
EJA- Fundamental 1º Segmento	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Quilombo 60 km ✓ Buritizinho 70 km ✓ Brejal 105 km ✓ Buriti do Atalho 12 ✓ Laginha de Cima km 45 km ✓ Chapadão 35 km ✓ Pedra Branca 62 km ✓ Tarumã 65 km
EJA-Fundamental 2º Segmento	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Campinas debaixo 20 km ✓ Cabeceira 40 km ✓ Coxos 50 km ✓ Cinquentinha 49 km ✓ Cristal (2 turmas) 30 km ✓ Maciel 41 km ✓ Pedra Branca 62 km ✓ Ressaca dos Cocais 121 km.

A Escola Estadual José de Lima Barros desenvolve um trabalho sistematizado por meio do qual mobiliza, no ensino educacional, os princípios e as diretrizes gerais da Educação Básica contidos na Constituição Federal de 1988. O trabalho contínuo e prático da escola,

principalmente no ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA), atinge não só jovens fora do seu período escolar, mas idosos que já tinham parado de estudar há muito tempo³⁷.

Com relação aos inquéritos em Nossa Senhora do Livramento, iniciamos a realização das entrevistas em 2018 e continuamos em 2019. A seleção do *corpus* das entrevistas dos idosos da EJA foi delimitada pela idade. Primeiramente, selecionamos as turmas que apresentavam um número maior de alunos matriculados e priorizamos as turmas com alunos acima de 60 anos. Além dos 60 anos, o idoso precisava ter nascido na região ou que vivesse ali há mais de 40 anos.

Assim, definimos a parametrização de entrevistarmos 12 (doze) alunos idosos da EJA, contemplando seis informantes do sexo feminino e seis masculinos, e optando para os que cursavam o Ensino Fundamental e o Médio. Para identificarmos os entrevistados, criamos um código de identificação, nesse caso, seguindo os mesmos parâmetros de identificação adotado pelo Grupo Varia-Idade aos informantes do Rio de Janeiro com apenas um diferencial (ao invés de siglas que indicam bairros, utilizamos siglas para indicar o assentamento ou comunidade rural), porque todos os entrevistados de N. Sra. Livramento não moram na zona urbana (na cidade propriamente dita), mas residem na zona rural constituída por assentamentos e comunidades rurais.

Assentamento e Comunidade rural têm as mesmas características. São núcleos de povoamento constituídos por camponeses ou trabalhadores rurais. Na região de Nossa Senhora do Livramento destacam-se, economicamente: a pecuária (sistema de cria, recria e corte), a agricultura de subsistência (com alta produção de bananas), o extrativismo mineral (devido a jazidas auríferas) e como produtores de peixe em cativeiro (FERREIRA, 2001p. 517). Dessa forma, a identificação se restringe em sexo, idade e a sigla do assentamento ou comunidade rural onde reside o idoso aluno da EJA entrevistado, ex.: F (feminino) 61(idade) moradora do Assentamento Estrela do Oriente (em Nossa Senhora do Livramento) = F61EO.

³⁷ O retorno desses alunos idosos para a sala de aula transforma a Escola Estadual José de Lima Barros em escola modelo para o Estado, pois, além de trazer esses alunos para o contexto de letramento, agregando conhecimento, saberes múltiplos e sociais, dá a essas pessoas o prazer de viver culturalmente, integrando-os no processo de aprendizagem.

A composição dos informantes de N. Sra. Livramento (MT) ficou assim distribuída:

Quadro 10 - Seleção e composição dos informantes - corpus sociolinguístico do Município de Nossa Senhora do Livramento (MT)

Idade	sexo	Escolaridade	Localização	Código de identificação
61 anos	Fem	Ensino Médio	Estrela do Oriente	2018_10_23_Estrela do Oriente_F61EO
64 anos	Fem	Ensino Médio	Estrela do Oriente	2018_04_26_Livramento_F64EO
78 anos	Fem	Ensino Médio	Estrela do Oriente	2018_04_26_Livramento_F78 EO
62 anos	Fem	Fundamental	Estrela do Oriente	2019_03_19_Estrela do Oriente_F62EO
71 anos	Fem	Fundamental	Pedra Branca	2019_08_14_Pedra Branca_F71PB
82 anos	Fem	Fundamental	Pedra Branca	2019_03_03_Pedra Branca_F82PB
61 anos	Masc	Fundamental	Estrela do Oriente	2019_03_19_Estrela do Oriente_M61EO
61 anos	Masc	Fundamental	Pedra Branca	2019_03_19_Pedra Branca_M61PB
80 anos	Masc	Fundamental	Estrela do Oriente	2019_04_18_Estrela do Oriente_M80EO
64 anos	Masc	Ensino Médio	Maciel	2019_03_19_Maciel_M64CM
67 anos	Masc	Ensino Médio	Estrela do Oriente	2018_03_24_Livramento_M67EO
71 anos	Masc	Ensino Médio	Pedra Branca	2019_04_18_Pedra Branca_M71PB

4.8 As entrevistas selecionadas para compor o corpus do Rio de Janeiro (RJ)

Sabemos que a posição da língua materna, o vernáculo, é a melhor maneira para obtenção, sistematização e análise de dados, que conformam inquéritos, como formas discursivas muito valiosas para a Sociolinguística. Dessa forma, os inquéritos do grupo de pesquisa Varia-Idade (Rio de Janeiro) foram coletados durante os anos de 2015 a 2018. Escolhemos o instrumento entrevista com base nas considerações de Labov (1983[1972]). Ao todo, o grupo de pesquisa Varia-Idade possui um total de sessenta e oito inquéritos, que contém entrevistas de idosos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Para mantermos o mesmo parâmetro que decidimos adotar, no início de 2016, para as entrevistas que compõe o *corpus* de Nossa Senhora do Livramento (MT), retiramos do *corpus* do Projeto Varia-Idade, todas as entrevistas de nível superior e restringimos nossa seleção às entrevistas realizadas com informantes que possuem o nível de escolaridade entre Ensino Fundamental e Ensino Médio, completo ou incompleto. Assim, temos uma aproximação, no aspecto de nível de escolaridade, entre os informantes de N. Sra. do Livramento e do Rio de Janeiro.

Do montante de entrevistas que compõem o Projeto Varia-Idade, meados de 2018, vinte e quatro (24) foram transcritas no Brasil e quinze (15) transcritas por brasileiros na Alemanha. Ao todo, temos um quadro de trinta e nove (39) transcrições prontas para análise dos trabalhos sociolinguísticos e discursivos até outubro de 2018. Nosso parâmetro de escolha das entrevistas considerou primeiramente a escolaridade, seguido do fator sexo e, por fim, a longevidade. Ainda, no processo de escolha das entrevistas femininas, uma vez que tínhamos um número maior de mulheres entrevistadas, priorizamos a longevidade, isto é, as mulheres mais velhas.

Desse modo, selecionamos para a composição final do *corpus* do Rio de Janeiro 12 (doze) entrevistas semidirigidas realizadas com idosos, sendo seis (6) mulheres e seis (6) homens, priorizando os mais velhos. No quadro abaixo, pode-se ter uma visão mais detalhada dessa seleção:

Quadro 11- Seleção e composição dos informantes - corpus sociolinguístico do município do Rio de Janeiro (RJ)

Idade	Sexo	Escolaridade	Localização (bairro)	Código de identificação
65 anos	Fem	Ensino Médio	Barra da Tijuca	2016_10_23_BarradaTijuca_F65BT
87 anos	Fem	Ensino Médio	Praça Seca	2017_03_24_Praça Seca_F87PS
77 anos	Fem	Fundamental	Praça Seca	2017_04_17_PraçaSeca_F77PS
62 anos	Fem	Fundamental	Santa Cruz	2017_04_26_SantaCruz_F62SR
84 anos	Masc	Fundamental	Guaratiba	2017_05_13_Guaratiba_M84GU
74 anos	Fem	Fundamental	Cidade de Deus	2017_06_02_CidadedeDeus_F74CD
70 anos	Masc	Fundamental	Irajá	24_12_2017_Irajá_M70IR
79 anos	Masc	Ensino Médio	Lins de Vasconcelos	2017_07_13_LinsdeVasconcelos_M79LV
61 anos	Masc	Ensino Médio	Lins de Vasconcelos	2017_07_19_LinsdeVasconcelos_M61LV
90 anos	Fem	Ensino Médio	Méier	2017_07_20_Méier_F90ME
67 anos	Masc	Ensino Médio	Santa Teresa	2017_09_28_SantaTeresa_M67ST
98 anos	Masc	Fundamental	Vila da Penha	2018_04_20_Vila da Penha_M98VP

4.9 Análise quantitativa e as variáveis dependentes e independentes

Para esse estudo, concebemos o aspecto quantitativo como determinante para se destacar uma variação, já que considera o número de ocorrências das variantes e isso nos proporciona visualizar melhor as informações e mapear os contextos de uso. Por outro lado, a metodologia qualitativa é de suma importância, para analisarmos e interpretarmos os dados e,

dessa forma, construirmos noções a partir de protótipos compreendidos nos procedimentos da pesquisa. Por isso, em conformidade com a orientação teórico-metodológica assumida, entendemos que não basta uma pesquisa qualitativa apenas coletar os dados, descrevê-los, mas realizarmos uma leitura para além dos aspectos decodificados da língua, relacionando, desse modo, os dados revelados pelos sistemas de decodificação ao seu contexto social, histórico e cultural, interpretado pelo pesquisador. Assim, a relação entre pesquisador e objeto de pesquisa (em nosso caso, as narrativas orais dos idosos de N. Sra. Livramento e do Rio de Janeiro) se estabelece sempre dialógica e de enunciação (BAKHTIN, ([1979] 2010), no modelo de contato e de compreensão do texto (aqui, contato do pesquisar com as narrativas dos idosos). Fora dessa relação dialógica não há sentido, uma vez que estamos sempre mergulhados em contextos discursivos sócio-historicamente constituídos.

Além disso, a construção do sentido por meio das relações dialógicas é sempre um contínuo, constantemente reformulado pela compreensão criadora do outro. Amorim (2001, p. 192) pensa essa reflexão do ponto de vista do labor do pesquisador que, a cada etapa, implica sempre um novo olhar, um reconstruir, porque

Compreender não deve excluir a possibilidade de uma modificação de seu próprio ponto de vista. O ato de compreensão supõe um combate onde o que está em jogo reside numa modificação e num enriquecimento recíprocos.

Desse modo, a leitura e a interpretação dos dados é nosso percurso para se chegar até aos aspectos conclusivos da pesquisa ora apresentada, logo depois das etapas em que extraímos dados dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos do município de Nossa Senhora do Livramento (MT) e do Rio de Janeiro (RJ). Após coletados, os dados foram categorizados e analisados de acordo com os fatores que nos orientam em nossa pesquisa, já mencionados anteriormente, aqui apresentados de forma sistemática:

Quadro 12- Demonstrativo das variáveis dependentes

Variáveis dependentes	
Marcador Discursivo	a. Entende? b. Entendeu? c. Não é? d. Né?

Quadro 13- Demonstrativo das variáveis independentes

Variáveis independentes	
Sexo/gênero:	a. Masculino b. Feminino
Grau de Escolaridade:	a. Fundamental b. Médio
Região Geográfica:	a. Nossa Senhora do Livramento b. Rio de Janeiro
Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes ³⁸ :	a. Intercalado b. Posposto
Tempo verbal do verbo principal:	a. Presente b. Pretérito c. Futuro
Modo verbal do verbo principal:	a. Indicativo b. Subjuntivo c. Imperativo
Tipo semântico do verbo principal	a. Ação b. Não ação
Sequência textual:	a. Narração b. Argumentação c. Descrição d. Injunção

4.10 As etapas de decodificação e análise estatística

Após o tratamento minucioso dos dados, eles foram submetidos à análise estatística, efetuada por meio de um programa denominado Goldvarb, na versão para ambiente Windows do pacote de programas Varbrul³⁹, que “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especialmente estruturada para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

O uso de um instrumento estatístico no processo de descrição de uma variação linguística aumenta a precisão de tratamento dos dados por meio do emprego de ferramentas da

³⁸ Optamos pela utilização do termo “posição de preenchedores em fronteiras de constituintes” porque os marcadores discursivos da oralidade não aparecem apenas em “cláusulas”, mas também nos períodos, isto é, nas fronteiras do texto, de maneira constante e atuante na tessitura textual e na interação. (Gramática do Português Falado- Ataliba Castilho et al. Vol. IV, 1996).

³⁹ Palavra originária do inglês Variable Rules Analysis, que significa “análise de regras variáveis”. O programa foi desenvolvido por Steve Harlow na Universidade de York – Inglaterra resultado de um projeto colaborativo entre o departamento de Língua e Linguística e o Departamento de Ciências da Computação (ROBINSON, LAWRENCE E TAGLIAMONTE, 2001).

estatística. Os valores provenientes da análise estatística serão organizados em tabelas para melhor visualização e apresentação dos resultados obtidos, os quais serão analisados com base na Sociolinguística Variacionista de cunho comparativo, com o propósito de entendermos quais fatores motivam (ou não) a variação entre o uso dos marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entendeu?” e “entende?”, na fala dos idosos nos dois polos.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“envelhecer é um poema repleto de amor.
 E de sabedoria e de mais tempo pra desfrutar
 das coisas da vida e de felicidade.
 mas sem nostalgia! porque envelhecer
 é aprender a viver com qualidade
 com serenidade sem pressa de chegar a nenhum lugar
 envelhecer é viver o presente com vontade, verdade e gratidão
 envelhecer é receber o presente que é tudo o que temos nas mãos!”
*Herton Gustavo Gratto*⁴⁰ (Livro Rugas p. 53)

Neste capítulo, apresentamos os resultados de pesquisa, demonstrando três rodadas sociolinguísticas sobre os marcadores discursivos “né?”, “não é?”, “entende?” e “entendeu?”, efetuadas no programa computacional Goldvarb. Desse modo, expomos esse penúltimo capítulo da tese em três seções, uma para cada rodada, nas quais mostraremos os resultados referentes a cada um dos grupos de fatores, apresentando de acordo com a ordem em que foram selecionados pelo programa e, na sequência, pela ordem em que foram descartados (expresso pelo programa como *step-up* e *step down*, selecionados e descartados). Neste capítulo, também se mostra como as hipóteses se confirmaram ou não e como esta pesquisa pôde contribuir no sentido de validar estudos anteriores e ampliar o desenvolvimento de pesquisas posteriores para a sociedade no que tange aos fatores sociais e linguísticos.

5.1 Em busca de novos caminhos: diálogos e descobertas

Antes de apresentar os resultados desta pesquisa, retomamos Gratto (2019), em epígrafe e reflexão inicial, segundo o qual o envelhecimento “é um poema repleto de amor”, mais que isso, é ir existindo “com serenidade sem pressa de chegar a nenhum lugar”, uma vez que quase todos anseios possíveis já foram alcançados. É com tal ritmo que se deram as toadas discursivas dos idosos informantes da nossa pesquisa, no tocante aos planos, às conquistas e às vontades.

Partindo do princípio de que a pesquisa é uma caixa de surpresa que vai se constituindo e se lapidando e se mostrando como a verdadeira revelação de uma festa, traremos, neste

⁴⁰Nasceu em Poxoréu- MT. É dramaturgo, roteirista, poeta, publicitário e ator. Autor do livro de dramaturgia Rugas (2019).

capítulo, os resultados da pesquisa realizada sobre a ordem dos marcadores discursivos, com o intuito de descobrir quais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionaram os usos das variantes com as quais trabalhamos “né?”, “não é?”, “entende?” e “entendeu?”. Inicialmente, efetuamos a codificação destas variantes em cada entrevista transcrita; depois dessa etapa, submetemos esses dados ao programa computacional estatístico Goldvarb, que executou os cálculos de frequência, apontou os pesos relativos e verificou a ordem de relevância dos grupos de fatores.

O conjunto desses fatores foi exposto em tabelas e, a partir delas, realizou-se a interpretação das semelhanças, diferenças e inovações entre conjuntos de resultados na perspectiva da Sociolinguística Variacionista.

A intenção era verificar quais fatores poderiam motivar uma posição em detrimento da outra. Por isso, foram selecionados os marcadores discursivos que poderiam aparecer nos contextos de fala, das 24 entrevistas.

Após coleta e codificação, todas as ocorrências apareceram no programa estatístico, totalizando 1684 dados distribuídos no uso de marcadores discursivos entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento. Dessa distribuição, 17 (1,1%) ocorrências de “entende?”, 137 (8,1%) de “entendeu?”, 26 (1,5%) de “não é?” e 1504 (89,3%) de “né?”. Em cada rodada do programa, foram necessárias alterações em rotas metodológicas, com o propósito de que o programa executasse todas as etapas e apresentasse resultados confiáveis.

Efetuamos três rodadas por meio do programa, cada uma apresentando uma das variantes como valor de aplicação. Tendo em vista que as variantes eram em número maior que dois, tivemos a necessidade de realizar três rodadas porque uma rodada binária não daria conta de explicar todas as posições; não poderíamos realizar apenas uma rodada com as quatro variantes, pois, como explicam Guy *et al.* (2007), as dificuldades calculadas pelo programa acontecem acerca das práticas de interpretação dos resultados e conforme o número de variantes dependentes examinadas. Para eles,

[...] se a análise é ternária, são três as alternativas examinadas; então, é preciso dar a cada alternativa uma probabilidade equivalente de ser escolhida, o que resulta em ter 0,33 como o ponto neutro, equivalente ao valor de 0,50 na análise binária (o valor acima do qual um fator favorece a seleção dessa alternativa, ou abaixo do qual a desfavorece [...]). Além disso, a interpretação do efeito de um fator depende da comparação com duas ou mais alternativas: numa análise ternária por exemplo, se um fator x mostra um peso de, digamos, 0,20 para a realização de uma variante A, a tentação é de dizer que esse fator desfavorece essa variante, porque o peso é menor do que 0,33 (GUY; ZILLES, 2007, p.142-143).

Diante do exposto, se a opção ficasse restrita a uma rodada ternária, poderíamos cometer alguns equívocos e seria um risco ao declarar que um fator desmotivaria uma posição somente porque sua frequência ou seu peso relativo estava inferior ou abaixo de 50%, e, na realidade, o valor que, de fato, favoreceria seria algo acima de 0,33 por causa da metodologia utilizada em uma rodada ternária.

A caracterização e exemplificação dos fatores foram apresentadas de maneira a relacionar os números às hipóteses. A tabela 01 demonstra os resultados percentuais de ocorrências dos marcadores discursivos.

Tabela 1 – Distribuição do uso de marcadores discursivos entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação</i>	<i>Total %</i>
Né	1504/1684	89.3
Entendeu	137/1684	8.1
Não é	26/1684	1.5
Entende	17/1684	1.1

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Nas vinte e quatro entrevistas selecionadas entre o Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento, os resultados mostraram 1684 ocorrências dos marcadores discursivos em estudo, dos quais 1504 assumem a forma “né?”, o que equivale a um percentual de 89,3%; 137 ocorrências para “entendeu?”, que correspondem à 8,1% dos resultados obtidos; 26 situações para “não é?”, que equivalem a 1,5% das ocorrências; 17 para “entende?”, que resultam em um percentual de 1,1% dos dados.

O marcador “entendeu?” atingiu a segunda posição no uso mais frequente, pois apareceu 137 vezes na fala dos idosos entrevistados, na sequência aparece o emprego do “não é?” com 26 ocorrências, seguido do “entende?” com 17. Os exemplos⁴¹ que seguem demonstram a apresentação dessas variantes:

- (01) #00:03:10-9# [eu tinha] eu tinha tinha um português que era que era meu co/muito conhecido minha velha (-) eu conhecia ele mas de po{u}co mas (-) ela ele viu (-) ela garota cri/ sendo criada (-) gostavam muito da família dele (--)
eh eh:: e dela (2.4) **entendeu?** aí (-) bate as mãos na mesa
- (02) #00:18:02-3# TEM tem; tudo; (--)
lá fora aqui coisa tem o: eh: vários :salão tem: farmácia tem tudo aqui dentro? **entende?** (F74CD)
- (03) eu vim do interiOR **né?** ele não se incomodava (--)
e SEMpre levava e a gente não contava chegava aqui assim: e lá antigamente não tinha horário agora é tudo organizado(-) aí a gente chegava às vezes sete ho::ras assim: elas as vezes

⁴¹ A partir deste capítulo traremos um número maior de exemplos e, por isso, passaremos a numerar todos os exemplos citados.

- elas dormiam mas eu não consigo dormir de dia (-) eu num dormia; aí: Mari todo dia tinha desfile né tinha que ir né_sorrindo_aí quando chegava de manhã que terminava(-) nós saíamos atrás da última escola__sorrindo__não era só nós não (sorrindo) todo mundo **né?** ah:: mas mui:to bom (--)(F87PS)
- (04) #00:48:27-5# se eu (bordar) uma sandália havaiana (-) eu caio nem posso andar descalço impressionante(-) mas o médico disse que isso era por causa do salto mas eu acho que(-) hoje eu acho mui:to melhor: você poder vestir uma calça uma bermuda eu acho agora antigamente tudo era reparado **não é?** (F87PS)

As quantidades de dados de “né” (1504), nas falas dos entrevistados de Nossa Senhora do Livramento e do Rio de Janeiro, ratificam nossa hipótese de que o uso do “né?” se dá nos contextos das falas dos idosos do município do Rio de Janeiro e dos alunos da EJA de Nossa Senhora do Livramento com mais frequência do que os marcadores “não é”, “entende” e “entendeu”.

Martelotta *et al.* observaram o comportamento sintático e os conceitos semântico-pragmáticos do marcador “né” e notaram que essa “partícula vem se distanciando de seu sentido original como pergunta referencial ou pergunta não-retórica, por meio do processo de discursivização” (MARTELOTTA *et al.*, 1996, p. 277).

Para estes autores, a discursivização aponta para um processo de mudança que mobiliza determinados elementos linguísticos na reorganização do discurso. Ela evidencia um dos aspectos semânticos mais marcantes, que, na fala carregada de marcadores extralinguísticos, expressa o valor social da língua, bem como sua capacidade de imprimir realces altamente funcionais para a comunicação na modalidade oral.

Como dito anteriormente, o programa realizou três rodadas nas quais UE foi codificado para indicar os marcadores “entendeu / entende”; NO, para os discursivos “né/ não é”; e NE, para a relação entre os marcadores “né + não é” versus “entende + entendeu”. A obtenção dos pesos relativos exigiu a resolução de alguns problemas metodológicos que apareceram durante as rodadas de “entendeu? e entende?” e as outras duas rodadas seguintes com o programa estatístico⁴².

O grupo que observava o tempo verbal do verbo principal foi um dos fatores excluídos para efetuar as rodadas no programa Goldvarb, uma vez que não foram encontrados dados de futuro, ou seja, com relação as nossas variáveis independentes, apresentamos o grupo de fator (tempo verbal da oração principal), e junto com esses fatores procuramos localizar o tempo do

⁴² Em determinado momento, foi necessário reduzir maiores análises dos grupos que abarcavam o fator “não se aplica” (codificação nula), e os dados com essa característica.

verbo no presente, pretérito e futuro, mas os resultados não apontaram ocorrências de futuro nas amostras.

Evidentemente, as ocorrências de tempo futuro não podem existir no *corpus* estudado, pois não se trata de uma declinação temporal do verbo “entender”: pretérito perfeito “entendeu” presente, “entende”. Na verdade, o léxico “entendeu / entende” deixa de ser um verbo com tempo verbal marcado para ser um marcador discursivo, exercendo outras funções discursivas. Por isso não foram contabilizadas ocorrências deste léxico no futuro.

5.1.1 Primeira rodada: grupos selecionados estatisticamente para “entendeu? Versus entende?”

Na primeira rodada do programa Goldvarb o “entendeu” funcionou como valor de aplicação versus “entende”. Para esta rodada, o programa selecionou os grupos de fatores, que estão dispostos na seguinte ordem: região geográfica, gênero/sexo, grau de escolaridade, relevantes para os fatores em questão.

5.1.2 Região geográfica

O grupo da região geográfica foi o primeiro a se mostrar relevante nas rodadas de “entendeu” e “entende”, e por meio delas evidenciou-se que os fatores externos se mostraram os mais significativos. Como pontua Nascentes (1953, p. 10), “[...] as pressões sociais continuamente operam sobre a língua, não devendo esta ser estudada fora do contexto social [...]”. Essas pressões ocorrem interna e externamente, uma vez que há contextos favoráveis para a implementação ou manutenção de certos traços linguísticos. Mollica (2015, p. 26) também corrobora esse pensamento ao mencionar que “a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores”⁴³.

⁴³ Constatamos que a autora apresenta a fala das comunidades de forma desprovida de preconceitos, e consegue expor um olhar com anseios de conhecer a diversidade comunicativa de uma comunidade, ou dos sujeitos que ali habitam.

Ainda Martellota (2008) destaca que a língua não é autônoma, mas dependente do contexto real ou situacional, no qual se consideram as variações sociais como a cultura e a vivência das pessoas. Assim, na tabela 02, os dados mostram a região geográfica e sua distribuição em relação ao uso dos marcadores discursivos “entendeu” e “entende”:

Tabela 2 – Região geográfica e distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu” e “entende” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Entendeu			Entende			Total
	Aplicação/total	%	Peso	Aplicação/total	%	Peso	Nº
Nossa Senhora do Livramento	17/25	68.0	0.024	8/25	32.0	0.976	25
Rio de Janeiro	120/129	93.0	0.673	9/129	7.0	0.327	129
Total	137			17			154

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Na tabela acima, o sítio do Rio de Janeiro aparece como mais propenso ao uso do “entendeu?” e o de Nossa Senhora do Livramento ao do “entende?”. O peso relativo de (0.5) motiva o fenômeno, sendo, nesse quesito, o percentual para o Rio de Janeiro de (0.673) e Livramento (0.024). Com relação ao “entende”, o peso relativo foi de (0.976) para Livramento e de (0.327) para o Rio de Janeiro. Tal apuração demonstra que Livramento está mais propenso ao uso do “entende?”. Os exemplos (05) e (06), a seguir, mostram os contextos de uso desses marcadores:

- (05) #00:00:14-7# BEM eu vim do interiOR NÉ? de Itaperuna a vida lá era muito diferente e nós éramos PObre(-) meu pai trabalhava mas nessa época a minha mãe não () porque tinha criança pequena lá nós éramos três (-) depois é que foi nascendo né? aí era um total de cinco irmãos(--) aí quando nós íamos pro Rio de Itaperuma pro Rio lá eu estuDAva **entendeu?** (F87PS)
- (06) #00:02:39-1# é Meruri ali fico{u} (2.8) a reserva fico{u} (3.0) tomada de reserva até hoje (--) os que meu pa/ meus pai{s} fala{m} entro{u} tudo na reserva mesmo toda vida (-) ela voltou para o que ela tinha sido (-) assim entraram pelo Incra (cortaram) gosto{u}? (cortaram) (--) eh: eh: é um luga{r} bom só sadio **entende?** (F78EO)

A análise dessas amostras permitiu tratar “entendeu?” e “entende?” como intercambiáveis nos mesmos contextos de uso. A esse respeito Freitag *et al.* pontuam que

A forma de base verbal *entendeu?*, desloca sua função de verbo de 3ª pessoa para adquirir funções pragmáticas de interpessoalidade para a aquiescência do interlocutor ou, ainda, testar a recepção do ouvinte. Além da função interativa de *entendeu?* a função gramatical relacionada à organização do texto (FREITAG *et al.*, 2017, p. 59).

Em termo de frequência, parece que a forma “entendeu” é mais conservadora porque encontra-se mais tempo nessa posição; e essa afirmação se confirma pelos pesos relativos expostos anteriormente. Martelotta (1996) reforça que o caráter argumentativo do marcador “entendeu?” propicia, de um modo geral, estratégias interativas que caracterizam esse marcador. O autor, na obra de 2004, comenta que “entendeu?” encontra-se em diferentes níveis de mudança. Em nossa pesquisa, o “entende?” mostra-se em um estágio mais avançado em relação ao “entendeu”, com relação a Livramento. No Rio de Janeiro, diante dos dados analisados, o “entendeu?” apresenta-se com mais frequência que “entende?”, e com usos mais incorporados ao discurso dos falantes do que o “entende?”.

Outro elemento influenciável seria o próprio regionalismo que pode ser entendido como forma de apreensão do conjunto de particularidades de determinada região geográfica, advindos da cultura e da historicidade que se constituem nas duas regiões em estudo.

A afirmação de Sapir (1980, p. 122) de que “é excessivamente duvidoso que uma língua possa ser falada numa vasta área sem multiplicar-se dialetalmente” e por nós corroborada, pois acreditamos nas transformações da língua e entendemos que as modificações são inevitáveis, não apenas por motivos históricos de uma estrutura em constante transformação, mas também pela influência mútua das línguas diferentes em contato, devido à chegada e à saída de pessoas nos municípios investigados.

5.1.3 Gênero/sexo

O segundo grupo considerado relevante para esta análise foi aquele que versa sobre a pertinência da variável gênero/sexo na configuração das variáveis. Alguns estudiosos mostram diferenças entre homens e mulheres. Essas questões são demonstradas na tabela seguinte que nos possibilita observá-las com mais clareza.

Tabela 3 – Gênero/sexo do informante e distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu” e “entende” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Entendeu			Entende			Total
	Aplicação/total	%	Peso	Aplicação/total	%	Peso	Nº
Masculino	29/33	87.9	0.955	4/33	12.1	0.045	33
Feminino	108/121	89.3	0.303	13/121	10.7	0.697	121
Total	137			17			154

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

A interpretação do resultado desta variável encontra respaldo nos estudos de Labov que, no ano de 1990, apontou dois fundamentos básicos em suas pesquisas, nas quais enfatiza a variável sexo. O autor explica que, em uma estratificação sociolinguística estável, os homens usam mais as formas ditas “cultas”, e, na maioria dos fenômenos, quando ocorrem transformações na língua, as mulheres inovam mais, usam as formas “não cultas”. Labov sugere à Sociolinguística um retorno à influência do fator sexo sobre fenômenos de variação estável, uma vez que a análise da dimensão social da variação não pode ignorar a possibilidade de correlação do sexo do falante com maior ou menor probabilidade de uma variante. Para o autor, quando é “dada a alternância entre uma forma padrão ou mais prestigiada e uma forma não padrão ou menos prestigiada, as mulheres são mais propensas ao emprego da primeira e os homens da segunda” (LABOV, 1990 p.70).

Nessa tabela 3, o programa Goldvarb mostrou que os homens demonstraram estar mais propensos ao uso do marcador “entendeu?”; já as mulheres empregaram recorrentemente o marcador “entende?”.

A hipótese a respeito das influências do fator social sexo baseou-se nas pesquisas de Coelho *et al.* (2018). Nesta investigação, constatamos que as mulheres são mais conservadoras do que os homens, ou seja, elas são mais receptivas à normatização da língua. Quanto aos marcadores “entendeu?” e “entende?”, tanto as mulheres de Nossa Senhora do Livramento como as do Rio de Janeiro tendem à utilização do “entende”, forma da oralidade que, a nosso ver, sofreu mais a gramaticalização do que o marcador “entendeu”, que ainda mantém um vínculo com a forma original do verbo.

Independentemente de Livramento ser um centro menor e o Rio, um município maior, seja geograficamente, seja pelo número populacional de habitantes nessas localidades, as mulheres dos dois municípios mostraram-se mais inovadoras na abordagem desse fenômeno. Pode ser que a condição de cidade cosmopolita do Rio de Janeiro e polo de migração de outros estados brasileiros de Livramento explique a ocorrência desse fenômeno. No caso, essa característica aproxima essas duas áreas geográficas, mesmo mantendo a diferença em relação ao espaço de aspecto urbano (Rio) e rural (Livramento).

5.1.4 Grau de escolaridade

O terceiro grupo que se mostrou relevante na distribuição do uso dos marcadores discursivos entre “entendeu?” e “entende?” foi o do grau de escolaridade, em que há uma motivação para que o “entende?” ocorra com mais ênfase na fala dos idosos com escolaridade em nível de Ensino Fundamental. Já os idosos mais escolarizados, pertencentes ao Ensino Médio, desfavoreceram o emprego do “entende”. Como na tabela 04, podemos verificar:

Tabela 4 – Grau de escolaridade do informante e distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu” e “entende” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Entendeu			Entende			Total
	Aplicação/total	%	Peso	Aplicação/total	%	Peso	Nº
Fundamental	72/85	84.7	0.316	13/85	15.3	0.684	85
Médio	65/69	94.2	0.721	4/69	5.8	0.279	69
Total	137			17			154

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

O primeiro ponto importante a se destacar é a influência da escolaridade de nível médio nas ocorrências que se referem ao “entendeu?” (0.721) em detrimento do nível fundamental (0.316). Esse resultado confirma nossas hipóteses de que os falantes mais escolarizados teriam a tendência de manter a proximidade espacial entre verbos e seus argumentos e usar as orações de uma forma mais canônica (VOTRE, 2004), evitando, portanto, o emprego do “entende”, uma vez que se encontra mais discursivizado.

De acordo com a tabela 4, nota-se, portanto, que o nível de escolaridade está propenso a influenciar o uso do “entendeu?”, pois o peso relativo mostrou que o “entendeu?” está presente com maior relevância na fala dos idosos com Ensino Médio e o “entende?”, na dos idosos com Ensino Fundamental. Isso significa que o uso do marcador “entende?” diminui com o avanço da escolarização.

Desse modo, podemos inferir, com base na constatação dos resultados dos marcadores mencionados na tabela 4, que os idosos com mais escolaridade conseguiram transitar com maior facilidade entre as variantes pesquisadas de forma a interagir com diferentes níveis de interlocutores. Notamos ainda que a socialização e a escolarização são fatores aditivos no processo de interação entre as pessoas e nas possíveis descobertas que os seres humanos fazem durante a vida. A título de ilustração, transcrevemos os fragmentos da fala de uma idosa de Nossa Senhora do Livramento:

- (07) #00:22:04-8# hum: o curso (-) hum bom esse curso que eu tô fazendo (--) [...] eu aprendi muito lá: eu renovo (-) cá eu tenho essa vantagem (--) é isso aí NÉ sem fala{r} dize{r} que **você desen:VOLve a memória** pra tanta coisa (--)
 #00:23:24-4# no/ e eu tenho ainda curiosidade (-) **entende?** mas num era assim eu **toda vida eu gostei de le{r}** (F78EO)

Nesse trecho, a informante (F78EO) expressa o prazer pelos estudos a partir da relação que estabelece entre estudo, manutenção da memória e despertar da curiosidade. Assim, entendemos que a comunicação e a interação são fatores favoráveis para o idoso em nível de escolarização e para o ensino de língua portuguesa, pois quanto mais escolarizado o sujeito for, maior a ênfase em seus conhecimentos e aproximação do português considerado culto.

Contudo, o fator escolaridade, selecionado para averiguação desses marcadores, indicou-nos que o “entendeu?” apresenta-se como forma menos estigmatizada que o “entende?”. Isso porque o “entende?” já se encontra um pouco mais gramaticalizado para o Ensino Fundamental e o “entendeu?” ainda preserva sua natureza verbal.

Os resultados da análise para o fator grau de escolaridade remetem-nos a Votre (2004, p. 51) segundo o qual “a escola incute gostos, normas, padrões estéticos em conformidade de dizer e escrever”. Na mesma direção aponta Tedesco (1992, p.118) para o uso de um conjuntivo, ao observar que “o amadurecimento linguístico do falante e a interferência da escola neste aprendizado intervêm no uso do elemento conjuntivo AÍ”. Embora a escola não seja, evidentemente, o fator emprego e constância desses marcadores, sua ação constitui mais uma alternativa de apreciações, anseios, desejos, quando os informantes observam e avaliam seu entorno social, ou seja, os idosos conhecem muito bem seu espaço social e interagem cotidianamente com as pessoas que moram na região.

5.2 Grupos estatisticamente não significativos para a distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu?” e “entende?”

Embora não tenham sido selecionados pelo programa estatístico, os grupos apresentados a seguir apontam tendências de uso para o marcador “entendeu?” e “entende?”. No entanto, eles não apresentaram relevância no programa estatístico, por isso mostraremos somente suas porcentagens e discutiremos de que forma eles podem influenciar o emprego dos marcadores “entendeu?” e “entende?”.

Nesse sentido, as estatísticas e a análise serão apresentadas para os seguintes grupos: sequência textual, posição na cláusula, tempo verbal do verbo principal, tipo semântico do verbo principal, por ordem de exclusão.

5.2.1 Sequência textual

De modo geral, os contextos de uso de “entendeu?” e “entende?” correlacionam-se em maior grau com sequências discursivas do tipo narrativo e argumentativo. Nesta rodada, especificamente, estão faltando dois dados, em função dos ajustes que fizemos no arquivo, por motivo de nocaute⁴⁴, ou seja, não tivemos dados de injunção e descrição como previsto. Por isso foi necessário retirá-los da rodada. Pela natureza do tipo textual, é mais esperado que, em uma resposta, as pessoas usem uma narração porque estão contando uma história ou apresentando uma argumentação. A descrição e a injunção são tipos mais específicos, uma vez que, em uma entrevista, não se tem o hábito de dar uma ordem nem criar cenários ou retratos dos sujeitos ou contextos envolvidos. Desse modo, como não apareceu nas rodadas nenhuma ocorrência desse tipo, tivemos de retirá-las.

Também não temos expostos na tabela os pesos relativos, uma vez que não temos motivação de uso para esse fenômeno, como o programa não o selecionou, nesse caso, temos apenas tendência de uso. Segue a tabela 05 com as ocorrências de “entendeu?” e “entende?”, referente à sequência textual.

Tabela 5 – Sequência textual e distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu” e “entende” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Entendeu		Entende		Total Nº
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	
Narração	94/106	88.7	12/106	11.3	106
Argumentação	42/46	91.3	4/46	8.7	46
Total	136		16		152

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Na tabela acima, a distribuição da taxa percentual de uso dos marcadores discursivos “entendeu?” e “entende?” mostra-se em valores aproximados para a sequência textual nas

⁴⁴ Segundo Guy (2007, p. 158), um nocaute, na terminologia de análise do Varbrul, é um fator que, num dado momento da análise corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente.

narrativas dos entrevistados. Em outras palavras, com relação ao aspecto de tipo estrutural da narração, o marcador “entendeu” alcança o percentual de 88.7%; em relação ao aspecto estrutural da argumentação, este marcador atinge o percentual de uso de 91.3%. Para o marcador “entende?”, os valores percentuais obtidos são 11.3% para o tipo de texto narrativo; e 8.7% para o tipo argumentativo. Embora houvesse a expectativa de que a narração predominasse nas narrativas dos idosos, o resultado – demonstrado e apurado pelo Goldvarb – evidenciou que os entrevistados se apoiaram em suas falas quase que igualmente nas estratégias textuais da narração e da argumentação, sendo o tipo textual argumentativo levemente predominante no uso de “entendeu?”, e o tipo estrutural narrativo no uso de “entende?”. Esse fenômeno, a nosso ver, é parte do ato de interação do entrevistado com o entrevistador, para quem o entrevistado se dispôs a relatar suas experiências sobre o lugar onde habita e sobre si.

Portanto, tais estratégias de estrutura textual conclamadas pelos marcadores “entendeu?” e “entende?”, seja do tipo da narração ou da argumentação, foram arranjadas no discurso oral enunciado pelos entrevistados e dotado de sentidos que lhes são subjetivos, nascedouros de suas relações emotivo-volitivas com o lugar, as pessoas, os animais etc.

Seguem exemplos de argumentação e narração:

- (08) uma vida boa trabalhosa mas eu não me queixo quando precisava de computador em casa eu ia pra casa com (--) quando a ebm vinha consertar o: (--)vigia ia lá me buscar aí eu trabaLHava tinha que/ eh: as vezes tinha uma hora da manhã e voltava pra lá porque tinha que apresentar o trabalho (--) aí era assim mas eu me considero assim sabe (--) **uma pessoa muito feliz** e com uma cabeça boa(--) **entendeu?** (F87PS)
- (09) nós íamos pro Rio de Itaperuna pro Rio lá eu estuDava **entendeu?** na escola pública e a gente era diferente assim a gente brincava na rua essas coisas toda de infância aí depois é quando eu tava fazendo nove anos os meus avós que moravam lá vieram pro Rio (F87PS)

No exemplo (08) a informante expressa suas realizações, se considerando uma pessoa feliz que aos oitenta e sete anos se sente com uma “cabeça boa”, ou seja, não perdeu suas percepções cognitivas e se apresenta como alguém realizada na vida. Em (09), a idosa narra sua trajetória, suas idas e vindas do município de Itaperuna para o Rio de Janeiro com a finalidade de estudar.

Sobre a natureza das sequências, elas podem ser como “descrição de vida”, por exemplo, relatos de “situações habituais ocorridas no passado, como idas do informante à escola, etc.” (VALLE, 2001, p. 116). Podem realizar uma “descrição de vida” no sentido de “relato de fatos que ocorriam habitualmente no passado, com predomínio de verbos no pretérito imperfeito”

(TAVARES, 2003, p. 213). Por sua vez, narrativa é “relato em que o informante conta um ou mais fatos que se passaram em certo tempo e lugar, envolvendo determinados personagens, com grande presença de verbos no pretérito perfeito” (TAVARES, 2003, p. 212).

Tedesco (1992, p. 18) observa que “É fato comum em nossas vidas ouvirmos e contarmos histórias [...]” e define a narração “como relato de uma história, envolvendo personagens [...], acontecimentos que agem e reagem, podendo expressar seus pensamentos e sentimentos”. Desse modo, os resultados desta análise relativos ao fator sequência textual dialogam com a preconização de outros autores. Aqui, os dados apontam para o uso de estruturas narrativas e argumentativas, justificando as respostas dos idosos que trazem questões de cunho social e emocional ao mostrar as vantagens e as desvantagens de envelhecer, e, sobretudo, o significado de resignação e de reaprendizagem que o processo implica.

Os dados relativos às ocorrências das sequências, a exemplo da argumentativa, sinalizam um resultado relevante no sentido de saber ouvir, aliás, de saber escutar (que é uma prática social e não uma função fisio-biológica). Esse resultado permite interpretar que os idosos desejam mais que relatar suas histórias de vida, eles querem argumentar a favor do envelhecimento. Nesse sentido, é preciso escutar com interesse os relatos dos idosos em um país como o Brasil cuja taxa de envelhecimento populacional é crescente.

No trecho abaixo podemos notar a expressão subjetiva de um idoso a partir do relato de uma experiência há quarenta anos:

- (10) #00:46:49-0# era o salto carrapeta o:: eu sempre gostei de (--) salto baixo/ o salto carrapeta é muito perigoso né (-) até pra quem ia socorrer NÉ ((riso)) até pra quem ia socorrer né até pa socorrer se tiver de salto carrapeta era obrigado a tirar o calçado ((risos)) porque se ele pisa{r} de repente quando ele pisa{r} o:: salto der um qualquer um golpezinho ele tá arriscado a cair (-) eu sempre gostei de (-) salto baixo (M84GA)

O idoso comenta do prazer que tinha em usar o salto carrapeta e dos reais perigos que podiam ocorrer em algumas situações. O relato do idoso mantém a atenção do leitor por conta das experiências atreladas à vida e, nesse movimento, traz à memória histórias vividas. Ainda sobre o trecho (10) acima, a subjetividade perpassa a fala do idoso ao afirmar que “eu sempre gostei [...] de salto baixo”. Esse dado confirma o resultado de nossa pesquisa a respeito da aproximação do narrar e do argumentar, pois ao mesmo tempo em que estão narrando uma situação, podem também apresentar fatos da vida cotidiana que mudam a tipologia do que está sendo exposto.

Os dizeres argumentativos dos idosos são inovações para um bom relacionamento humano nos contextos social e cultural, uma vez que as relações sociais do sujeito, neste caso, direcionam o olhar para o idoso, se fortalece pela tessitura no trato com as relações. Consideramos relevante esse contato, pois, por meio dessas iniciativas, polariza-se com o outro, sua história de vida, sua fala e, o mais importante, desperta-se o ato da escuta do outro para, então, relacionar-se com essa vasta diversidade populacional em que estamos inseridos, bem como aprendermos a viver juntos.

A nosso ver, não basta apenas ouvir o relato de vida do idoso, é necessário ter a sensibilidade para sentir e se colocar no seu lugar enquanto pessoa que escuta o outro, para poder dialogar com a realidade desse outro que está vivenciando o fenômeno do envelhecimento. Esse fenômeno não é só uma realidade da pessoa que envelhece é nossa também, e não é apenas um fato no Brasil, mas globalmente falando, visto que a população com 60 anos ou mais está crescendo mais rápido que todos os grupos etários mais jovens, segundo as pesquisas publicadas pela ONU (2019, on-line).

5.2.2 Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes

Nesta seção, nosso interesse incide na observação da posição de preenchedores em fronteiras de constituintes para mostrar o percentual de “entendeu?” e “entende?” na perspectiva de analisar os condicionamentos dos fatores distribuídos no uso desses marcadores. Na abordagem dos marcadores “entendeu?” e “entende?”, Urbano (1999) analisa os aspectos de organização e de flexão de número, de gênero, de modo e de tempo.

Se valores acima de 50% motivam a regra, podemos afirmar que a intercalação e a posposição são frequentes e comuns em todas as ocorrências, pois o verbo entender apresenta as variantes “entende?” e “entendeu?”, com uso mais frequente de “entendeu?” sobre o “entende?” em (91.5%) dos casos intercalados e (86,1%) pospostos. Já a forma “entende?” apresenta-se apenas no presente do indicativo com frequência de (13.9%) posposto e uma intercalação com percentual de (8.5 %). Abaixo a tabela ilustra bem essas ocorrências.

Tabela 6 – Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes e distribuição do uso dos marcadores discursivos *entendeu* e *entende* entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Entendeu		Entende		Total
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	Nº
Intercalado	75/82	91.5	7/82	8.5	82
Posposto	62/72	86.1	10/72	13.9	72
Total	137		17		154

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

A tabela 6 demonstra que não ocorre uma alternância elevada entre posições intercaladas e pospostas. O “entendeu” fica mais intercalado e, conforme Cavalcante (2015), os elementos intercalados ajudam a construir algo que não foi explicado anteriormente no texto, podendo ancorar na construção dos significados; e os pospostos são expostos no final do enunciado e desempenham a função avaliativa.

Os exemplos (11) e (12) evidenciam essa leitura:

- (11) #00:19:21-7# tem que muda{r} porque antigamente você (-) pegava tempo dos bonde{s} aqui no Rio _ _ eu so{u} do tempo dos bondes (-) andei mui:to de bonde muito mer{s}mo (-) **entendeu** (2.6) aqui passava passava um bonde que ia p{r}a Madure{i}ra vinha de/ vinha lá d/ d/ da cidade passava na Penha e vinha e ia p{r}a Madure{i}ra (--) (M98VP)

O informante comenta a experiência com o transporte de bonde no Rio de Janeiro e o seu percurso dentro do município. O falante apresenta o marcador discursivo intercalado na oração de forma a construir uma ideia inicial e, logo após o marcador, explica todo o percurso feito pelo bonde “passava um bonde que ia pra Madureira[...] passava na Penha”, além da construção realizada no texto, o informante explica algo que ainda não havia comentado, apresentando mais detalhamento da ideia.

No exemplo seguinte, o marcador “entendeu” aparece de maneira posposta em um contexto em que predomina um tom mais avaliativo.

- (12) #00:27:19-1# oia as festa{s} de santo aqui são MUITO boa a gente não pode fala{r} que não inclusive tem uma na uma fazenda de cima aí tem uma que é: que é festa de santo também e tem ela como tradição todo ano ela é uma festa que quase todo ano junto de cinco mil dez mil pessoas que é muita gente que que junta me{s}mo tem vez{es} já que eu era assador de carne lá já assasse até cinco boi{s} na festa então era uma festa muito boa **entendeu?** (M67EO)

No excerto, o sujeito comenta as festas dos santos realizadas na região e faz uma avaliação “são muito boa...” e ainda reforça “era uma festa muito boa entendeu?”. O idoso pondera a avaliação e a expressão de uma carga forte de emoção. O marcador está colocado no

final da cláusula. Essa ocorrência aparece na fala do idoso (M67EO) de Livramento, como também nas falas dos demais informantes entrevistados, pois, quando se lembravam das atividades que vivenciaram há mais de 40 anos, reviviam e renovavam suas habilidades emocionais, construindo novos e outros sentidos no ato de rememorar eventos passados, vivenciados.

5.2.3 Tempo verbal do verbo principal

Na tabela 7, a distribuição da taxa percentual de uso dos marcadores discursivos “entendeu?” e “entende?”, referente ao tempo verbal do verbo principal na fala dos entrevistados, apresenta valores aproximados. Com relação ao verbo no tempo presente, o marcador “entendeu” atinge o percentual de 84.6% e, em relação ao tempo pretérito do verbo, alcança o percentual de uso de 93.4%. Para o marcador “entende?”, o percentual é 15.4% para o verbo no tempo presente, e 6.6% para o pretérito. Assim, o marcador “entendeu” tende a ser acompanhado pelo tempo verbal no pretérito, e o “entende” pelo tempo verbal no presente.

Desse modo, os marcadores discursivos “entendeu?” e “entende?”, derivados do verbo “entender”, ou seja, resultantes de mudança semântico-pragmática e de mudança categorial verbo marcador discursivo, configuram o uso efetivo da comunicação dos entrevistados, ora na estrutura oracional com base no verbo no pretérito (de forma prevalente no uso do marcador “entendeu”), ora em uma estrutura oracional com base no tempo presente (com prevalência no uso do marcador “entende”).

Tabela 7 – Tempo verbal do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu” e “entende” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Entendeu		Entende		Total
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	Nº
Presente	66/78	84.6	12/78	15.4	78
Pretérito	71/76	93.4	5/76	6.6	76
Total	137		17		154

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Considerando que os valores maiores que 50% apontam uma tendência de favorecimento da regra, os dados desse cruzamento indicam que os falantes idosos tendem a manter um paralelismo no emprego dos marcadores, e isso acontece tanto de maneira intercalada quanto posposta.

O paralelismo é um recurso referente à coordenação de segmentos que apresentam valores sintáticos idênticos (ANTUNES, 2005, p. 63). Logo, os elementos coordenados entre si apresentem a mesma estrutura gramatical. Em nossa pesquisa, o recurso ao paralelismo ocorre nos procedimentos de retomada nos níveis fonológico, lexical, morfossintático e semântico, a exemplo do que mostra o trecho seguinte, extraído da entrevista da informante F87PS:

- (13) #00:00:14-7# BEM eu vim do interiOR né? de Itaperuna a vida lá era muito diferente e nós éramos Pobre (-) meu pai **trabalhava** mas nessa época a minha mãe não (-) porque tinha criança pequena lá nós éramos três (-) depois é que foi nascendo né? aí era um total de cinco irmãos(-) aí quando nós **íamos** pro Rio de Itaperuma pro Rio lá eu **estuDava entendeu?** [...] (F87PS)

No trecho 13, há uma breve narrativa de atividades sucessivas que a idosa realizou durante determinado período. Por isso há uma equivalência entre as ações realizadas pelo sujeito, as quais são orientadas pelos verbos no pretérito imperfeito do indicativo “éramos, trabalhava, tinha, estudava”. Esse emprego aparece nos dados da tabela 7 que mostram a predominância do uso do “entendeu” no pretérito e do “entende” no presente.

Em uma perspectiva funcionalista, Silva (1999) aborda os paralelismos gramaticais como formas e estruturas que emergem do uso espontâneo da língua em decorrência de fatores discursivos que desencadeiam processos linguísticos de gramaticalização. Também os dados desta pesquisa mostram que os idosos utilizam o paralelismo de maneira espontânea ao narrar suas vivências de outrora “eu vim do interiOR né? de Itaperuna a vida lá era muito diferente e nós éramos Pobre (-) meu pai trabalhava”

Considerando os marcadores “entendeu e entende” como elementos discursivos de reforço de compreensão, a ausência de quebra de sequência entre os verbos e os seus argumentos e a utilização de uma forma mais canônica no sentido de manutenção de variantes mais conservadoras são marcas de falantes mais idosos (LABOV, 2001).

5.2.4 Tipo semântico do verbo principal (verbo de ação/ não ação)

Nesta seção, analisaremos a inter-relação entre tipo semântico do verbo principal e o uso dos marcadores “entendeu?” e “entende?”, com ênfase nos verbos de ação e não ação.

O verbo é uma palavra variável que indica ação, processo ou estado (ou ainda mudança de estado) no tempo. Um sintagma nominal, ao se vincular a um verbo, contrai com ele uma relação sintática (sujeito, complemento) e uma relação semântica (agente, paciente, instrumento) (AZEREDO, 2014, p. 270). Então, o verbo exprime ação, estado dentro de um contexto que articula papéis semânticos entre si.

Uma das hipóteses desta pesquisa é a de que há uma influência dos verbos de ação no uso do “né”, uma vez que as entrevistas são compostas por narrativas das vivências dos idosos tanto dos que vivem na cidade de Nossa Senhora do Livramento quanto dos que moram no município do Rio de Janeiro. No que diz respeito à influência desse fator “verbo de ação/não ação” no emprego dos marcadores discursivos, a hipótese foi confirmada em parte, uma vez que os sujeitos usaram de forma aproximada os verbos de ação e não ação diante dos marcadores discursivos “né” e “não é”, “entende” e “entendeu”.

Inicialmente, costumamos relatar a aproximação do percentual mostrado pelo programa computacional. No entanto, não houve motivação referente a pesos relativos. Assim, nesta seção há apenas tendência de uso. A tabela a seguir mostra um percentual de 87.6% de ocorrências de verbo de ação com relação a “entendeu?”, como em “eu estuDava **entendeu?**” [...] (F87PS), e 90.8% de verbos de não ação: “elas **são** ligada a isso (-) aí a minha vida é assim **entendeu?**” (F87PS).

No que tange ao marcador “entende?”, as incidências também são bem próximas, sendo 12.4% para verbos de ação: “eu vim trabalha{r} **entende?**”; e 9.2% para verbos de não ação: “o estudo era melho{r} **entende?**”.

Tabela 8 – Tipo semântico do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos “entendeu” e “entende” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Entendeu		Entende		Total Nº
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	
Ação	78/89	87.6	11/89	12.4	89
Não ação	56/65	90.8	6/65	9.2	65
Total	137		17		154

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

- (14) olha você quer saber eu aproveitei a vi:da e as minhas filhas tam:bém que ainda tão aí podem aproveitar mais **entendeu?** (F87PS)
- (15) agora é pior do que a guerra (--)**entendeu?** (F87PS)

No exemplo (14) o uso do “entendeu” articula-se a um verbo de ação “eu aproveitei a vi:da”, e focaliza com mais relevância a argumentação, a retomada de algo que já foi dito. Já o exemplo (15) apresenta um enunciado de não ação, ou seja, o verbo está atrelado ao estado do sujeito “agora é pior do que a guerra”. As narrativas tendem para a exposição das duas modalidades, agregando verbos de ação e não ação com diferença percentual mínima. Nos exemplos que seguem, a idosa usa verbos de ação para expressar os movimentos e ações do trabalho que realizava e sua percepção da atividade à época.

(16) eu vim trabalha{r} **entende?** (F74CD)

(17) não não tinha quiosque na época (haha) não tinha tinha as pessoas que vendia{m} assim **entende?** (F74CD)

Os estudos de Risso *et al.* (1996, p. 57) mostram que as formas dos marcadores discursivos são “mais ou menos fixas, pouco propensas a variações fonológicas, flexionais ou de construção”. Os autores notaram que as poucas modificações encontradas nos marcadores são restritas, na maioria das vezes, no caso dos verbos, à manifestação de uma variante flexional específica. Além disso, observaram que há tendência à estagnação das formas, por exemplo, não ocorre variação flexional de “entendia?” e “entendes?” em relação aos marcadores “entende?” e “entendeu?”. Desse modo, as formas cristalizadas, em sua maioria, começam a ser utilizadas no discurso como modelo já formatado, deixando de se organizar como algo mais palpável e que supra a necessidade dos falantes.

Risso *et al.* (1996) chegaram à conclusão de que existem traços definidores desses tipos de elementos, ou seja, os marcadores “entendeu?” e “entende?” tendem a sofrer transformações por conta do fenômeno da gramaticalização/discursivização. Os dados desta pesquisa evidenciaram que a relação do idoso com seu meio social marcou a presença dos fatores extralinguísticos, uma vez que os fatores linguísticos internos não apresentaram diferenças consideráveis. A tabela 8 mostra que a marca da subjetividade é um fator que realmente faz sentido, uma vez que os idosos buscam, independentemente de estarem no interior de Mato Grosso ou na capital do Rio de Janeiro, o bom relacionamento e o convívio social.

5.3 Segunda Rodada: Grupos selecionados estatisticamente “né?” versus “não é?”

Na segunda rodada, consideramos o “né?” e “não é?” como valor de aplicação, o qual será contraposto ao grau de escolaridade, sendo o único grupo selecionado.

Inicialmente faremos uma descrição de todos os fatores da rodada, priorizando o mais relevante conforme apresentado pelo programa. Exemplificaremos a caracterização específica dentro da rodada e os fatores de cada grupo selecionado e descartado. Em seguida, traremos os resultados evidenciados pelo programa de forma a correlacioná-los às nossas hipóteses de pesquisa.

5.3.1 Grau de escolaridade

Da mesma forma que ocorreu na primeira rodada, em que o trabalho centrou-se nos marcadores “entendeu?” e “entende?” como valor de aplicação, o grau de escolaridade mostra-se relevante para a análise dos dados. Na segunda rodada, o grupo também foi selecionado como prioritário para o entendimento social da pesquisa, desta vez focados nos marcadores “né?” e “não é?”, conforme os exemplos abaixo:

Tabela 9 – Grau de escolaridade do informante e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” e “não é” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Né			Não é			Total Nº
	Aplicação/total	%	Peso	Aplicação/total	%	Peso	
Fundamental	982/991	99.1	0.605	9/991	0.9	0.395	991
Médio	522/539	96.8	0.313	17/539	3.2	0.687	539
Total	1504			26			1530

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Na tabela 09, basearemos nossas observações nos pesos relativos, que mostram que o Ensino Fundamental tem maior proporção de uso da partícula “né?” com peso relativo de (0.605) e o Ensino Médio fica na segunda posição com pesos de (0.313).

De acordo com Martelotta *et al.* (1996, p. 277), o comportamento sintático e as acepções semântico-pragmáticas da partícula “né?” vêm se distanciando de seu sentido original como pergunta referencial ou pergunta não retórica, através basicamente do processo de

discursivização. Marta Scherre(1996), sobre a variável linguística e a “concordância nominal de número” na fala carioca, concluiu que os falantes com mais escolaridade conseguiram atingir uma maior aproximação da língua padrão. Assim, as pessoas que passam mais tempo em ambiente escolar conseguem produzir mais variantes denominadas padrão.

A forma “né?” é mais usada pelo falante de menor escolaridade, evidenciando um processo maior de inovação. Essa constatação confirma nossa hipótese de pesquisa de que, no Ensino Fundamental, prevalece o emprego da forma estigmatizada “né?” em detrimento dos marcadores “não é?” “entendeu?” e “entende?”.

Nessa segunda rodada do programa Goldvarb, comprovamos que o uso da forma “né?” mostra-se mais inovador por conta do processo de discursivização. Já a forma “não é?”, conforme tabela 09, predomina nas ocorrências dos sujeitos com Ensino Médio, com peso relativo de 0.687; no Fundamental, o peso é de 0.395. O resultado mostra que os idosos do Ensino Médio são mais conservadores quanto à preservação da língua padrão. Para ilustrar esta discussão, recorreremos ao trecho 18 de uma das entrevistas:

- (18) #00:34:43-7# _2.2_ eh o carioca ele tem um modo de fala{r} sim _um_ como todo Brasil né? ele tem um su/ um um linguajar diferente né e nós aqui temos essa linguajar diferente muitas palavras né? que eu acredito que não tem nem no dicionário; e nós falamos como as pessoas de outros estados também têm o linguaja{r} deles próprio né? (M61LV)

No trecho 18, o sujeito (M61LV) evidencia uma consciência da diversidade linguística muito clara em um movimento não apenas de reconhecimento da diferença, mas também do caráter vivo da língua para além das formas gramaticais. Os idosos entrevistados evidenciaram em suas respostas que cada sujeito tem seu próprio linguajar. Nesse contexto, é um dado que precisa ser considerado no estudo de língua materna. São as experiências vividas por esses sujeitos idosos que reverberam sobre a sociedade e agregam valores importantes para a manutenção da língua.

Essa pode ser a razão porque em todas as rodadas do programa computacional comparecem muito os valores sociais, culturais e contextuais. Nos dados de nossa pesquisa, os condicionamentos extralinguísticos despontam como elemento central para o estudo de uma língua. Em boa medida, o avanço tecnológico tem favorecido a ampliação dos estudos linguísticos para além dos fatores internos à própria língua, contemplando fatores contextuais e culturais que permitem compreender um fenômeno que se faz junto com seus falantes.

Segundo Bybee (2010), para pensar a língua padrão ou a gramática de uma língua, é necessário considerar a organização cognitiva da experiência de cada falante diante de sua

língua em uso e, a partir dessa observação, procurar valorizar os aspectos da experiência linguística, cultural e contextual. É nesse sentido que concebemos a língua no contexto desta pesquisa em que os meios social e cultural comparecem de forma significativa nos usos que dela fazem os idosos.

5.4 Grupos estatisticamente não significativos para a distribuição do uso dos marcadores discursivos “né?” e “não é?”

Basearemos nossas observações apenas nos percentuais, uma vez que não dispomos dos pesos relativos para a análise, tendo em vista que os fatores a seguir não foram selecionados pelo programa; talvez porque os percentuais destacados são muito aproximados.

5.4.1 Região Geográfica

Apesar dos resultados aproximados, a região geográfica impulsionou uma tendência maior ao uso do “né?” nos municípios do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento, conforme evidencia a tabela 10.

Tabela 10 – Região Geográfica e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” e “não é” entre falantes do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Né		Não é		Total N°
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	
Rio de Janeiro	829/849	97.6	20/849	2.4	849
Nossa Senhora Livramento	675/681	99.1	6/681	0.9	681
Total	1504		26		1530

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Repetindo o raciocínio adotado na primeira rodada, de acordo com os resultados apresentados pelo Goldvarb, a região geográfica, na rodada de “né?” e “não é?”, obteve uma representação aproximada nos resultados. Os dados referentes ao Rio evidenciaram um percentual de (97.6%) e Livramento, (99.1%). O marcador “não é?” aparece com um percentual de (2.4%) no Rio de Janeiro e (0.9%) em Livramento.

Nossa hipótese previa o uso maior do “né?” no Rio de Janeiro, tendo em vista o maior potencial de inovação do município carioca. No entanto, os dados apontam para uma inovação maior em Livramento. Uma explicação para esse resultado pode estar no grande fluxo de pessoas de outros estados para Mato Grosso, ou especificamente, para o município de Livramento, onde vivem nossos sujeitos de pesquisa. Outra pode situar-se no fator econômico, porque muitos dos nossos entrevistados foram para Livramento em busca de melhores condições de vida visando à moradia e ao bem estar. Uma das regiões pesquisadas é um assentamento, ou seja, muitas pessoas foram e se instalaram na região e depois de algum tempo, esses moradores conseguiram, por meio da reforma agrária, regularizar suas terras, de modo que as famílias recebem créditos liberados pelo governo, condições de moradia, produção familiar para iniciarem suas vidas de pequenos produtores.

O processo de assentamento talvez seja um diferencial inexistente, por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro, onde as pessoas podem morar em alguma comunidade, mas dificilmente têm possibilidade de ser proprietárias legítimas desses espaços e não recebem créditos para recomeçarem a vida. Desse modo, esse é um fator considerável que possibilita aos idosos de Livramento mais inovação, uma vez que esses moradores convivem diretamente com pessoas de todo o Brasil de maneira mais próxima.

Também vale ressaltar que Livramento é portal de entrada para a região pantaneira, lugar que recebe visitantes e pesquisadores do Brasil e do mundo, convívio que pode interferir no comportamento e na linguagem desses habitantes. Em suma, muitos dos nossos entrevistados estão no Estado há mais de quarenta anos para onde levaram características da língua aprendida (e apreendida) em outras localidades, anteriormente vivenciadas. Nos excertos 18 e 19 essas evidências aparecem:

- (19) #00:00:07-8# não eu sou mi:ne{i}ro Minas Gerais Governador Valadares (-) moro aqui aqui Mato Grosso desde mil novecentos e sessenta e nove eu vim pra Jauru em sessenta e: nove: e de Jauru fui para Rondônia de Rondônia voltei pro Mato Grosso novamente e aí tô aqui eu tô morando aqui (em) Cuiabá e aqui na região (de) municípios e Livramento ((barulho de sinuca)) (M67EO)
- (20) #00:01:11-9# ((barulho desconhecido)) olha eu não tenho a intenção de muda{r} daqui não porque eu já mo/ morei muitos estado{s} mas meu luga{r} é aqui em Mato Grosso (-) não tenho intenção de muda{r} daqui não (-) ((pessoas conversando)) acho q/ é só por sete palmo (-) Deus a tenha muitos ano{s} [(hahaha)] (F61EO)

Em 19 e 20 evidenciam as transitividades dos sujeitos no próprio Estado de Mato Grosso e também em outros estados brasileiros. Mostram o contato desses idosos com outras culturas,

o qual pode ser compreendido como um dos fatores que mais contribuiu para a variedade de transformações na linguagem das pessoas que vivem naquela localidade.

A respeito da inter-relação entre variedade linguística e fatores extralinguísticos, Mollica (2010, p. 27) observa que as “variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”. Os resultados da nossa pesquisa, no que diz respeito às variáveis linguísticas e não linguísticas, confirmam o entrelaçamento de fatores geográficos e valores sociais e ideológicos de cada sujeito participante na constituição de sua língua.

5.4.2 A variável gênero/sexo

Fischer (1958), em sua pesquisa denominada “Influências sociais na escolha de variantes linguísticas”, mostrou que preferência não é resultado de escolha inesperada, mas algo que equivale a uma diferença de valorização social, ou seja, a autora percebeu que o sexo feminino tende a privilegiar a língua padrão e mantém a forma conservadora.

Nossa hipótese para a variável gênero/sexo supunha que os homens são mais inovadores que as mulheres no uso dos marcadores discursivos. Os resultados para este fator confirmaram em parte essa suposição. Os dados mostraram um percentual de (99.0%) para o masculino e um percentual de (97.7%) para o feminino. O resultado evidencia que tanto mulher quanto homem apresentam indícios de inovação ou conservadorismo. Nesse sentido, esse resultado pode indicar uma mudança do fator gênero/sexo nos contextos de uso, confirmando resultados de pesquisas anteriores, como a de Valle (2001), as quais destacam a inexistência de grandes diferenças na frequência de uso dos marcadores em geral, entre homens e mulheres.

De acordo com Paiva (2010 p. 33), “as diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical [...] nas sociedades ocidentais, a existência de um vocabulário feminino e de um masculino parece menos acentuada e tende, progressivamente, ao desaparecimento.” Paiva (2010) assinala que uma análise entre gênero/sexo e variação linguística precisa considerar formas de organização social da comunidade local e não restringir, unicamente, nas falas de prestígios de uma variante linguística. A tabela 11 mostra os resultados para este fator nos dados analisados:

Tabela 11 – Gênero do informante e distribuição do uso dos marcadores discursivos *né* e *não é* entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Né		Não é		Total
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	Nº
Masculino	756/764	99.0	8/764	1.0	764
Feminino	748/766	97.7	18/766	2.3	766
Total	1504		26		1530

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Com relação aos fatores extralinguísticos, não basta a observação das questões ligadas ao fator biológico, mas a consideração do processo de interação e das atitudes de homens e mulheres na comunidade. Nesse sentido, os dados da tabela 11 destacam que os dois gêneros/sexos utilizam “né?” e “não é?”, mas no uso masculino tende a predominar o “né” e no feminino, o “não é?”. Esse resultado encontra respaldo em Holmes (1995) segundo o qual a maioria das mulheres gostam de se expressar e veem a fala como uma ferramenta primordial para manter contato com pessoas mais próximas e amigos, enquanto os homens veem a linguagem como instrumento ou condutor de informações. A fala é vista apenas como finalidade, como algo preciso e necessário nas tomadas de decisões, ou seja, utilizam a linguagem de modo mais funcional.

5.4.3 Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes

A posição de preenchedores em fronteiras de constituintes também foi um dos grupos escolhidos para interagir com intercalação e posposição, porém não se mostrou significativo estatisticamente, conforme mostram os dados da tabela 12, a seguir:

Tabela 12 – Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” e “não é” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Né		Não é		Total
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	Nº
Intercalado	958/972	98.6	14/972	1.4	972
Posposto	546/558	97.8	12/558	2.2	558
Total	1504		26		1530

Fonte: Elaborada pela autora.

Da mesma forma que os grupos não selecionados anteriormente, o programa não gerou pesos relativos, apenas percentuais, que apontam para uma tendência de uso expondo

intercalação de (98.6%) no uso do “né?” falado e (97.8%) de “né?” posposto dentro da cláusula. Essa tendência na interposição dos marcadores em questão reflete também um sentimento involuntário do falante, carregado de subjetivismo e afetividade, desejoso de compreensão.

Esse resultado corrobora as observações de Cavalcante segundo a qual:

à medida que a oração avança em sua complexidade, mais tende a utilização das orações intercaladas. Assim, vão se tornando maiores e menos o falante quer intercalá-las, para que o entendimento da sentença não seja prejudicado em função de sua complexidade estrutural-(CAVALCANTE, 2015, p. 158).

As frequências muito aproximadas de (98.6%) e (97.8%) não dizem muito da atuação desses fatores como determinantes para a posposição, que se apresenta dessa forma por conta do padrão canônico, uma vez que a posposição não propõe interferir no andamento estrutural do discurso.

Conjecturávamos que na oralidade dos idosos de nossa Senhora do Livramento e do Rio de Janeiro os marcadores “né?” e “não é?” apareceriam mais intercalados pelo fato de serem mais curtos. Essa hipótese foi confirmada em parte, pois os marcadores apareceram em grande proporção nas duas formas, tanto intercaladas como pospostas.

Concebemos, aqui, orações intercaladas não como uma estrutura marginal ao período. Este estudo sobre a intercalação abarca as orações não prototípicas, isto é, não necessariamente intercaladas entre os verbos e seus argumentos. Assim, é uma intercalação ao período e não precisamente à cláusula. A nosso ver, o marcador discursivo intercalado no período funciona como uma espécie de micro ato de fala, ou seja, são micro reflexões que o falante apresenta como uma porção de informação e, a partir daí, são inseridos os marcadores.

Um estudo realizado por Votre (2012) mostra que os falantes com mais escolarização tendem a apresentar estruturas mais complexas e, por isso, poderiam preferir as formas intercaladas. Também notamos que as intercalações podem tornar a estrutura mais complexa, entretanto, ela serve para diminuir a complexidade porque a inserção de elementos dentro do período é algo complexo, embora o falante não use para complexificar, pelo contrário, para simplificar a apresentação dos fatos e chamar o leitor à reflexão. Em outras palavras, o informante utiliza estratégias de interação, de chamamento, para requerer a atenção do interlocutor e verificar se realmente está ocorrendo interação, ou seja, entendimento entre os falantes. Os exemplos seguintes ilustram esse entendimento:

- (21) escutei falar mas não sei quem é: é alguém que me conhece(--): aí: eu falava com todo mundo até com os que não prestava (--) (sorrindo) oi tia tudo bem? tuDO bEM é melhor você ser amiga deles do que não ser né? (F87PS)

- (22) eu acho que(-) hoje eu acho muito melhor: você poder vestir uma calça uma bermuda eu acho agora antigamente tudo era reparado **não é?** (F87PS)
- (23) eu espero que mude () é que a gente {es}tá conversando (-) uma hora o assunto muda (-- **não é?** porque tudo tem haver com o que a gente começa falar **não é?** (F65BT)
- (24) #00:01:04-3# agora nem muito (-- porque:: antes eu criei meus cinco filhos aqui (-- mas foram crescendo cada um foi pro;; (-) tomou seu rumo **né** (-- e eu só tenho uma filha que mora aqui no Brasil (-) que mora em São Conrado (2.3) o resto todos criaram asas tomou seu rumo **né** (-- e eu só tenho uma filha que mora aqui no Brasil (F65BT)

Os exemplos 21, 22, 23 e 24 mostram usos diversos de intercalação e posição dos marcadores nas entrevistas dos idosos. No exemplo (21), a idosa F87PS argumenta, no final do período, a favor de “ser amiga deles do que não ser né?”, posicionando seus argumentos no final para reforçar a importância de saber lidar com diversas situações de perigo em algumas comunidades. No exemplo (22), a informante comenta que “tudo era reparado não é?”, pospondo o marcador, para confirmar com o leitor a oposição que propõe entre “antigamente” e “agora”. No exemplo (23) ocorre a mesma situação do enunciado anterior, “uma hora o assunto muda não é?”, em que a oração “porque tudo tem a ver com o que a gente começa falar não é?” mostra o uso de estrutura mais complexa para confirmar o que a idosa dissera anteriormente.

No exemplo (24), a idosa apenas menciona que cada filho “tomou seu rumo né?”, mas, de forma intercalada, retoma o que disse anteriormente, explicando que, apenas, uma filha ainda mora no Brasil e o restante está fora do país. Assim, esses usos evidenciam que quanto mais complexos os diálogos, a oração, maior a tendência à utilização das orações intercaladas.

5.4.4 Tempo verbal do verbo principal

Esse grupo apresentou relações semelhantes tanto nas rodadas de “entendeu?” e “entende?” quanto nas de “né?” e “não é?”. No entanto, nesta rodada, dois fatores estavam ausentes⁴⁵.

A tabela (13) abaixo mostra uma rodada restrita entre presente e pretérito, em que ocorre uma aproximação entre os usos do marcador “né?” no presente, com (97.8%), e no pretérito,

⁴⁵ Na tabela (13), há (1528) dados, sendo que o normal seria (1530) ocorrências. O desaparecimento desses dois dados deve-se ao fato de não existirem contextos propícios àquela situação. Talvez a ausência desses dados tenha ocorrido porque não tivemos presença de futuro na fala dos idosos nessa rodada.

com (98.9%). Já o “não é” apresentou 2.2% no presente e 1.1% no pretérito. A aproximação dos resultados impediu a seleção pelo programa, sendo o que se apresenta apenas tendência de uso.

Tabela 13 – Tempo verbal do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” e “não é” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Né		Não é		Total Nº
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	
Presente	861/880	97.8	19/880	2.2	880
Pretérito	641/648	98.9	7/648	1.1	648
Total	1502		26		1528

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

A tabela (13) apresenta dados relevantes no que se refere aos usos dos tempos verbais presente e pretérito. Os idosos que participaram de nossas entrevistas fizeram uso dos dois tempos (presente/pretérito). O pretérito imperfeito remete ao mundo narrado e o presente ao mundo comentado. Desse modo, o uso desses tempos verbais transita entre dois mundos socioculturais (Livramento/Rio de Janeiro), manifestando traços do aspecto inconcluso, diante das mesclas das tipologias que estruturam os enunciados, ou seja, narram, descrevem, argumentam e assim transmitem suas memórias vividas.

Elias (1998) explica, de uma perspectiva enunciativa, que existe uma tríade temporal constituída por presente, passado e futuro. Nessa perspectiva, “o presente é aquilo que pode ser imediatamente experimentado, o passado é o que pode ser lembrado, e o futuro é a incógnita que talvez ocorra, algum dia” (ELIAS, 1998, p. 66). Koch (2003), baseada na concepção de Weinrich (2006[1968]), explica os tempos verbais a partir de dois tipos de situações comunicativas: o mundo comentado e o mundo narrado. No “mundo comentado o locutor tem maior envolvimento com aquilo que enuncia”, uma vez que ocorre maior dedicação para com o sujeito, criando responsabilidade diante dos sujeitos que participam do discurso (KOCH, 2003, p. 54).

Os dados analisados mostram que o mundo narrado constrói os relatos dos idosos a respeito de suas conquistas, seus sonhos, suas lutas, e o mundo comentado tece a afetividade dos entrevistados com seu meio social, sua comunidade e todos os saberes advindos da cultura e memória.

- (25) mamãe tinha uma preocupação tremENda com a educação da gente era sim senhor da licença né? quando a gente saía assim um pouQUI::nho do sério a mamãe olhada pra gente e a gente OH: dava no pé sabia que não tava indo bem e: mas ela/ a vida era normal as vezes a mamãe ficava na _porta_ do sobrado vendo a gente BRINca{r} né? e a gente tinha sede suBla pra bebe{r} água os meninos da rua também subiam as/ os meninos jogavam bola de gude

né? e a vida normal de uma criança _-_ depois a gente vai passando o tempo vão aparecendo outras coisas **né?** (F90ME)

No excerto (25), a informante apresenta o comprometimento com seu locutor tentando esclarecer, explicar suas memórias da infância, mobilizando o pretérito de vários verbos <era, jogavam, subia, tava, dava> e sempre buscando a confirmação do interlocutor por meio do marcador discursivo “né?”.

5.4.5 Sequência textual

O grupo sequência textual⁴⁶, nesta rodada estatística, tinha sido selecionado em um primeiro momento, no qual havia até identificado pesos relativos. No entanto, após um novo turno de rodadas de descarte, o grupo foi excluído. Assim, trazemos à discussão apenas os resultados da última rodada, com os percentuais:

Tabela 14 – Sequência textual e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” e “não é” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Né		Não é		Total Nº
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	
Narração	1012/1022	99.0	10/1022	1.0	1022
Argumentação	484/499	97.0	15/499	3.0	499
Injunção	¾	75.0	1/4	25.0	4
Total	1499		26		1525

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

De modo geral, os resultados revelam o percentual de (99%) de presença de marcadores “né?” na narrativa, (97%) de argumentação e (75%) de injunção. Conforme mostram as colunas 4 e 5 da tabela apresentada, o “não é?” tem (1%) de ocorrência na sequência narrativa, (3%) na argumentação e (25%) na injunção. Vale ressaltar que entre 1022 ocorrências narrativas, 1012 mobilizam o marcador “né?”.

Silva e Macedo (1996, p. 15) constataram em suas pesquisas que os marcadores aparecem com maior frequência em comunicações do tipo argumentativa “[...] o informante fundamenta suas opiniões ou defende seus pontos de vista”. Também Martelotta (2004), em

⁴⁶ No grupo sequência textual ocorreu a ausência de 5 dados, isso se deve pelo fato da narração, em alguns momentos, se misturar com a descrição, desse modo desapareceram os 4 dados de descrição juntamente com um dado de “entendeu?”.

seus estudos, identificou que os marcadores “sabe?” e “entendeu?” ocorreram com maior intensidade em relatos de opinião. Ainda conforme o estudioso, esses marcadores interrogativos buscam ser modelos discursivos, que mostram de maneira rápida e precisa as opiniões dos sujeitos.

Em nossa pesquisa, na rodada sobre “né?” e “não é?”, as ocorrências apontam para valores aproximados de uso desses marcadores em sequências narrativas e argumentativas, com predomínio das narrativas. A idade dos entrevistados (idosos) e a natureza do uso da linguagem (relatos, narrativas de histórias passadas há 40 anos) podem ter influenciado nesse resultado. No caso, os marcadores foram ferramentas de apoio para as falas, ligando sintagmas, normalmente, de núcleo nominal, marcando reformulações e tópico e preenchimento de pausa. Em termos específicos, “né?” revela-se mais propício às sequências narrativas (percentual 99.0) e “não é?” às argumentativas (percentual 3.0). Os exemplos 26 e 27 mostram o que estamos afirmando:

- (26) #00:05:23-6# eu num sei: i dize{r} assim eu acho que eram mais: (--)
obedientes de{o} que é agora tanto no fala{r}; (--)
né; mas: ((ts)) (--)
mas não sei se:: ouvia{m} mais os pais né? que agora a ma{i}o{r} parte dos pais também trabalham fora (-)
né? e às vezes muitos ficam muito soZinhos outros empregada e tudo aí fica mais difícil; né; (F77PS)
- (27) #00:24:46-2# oia sempre aqui o o: Eja chegou assim escolher uma casa que fica mais próximo daquelas pessoas que quer frequenta{r} a a escola da durante a noite né e nós vamo{s} de a pé por causa da distância de de um quilometro menos de um quilometro que eles vêm faz o levantamento assim de quanto{s} vai querer estuda{r}né matricula{r} né? aí matricula aí escolhe uma casa que tem mais espaço né? pra pode fica{r} durante esse período dessas hora{s} (M61EO)

Em (26), a informante do Rio de Janeiro comenta e compara o comportamento das crianças de outrora aos das atuais, relacionando as diferenças às mudanças nos papéis familiares. No exemplo (27), o informante de Livramento narra o processo de implantação do EJA (Educação de Jovens e adultos) na região, abrangendo a fase de levantamento de informações até o momento de realização das matrículas.

Dessa maneira, entendemos que contar histórias, orais ou escritas, são maneiras que podemos usar em função da criação de identidade entre as pessoas, o que nos possibilita maior interação no contexto em que vivemos. E, além dessas histórias narradas ou argumentadas pelo ponto de vista de cada sujeito, de cada idoso, podemos reforçar e construir nossa cultura, transmitindo os vastos e variados conhecimentos de mundo a toda uma geração.

Assim, podemos dizer que crianças, jovens, adultos e idosos, são por natureza, sujeitos históricos e por isso a necessidade de deixarmos registrada a história da existência humana que passa por nossas conquistas, descobertas, vida cotidiana, convívio social e cultural.

5.4.6 Tipo semântico do verbo principal

Azeredo (2014) oferece um estudo detalhado das classes dos verbos conforme sua transitividade (verbos transitivos diretos, indiretos etc.). O autor evidencia em sua obra subdivisões baseadas na semântica verbal. Com base em Azeredo (2014), propomos a verificação do tipo semântico do verbo, sendo os de ação próprios de função principal e os de não ação próprios de função auxiliar (ser, parecer, estar).

No que diz respeito ao tipo semântico do verbo principal, nesta rodada estatística, o fator ação e não ação do verbo não foi considerado relevante pelo programa computacional, tendo em vista que os condicionadores extralinguísticos atuaram de forma muito forte e relevante em todos os percursos analisados. Assim, o resultado confirma a forte influência de abordagens sociais e culturais dois estados analisados (Rio de Janeiro/Livramento). Por isso, trazemos à discussão apenas os resultados com os percentuais da rodada:

Tabela 15 – Tipo semântico do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos *né* e *não é* entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Né		Não é		Total
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	Nº
Ação	905/915	98.9	10/915	1.1	915
Não ação	599/615	97.4	16/615	2.6	615
Total	1504		26		1530

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Apesar dos resultados aproximados, no que tange ao fator “ação, não ação”, os contextos de verbos de “ação” impuseram uma tendência maior no uso do marcador “né?”, com percentual de (98.9 %), e “não ação” aparece com (97.4%). Para ilustrar a discussão, transcrevemos o trecho 28 de uma das entrevistas:

- (28) #00:14:02-2# olha eu acho que a educação está muito fracassada principalmente no primeiro grau **né?** por::que há muita greve funcionários professores recebendo muito mal as crianças hoje já não são educadas como eram hoje não se pode chamar atenção de uma criança porque a mãe vem

depressa vem correndo e: ofende a professora diz que a professora fez isso e aquilo então eu acho mais difícil a educação hoje do que antigamente porque os meus filhos TODos frequentaram a escola pública e eu nunca tive problema de ensino hoje fizeram faculdade (--do estado **né?** e sem precisar fazer muita coisa com o estudo de antigamente hoje tá difícil (F90ME)

- (29) #00:15:07-3# sim sempre por aqui por:que **eu morava aqui né?** e depois é que **frequentei escola (-- mais além né?** (F90ME)

O exemplo 28 expõe a visão da idosa sobre a educação no país e as transformações sofridas nos últimos quarenta anos. A fala mais subjetiva retira o enfoque de ação do verbo que acompanha a oração principal mantém-no no ponto de vista sobre o assunto. No entanto, em 29, a informante volta à narração e os verbos “eu **morava** aqui né?”, “**frequentei** escola mais além né?” evidenciam e retomam as ações do texto.

No que se refere ao fator “ação e não ação”, as hipóteses iniciais previam a ocorrência maior de verbos de ação para enfatizar o uso do “né” na fala dos idosos que vivem no município de Livramento e na cidade do Rio de Janeiro, sendo, então, confirmadas pelos dados. Certamente, a natureza das entrevistas, ou seja, narrativas das vivências dos idosos, favoreceu o predomínio dos verbos de ação.

Desse modo, tanto os verbos de ação como não ação reverberam diferentes maneiras de interpretar e ver as relações presentes na sociedade. O verbo de ação enuncia as ações expressas de forma mais objetiva, permitindo modificações no contexto desse idoso pesquisado. No entanto, os verbos de estado ou não ação procuraram enfatizar as marcas da subjetividade, nas quais os sujeitos expressam anseios e pontos de vista “eu acho que a educação está muito fracassada principalmente no primeiro grau né?”.

5.5 Terceira rodada: marcadores discursivos “né? + não é?” versus “entende + entendeu”

Na terceira e última rodada, adotamos os marcadores discursivos “né? + não é?” versus “entende? + entendeu?” como valor de aplicação. Nesta rodada, foram selecionados os grupos de fatores região geográfica, gênero/sexo, posição na cláusula, sequência textual e descartados os grupos grau de escolaridade, tipo semântico do verbo principal, modo verbal do verbo principal, tempo verbal do verbo principal.

Vejamos, portanto, cada grupo com detalhes.

5.5.1 Região Geográfica

Labov (2003) coloca em cena que um dos princípios fundamentais da investigação sociolinguística é que ninguém é igual ao outro e que cada sujeito tem seu próprio estilo e identidade, o que o torna ser único, pois todo falante imprimirá alguma variação linguística de acordo com o contexto em que vive.

O fator região geográfica foi o primeiro selecionado nesta rodada e despontou como o mais relevante. Em todas as rodadas estatísticas desta análise, os fatores que se destacaram foram os extralinguísticos. Por isso, embora outras teorias auxiliem, este é um estudo sociolinguístico que aponta a importância da consideração dos conhecimentos e saberes dos sujeitos nos processos de ensino de língua materna. A tabela 16 delinea os valores relativos ao fator região geográfica na terceira rodada:

Tabela 16 – Região Geográfica e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” + “não é” e “entende” + “entendeu” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Né + Não é			Entende + Entendeu			Total
	Aplicação/total	%	Peso	Aplicação/total	%	Peso	Nº
Rio de Janeiro	849/978	86.8	0.329	129/978	13.2	0.671	978
Livramento	681/706	96.5	0.729	25/706	3.5	0.271	706
Total	1530			154			1684

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

No cômputo das ocorrências sobre a região geográfica, os pesos relativos indicaram que os falantes do Rio de Janeiro optam mais pelos marcadores “entende + entendeu”, com peso relativo de (0.671) versus (0.271) para Livramento. No caso, Nossa Senhora do Livramento apresentou na rodada referente “né?” + “não é?” versus “entende” + “entendeu?” maior ocorrência entre os marcadores “né?” + “não é?”, demonstrando (0.729) dos dados, contrariando o Rio de Janeiro que apresentou (0.329) das ocorrências.

Nesse sentido, os dados rejeitam a hipótese inicial de que o município do Rio seria mais inovador no uso da língua e o de Livramento, mais conservador. O resultado aponta exatamente o oposto, mostrando o Rio de Janeiro mais conservador e Livramento mais inovador.

Com relação ao conservador e inovador, o conservadorismo sociocultural associa-se ao conservadorismo linguístico, de tal modo que “a língua falada por grupos que habitam no meio rural é passada de geração para geração sem significativas alterações”. A inovação e o conservadorismo encontram-se nos hábitos, nas práticas profissionais, na política, na economia,

na cultura etc. e refletem-se na língua (ISQUERDO, 1998, p.104). Cunha (2006[1975]) diz que, embora haja traços de conservação em todas as regiões brasileiras, esses traços não são os mesmos em todas as localidades, logo, mesma na conservação o português mostra-se diverso no Brasil.

Na terceira rodada dos dados desta pesquisa, o marcador “né?” e “não é?” revelaram-se mais inovadores. É possível que essa inovação decorra do fato de Mato Grosso ter recebido muitas pessoas de outros estados brasileiros, principalmente do sul do país, e, com esses imigrantes, ter vindo toda uma cultura e costumes que foram imbricados no estado e nas comunidades investigadas.

No comparativo Rio de Janeiro e Livramento, os dois polos recebem muitos migrantes, sendo o Rio de Janeiro mais populoso que Livramento. Em Livramento, o fluxo é mais estável com pessoas que chegam e permanecem na região, agregando à cultura local costumes e valores diversos. No Rio de Janeiro, o movimento é mais instável no sentido de que as pessoas passam pela cidade rapidamente, fomentando o turismo e o comércio de maneira variada. Assim, no município carioca, o impacto do fluxo de pessoas é menor em decorrência de sua instabilidade e da alta densidade habitacional, já no município mato-grossense o impacto é maior dada a estabilidade desse movimento e a baixa densidade populacional.

O comentário (30) ilustra essa compreensão:

(30) #00:05:21-1# ôh geralmente pra mim foi um estado muito acolhido{r} principalmente eu que mudei pra {a}qui com dezessete ano{s} (-) dezessete pros dezoito ano{s} (-) aí fui pro exército ((risada ao fundo)) em mil novecentos e setenta e (cheguei) em sessenta e nove no Jauru Mato Grosso (M67EO)

O trecho 30 evidencia que o informante não é mato-grossense, mas mora no estado desde muito jovem e nele construiu toda uma história.

(31) #00:00:19-3# minha infância foi muito sofrida((haha))vai precisar de mais ou menos uma hora pra eu falar tudo ((haha)) mas eu vou falar um pouco (-) criada na roça trabalhan: {d}o meu pai minha mãe pegan {d}o água na cabeça ca/ carregava água de longe longe na cabeça **lá na Bahia** depois com doze anos eu vim pra: **pra Goiânia** trabalhei de de empregada doméstica de babá muito anos assim lá em Goiânia depois que **eu conheci meu esposo** que aí que eu fiquei com el/ casei com ele(-) e vim **pra Cuiabá cheguei no Cuiabá** (F62EO)

Em 31, a informante relata os acontecimentos de sua vida desde a infância no estado da Bahia e, depois, a ida para Goiânia (região Centro-Oeste do Brasil) e, posteriormente, Mato Grosso. Comenta que conheceu o esposo e, a partir dessas relações interpessoais, constituiu a

família no Estado de onde não pretende sair. A presença de diversos emigrantes no estado de Mato Grosso e, especificamente, em Livramento, talvez explique as alterações no falar desses habitantes e os seus traços inovadores, tendo em vista que essas pessoas advêm de diversos lugares do país, como enfatiza o informante:

- (32) #00:06:35-9# pra fala{r} a verdade **eu não sei nem se tem muito mato-grossense** aqui (-) né teve () **tem uns que era daí de Cuiabá** mes{mo} que mora aqui e **o{u}t{r}os** (-) **é de: de lá do (--)** **do lado de Ron:dônia** pra lá: **que vieram pra cá de Cáceres** (-) e mora aqui também mas (-) eu não sei (M80EO)

Na atualidade, muitas modificações ocorreram mesmo no interior do estado, em cidades pequenas como Livramento, uma delas é a presença de estrangeiros morando na região, como podemos perceber na fala da informante no trecho 33:

- (33) #00:26:26-1# tem uma irmã de minha igreja que fala espanhol eu quase num entendo o que ela fala eu tenho que fala{r} pra ela fala mais devaga{r} porque eu num entendo ela mora ali oh fala é é espanhol assim até a gente ela tem apelido espanhola é um linguajar que eu num entendo direito (F62EO)

Concordamos com Bortoni-Ricardo (2014, p. 11), que considera

[...] o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala, o falante – pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida.

Nesse sentido, concordamos com Mollica (2015) que advoga a favor da valorização da questão social da linguagem independentemente de serem pequenos ou grandes as comunidades socioculturais. Reforçamos essa defesa de que nenhuma comunidade de fala pode ser desprestigiada por conta de preconceitos com os falares locais. É imprescindível o respeito e a valorização da diversidade cultural de todos os falantes.

No que diz respeito ao conservadorismo e à inovação da língua, Zamboto de Lima (2005), em seu estudo sobre a variação do segmento fonético no(s) falar(es) dos quilombolas, residentes em Livramento, sem escolaridade e acima de 45 anos, identificou a partir do trabalho transcrito que a linguística descritiva do português caipira apresentou a hipótese conservadora. Santiago-Almeida investigou a mesma região pesquisada por Zamboto de Lima e, em seus estudos sobre a evolução histórica da língua portuguesa, aponta que “traços antigos no português brasileiro (PB) não são recentes” (ALMEIDA, 2000, p. 124).

Almeida (2000), ao analisar textos antigos, notou fatores conservadores nos dizeres das pessoas de Livramento. No ano de 2000, em seus estudos sobre a região, identificou a influência

do falar de migrantes da região sul do Brasil no falar cuiabano. Com relação ao emprego dos marcadores discursivos na fala de idosos mato-grossenses, constatamos que os informantes das regiões investigadas (Distrito de Faval e suas respectivas salas anexas (comunidade Estrela do Oriente, Maciel, Pedra Branca) mostram-se mais inovadores na oralidade, ao empregar os marcadores “né” e “não é”.

Geograficamente, Livramento sofreu influências de diversos fatores: ambiental, sociocultural, político e econômico:

O Município de Nossa Senhora do Livramento pertencendo a Zona fisiográfica do Pantanal e limita-se com Barão de Melgaço, Santo Antonio de Leverger, Poconé, Várzea Grande, Jangada, Rosário Oeste, Porto Estrela e Cáceres, o município tem uma área de 5.315 Km² e localiza-se a 32 quilômetros de Cuiabá. O povo livramentense cultua sua religiosidade e mantém acesas as chamas da tradição secular. O lugar é rico em folclore e a “dança do congo” é praticada há mais de dois séculos pelos moradores da região, que demonstram o apego às suas raízes (KCHIMEL, 2013, p. 7).

Por fim, confirmamos um favorecimento ao uso inovador da linguagem em Livramento e ao uso conservador, em termos extralinguísticos, no Rio de Janeiro.

5.5.2 Gênero/Sexo

No estudo do fator gênero/sexo, verificamos a relevância dessa variável independente, de forma a confirmar o que já foi identificado em diversas pesquisas sociolinguísticas, nas quais se constatou que as mulheres buscam aproximar-se mais da variante de maior prestígio do que os homens (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980). Nesse sentido, as mulheres utilizam mais as variantes mais respeitadas socialmente e são mais receptivas à atuação normatizadora da escola. Paiva (2010), ao comentar a variante gênero/sexo, explica que devemos ter prudência quando comentamos os papéis sociais desses gêneros, pois eles sofrem muitas transformações na sociedade. Os nossos resultados expostos na tabela 17 mostram isso.

Tabela 17 – Gênero e distribuição do uso dos marcadores discursivos *né + não é* e *entende + entendeu* entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Né + Não é			Entende + Entendeu			Total
	Aplicação/total	%	Peso	Aplicação/total	%	Peso	Nº
Masculino	764/797	95.9	0.648	33/797	4.1	0.352	797
Feminino	766/887	86.4	0.366	121/887	13.6	0.634	887
Total	1530			154			1684

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Levando em consideração os pesos relativos, observamos que o sexo masculino favorece em (0.648) a aplicação do uso “né + não é”. O sexo feminino, por sua vez, possui um peso relativo de (0.634) que se mostra favorável ao uso do “entende + entendeu”. Desse modo, a hipótese de que os homens seriam mais inovadores e as mulheres um pouco mais conservadoras confirma-se. Possivelmente a explicação sobre as diferenças entre os gêneros/sexos reside na função da mulher nos contextos ideológico, econômico, cultural e sociais. As questões de gênero são temas atuais e muito discutidos nas escolas, pois o gênero tem relação com as diferenças sociais das pessoas, levando em conta padrões históricos e culturais atribuídos aos homens e às mulheres.

Em sua maioria, a mulher é vista pelo comportamento conservador, por conta da própria história feminina, dentro de estereótipos sociais. Na verdade, na contemporaneidade, não se pode enfatizar esse conservadorismo feminino com tanto rigor, pois os contextos mudam a todo instante e a linguagem acompanha as modificações de acordo com a realidade de cada região ou do falante de forma geral.

5.5.3 Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes

Com base nos dados da tabela (18), pode-se relacionar a preferência dos informantes pela utilização da posição de preenchedores em fronteiras de constituintes, no que diz respeito ao emprego do fator intercalado e posposto.

Tabela 18 – Posição de preenchedores em fronteiras de constituintes e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né + não é” versus “entende + entendeu” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	<i>né + não é</i>			<i>entende + entendeu</i>			Total
	Aplicação/total	%	Peso	Aplicação/total	%	Peso	Nº
Intercalado	972/1054	92.2	0.590	82/1054	7.8	0.410	1054
Posposto	558/630	88.6	0.353	72/630	11.4	0.647	630
Total	1530			154			1684

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Os números da tabela 18 revelam a preferência dos falantes pela utilização do marcador “né e não é”, evidenciando uma intercalação com peso relativo de (0.590). Já os fatores pospostos ocorrem mais com “entende +entendeu”, com pesos relativos de (0.647).

Cavalcante explica que as

Intercaladas, por estabelecer uma quebra na sequência canônica do enunciado, é mais complexa estruturalmente e, por conseguinte, também mais complexa cognitivamente, por ser mais lento o processamento de termos fora de seu lugar habitual. Já as pospostas são menos marcadas por se apresentar em ordem canônica segundo os estudos normativos. Assim, seu processamento seria mais rápido em relação às demais posições (CAVALCANTE, 2015, p. 101).

As orações intercaladas são aquelas que ocorrem no meio de outra oração. Objetivam codificar e construir novas informações com frequência menor do que a posição posposta que carrega uma motivação avaliativa.

Givón (1995) argumenta que a intercalada tem a incumbência de reorganização da ideia e evidencia rupturas temáticas no discurso. Vale ressaltar também que as intercaladas expressam uma diversidade de valores semânticos e pragmáticos, a exemplo do que aparece nos excertos seguintes:

- (34) convive-se com criança muita criança a gente tem que te{r} uma certa paciência porque aqui não tem assim um espaço pra brinca{r} **né** não tem uma: (-) uma área de laze{r} **né** pras criança{s} não tem nada então a gente tem que também compreende{r} um po{u}quinho que eles também tem que brinca{r} **né** uma bolinha de vez em quando mas a gente tem que entende{r} de vez em quando a gente se zanga fala quando tá muita gritaria muita coisa; (F77PS)
- (35) é pra pode brinca{r} aí fora tal (-- as meninas também a sandali:nha (-- **né** (-- era: eh: calcinha cumprida num era (-) tanto curtinho conforme tá agora **né**; (F77PS)

Em (34), o “né?” aparece com o propósito de reforçar a explicação que a idosa fez anteriormente. No entanto, o excerto (35) acrescenta dois momentos: no primeiro, o marcador “né?” tem o objetivo de reforçar a explicação “é pra pode brincar...”; na segunda ocorrência evidencia uma suposta avaliação, “num era tanto curtinho conforme tá agora né”. Nesse caso,

a informante, além de explicar o momento vivenciado na época, imprime um juízo de valor sobre as roupas das mulheres no período atual.

5.5.4 Sequência textual

Quanto ao fator sequência textual em correlação com os marcadores discursivos “né + não é” e “entende + entendeu”, houve perda de dados devido às semelhanças nos fatores narração, descrição e até mesmo argumentação, porque, muitas vezes, o falante primeiro descreve, a seguir narra e, na sequência, argumenta.

O programa computacional apresenta os termos em percentuais, ou seja, valores acima de 0.5 motivam o fenômeno, o que significa que na sequência, na tabela (19), o uso de “né + não é” é determinado pelas sequências argumentativas com peso relativo de (0.629), injuntivas (0.527) e descritivas (0.601). Por outro lado, os marcadores “entende + entendeu” são mais determinados pelas sequências narrativas, com peso de (0.564). A tabela 19 ilustra esses resultados.

Tabela 19 – Sequência Textual e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né + não é” versus “entende + entendeu” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	<i>né + não é</i>			<i>entende + entendeu</i>			Total
	Aplicação/total	%	Peso	Aplicação/total	%	Peso	
Narração	1022/1128	90.6	0.436	106/1128	9.4	0.564	1128
Argumentação	499/545	91.6	0.629	46/545	8.4	0.371	545
Injunção	4/5	80.0	0.527	1/5	20.0	0.473	5
Descrição	4/5	80.0	0.601	1/5	20.0	0.399	5
Total	1529			154			1683

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

A hipótese inicial previa maior relevância das narrativas para os marcadores “né + não é” e “entende e entendeu”, uma vez que as entrevistas foram compostas por relatos orais dos idosos. Contudo, essa hipótese inicial foi apenas parcialmente confirmada quanto aos resultados referentes ao “né + não é”. Uma explicação para esse desvio pode ser o fato de que o ato de argumentar vai além do contar e tem o propósito de agregar argumentos que possam convencer ou influenciar as pessoas. A argumentação, em alguns momentos, torna-se mais forte, porque a exposição do ponto de vista é o enfoque. Desse modo, consideramos importante que cada

falante desenvolva suas habilidades e consiga administrar com determinação os recursos comunicativos que forem preciso para interagir dentro do seu contexto social.

Assim, a argumentação é fator fundamental para motivar a interação social pautada na língua. Nesse sentido, concordamos com Garcia (1996, p. 370) ao afirmar que “[...] Argumentar é, em última análise, convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões, em face da evidência das provas e a luz de um raciocínio coerente e consistente”.

- (36) #00:05:44-3# É: e eu acredito porque: o estado ((tose ao fundo)) de Mato Grosso ele é um estado que: (-) que tem :muita :coisa :muito la:vo{u}ra né pora/ por acaso acho que o luga{r} que eu mais conheço (-) é Mato Grosso e justamente é aonde tem lavoura né (-) de soja (-) só; isso; (-) mas (-) tem luga{r} no Mato Grosso que nu:{m} (--) que que serve as veze{s} pa{ra} gente passeia{r} só aí: só aí: mora no serve porque é um luga{r} que: não corre dinheiro (-) fica ruim pra {v}ocê se mante{r} né? (M80EO)
- (37) #00:09:36-1# (2.5) grandes mudanças? tem::; ocorreu assim no comércio (--) eh::: na condução você sente assim ah (-) uma diferença (--) são mudanças (-) decorrentes do próprio progresso né? que que vai vai alcançando todos os bairros da cidade; (M79LV)

Os trechos (36) e (37) são destacados da fala de informantes do Rio de Janeiro e Livramento. Os dois apresentam o marcador “né”, utilizados para argumentar o progresso e avanço das regiões habitadas. Nesse caso, o “né” é utilizado para confirmar uma explicação já mencionada e reforça o processo discursivo. Como observam Martelotta *et al.* (1996, p. 289) com relação ao marcador “né”, “trata-se de um uso mais abstrato, em que a partícula perde o que ainda lhe resta de valor referencial, para se tornar basicamente orientada para a organização discursiva”.

Um estudo de Oliveira (2012, p.115-116) sobre os “pronomes locativos em Língua Portuguesa: aspectos semânticos, sintáticos e pragmáticos” mostra que “o português arcaico revela significativa correspondência com o resultado do levantamento do português contemporâneo”. A autora atribui essa correlação “às marcas pragmáticas específicas do gênero discursivo, o mesmo em ambas as sincronias”.

No contexto deste estudo, o aspecto pragmático é relevante, uma vez que todas as rodadas de dados destacaram os fatores sociais. Talvez a mescla entre narrar e argumentar tenha favorecido os indícios argumentativos nos resultados, considerando que os falantes expressam um posicionamento ou uma atitude diante do que fala.

Desse modo, tanto o “né” como “não é” e o “entende e entendeu” conduzem os fatores extralinguísticos de forma a orientar toda uma organização discursiva. Em suma, os marcadores “né?” e “não é?” são destacados pelo grau de inovação da linguagem, sofrendo mais

transformações e mudanças na língua, enquanto os marcadores “entende e entendeu” mantêm-se conservadores no que tange às transformações da língua.

5.5.5 Grupos estatisticamente não significativos para marcadores discursivos “né? + não é?” versus “entende + entendeu”

A partir desta seção, apresentamos a relação entre “né + não é” versus “entende + entendeu” e os seguintes grupos considerados não significativos pelo software: grau de escolaridade, tipo semântico do verbo principal, modo verbal do verbo principal e tempo verbal do verbo principal.

5.5.5.1 Grau de Escolaridade

O grupo *grau de escolaridade*, ao contrário da primeira e segunda rodadas, foi o primeiro a ser descartado na terceira em relação à influência de uso dos marcadores “né” + “não é”, “entende” + “entendeu”. A tabela 20 apresenta os resultados oferecidos pelo programa *Goldvarb*:

Tabela 20 – Grau de Escolaridade e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né + não é” versus “entende + entendeu” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	<i>né + não é</i>		<i>entende + entendeu</i>		Total N°
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	
Fundamental	991/1076	92.1	85/1076	7.9	1076
Médio	539/608	88.7	69/608	11.3	608
Total	1530		154		1684

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Os sujeitos desta pesquisa são idosos com o ensino fundamental e ensino médio, conforme mostra a tabela (20) referente ao grau de escolaridade dos informantes. O programa computacional, nesta rodada, não selecionou o grau de escolaridade, pois os resultados foram muito aproximados. Mesmo assim, notamos que o “né + não é” atingiu um percentual de (92.1%) no Ensino Fundamental e (88.7%) no Ensino Médio.

Assim, os usos do “né” e “não é” mostraram-se mais inovadores na fala dos idosos que cursaram o Ensino Fundamental. O uso de “entende e entendeu” adquiriu maior relevância no Ensino Médio, confirmando e reforçando a hipótese de vários estudiosos que explicam que o contato com a cultura letrada e a convivência com as diversidades cultas da língua proporcionam a produção de enunciados mais complexos-(COELHO, 2018).

O grau de escolaridade influencia no uso da língua, ou seja, a partir do momento que o falante aumenta o grau de escolaridade, a construção do enunciado oral torna-se mais complexa e mais próxima da variedade padrão. A respeito da relação entre grau de escolarização e consciência de um padrão linguístico, Bortoni-Ricardo (1981, p. 94) assinala que:

O indivíduo de pouca cultura formal possivelmente só chegará a ter consciência do caráter estigmatizado [...] depois de um período de escolarização e de convívio com o dialeto de classe média urbana. A duração deste período não é possível de se precisar, sem que se proceda a estudos experimentais.

Relacionada aos estudos de Bortoni-Ricardo está a evidência de Valle (2001) de que os marcadores “sabe e entende” são mais constantes em informantes com escolaridade mais elevada. Esse é um resultado que também se confirma nos dados desta pesquisa, pois os idosos com mais escolaridade tendem a usar os marcadores “entende e entendeu”, com um percentual de (11.3 %) no ensino médio e (7.9 %) no ensino fundamental.

Portanto, o emprego dos marcadores “entende e entendeu” é privilegiado, apenas, entre informantes mais escolarizados, de nível médio.

5.5.5.2 Tipo semântico do verbo principal

O tipo semântico do verbo principal também foi um dos grupos escolhidos para interagir entre “né e não é” versus “entende + entendeu”, mas não se mostrou significativo estatisticamente, conforme mostram os dados da tabela 21:

Tabela 21 – Tipo semântico do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” + “não é” versus “entende” + “entendeu” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	<i>né + não é</i>		<i>entende + entendeu</i>		Total Nº
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	
Ação	915/1004	91.1	89/1004	8.9	1004
Não ação	615/680	90.4	65/680	9.6	680
Total	1530		154		1684

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Acreditamos que o descarte do grupo ocorreu por causa da aproximação dos resultados de verbos de ação e não ação. Como não foi selecionado, o programa estatístico não apresentou os pesos relativos referentes ao grupo, mostrando, apenas, os percentuais em que o uso dos marcadores “né?” e “não é?” apareceram na amostra, com (91.1%) de verbo de ação e (90.4%) com verbo de não ação. Os trechos 38 e 39 servem como exemplo:

- (38) #00:01:25-3# (-) eh: (--) ele num é:: um; um bairro; é bom **né?** (-) de viver se/ (-) por:que **é** é (-) uma uma coisa assim (-) aqui nós **moramos** na Cidade de Deus (-) aqui atrás já **é** o Novo Mundo (--) **não é?** (F74CD)
- (39) é não lembro e na época eu **morava** na roça **né** la no Alagoas não **tinha** muito conhecimento do que **tava** acontecen{d}o na cidade porque o que **acontece** na cidade não **acontece** na roça **né** são u{m}as pacatas **né** num se liga{m} muito nessas coisa{s} eu nem lembro disso (--) (F62SR)

Nos exemplos (38) e (39) os fragmentos com verbos de ação e não ação indicam os movimentos e estados da narrativa, mostrando que os dois elementos articulam com o enunciado de maneira diferente, mas contribuem de forma equivalente para o entendimento do interlocutor.

A posição do marcador “entende+ entendeu” aparece com percentual de (8.9%) para verbos de ação e (9,6%) para os de não ação. Assim, os resultados mostram que os verbos de não ação articulam-se mais com os marcadores “entende + entendeu”. Então, os verbos de ação exercem nas entrevistas desses idosos função de reforço dos argumentos apresentados. Já os verbos de não ação atuam como índices de subjetividade e desejo do reforço da própria fala do sujeito.

Desse modo, os informantes tendem a obedecer a mesma estrutura na cláusula sem apresentar muitas mudanças, como também evidencia pesquisa desenvolvida por Cavalcante:

Os resultados do grupo paralelismo sintático, com os grupos intercalação, posposição e anteposição demonstraram que o falante, quando inicia um subtópico com posposição, costuma continuá-lo com intercalação. É provável, então, que haja uma relação entre intercalação e posposição, e haja características semelhantes entre elas, como, por exemplo, a função anafórica, operando no sentido de retomar itens anteriormente citados (CAVALCANTE, 2015, p. 165).

Para ilustrar melhor essa afirmação apresentamos alguns exemplos:

- (40) #00:14:07-1# (-) eh **o comércio cresceu né? cresceu apareceu muitas lojas que não tínhamos muito né?** hoje devido o crescimento da população a gente olha pro bairro a gente vê que tem várias farmácia{s}; tem várias salão de cabelo; padarias então cresceu muito assim na área do comércio mercados; que não tinha no passado hoje tem; (M61LV)

Em (40) o informante apresenta o marcador de forma posposta ao verbo “o comércio cresceu **né?**”, de acordo com a regra padrão, os marcadores que estão sempre pospostos atendem ao paralelismo sintático, que é quase um princípio cognitivo aplicado, na maior parte das vezes, as pesquisas com várias temáticas, ou seja, o paralelismo sintático na oralidade pode ocorrer pela repetição do verbo, pelo uso constante do mesmo tipo de verbo. No caso da nossa pesquisa, os marcadores “né + não é” apareceram 915 vezes com verbo de ação, evidenciando a forte presença e repetição desse tipo de verbo e marcando o paralelismo sintático.

- (41) #00:08:52-5# (2.6) pra certas situações elas/ o bairro já não é tão bom **NÉ** por causa devido a violência; então eh:: a gente passa por situações aqui que (-) às vezes até nos desanimam **né?** porque como dize{r}? antigamente a gente orgu/orgulhava de morar aqui no Lins **né?** devido ser um bairro calmo no passado; mas hoje a gente já não tem aquela: tranquilidade que tinha no passado devido a violência; (M61LV)

Em (41) manteve-se o paralelismo na ordem dos marcadores, ou seja, o informante apresenta duas cláusulas com marcadores pospostos e verbo de ação: “às vezes até nos desanimam **né?**” “antigamente a gente orgu/orgulhava de morar aqui no Lins **né?**” No excerto, o informante comenta a violência no seu bairro, expressando suas angústias ao lembrar que a região já foi lugar tranquilo e hoje seus moradores lidam diariamente com suas consequências, muitas vezes fatais, para crianças, jovens, adultos e sociedade de modo geral. No exemplo (42), os usos dos marcadores apareceram em duas situações, de forma intercalada e posposto.

- (42) #00:00:56-6# [...] ah as casa n/ os muro{s}; tudo era baixo; tinha bastante pé de fruta muitas casas; pouquíssimos apartamento{s}; então no passado era BEM melhor porque as pessoas eram mais/ não tem esse ritmo que temos **né** de muito assalto muito roubo; eh: um envolvimento das droga{s} no bairro **né** (M61LV)

Em (41), verificamos que em “as pessoas eram mais/ não tem esse ritmo que temos **né** de muito assalto muito roubo; eh: um envolvimento das droga{s} no bairro **né?**” ocorre uma quebra do paralelismo sintático quanto ao uso do marcador intercalado. A tendência é o falante manter o paralelismo. No entanto, se ele usar o marcador posposto, espera-se que o falante permaneça usando todos os outros marcadores de maneira posposta.

O marcador é intercalado quando, na sentença, o informante tiver alguma reflexão importante a fazer, a exemplo de uma confirmação com o leitor ou ouvinte de um bloco de

informações que já foram enunciadas. O marcador intercalado suspende a narração, como se o informante tivesse uma necessidade de testar o canal com o leitor/ ouvinte durante o diálogo antes que a cláusula termine. Essa interrupção acontece porque a informação é muito importante ou porque é muito complexa. Dessa maneira, por algum motivo, o narrador suspende a interlocução no meio e usa marcador para verificar a compreensão do leitor/ouvinte a respeito do que fala.

Schiffrin (1987) explica que esses marcadores são elementos sequencialmente dependentes que operam no nível do discurso e constituem suporte para a fala em sua função coesiva. Desse modo, a quebra de paralelismo com as intercaladas no contexto de fala serve como estratégia de engajamento do leitor a questões da interação tidas como importantes para o falante.

5.5.5.3 Modo verbal do verbo principal

Nesta pesquisa, vale apenas ressaltar que faltam dois dados de imperativo na tabela 22 que mostraremos mais adiante. Talvez esse fato tenha ocorrido devido a não termos nenhuma ocorrência de imperativo no que diz respeito aos marcadores “né + não é”.

Desse modo, no que se refere à atuação dos fatores do grupo modo verbal do verbo principal nas rodadas de “né + não é” versus “entende + entendeu”, ela não se mostrou tão relevante para explicar o uso dos marcadores discursivos. A tabela 22 traz esse resultado em números:

Tabela 22 – Modo verbal do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos “né” + “não é” versus “entende” + “entendeu” entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Né + não é		Entende + entendeu		Total Nº
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	
Indicativo	1527/1680	90,9	153/1680	9,1	1680
Subjuntivo	2/3	66,7	1/3	33,3	3
Total	1529		154		1683

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Na tabela 22, os percentuais mostram um favorecimento nos marcadores “né + não é” (90,9 %), o que evidencia que os informantes se manifestaram com mais frequência no modo indicativo para o “né + não é”. Acreditamos que esses fatos ocorram tendo em vista que o

indicativo, conforme Fatori (2010), é um dos modos verbais mais empregados na língua portuguesa, abarcando tanto a oralidade como a escrita.

- (43) #00:08:51-5# mais idosos porque os jovens aqui é muito pouco meus filho{s} mesmo nenhum ficou aqui agora que to criando neto que tá aqui com nós mas **tem** mais é gente idosa **né**; mais aqui; a vida na cidade **né** (F62EO)
- (44) #00:16:14-6# aí eu sinto muito frio porque eu tou muito velha né? então eu sinto um frio bárbaro eu de noite eu: durmo com um coberto{r}com pijama etc e no calor quando faz calor quando faz calor aqui também é mui:to ru::im porque o nosso clima é muito úmido **não é?** então no frio é aquela umiDAde e no verão é aquele calor abafado mas a gente tem que viver que que pode fazer né? liga o ventilaDOR né? arranja uma venTAROLA se aba::na né? vai se vivendo (F90ME)

Em 43 a informante se utiliza do modo indicativo para narrar que, na comunidade em que mora, há mais idosos que jovens e para ter a confirmação do interlocutor ela reforça por meio do marcador discursivo. Já, em 44, o falante expõe de forma breve o clima da região, apresentando o marcador na posição posposta, ou seja, traz no final do enunciado. A idosa expressa sua opinião de maneira subjetiva com o verbo de estado no modo indicativo, “é muito ruim, é muito úmido”, deixando claro seu ponto de vista avaliativo, confirmado pelo marcador “não é” no final da cláusula.

Em 45, a idosa revela sua visão positiva do letramento a partir do gesto de solidariedade dedicado ao companheiro: “eu resolvi estuda{r} por causa do meu esposo...”. A necessidade de letramento é do esposo; a dela é de interação, de contato com outras pessoas. Esse dado reforça o papel dos processos e dos espaços educacionais no desenvolvimento da interação social, da convivência entre os sujeitos.

- (45) #00:13:08-2# eu resolvi volt/ eu fiz até a oit/ a oitava série mas eu resolvi estuda{r} por causa do meu esposo que ele fez só até (--) ele escreve muito mal e num sabe le{r} aí eu vou junto pra incentiva{r} ele NÉ? aí eu vo{u} com ele a ca caligrafia dele é muito/não é boa aí eu vo{u} junto porque se eu num fo{r} ele num vai aí eu resolvi também ir pra pude{r} passa{r} o tempo NÉ conhecer os outros outras pessoas (F62EO).

Já o modo subjuntivo foi marcado com (66.7%). Dos três casos de subjuntivos, dois foram ligados ao marcador “né + não é”, como demonstra o excerto (46):

- (46) é o que é diferente é que antigamente eram pessoas de confiança mas agora não (-) que a pessoa de confiança era que a pessoa conhecia o cara né () espero que ele **meREça** (--) confiança **né?** (M84GA)

Em 46, a frase é constituída pelo presente do subjuntivo, que exprime um momento simultâneo a presente possível. O marcador aparece para engajar o leitor no acontecimento exposto e obter confirmação quanto às expectativas do enunciador.

Quanto aos marcadores “entende” e “entendeu”, o programa Goldvarb demonstrou (9.1%) com uso de indicativo e (33.3%) subjuntivo. Ao comentar o modo subjuntivo, reforçamos que seu uso é marcado por uma situação tomada como provável, hipotético, do que se fala ou se escreve. Abaixo temos um exemplo de subjuntivo no (47) e outro no modo indicativo no fragmento (48):

- (47) (-) talvez (-) eu num viva pra vê{r} isso **entende?** (M98VP)
- (48) eu sai daqui cedinho levantava de madrugada:da (inspiração) pra pode{r} i{r} lá pra pra ba{i}xo fica{r} na fila pra compra{r} o fe{i}jão pra compra{r} o arroz o açúcar era tudo na fila **entende?** (F74CD)

Em 47, o falante utiliza o marcador “entende?” para reforçar uma dúvida, uma incerteza com relação ao vivenciamento de acontecimentos vindouros. Já, em 48, a informante emprega o marcador “entende?” para engajar o ouvinte no relato de sobrevivência em tempos de ditadura militar. Os argumentos sustentam-se nos verbos do pretérito “levantava, era...”, indicando fato iniciado e não concluído em que mescla um intervalo de tempo simultâneo a um ponto de referência passado ou anterior a um ponto de referência futuro (AZEREDO, 2014, p. 360).

Em suma, os resultados apontam para tendência de uso de indicativo com “né + não é?” e o subjuntivo para o grupo dos “entende?” + “entendeu?”. Como não há peso relativo, falamos em tendência de uso e não em motivação. A nosso ver, o grupo do “entende?”, por exigir maior contribuição do ouvinte para suposições ou crenças do falante, impulsionou o uso do subjuntivo. Já o “né?” + “não é?” apontam mais para informações factuais, a serem apenas confirmadas pelo ouvinte. Por isso, requerem mais uso de indicativo.

5.5.5.4 Tempo verbal do verbo principal

Neste grupo, ocorreu nocaute⁴⁷, ou seja, a ausência de dados referente ao futuro obrigou à retirada do item. Esse grupo também apresentou valores muito semelhantes, conforme mostra a tabela 23, em seguida:

Tabela 23 – Tempo verbal do verbo principal e distribuição do uso dos marcadores discursivos né + não é versus entende + entendeu entre falantes do Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Livramento

Fatores	Né + não é		Entende + entendeu		Total Nº
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	
Presente	880/958	91.9	78/958	8.1	958
Pretérito	648/724	89.5	76/724	10.5	724
Total	1528		154		1682

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

A tabela acima mostra percentuais bastante aproximados (91.9% e 89.5%) e os fatores presente e pretérito servem tanto para narrar como para argumentar os fatos ocorridos. Então, nesse quesito, a hipótese inicial comprovou-se parcialmente, porque previa que os informantes ancorariam com mais frequência os verbos no tempo pretérito. Os resultados evidenciam um leve predomínio da ancoragem no tempo presente.

De acordo com Castilho (2012), o verbo pode ser definido por meio das percepções gramaticais, semânticas e discursivas. Considerando as questões semânticas do verbo, nota-se que ocorre a expressão do estado das coisas, ou seja, ações, estados e situações expressas quando se fala ou se escreve. Nesse sentido, no que refere ao discursivo, o verbo é considerado a palavra que introduz o sujeito no texto, dando possibilidade para que esses sujeitos se integrem no discurso por meio de alterações de tempos e modos.

Ainda Castilho (2012, p. 163) assinala que o tempo é uma “propriedade semântica do verbo, cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala”. Para ele, as formas temporais marcam a cronologia dos estados de coisas em um tempo real, como o presente, pretérito e futuro, mas também apresenta um deslocamento que contempla a necessidade do falante. Então, os tempos verbais, a nosso ver, não podem seguir ou proclamar somente regras, mas atender à necessidade do falante em suas variadas formas de dizer. Isso reforça a orientação de se estudar a língua sob a concepção do uso, tendo em vista que seu funcionamento é vivo e dinâmico ao qual estão agregados a fatores linguísticos e extralinguísticos.

⁴⁷ Um nocaute, na terminologia de análise do programa computacional (Varbrul), é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente. Por exemplo, num estudo de apagamento de –s final, se houvesse determinado contexto seguinte com 100% de apagamento, ou 0% de apagamento, tal contexto contaria como um nocaute. (GUY *et al.*, 2007, p. 158).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior riqueza do homem é sua incompletude.
*Manoel de Barros*⁴⁸

“Envelhecer é uma arte”
Velho amigo não chore
Pra que chorar
Por alguém te chamar de velho
Não decola, não esquite a cachola

Quando alguém lhe chamar de velho
Sorria cantando assim:
Sou velho e sou feliz
Mas velho é quem me diz
*Adoniran Barbosa*⁴⁹

O verso do poema de Manoel de Barros (2009) e o título da canção de Adoniran Barbosa intitulada “Envelhecer é uma arte” foram trazidos como epítetos das considerações finais desta pesquisa desenvolvida e pautada na pessoa de 60 anos ou mais, ou mais comum ainda ser chamada de pessoa idosa. Definido nosso sujeito central, procuramos analisar a própria linguagem do idoso, suas experiências e o envelhecimento na contemporaneidade.

Desses sujeitos protagonistas de nossa pesquisa, buscamos olhar, analisar e interpretar o mundo constituído por cada um deles em dois mundos distintos: um situado no Rio de Janeiro, uma urbes turística, alegre de verão, ou seja, a cidade do Rio como cenário das narrativas vivenciadas por doze idosos entrevistados; e o outro situado, em Mato Grosso, a cidade de Livramento, cenário rural, região pantaneira marcada pela presença de animais e do cerrado. Esses protagonistas - sujeitos em sua fase de vivência tida como “maior riqueza”, visto que, enquanto ser humano, prossegue em sua constituição, formação social e cultural, pois continua sendo um ser em “sua incompletude” (BARROS, 2009).

O estudo sobre o envelhecimento é um assunto de pesquisa muito potente, o qual, na atualidade, vem se ampliando, especialmente devido ao aumento da expectativa de vida da população brasileira. Diante desse contexto atual, são infinitas as formas de abordagem dessa temática e nossa proposição como trabalho de tese foi, efetivamente, de investigar a relação de laços sociais e culturais do *corpora* pesquisado. Nesse sentido, esta pesquisa tem forte

⁴⁸ Barros, Manoel. Retrato do Artista Quando Coisa. Rio de Janeiro: Record, 2009.

⁴⁹ Barbosa, Adoniran. “Envelhecer é uma Arte”. Álbum para Sempre. 2001. Disponível em <https://youtu.be/pPykaVpet7k>

contribuição, pois analisa um fenômeno linguístico discursivo na linguagem dos idosos, preocupando-se com o discurso dessa faixa etária sem quaisquer estigmas. Compreendemos que a pessoa idosa é definida, na atual sociedade, como um ser que deseja estar ativo em suas comunidades, ser dinâmico e solidário para alguém, uma vez que estamos sempre em busca de momentos, espaços e pessoas que se relacionem conosco, dialoguem e, talvez o ato mais importante, que alguém nos escute.

O ser humano gosta de contar suas próprias histórias, falar e ser ouvido, criando um alívio álmico, ao mesmo tempo que deixa registros importante de um legado da experiência, que se abre ao outro, seja mais novo, seja parente, ou mesmo colega de função. Por isso, podemos dizer que a vida é uma busca constante por experiências, que agregam valores racionais, emocionais, culturais e sociais aos seres humanos, conformando uma jornada terrestre que se inicia com o nascimento e se encerra com a morte, entremeadas de vida.

A partir do primeiro capítulo enveredamos por mostrar que “envelhecer é uma arte”, na qual temos necessidade de nos constituirmos como sujeitos dentro de uma sociedade, que transmite conhecimento, amor e solidariedade, mas também reverbera negatividades e preconceitos. Desde o início dos estudos, trouxemos falas dos idosos, evidenciando suas alegrias, potencialidades, e anseios dentro de seus distintos mundos socioculturais.

No segundo capítulo, dedicamos nosso estudo aos marcos contextuais de pesquisa, trazendo em evidência o município de Nossa Senhora do Livramento por meio da Escola Estadual José de Lima Barros e todo aparato histórico que mostrou de onde vieram uma parte de nossos sujeitos de pesquisa e nossas motivações pela localidade investigada. Para agregar ao *corpus* de Livramento trouxemos para a pesquisa, idosos do *corpus* Varia-Idade, nos quais também contextualizamos seus espaços socioculturais, distribuídos pelos variados bairros do município do Rio de Janeiro.

Buscamos compreender e analisar, à luz da Sociolinguística Variacionista Comparativa, os marcadores discursivos “né, não é, entende e entendeu” como variantes da variável discursiva, responsáveis pela organização de uma relação coesiva de continuidade e consistência entre os enunciados. Isto significa dizer que os marcadores discursivos no *corpora* analisado mantém a interação entre os interlocutores, no jogo discursivo que se estabelece na conversa semidirigida. A alta incidência desses marcadores marca, do ponto de vista do discurso, não só a interação, mas a necessidade do entrevistado de se certificar que está sendo entendido, que está respondendo ao que foi solicitado. Neste jogo, se estabelece a consistência do discurso.

Ressaltamos ainda, que a pesquisa se ratificou extremamente social, em que os fatores extralinguísticos prevaleceram sobre os linguísticos.

A teoria laboviana respalda a constatação de que a língua apresenta uma estrutura heterogênea intrinsecamente variável, de maneira sincrônica e diacrônica. O que fica evidenciado na pesquisa realizada, ainda que não seja uma pesquisa diacrônica, que há uma evolução, e, portanto, uma variação nos marcadores estudados porque saem de uma condição de verbo para assumirem uma outra condição discursiva. Por isso, evidenciamos, ainda, a imprescindibilidade de explicações sistemáticas das variações, que justifiquem as questões linguísticas, sociais e estilísticas, que podem ser esquematizadas de maneira quantitativa.

Labov também forneceu todo o aparato metodológico de análise quantitativa dos dados. Foram analisadas 24 entrevistas, sendo 12 do *corpus* Varia-Idade Rio de Janeiro e 12 do *corpus* dos alunos da EJA de Livramento (MT). Ao todo, coletamos 1684 dados, que foram codificados de acordo com as variáveis linguísticas e extralinguísticas e receberam tratamento estatístico (software Goldvarb), gerando pesos relativos e percentuais, a partir dos quais pudemos mapear os fatores que mais seriam relevantes para explicar o posicionamento dos marcadores discursivos “né”, “não é”, “entendeu” e “entende”.

A análise foi distribuída em três rodadas distintas no programa Goldvarb: a primeira rodada consideramos o “entendeu”, como valor de aplicação versus “entende”. Foram selecionados os grupos de fatores, e dispostas na seguinte ordem: região geográfica, gênero/sexo, grau de escolaridade. Na segunda rodada, consideramos o “né?” e “não é?”, como valor de aplicação, o grau de escolaridade, sendo o único grupo selecionado. Na terceira e última rodada, adotamos os marcadores discursivos “né? + não é?” Versus “entende? + entendeu?”, como valor de aplicação. Na última rodada, elegemos os grupos de fatores região geográfica, gênero/sexo, posição de preenchedores em fronteiras de constituintes, sequência textual, que nos permitiu ter uma visão mais abrangentes dos eventos discursivos dos nossos informantes.

Nos fatores que formularam nossa análise, no que tange ao emprego de “entende” e “entendeu”, na fala dos idosos de Livramento e Rio de Janeiro, percebemos que o “entende” se apresentou mais tendente a Livramento e o “entendeu” mais no Rio de Janeiro, confirmando-nos que entre esses dois marcadores, o mais gramaticalizado é o “entende”; o marcador discursivo “entendeu” ainda preserva certa forma original. Martelotta (2004) nos explica que o marcador “entendeu” encontra-se em diferentes níveis de mudança. Desse modo, o “entende” se mostra mais avançado em relação ao “entendeu”.

Quanto aos condicionamentos linguísticos, foi verificada a atuação dos fatores relação posição de preenchedores em fronteiras de constituintes, (intercalado/ posposto), tempo verbal do verbo principal (Presente, pretérito e futuro) modo verbal do verbo principal (Indicativo, subjuntivo, imperativo), tipo semântico do verbo principal (ação e não ação), sequência textual (narração, argumentação, descrição e injunção).

Com relação as nossas hipóteses de pesquisa, algumas foram confirmadas; outras, refutadas. Nessa perspectiva, trazemos as hipóteses e suas respectivas comprovações:

1) O uso do “né?” se dá nos contextos das falas dos idosos do município do Rio de Janeiro e dos alunos da EJA de Nossa Senhora do Livramento-MT com mais frequência do que os marcadores “não é?”, “entendeu?” e “entende?”. Confirmamos essa hipótese, pois o uso do “né?”, se mostrou nos contextos das falas dos idosos dos municípios investigados, com mais frequência do que os marcadores “não é”, “entende” e “entendeu”.

2) Quanto à variação social relacionada ao sexo masculino e feminino, alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens, ou seja, elas são mais receptivas à normatização da língua (COELHO et al., 2018, p. 44). Com relação ao fator social sexo/gênero, nossas hipóteses foram confirmadas em parte, porque no marcador “entendeu?” os homens se mostraram conservadores e as mulheres mais inovadoras, mas no fator “entende?” as mulheres se destacaram mais, apresentando maior índice de inovação.

3) Quanto ao fator grau de escolaridade, na língua oral enunciada pelos idosos com ensino médio (completo ou cursando) ou com ensino fundamental (completo ou cursando) prevalece o emprego das formas estigmatizadas como o “né?” em detrimento dos marcadores “não é?” “entendeu?” e “entende?”. Em virtude dos dados apresentados em nossa pesquisa, o uso do “entendeu” e “não é?” tiveram um destaque maior com idosos do ensino médio e os marcadores “né?” e “entende?” apresentaram maior evidência com os falantes do ensino fundamental. Desse modo, essa hipótese foi confirmada em parte. Em outras palavras, nossa pesquisa mostrou que o “não é” está condicionado pelo grau de escolaridade, quanto maior o nível de escolarização do sujeito, a tendência é manter um pouco mais o conservadorismo linguístico.

4) O Rio de Janeiro adota com maior frequência as formas dos marcadores “né?” e Livramento pode adotar o “né?” com menos frequência, pois parecem ser mais conservadores no que diz respeito ao emprego da normatização da língua. A hipótese sobre o Rio de Janeiro e Livramento no que tange a conservador e a inovador não foi confirmada, pois os resultados mostraram o oposto, ou seja, o Rio mais conservador e Livramento mais inovador. O Rio de

Janeiro se mostrou mais propenso para o uso do marcador “entendeu” e Livramento para a utilização do “entende”. Nesse sentido, o Rio apresentou-se como um espaço conservador acentuando maior ligação com traços mais tradicionais da Língua Portuguesa. Nesse sentido, em Livramento, a fala dos idosos surge com nuances mais inovadoras, deixando pulsar transformações. Parece-nos que o tom conservador, observado na fala dos idosos do Rio se dá pelo fato da cidade ter abrigado por muito tempo a coroa portuguesa e por ter sido a capital do Brasil, preservando, costumes, linguagens e culturas menos atuais.

5) Os homens do ensino fundamental do Rio de Janeiro são mais inovadores do que as mulheres. Já no contexto dos informantes gerais, as mulheres de Nossa Senhora do Livramento apresentam maiores possibilidades de serem mais conservadoras na linguagem, por estarem mais motivadas e receptivas ao uso da normatização da língua. Os resultados evidenciam que tanto homens quanto mulheres apresentaram indícios de inovação e de conservadorismo.

6) Na oralidade dos idosos de N. Sra. Livramento e do Rio de Janeiro os marcadores “entendeu?”, “entende?” aparecem com maior frequência no final da cláusula por se apresentarem maiores do que o “né?” e “não é?”, e posicionam mais intercalados pelo fato de serem mais curtos. Essa hipótese foi confirmada em parte, visto que os marcadores aparecem em grande proporção nas duas formas, tanto intercaladas como pospostas.

7) Na fala dos idosos do Rio de Janeiro e de Nossa Senhora do Livramento, ocorre maior alternância entre o emprego do pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo em relação ao uso dos marcadores discursivos. Para responder ao tempo verbal do verbo principal, confirmamos a nossa hipótese em parte, porque o pretérito se mostrou mais relevante na relação do marcador “né”. Já o marcador “não é” se apresentou com maior número de dados no tempo presente do verbo. O resultado da amostra de forma geral apresentou valores aproximados.

8) Menor incidência da utilização do presente do subjuntivo em variação com o presente do indicativo no falar dos idosos tanto de Nossa Senhora do Livramento quanto do Rio de Janeiro. A hipótese de menor incidência do subjuntivo foi confirmada, tendo em vista que nos marcadores “ne” + “não é” tiveram mais ocorrências do modo indicativo, enquanto que os marcadores “entende + entendeu” tiveram um percentual mais equilibrado com relação aos valores apresentados.

9) Há uma maior existência de verbos de ação para enfatizar o uso do “né”, uma vez que as entrevistas são compostas por narrativas das vivências dos idosos tanto dos que vivem na cidade de Nossa Senhora do Livramento e do município do Rio de Janeiro. A hipótese ligada ao verbo de “ação e não ação” não foi confirmada, porque acreditávamos que o verbo de ação

estaria relacionado ao ato de contar suas histórias, mas, na verdade, tivemos resultados muito aproximados entre o argumentar e o narrar.

10) Os marcadores discursivos indicam que a sequência textual pode estar mais em evidência na argumentação, tanto na fala dos informantes de Nossa Senhora do Livramento como do Rio, porque a tendência é o informante chamar a atenção e manter o interlocutor (entrevistador) conectado ao que está sendo dito. Com relação à sequência textual, nossa hipótese foi parcialmente confirmada, porque os resultados apresentaram-se de formas aproximadas. O ato de argumentar sobressaiu ao narrar no uso do “né e não é” e nos casos dos marcadores “entende e entendeu” tivemos maiores incidências narrativas.

A pesquisa se apresentou com maior condicionamento de ordem extralinguístico, os fatores que mais sobressaíram foram os da região geográfica, escolaridade, gênero/sexo. A região geográfica foi um dos grupos que se mostrou mais relevante, visto que o programa o selecionou em quase todas as rodadas. Por isso, vale a pena ressaltar que nossa pesquisa é uma investigação que se justificou pelo viés social, pois em todas as rodadas estatísticas, os fatores de maior sobressalto foram os extralinguísticos, de caráter e cunho social.

A filósofa e feminista francesa Beauvoir (2018) nos deixou inúmeras lições sobre os valores, princípios e saberes que as sociedades são capazes de desenhar seus modos e verdades próprias. Esses modos e verdades são únicos e marcam um pertencimento acolhedor, que não é melhor ou pior que qualquer outro, é simplesmente único, fundamentalmente, com a mediação da linguagem, uma das marcas preponderantes da nossa humanidade. A dimensão do poder da língua oral, por meio da palavra, é enorme, capaz de fortalecer e proteger grupos sociais diversos, em seus diferentes contextos. Nos *corpora*, os idosos se mostraram, independentes do nível de escolaridade, capazes de uma constante interação que revela a necessidade do contato com outras pessoas e corrobora o papel social da linguagem. Ainda é necessário reafirmar que a pesquisa trata do idoso saudável, que usa a língua nas diferentes situações de comunicação. diferentemente de outros trabalhos, a exemplo de Preti, 1999.

A velhice, portanto, é um fenômeno biológico, histórico, social, cultural sobre o qual podemos analisar, falar, ler, refletir, agir para que mais pessoas idosas possam ter qualidade de vida, sentindo-se bem nessa etapa da vida que compõem a história de cada pessoa. Compreender esse momento da existência a partir da ótica do outro (do idoso), mesmo antes de vivenciarmos nossa própria etapa de envelhecimento, é um movimento que pode transformar o mundo que nos circunda, que nos circunscreve. Essa dinâmica de compreender a etapa do

envelhecimento, pela ótica do idoso é o que nossa tese também se propôs a fazer: escutar, ler, transcrever e refletir.

A relação do idoso com seu meio social traçou marcadamente a presença dos fatores externos, os fatores linguísticos internos, não demonstraram diferenças consideráveis; a marca da subjetividade esteve presente em todas as falas dos informantes, independentemente de estarem no interior de Mato Grosso ou na capital do Rio de Janeiro, buscaram o bom relacionamento e o convívio social.

Desse modo, reforçamos o pensamento de Bybee (2010), que a língua padrão ou a gramática de uma língua busca necessariamente, considerar a organização cognitiva da experiência de cada falante, diante de sua língua em uso. É significativo observar e procurar valorizar os aspectos da experiência linguística, cultural e contextual. A nosso ver, a linguagem dos idosos, quando bem observada e respeitada pela sociedade, pode ampliar e fortalecer a vivacidade da língua, uma vez que as experiências são exemplos vivos das pessoas em interação.

Nossos resultados demonstraram que não se pode desvincular a língua de seu uso. A linguagem está atrelada à vida de cada sujeito, independente de sua faixa etária ou região geográfica. Notamos que o aprendizado e a mudança são para homens, mulheres, jovens e idosos. Todos passam por transformações na vida, sejam elas biológicas, culturais ou sociais.

Pensando na perspectiva de mudanças, transformações e contribuições para a sociedade, nossa pesquisa, tende a contribuir com o Estado de Mato Grosso, evidenciando que é preciso investir mais nas modalidades da EJA, principalmente nas regiões mais afastadas como as salas anexas e escolas mais longínquas, a exemplo, da sede da nossa pesquisa “E.E. José de Lima Barros”. Notamos que é importante dar mais atenção a essas comunidades, pois os idosos que estão fazendo seus estudos na modalidade EJA necessitam de mais apoio para continuarem seus desenvolvimentos. Esse apoio deve vir tanto das assessorias pedagógicas quanto do sistema governamental.

Desse modo, nossa pesquisa pode oferecer argumentos para as políticas públicas direcionadas ao idoso, bem como a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, juntamente com os órgãos interligados a mesma, possam fortalecer a unidade do Distrito de Faval “Escola Estadual José de Lima Barros”- Livramento, e muitas outras unidades escolares existentes no Estado para continuarem mantendo o ensino da EJA.

Nossa pesquisa evidenciou que há uma demanda que precisa desse ensino não só para o fomento da aprendizagem educacional, mas também para continuarem seu processo de

interação com o mundo. Percebemos que, por meio da EJA, esses alunos idosos e muitos outros estudantes locais se constituem como sujeitos, uma vez que suas vidas estão atreladas a esse espaço social.

É necessário, portanto, manter esse espaço de aprendizagem e levar mais materiais didáticos, estrutura física e fortalecimento à equipe local, pois tanto os professores como funcionários têm deslocamentos difíceis e diferenciados para poderem exercer suas funções. Muitos dependem do transporte público para chegarem ao local de trabalho e vale ressaltar que a parte central de Livramento fica muito distante das escolas do campo.

Os resultados de nossa pesquisa podem ser somados aos estudos que a Secretaria já tem sobre os conhecimentos da população local. Buscamos compreender, via vozes dos idosos locais da EJA, a grande demanda e carência na localidade. Temos certeza de que as políticas públicas podem fortalecer a região com mais funcionalidades, mais investimentos.

Entendemos por essas e outras razões uma significativa contribuição dessa pesquisa para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), por permitir maior elucidação da visão de mundo do idoso, pela sua própria utilização da Língua Portuguesa em duas regiões tão diversas, dentro desse nosso Brasil continental. Nossa pesquisa contribui no avanço dos estudos sociolinguísticos e com os estudos de língua materna, trazendo mais um material que abarca os estudos da língua oral.

Na prática linguística, o estudo da língua e sua estrutura é importante para ampla compreensão do processo de construção dos sentidos do texto, do discurso e do contexto, que permitem uma interferência positiva e revitalizadora das práticas pedagógicas, adotadas para escolarização da EJA, constituindo processamentos curriculares mais sintonizados com os reais anseios dos idosos e assimilando, em sentido mais amplo, reais necessidades das sociedades as quais fazem parte. Nesse sentido, Nossa Senhora do Livramento, em especial a escola José de Lima Barros, na escolarização de seus idosos terá, a partir dessa tese, outros elementos discursivos para aprimorar, juntamente com a Secretaria de Estado de Educação e assessorias ferramentas relevantes para entender e atender com mais qualidade seu público idoso no processo de escolarização, que visa, especialmente, à socialização desse ser humano tão dotado de sensibilidades.

Para o Rio de Janeiro, trouxemos um material sobre língua oral que poderá subsidiar os grupos de pesquisas da área e a todos pesquisadores que anseiam conhecer um pouco mais sobre a cultura e variação de dois distintos mundos socioculturais. Em outras palavras, buscamos evidenciar e respaldar reflexões para os estudos de língua materna, mostrando avanços e

percepções diversas sobre a língua, uma vez que reforçamos os dizeres de alguns pesquisadores e, também, comprovamos, renovamos e elucidamos outras discussões pertinentes ao estudo da língua.

O estudo da Língua Portuguesa reflete, em muitos sentidos, o espírito diverso e aglutinador de seus falantes. Em certa medida, o sincretismo linguístico que exala por poros sensíveis dos falantes das variações do português brasileiro pode ser bastante observado nas narrações, ora tocantes, ora incisivas, dos idosos informantes nessa pesquisa. Isto porque, nossas relações sociais transparecem sobremaneira, por meio de nossa forma de falar. Nesse sentido, podemos dizer que a Língua Portuguesa formula nosso jeito de ser, o nosso modo de estar nesse mundo, de viver e construir uma alma coletiva.

E é aí que nossa pesquisa se eleva e releva para a compreensão e contribuição da Língua Portuguesa, como um corpus linguístico, repleto de significantes e significados, formulados e enriquecidos por idosos de distintos mundos socioculturais que trazem experiências de mais de quarenta anos. Essas experiências são materiais de pesquisa que podem ajudar no aperfeiçoamento dos estudos da língua oral.

Outro fator importante em nossa pesquisa que não poderíamos deixar de mencionar é a vida social dos idosos que entrevistamos, e diante de todos os relatos que ouvimos deles, chegamos às seguintes ponderações: a vida, seja ela humana, animal ou vegetal é cíclica, temporária e histórica, mas também original, no que tange à identidade de cada ser. Nós, com toda nossa percepção, cognição e tecnologia não conseguimos formas de perpetuarmos a vida individual, se não pelos descendentes, donos de suas próprias individualidades.

A ciência, o conhecimento e o “cuidado de si” (Foucault) nos proporcionou longevidade, qualidade de vida, preservação de memórias, muito embora, ainda não tenha nos dado a eternidade. Mas a queremos mesmo? O “para sempre” é o ponto principal da busca constante por viver melhor e mais? São outras discussões polêmicas e profícuas. Desse modo, o cerne aqui se instala em questões relacionadas às formas de envelhecimento que muitos seres humanos estão experimentando.

Na contemporaneidade, os chamados “diferentes” se expõem e circulam “livres” mundo afora; entre eles, os idosos. Esse grupo cada vez mais numeroso tem desejos próprios, poder de decisões, renda e voz, ademais de certas fragilidades. Por vezes, garante o sustento de muitas famílias pois, são “braço forte” na criação de netos e, até bisnetos. Ainda lúcidos e vitais, são em inúmeros casos, condenavelmente, explorados e hostilizados pelos próprios parentes,

muitas vezes, dependentes. No Brasil, o Estatuto do Idoso tem coibido e de certa maneira, auxiliado na proteção ao cidadão, mas ainda é ineficiente em vários casos.

É substantivo e crescente o número de pessoas idosas em todo mundo, no microcosmo em questão (Rio de Janeiro – Livramento), temos entre outros, pontos destacáveis do convívio social; no Rio, podemos apontar uma maior exposição e circulação do idoso, fomentando assim, o consumo, modificando hábitos, relacionando gerações e reconstruindo linguagens (verbal e não verbal), que interferem sobremaneira no *modus vivendi* da cidade (ou bairro). De outro modo, em Livramento, o idoso está buscando formas menos complexas de se mostrar; são atuantes em casa, entre familiares, vizinhos e amigos, mas, pela constituição e mesmo localização da cidade/ estado, buscam, nessa fase, a escola como instrumento mais elaborado de convívio e de interação.

Em suma, se faz necessário finalizar ou dar um acabamento a esta pesquisa acadêmica. Isso não significa que os estudos sobre o tema terminaram, mas que estamos sempre nos reconstruindo. Conforta-se saber que a mesma pode contribuir com outros estudiosos. Esse é um dos princípios norteadores da tese, *Variação entre “né” e “não é”, “entende” e “entendeu” na fala de idosos de distintos mundos socioculturais: um estudo comparativo em Livramento (MT) e Rio de Janeiro (RJ)*, que procurou trazer, com clareza, entrevistas de idosos, que revelam muitas vezes, em narrativas, a velhice como uma etapa envolvente da vida e, ao mesmo tempo, imperfeita, como todas as outras. Nossa pesquisa nos permitiu ratificar a ideia de que o pensamento, a língua e a fala se associam, se completam e se fundem, num complexo e intenso movimento linguístico, como são nossas próprias emoções humanas.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.M. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo, Cortez: 2008.
- ADAM, J.M. **Textos: tipos e protótipos**. São Paulo: Contexto, (1987).
- ALMEIDA, M.M. **Documentos Brasileiros do Sec. XVIII para Estudo Linguístico**. Estudos Linguísticos 2000. Grupo dos Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo: Assis, UNESP, 2000.
- ANDRADE, M.L.C.V.O. **O Uso de Digressões como Estratégias Discursivas na Fala e na Escrita**. *Revista da Ampol*, São Paulo, n.4, p. 203-220, jan./jun. 2000.
- ANTUNES, A. Envelhecer. *In: ANTUNES, A. "Album Iê Iê Iê"*. São Paulo: Gravadora Rosa Celeste, 2009. Disponível em: <https://youtu.be/HFgi79BbrxI>. Acesso em: 30 maio 2019.
- ANTUNES, I. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2017. 168 p.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro- Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo. Musa Editora, 2001.
- ARROYO, M. A Educação de Jovens e Adultos em Tempo de Exclusão. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Martins Fontes, 2001.
- ARROYO, M. **A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão**. Brasília: Unesco, MEC, 2005.
- ARROYO, M. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In: GIOVANETTI, M. et al. (org.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 2 ed. BH: Autêntica, 2006.
- AZEREDO, J. C. de. **Ensino de Português - fundamentos, percursos, objetos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1979]
- BENNETT, M. T. P. **Los marcadores discursivos conversacionales en la construcción del texto oral**. Valdivia (Chile): [s.n.], 1997. p. 67- 81
- BARBOSA, A. Envelhecer é uma arte. *In: BARBOSA, A. Álbum para sempre*. Rio de Janeiro: EMI, 2001.
- BARROS, M. A Maior Riqueza do Homem. *In: BARROS, M. Retrato do Artista Quando Coisa*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. *In: BARTHES, R. Análise estrutural da narrativa*. Tradução de Maria Zélia Barbosa. 7. ed.: Petrópolis, 2011.
- BEAUVOIR, S. D. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018 [1970].
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas. magia e técnica. arte e política**. 7 ed. Brasiliense São Paulo, 1994.
- BYBEE, J. Language, Usage And Cognition. Cambridge University Press, 2010.
- BOGDAN & BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Editora, 2003.

BORTONI-RICARDO, S. M. *et al.* (org.) **Por que a escola não ensina gramática assim?** 1. ed. São Paulo. Parábola Editorial, 2014

BORTONI-RICARDO, S. M. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. *In:* COUTO, H. H. (ed.). **Ensaio de linguística aplicada ao português.** Brasília: Thesaurus, 1981. p. 79-101.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola, 2005. BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Constituição Federal, 1988.** Brasília: Presidência da República Casa Civil. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acessado: 12 mar. 2019.

BRASIL. **Instituto Brasileiro Geográfico Econômico - IBGE - SIS.** Brasília, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez 1996. Disponível em: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica Nacional nº 9394/96 (LDBEN) <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 14 fev 2018.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica, Brasília, 17 fev 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acesso em: 08 de fev 2019.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o **Estatuto do Idoso** e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 3 de outubro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 11 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 20 abril 2019.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.**, Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 05 maio 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso.** 1. ed., 2. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o **Plano Nacional de Educação - PNE** e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de junho de 2014., Brasília, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 12 abr. 2019.

BRAZ, M. L. **O Desafio da Práxis da Educação Popular Suleada nas Orientações Curriculares de EJA no Estado de Mato Grosso.** MT, 2014.

BRAZ, M. L. **Política de educação de jovens e adultos em Mato Grosso**, avaliação e experiências exitosas dos CEJAS-2014-Ebook.

BRIGHT, W. **As dimensões da sociolinguística.** Trad.de E. N. Araújo Jorge. Rio de Janeiro: Eldorado. 1974 [1966].

- CALDART, R. S. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. *In*: KOLLING, E.J. et al. (org.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília: Art. Nacional Por Uma Educação do Campo. 2002. (Coleção Por uma Educação do Campo, n. 4).
- CALDART, R. S. **Educação do Campo: campo- políticas públicas** – educação. Bernardo Mançano Fernandes ... [et al.] ; organizadora, Clarice Aparecida dos Santos. Brasília : Inbra ; MDA, 67-95. 2008
- CALDART, R. S. A escola do campo em e movimento *In*: BENJAMIM, Cezar e CALDART, Roseli Salette. **Projeto Popular e Escolas do Campo**. 2. ed. Brasília: DF: Articulação Nacional por uma educação no Campo, 2001. (Coleção Por um a Educação Básica no Campo, n. 3).
- CALLOU, D. Da história social à história linguística: o Rio de Janeiro no século XIX. *In*: ALKMIN, Tânia Maria (org.). **Para a história do português brasileiro**. V.III. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1999
- CALVET, Louis-Jean. 2002. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. M. Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, [20--].
- CÂMARA-JR, J. M. **Manual de expressão oral & escrita**. 24. ed. Petrópolis : Vozes, 1986.
- CAMPOS, C. **O falar Cuiabano**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2014.
- CAMPUZANO. F. *et al.* (org.) **Cenas cotidianas: estilo e charme nas ruas**. Infoglobo Comunicação S.A. Rio de Janeiro: A empresa, 2012.
- CARDOSO, A. L. **Construindo a Utopia: Modernidade e Urbanismo no Brasil**. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Planejamento em Urbano e Regional. Rio de Janeiro, 1988.
- CARVALHO, D. D. **História da cidade do Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990.
- CASCUDO, L. D. C. **História da alimentação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Edusp, v. 1, 1983.
- CASOTTI, J. B. C. Os marcadores conversacionais na interação entre idosos. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 5, p. 126-139, 2011.
- CASTILHO, A. T. de; ELIAS, V. M. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas do português falado. *In*: CASTILHO, A.T. de (org.). **Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, pp. 249-280. 1989
- CÁURIO, R. **Brasil musical: musical Brazil**. Rio de Janeiro: Art Bureau, 1988.
- CAVALCANTE. S.A.S. **Análise sociofuncionalista da ordenação de cláusulas hipotáticas adverbiais temporais no espanhol mexicano oral**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.
- CHAMBERS.J.K; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge University press, 1980.
- CHOMSKY, N. **Perspectivas sobre a linguagem e a mente**. Sobre natureza e linguagem. Trad. de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.
- CUNHA, C. A Política do idioma. São paulo: tempo brasileiro, 1975.

- DOMÊNICO, D. AT AL. **História pra ninar gente grande**. Rio de Janeiro, março 2019. Disponível em: <http://www.mangueira.com.br/carnaval-2019/enredo>. Acesso em: 25 fev 2019.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- ENDERS, A. **A História do Rio de Janeiro**. Trad. Joana Angélica D'Ávila Melo. 2. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2015.
- FARACO.C.A. **Norma Culta Brasileira: Desatando Alguns Nós**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- FATORI, M. J. **Um estudo semântico-discursivo sobre o emprego do presente do indicativo no Brasil**. 207 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2010.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Fala e escrita: diferença e integração. *In: SEMINÁRIOS DO GEL*, 23., 1994. **Anais...** [S.l.: s.n.], 1994. 273-288.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2005.
- FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo, Ática: 2009.
- FERNANDES, N. D. N. **Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados**. Rio de Janeiro: Secretaria das culturas, departamento geral de documento e informação cultural, arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro, 2001.
- FERNANDES, B. M. Os campos da Pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. *In: MOLINA, Mônica Castagna (org.). Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- FERREIRA, J. C. V. **Mato Grosso e seus Municípios**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, 2001.
- FILHO. André. Programa Radiofônico **Crônicas da Cidade Maravilhosa**. Rio De Janeiro, 1939 [2019].
- FILHO, J. B. **Envelhecer bem é possível: cuidando de nossos Idosos na família**. São Paulo: Loyola, 2004.
- FIORIN, J. L. (org.). **Linguística ? Que é isso ?** São Paulo: Contexto, 2013.
- FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word**, v. 14, p. 47-56, 1958.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FONSECA, V. Dificuldades de Aprendizagem: Na busca de alguns axiomas. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano 39, n.3, p. 13-38, 2005.
- FRANCHI, C. (1977). Linguagem – Atividade Constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 22 , p. 9-39.
- FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1992 [2019].
- FREIRE. P. **Pedagogia dos Oprimidos**. Ed. Paes e Terra. Rio de Janeiro. (2019) [1968].
- FREITAG, R. **Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

- FREITAG, R.M.K. *et al.* **Documentação sociolinguística: Coleta de Dados e Ética em Pesquisa.** São Cristóvão: Editora UFS, 2017.
- FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. *In:* FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (org.). **Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira.** São Paulo: Blucher, 2015. cap. 1, p. 17-74.
- FREITAS, E.V. IN PY, L. ET AL. **Demografia e epidemia do envelhecimento.** 2. ed. Holambra: Setembro, 2006. p. 15-38.
- GALEMBECK, P.T; CARVALHO, K. A. Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). **Revista Intercâmbio,** São Paulo: LAEL/PUC-SP, v. VI, p. 830-850, 1997.
- GARCIA, Carol. MIRANDA, Ana Paula. **Moda é Comunicação.** São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.
- GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna.** 23. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2003.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna.** 17. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GIVÓN.T. **Functionalism and grammar.** Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- GODÓI FILHO, J. D. Aspectos Geológicos do Pantanal Mato-Grossense e sua influência. SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO- ECONOMICOS DO PANTANAL, 1., 1986, Coeumbá. **Anais...** Corumbá: EMBRAPA CPAP/UFMS, 1986, p. 43-76.
- GOMES, W. **Dicionário Cuiabanês.** Cuiabá: 2000.
- GÖRSKI, E. M. *et al.* Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. *In:* RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org.). **Português brasileiro**
: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 106-122.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa - Instrumental de análise.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HADDAD, SÉRGIO; DI PIERRO, MARIA CLARA. **Escolarização de Jovens e Adultos.** *In:* Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v. 14, p. 108-130, mai-ago 2000.
- HADDAD, S. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil.** *et al.* (org.) Brasília-DF: MEC/Inep/Comped, 2002.
- HASAN, R. "Part B". *In:* HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective.** Oxford: Oxford Universit Press, 1989.
- HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. *In:* DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; (org.), M. A. B. **Gêneros textuais e ensino.** São Paulo: Parábola, 2010. p. 195-208.
- HOLMES, Janet. **Women, men and politeness.** New York: Longman, 1995.
- IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais (SIS): uma análise das condições de vida da população brasileira.,** 2016. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoedevida/indicadoresminimos/sinte-seindicsociais2016/default.shtm>. Acesso em: 16 set 2018.

ISQUERDO, A. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. *In*: PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P., ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: 1998. p.89-98.

KCHIMEL, L. R. P. **Prefeitura de Nossa Senhora do Livramento** - Planejamento estratégico 2013-2021, Livramento- MT, 2013. Disponível em: https://www.nossasenhoradolivramento.mt.gov.br/fotos_institucional/1.pdf. Acesso em: 10 Mai 2019.

KLEIMAN, A. **Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, I, V. **A coesão textual**. São Paulo, Contexto: 2010.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, I. V. **A Interação pela linguagem**. São Paulo: contexto, 2003.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Saete (org.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002. v. 4. (Coleção por uma Educação do Campo).

KRIEGER, F. "**A cidade Maravilhosa**" I: André Filho e a saga de uma marcha- hino, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/cidade-maravilhosa-i-andre-filho-e-a-saga-de-uma-marcha-hino/>. Acesso em: 20 maio 2019.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. Some Sociolinguistic Principles. *In*: PAULSTON, Christine Bratt; TUCKER, G. Richard (org.). **Sociolinguistics**. The essential readings. New York: Cambridge, 2003.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. *In*: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (ed.). **Sociolinguistics**: the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Papers**, v. 44, p-43-88, 1978.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. *In*: HELM, J. (org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LABOV, W. Some further steps in narrative analysis. **Journal of Narrative and Life History**, v.7, n1-4, p. 395-413, 1997.

LABOV, W. **The intersection of sex and social class in the course of linguistic change**. *Language variation and change*, 1990. 2: p.205-254

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. *In*: LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LANCELOT; ARNAUD. **Grammaire générale et raisonnée de Port Royal**. 1660 [2019]

LEVINSON, S. Activity Types and Language. *Linguistics*. **Mouton Publishes**, p.365-399, 1979.

- MACEDO, A.T; SILVA, G. M. D. O. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. *In*: MACEDO, A. T. D.; RONCARATI, C. N.; MOLLICA, M. C. **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MACEDO, A.;RONCARATI, C; MOLLICA, M (org.). **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996
- MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing**: Uma orientação aplicada. 3ed. Porto Alegre, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. *In*: CASTILHO, A. T. D. **Português Culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp, 1989.
- MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais. *In*: MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1991.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; (org.). M. A. B. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; (org.), K. S. B. **Gêneros textuais reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: Atividades de Retextualização. 10ª ed. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: MACHADO, A. R.; (org.), M. A. B. **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. **Conversas com linguistas**. São Paulo: Parábola, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: Dionísio, Ângela Paiva, Machado, Anna Raquel, Bezerra, M. Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro:Lucerna, 2002. p. 19-36
- MARCUSCHI. L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola, 2008.
- MARCUSCHI. L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**.5. ed, Rio de Janeiro: Lucerna. 2007.
- MARCUSCHI. L. A. **Gêneros Textuais: o que são e como se classificam?** Recife, 2000.
- MARTELOTTA. M. E.; VOTRE, S. J; CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no Português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1996, p. 277.
- MARTELOTTA, M.E. **Ordenação dos advérbios bem e mal no português escrito: uma abordagem histórica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Relatório final apresentado ao CNPq.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação- SEDUC, Cuiabá, 2009. Disponível em: <http://www.seduc.mt.gov.br>. Acesso em: 16 jun 2017.
- MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação- SEDUC. **Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, 2010)

- MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação- SEDUC, Cuiabá *In. Projeto Político Pedagógico (PPP)*, Escola Estadual José de Lima Barros - Livramento, 2018.
- MATO GROSSO, Lei nº 8.006/2008 da Assembleia Legislativa. Educação do Campo [2019].
- MEDINA, C. D. A. **Entrevista: o diálogo possível**. 3. ed. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- MEDINA, C. D. A. **Entrevista: o diálogo possível**. Ática, 1986.
- MEIHY, J.C. **Sebe Bom. Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MENDES, Jeanne Catulle. Paris, *La Ville Merveilleuse*. 1913 [2019].
- MENDES, M. R. S. S. B. *et al.* **A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração**, São Paulo, 2005.
- MIRANDA, A. P. C. D.; A L, A. **Moda e envolvimento: cada cabide, uma sentença**. In ANPAD. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/enanpad/2001-mkt-145.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- MIRANDA, Ana Paula Celso de; GARCIA, Carol; LEÃO, André. **Moda e envolvimento: cada cabide, uma sentença**. *In: ANPAD, 2001. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/enanpad/2001/dwn/enanpad2001-mkt-145.pdf>*. Acesso em: abr. 2018.
- MOLLICA, M. C. ;BRAGA, M. L. (org.). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- MOLLICA, M. C. ;BRAGA, M. L. (org.). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo, 2010
- MOLLICA, M. C. **Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo**. *In: PAIVA, M.C.; DUARTE, M.E.L.(org.). Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- MOLINA, M. C.;SÁ, L.M. **Escola do Campo**. In CALDART, R. et al (org.). **Dicionário da Educação do campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012 (2012, p. 324)
- MONTEIRO, D.P. **O sonho de todo folião: um ano com dois carnavais (Rio de Janeiro - 1912)**. 2013.107 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense Niterói, 2013. Disponível em: <www.historia.uff.br/strict/td/1605.pdf>. acessado: 20 abril 2019.
- MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2002.
- MOTTA, A. A. **Maravilhosa e Soberana: histórias da Beija-flor**. Rio de Janeiro: coleção: cadernos do samba, 2012.
- MOURA, M. **A moda entre a arte e o design**. *In: PIRES, Dorotéia Baduy (org.). Design de moda: olhares diversos*. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922]
- OLIVEIRA, M.R. **Padrões construcionais formados por pronomes locativos no português contemporâneo do Brasil**. *Linguística*, v.8, p. 49-61, 2012.
- ONU. Organização das Nações Unidas. Disponível em: https://nacoesunidas.org/?post_type=post&s=idoso+e+envelhecimento. Acesso em: 20 jun. 2019.
- PACHANE, G. G. **Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, p. 475-490, 2010.

- PAIVA, M.C. Transcrição de dados linguísticos. *In*: MOLLICA, M. C. ;BRAGA, M. L. (org.). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo, 2010
- PENHAVEL, E. **Multifuncionalidade e níveis de análise: o papel do conectivo e na organização do discurso**. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 2005.
- PEREIRA, L. A. D. M. **O carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX**. Campinas- SP: Editora da Unicamp, 2004.
- PLATÃO. **Crátilo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- PRETI, D. **Sociolinguística: os níveis da fala**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1987.
- PRETI, D. **A linguagem dos idosos: um estudo da análise da conversação**. São Paulo: Contexto, 1999.
- PRETI, D. Entrevista com Dino Preti para o n° 43 “Linguagem, usos e ensino” dos Cadernos de Letras (UFF). **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Linguagem, usos e ensino, n 15 o 43, p. 15-19, 2011
- PROJETO DE PESQUISA **VARIA-IDADE, Comunicação entre geração: Estratégias linguísticas e discursivas na idade maior**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro; Heidelberg (Alemanha). Departamento de Letras - Pós-Graduação, 2016.
- PY, LIGIA ET AL. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Holambra: Setembro, 2006.
- POLLACK. M. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p.3-15, 1989.
- RABHA, N. M. D. C. E.; PINHEIRO, A. I. D. F. **Porto do Rio de Janeiro: história da construção do Porto do Rio**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2004.
- RICHARDSON. R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999
- RISSO, M. S. "Agora". o que eu acho é o "seguinte": um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. *In*: A. T. C. (org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. ed. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1996. v. 3, p. 31-60.
- ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **GOLDVARB** 2001. Disponível em <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>. Acesso em: 15 jun. 2019.
- ROMAINE, S. **Language in society : an introduction to sociolinguistics**. New York: Oxford University Press, 1994.
- ROMAN, J. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (Biblioteca do Estudante)
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. **Vogais do Falar Ribeirinho Cuiabano**. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/divalimt/teses/mouri.pd>>. Acesso em: 17 maio 2019
- SANTOS. G. **Variação fonética em estudantes residentes em áreas rurais da Bahia**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2006.
- SAPIR, Edward. **A Linguagem: introdução ao estudo da fala**. 2. ed. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. Tradução Antônio Chelini et al. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

- SCHERRE, M. A influência de três variáveis relacionadas a concordância nominal. *In: OLIVEIRA E SILVA, G.M; de; SCHERRE, M.A (org.). Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português.** 1988. Tese (Doutorado) - FL/UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.
- SCHIFFRIN, D. Narrative as self-portrait: Sociolinguistic constructions of identity. **Language in Society**, v. 25, n. 2, p. 167-203, 1996.
- SCHIFFRIN, D. Tense variation in narrative. **Language**, LSA, v. 57, n. 1, p. 5-62, mar. 1981.
- SCHIFFRIN, D. **Anaphoric then aspectual, textual and epistemic meaning.** *Linguistics*, Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas : Mercado das Letras, 2004.
- SILVA, A. **A expressão da futuridade no português falado.** Araraquara: UNESP, FCL, São Paulo: Laboratório Editorial; Cultura Acadêmica Editora, 2002.
- SILVA, A. F. M. Música de Irmã CURVO, N. M. **Hino de N. Senhora do Livramento.** Disponível em: www.nslivramento.com.br. Acesso em: 20 ago. 2017
- SILVA, D. E. G. O paralelismo dentro de processos discursivos e gramaticais na fala e na escrita. **Revista do Gelne**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 69-75, 1999.
- SILVA, L. A. Polidez na interação professor/aluno. *In: PRETI, D. Estudos de língua falada.* Paralelos. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, v. 3, 1998. p. 109-130.
- SILVA, G. M. O.; MACEDO, A. T. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais *In: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Cláudia Nívea; MOLLICA, Maria Cecília. Variação e discurso.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- SILVEIRA, N. D. R. **A pessoa idosa: educação e cidadania** São Paulo: Secretaria estadual de assistência e Desenvolvimento Social : Fundação Padre Anchieta, 2009.
- SIQUEIRA, E. F. L.; ROSSETTO, O. C.; SOUZA, S. F. As Políticas Públicas no Contexto da Educação do Campo no Estado de Mato Grosso. **Revista Mato-Grossense de Geografia.** Cuiabá, v. 17, n. 1, p. 139-158, jan./jun. 2014.
- SOBRAL, A.U. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.
- SOUZA, M.A. **Educação do campo: propostas e práticas pedagógicas do MST.** Petrópolis: Vozes, 2006.
- STINE, E. A. L.; A.WINGFIELD, A.; POON, L. W. **Speech comprehension and memory through adulthood: the roles of times and strategy.** New York: Cambridge University Press, 1989.
- STINE, E.A.L., WINGFIELD, A., amp; POON, L. W. Compreensão de fala e memória através da idade adulta: os papéis do tempo e da estratégia. *In: POON, L.W.; RUBIN, D.C.; WILSON, B. A. (ed.). Cognição cotidiana na vida adulta e tardia.* Nova York: Cambridge University Press, 1989. p. 195-221.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2007

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativopropulsora de informações - um estudo sociofuncionalista.** Florianópolis: [s.n.], 2003.

TEDESCO, M. T. V. A. **Elementos conjuntivos: sua variação em narrativas orais e escritas.** Rio de Janeiro. 193 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFRJ, Faculdade de Letras, 1992.

TRAVAGLIA, L. C. **O relevo no Português falado: tipos e estratégias, processos e recursos.** [S.l.: s.n.], 1999.

TUN, P. A.; WINGFIELD, A.; STINE, E. A. Speech-processing capacity in young and older adults: A dual-task study. **Psychology and Aging**, p. 3-9, 1991. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0882-7974.6.1.3> . Acesso em: 08 abr. 2019.

UNATI/UERJ, 2019. Disponível em: <http://www.unatiuerj.com.br/>. Acesso em: 05 mar. 2019.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: D. P. (org.). **Análise de textos orais.** São Paulo: Humanitas, 1997.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. **Análise de textos orais.** 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. p. 81-102.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: D. P. (org.). **Análise de textos orais.** São Paulo: Humanitas, 2003.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais.** São Paulo: FFLCH/USP, 1995.

VALLE, C. **Sabe? ~ Não Tem? ~ Entende?:** itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

VEIGA, I. P. A. **Projeto político- pedagógico da escola: uma construção possível.** Campinas: Papyrus, 2001. v. 13.

VINCENT. D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. Grammaticalisation et Post-Grammaticalisation. **Langues et Linguistique**, Quebec, Université Laval, n.19, 1993.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2004.

VOTRE. S.J.; CEZÁRIO,M.M.; MARTELOTTA, M.E. (org.). **Gramaticalização.** Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. UFRJ, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006 [1968]

ZAMBOTO DE LIMA, C. R. **Aspectos fonético-fonológicos conservadores no falar de Mata Caval.** Dissertação. Universidade Federal de Mato Grosso, PPGEL/UFMT, Cuiabá, 2005.

ZOLADZ, M. **Passeios e sabores carioca.** 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

ANEXO A - Guia de entrevista com questões semidirigidas para as entrevistas dos idosos da cidade de N. Sra. Livramento (Elaborado pelo Grupo Varia- Idade Rio de Janeiro/ Heidelberg e adaptado para as entrevistas dos alunos da EJA em Nossa Sra. do Livramento).

Guia de entrevista da cidade de N. Sra. Livramento - Mato Grosso

1. Vida em Mato Grosso- Livramento: nascimento/mudanças na região
2. Descrição da comunidade e composição de sua população
3. Divisão dos comércios (bares, mercados, rios, farmácias, médicos, salão de beleza)
4. Vida social: o encontro com amigos e amigas
5. A formação: o ensino e as escolas e universidades
6. A vida na rua, a comida na rua
7. O trânsito e o transporte público: ônibus...
8. Os rios, o esporte, o carnaval (as festas de santos) diversão em Livramento e região
9. Contato entre a população e outras comunidades da região
10. Moda
11. História
12. Linguagem mato - grossense (Livramento)
13. Curiosidades da comunidade

1. Vida em Livramento: nascimento e mudanças na região

- Você é um mato-grossense de **chapa e cruz**?
- Faz muito tempo que você mora nesta região de livramento?
- Como se pode caracterizar essa região?
- Você se sente integrado ou deslocado aqui?
- Você fica contente por morar aqui?
- Se pudesse se mudar daqui de Mato grosso- Livramento, para onde você mudaria?
- Mas você deixaria Livramento, esta comunidade?
- Por que você ou seus pais decidiram sair da sua cidade natal?
- Quando chegou em Mato Grosso você se adaptou bem na comunidade, município?
- Nesse tempo que você está aqui, você tem se adaptado?
- Mato Grosso, para você, é realmente “um estado acolhedor” ?

2. Descrição do bairro e composição de sua população

- Quem vive aqui no seu bairro?
- Quem passa/circula aqui no bairro?
- Quais são as vantagens e desvantagens do bairro para você?

A vida das gerações

- Você observa no seu bairro hoje mais jovens ou mais idosos? ou mais famílias?
- As crianças de antes e de hoje do seu bairro, quais seriam as maiores diferenças?

3. Divisão dos comércios (bares, padarias, sapateiros, farmácias, médicos, salão de beleza, rios, igrejas)

- Nos últimos anos têm ocorrido grandes mudanças na região? A região vem mudando/mudou muito?
- Existem novos comércios?
- Quais são suas lojas favoritas?
- Que tipo de loja lhe atrai mais?
- Quais lojas faltam hoje em dia que eram comum antes?
- O botequim de antes ainda existe? Quem vai ao botequim? Para ver uma partida de futebol?
- Tem hoje em dia mais ou menos farmácias e médicos do que antes?
- Tem hoje em dia mais ou menos salões de beleza?
- E igrejas?
- O que você acha dos rios, cachoeiras da região?

4. Vida em casa: os porteiros e a vida dos condomínios e das casas de repouso

hoje:

- Faz muito tempo que você mora aqui?
- Você conhece os outros moradores da região/da casa?
- Você fala com os vizinhos?

5. Vida social: o encontro com amigos e amigas antigamente:
 - Para onde você andava (discoteca, boate, teatro, cinema,...)?
 - Você tem amigos e/ou amigas na região?
 - Você sai para fazer compras, tomar café, tomar um chope, dançar, assistir a um show?

6. A formação: O ensino e as escolas/as universidades
 - Você frequentava ou frequenta a escola/escola básica na região?
 - Por que escolheu fazer Eja? Por que resolveu voltar a estudar?
 - Existem mais ou menos escolas agora?

7. A vida e a comida na rua
 - Você toma o café da manhã na rua?
 - Você gosta de tomar um suco ou um chope na rua?
 - A vida na rua muda conforme as estações do ano? Você sai mais de casa no verão?
 - Qual é uma comida típica de Livramento ou daqui da região?

8. O trânsito e o transporte público:
 - Como é que você se movimentava ou movimenta na região? Você utiliza ônibus, carro ou qual outro tipo de transporte frequente na região?
 - Subir e descer no ônibus, é fácil ou difícil para você?
 - Tem alguma mudança no transporte de antigamente e hoje na região?
 - Quando você era jovem/criança, como era o transporte na região?
 - A cachoeira, os rios, o esporte, o carnaval (as festas dos Santos)
 - Você ia sempre as cachoeira? Para passear, caminhar, fazer esporte?
 - Já havia comércio aqui quando você veio para morar na região?
 - Você gosta do carnaval? Como é o carnaval na região de livramento? e antigamente?
 - Como surgiram os blocos de carnaval no em Livramento?
 - Durante o carnaval, você está/estava sempre na rua para dançar?
 - Como é o carnaval hoje e como era há 40 anos atrás?
 - Participa/participou em algum bloco de carnaval? Como se chama o bloco de livramento
 - Você vai às festas juninas?

9. Moda
 - Como foi a moda (na sua época) em Mato grosso ou livramento?
 - homens: Você usou salto carrapeta? Conhece quem usou?

10. História
 - Como foi a revolução militar no Brasil? Você participou de alguma forma?
 - A revolução militar afetou de alguma forma a sua vida?
 - Houve censura?

11. Linguagem Mato Grossense
 - Existe uma fala Mato-grossense ou típica de Livramento e região?

12. Curiosidades do bairro
 - Qual seria a coisa mais estranha que aconteceu aqui na região? mais: música, imprensa....

ANEXO B - Guia de entrevista com questões semidirigidas para as entrevistas dos idosos da cidade do Rio de Janeiro (Elaborado pelo grupo Varia-Idade Rio de Janeiro/ Heidelberg)
Guia de entrevista – Rio de Janeiro

1. Vida no Rio: nascimento/mudanças na cidade
2. Descrição do bairro e composição de sua população
3. Divisão dos comércios (bares, bancos, quiosques da praia, farmácias, médicos, salão de beleza, piscina)
4. Vida em casa: os porteiros e a vida dos condomínios e das casas de repouso
5. Vida social: o encontro com amigos e amigas
6. A formação: o ensino e as escolas e universidades
7. A vida na rua, a comida na rua
8. O trânsito e o transporte público: táxis, ônibus, metrô
9. A praia, o esporte, o carnaval (as festas) e as academias
10. Contato entre a população da favela e a do bairro
11. Moda
12. História
13. Linguagem carioca
14. Curiosidades do bairro

1. Vida no Rio: nascimento e mudanças na cidade

- Você é um carioca da gema?
- Faz muito tempo que você mora neste bairro?
- como se pode caracterizar o seu bairro?
- Você se sente integrado ou deslocado aqui?
- Você fica contente por morar aqui?
- Se pudesse se mudar no Rio, para onde você mudaria?
- Mas você deixaria o Rio?
- Por que você ou seus pais decidiram sair da sua cidade natal?
- Quando chegou no Rio você se adaptou bem no bairro e na cidade?
- Nesse tempo que você está aqui, você tem se adaptado?
- O Rio, para você, é realmente “uma cidade maravilhosa”?

2. Descrição do bairro e composição de sua população

- Quem vive aqui no seu bairro?
- Quem passa/circula aqui no bairro?
- Quais são as vantagens e desvantagens do bairro para você?

A vida das gerações

- Você observa no seu bairro hoje mais jovens ou mais idosos? ou mais famílias?
- As crianças de antes e de hoje do seu bairro, quais seriam as maiores diferenças?

3. Divisão dos comércios (bares, bancos, padarias, sapateiros, quiosques da praia, farmácias, médicos, salão de beleza, piscinas, igrejas)

- Nos últimos anos têm ocorrido grandes mudanças no seu bairro? O bairro vem mudando/mudou muito?
- Existem novas lojas?
- Quais são suas lojas favoritas?
- Que tipo de loja lhe atrai mais?
- Quais lojas faltam hoje em dia que eram muito comuns antes?
- O botequim de antes ainda existe? Quem vai ao botequim? Para ver um match de futebol?
- Tem hoje em dia mais ou menos farmácias e médicos do que antes?
- Tem hoje em dia mais ou menos salões de beleza?
- Existem piscinas, clubes?
- E igrejas?
- E os quiosques da praia, o que é que você acha?

4. Vida em casa: os porteiros e a vida dos condomínios e das casas de repouso

hoje:

- Você mora numa casa? Num condomínio? Numa casa de repouso?
- Faz muito tempo que você mora aqui?
- Você conhece os outros moradores do condomínio/da casa?

- Você fala com os vizinhos?

- Qual é o papel do porteiro?

antigamente:

- Havia empregadas domésticas? Ainda há?
- Você tinha duas portas de entrada no condomínio?

5. Vida social: o encontro com amigos e amigas

antigamente:

- Para onde você andava (discoteca, boate, teatro, cinema, ópera...)? e no bar mesmo? o fora do bairro?

hoje

- Você tem amigos e/ou amigas no bairro?
 - Você sai para fazer compras, tomar café, tomar um chope, dançar, assistir a um show?
6. A formação: O ensino e as escolas/as universidades
- Você frequentava a escola/escola básica no bairro?
 - Existem mais ou menos escolas agora?
7. A vida e a comida na rua
- Você toma o café da manhã na rua?
 - Você gosta de tomar um suco ou um chope na rua?
 - A vida na rua muda conforme as estações do ano? Você sai mais de casa no verão?
 - Qual é uma comida típica carioca?
8. O trânsito e o transporte público: táxis, ônibus, metrô
- Como é que você se move/movia no bairro e na cidade?
 - Você pega ônibus ou usa taxi ou talvez Uber?
 - Subir e descer no ônibus, é fácil ou difícil para você?
 - Você pega também o metrô?
 - O metrô mudou/mudará os seus costumes e hábitos?
 - Quando você era jovem/criança, você se movia muito de bairro a bairro ou até ao centro da cidade?
9. A praia, o esporte, o carnaval (as festas) e as academias
- Você ia sempre à praia? Para passear, caminhar, fazer esporte?
 - Já havia quiosques ou barracas de praia quando você era criança?
 - Você jogava na areia?
 - Você gosta do carnaval? Como é o carnaval no seu bairro? e antigamente?
 - Como surgiram os blocos de carnaval no Rio?
 - Durante o carnaval, você está/estava sempre na rua para dançar?
 - O carnaval, no seu bairro, como é e como era?
 - Participa/participou numa escola de samba? Como se chama a escola de samba do bairro?
 - Você vai às festas juninas?
10. Contato entre a população da favela e a do bairro
- A favela/comunidade já existia quando você era criança ou quando se mudou para o bairro?
 - Você já entrou na favela/comunidade?
11. Moda
- Como foi a moda (na sua época) no Rio?
 - homens: Você usou salto carrapeta? Conhece quem usou?
12. História
- Como foi a revolução militar no Brasil? Você participou em alguma forma?
 - Como afetou a revolução militar a sua vida? Houve censura?
13. Linguagem carioca - Existe uma fala carioca?
14. Curiosidades do bairro - Qual seria a coisa mais estranha que aconteceu no bairro?

mais: música, imprensa....

ANEXO C - Guia da documentação das entrevistas e das convenções usadas para o trabalho de transcrição do projeto Varia-Idade

0. Notas preliminares

- A documentação das entrevistas, dos seus documentos respectivos e das transcrições deve ser realizada de uma forma uniforme e inequívoca para que possamos juntar os trabalhos do grupo Rio e do grupo Heidelberg, numa data determinada, sem grandes confusões.
- A um/a informante pertence:
 - (a) a sigla¹
 - (b) o arquivo áudio digital da entrevista (deve ser, se for possível, em formato .wav --> será necessário alterar o formato da gravação no aplicativo)
 - (c) a declaração de consentimento
 - (d) o protocolo etnográfico
 - (e) a transcrição com o cabeçalho
- Link para a tabela das transcrições: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1C2ELpnZgw5MA2FIBITqTg6ct7BON170Y92Sffmv7fN4/edit#gid=0>

1. Antes ou depois da gravação de uma entrevista²

- O/a entrevistador/a precisa ter cautela ao apresentar o objetivo e a metodologia da pesquisa para a/o entrevistada/o, pois dependendo da forma expressa, o/a informante pode mudar a sua maneira natural de responder e de se comunicar.
- É importante informar a/o entrevistada/o:
 - que a conversa será gravada,
 - assinar uma *Declaração de consentimento*. Depende de cada informante quando é o momento certo (antes ou depois da gravação). Fica a critério de cada entrevistador pedir a assinatura no início ou no final da conversa. Temos de deixar claro que sem o consentimento não poderemos utilizar as gravações para a pesquisa,
 - que todos os dados a seu respeito não deverão ser identificados por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

--> *Nota: Vale ressaltar que quando pedimos a assinatura an* *Declaração de consentimento* *entrevistado/a pode recusar fazer a conversa. Por isso, às vezes é aconselhável pedi-la no final, tendo em vista que a/o informante terá passado muito tempo de diálogo com o/a entrevistador/a e já sentirá na obrigação de assinar a declaração.*

Ronny Becker Romântico Semir Universität Heidelberg Semestrar 3 69117 Heidelberg	
e-mail: questionare@beckerlab.com	
Nome:	01 3003/16 Local: Leda (R)
Dados pessoais	
Sexo:	masculino
Idade:	67
Local de Nascimento / País:	Rio de Janeiro
Bairro atual:	Leblon
Profissão:	professor
Tempo e nível de escolaridade (fundamental, médio, superior):	
Onde andou na escola?	Rio
Língua materna:	Português
Línguas praticadas:	inglês
Moradia até aos 8 anos:	Brasil
Mobilidade geográfica no Rio:	
Mobilidade geográfica no bairro:	
Mobilidade geográfica fora do Rio:	Volta Redonda RJ
Profissão dos pais:	Pai: <i>Administrador público</i> Mãe: <i>Administradora pública</i>
e-mail ou facebook (caso eu tiver questões):	
Declaração de consentimento	
Eu, _____ abaixo assinado, concordo que as minhas respostas, gravações e dados pessoais podem ser utilizados para fins científicos. Foi informado pelo pesquisador (Ronny Becker, Universidade de Heidelberg, Alemanha) sobre a pesquisa e seus procedimentos e, todos os dados a seu respeito não deverão ser identificados por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso. Concordo ainda que as gravações de voz podem ser utilizadas para um arquivo digital on-line, confiando em que serão utilizadas nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo investigador.	
Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento.	
Data, local:	30/03/2016, Rio de Janeiro (Leblon)
Assinatura:	<i>Heitor</i>

¹ Relativamente à sigla, veja-se **Erro! Fonte de referência não encontrada.**

² A palavra *entrevista* deve ser evitada quando se falar com a/o entrevistada/o já que o uso do termo pode mudar o comportamento linguístico por causa das associações ligadas a uma situação de entrevista (situação formal, etc.). É melhor usar *conversa*. Procurar não mencionar o nome da pessoa entrevistada para não expor.

0. Durante a gravação de uma entrevista

- Deixar a/o entrevistada/o falar até concluir a sua ideia sem interrupções. O/a entrevistador/a pode intervir nos momentos das perguntas (pensar nas transcrições).
- É necessário que as entrevistas se realizem da maneira mais natural possível sem que sejam dadas instruções para a/o entrevistada/o sobre o comportamento comunicativo.

1. Depois da gravação de uma entrevista

3.1 Estabelecer um nome para o arquivo da entrevista

- O nome do arquivo da entrevista segue o modelo seguinte:

Ano_mês_dia_bairro_sigla¹

(aaaa_mm_dd) = a data em que a entrevista foi realizada

exemplo:

2016_03_30_Gavea_F61G



3.2 Preencher o protocolo etnográfico da entrevista o mais rápido e detalhadamente possível

número, data, bairro, sigla
(correspondem aos na *Declaração de consentimento*)

Protocolos das entrevistas

01 - 2016/03/30 Gávea F61G

- dados objetivos da gravação
 - hora: app. 19h45
 - duração: 40'37"
 - lugar: quarta no apartamento da E2 (Leblon)
 - participantes na entrevista: a informante, entrevistador E1
- dados sociodemográficos dos entrevistados
 - a) cf. questionário nº: 01_30/30/2016
 - b) grau de parentesco / de conhecimento: amiga da E2
- eventos acontecidos imediatamente antes ou depois da gravação (p.ex. informantes perguntaram do objetivo da pesquisa, comentam a pesquisa etc.):
 - ---
- dúvidas, resistências ou medos dos participantes antes, durante e/ou depois da gravação:
 - informante disse estar nervosa; arranhou pernas e braços durante a entrevista

Protocolo

¹ Relativamente à sigla, veja-se **Erro! Fonte de referência não encontrada.**

4. A transcrição com *f4transkript*

4.1 As convenções têm como modelo o sistema de transcrição GAT 2 (*Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem 2*¹)

4.2 Definições no programa *f4transkript*:

(a) Troca de fala: ativar *Troca automática de fala* e *Marcar troca de fala*

- Alterar as siglas:

EMB: = sigla do entrevistador²

F61G: = entrevistada (Mulher, 61 anos, Gávea)

- As cores respectivas (azul e verde neste exemplo) são retomadas tanto ao início da linha diante da sigla como na forma da onda.

- Se for necessário, adicionar novo falante.

(b) Marcadores do tempo: ativar *No início de cada parágrafo*

(c) Formatação I:

- Padrão (= a passagem narrativa do falante): Courier New 10pt.

(d) Formatação II:

- Padrão (= a passagem narrativa do falante): Courier New 10pt.

- Falante (= a sigla do falante): Calibri 10pt.

- Ativar *Linha em branco no final do parágrafo*

The screenshot displays the *f4transkript* software interface. On the left, a settings panel is open, showing various options for transcription. The 'Troca de fala' section is checked, and 'Troca automática de fala' is also checked. Under 'Marcadores de tempo', 'No início de cada parágrafo' is checked. In the 'Formatação' section, the 'Padrão' font is set to Courier New 10pt and the 'Falante' font is set to Calibri 10pt. The 'Linha em branco no final do parágrafo' option is also checked. The main area on the right shows a transcript with a waveform below it. The transcript lines are numbered and include time stamps and speaker identifiers (EMB, F61G) in colored boxes. The interface is in Portuguese.

¹ Selting, M et al. (2009): "Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem 2 (GAT2)", em: *Gesprächsforschung - Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion*, vol. 10, 353-402.

² E (entrevistador), F (mulher) ou M (homem) e a primeira letra do sobrenome.

4.1 Sigla

A sigla do/a entrevistado/a que serve para o anonimato do/da falante compõe-se de ao menos três componentes:

- (1) Sexo: **F** (mulher) ou **M** (homem)
- (2) Idade
- (3) Sigla do bairro em que o/a entrevistado/a mora (veja-se no documento *Municípios do Rio*)
ex.: F61G = mulher de 61 anos da Gávea
- (4) Caso haja concordância destes três componentes, acrescenta-se uma minúscula em ordem alfabética **a, b, c**, etc.

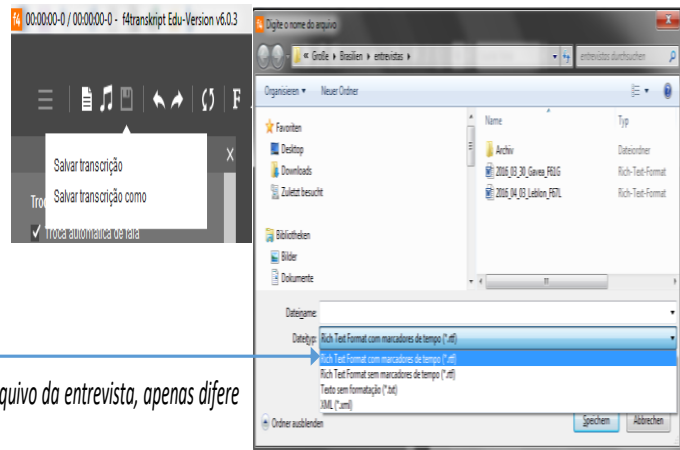
--> Nota: É necessário que cada sigla seja única para que possa ser atribuída sem dúvidas a um/a entrevistado/a e aos seus dados pertencentes: arquivo da gravação, protocolo e declaração de consentimento.



4.2 Nome do arquivo da transcrição quando salvar pela primeira vez (Salvar transcrição)

- Salvar como "Rich Text Format com marcadores de tempo"
- Nome: Ano_mês_dia_bairro_sigla
(aaaa_mm_dd) = a data em que a entrevista foi realizada

ex.: 2016_03_30_Gavea_F61G

--> Nota: O nome do arquivo da transcrição é igual ao nome do arquivo da entrevista, apenas difere no formato de arquivo.



arquivo da transcrição ---->		2016_03_30_Gavea_F61G	Rich-Text-Format
arquivo de áudio ---->		2016_03_30_Gavea_F61G	VLC media file (.wma)

4.3 Convenções na transcrição:

A transcrição obedece, em geral, à norma ortográfica, considerando as convenções usadas elencadas a seguir:

- a. O anonimato de cada entrevistado/a deve ser respeitado. Quando o interlocutor usar o nome de uma pessoa que foi também entrevistada usa-se a sigla respectiva. No caso de pessoas públicas (ex.: Lula, Xuxa etc.), não se fazem alterações no nome. Pessoas fora da vida pública citadas na entrevista permanecem em anonimato e seus nomes são substituídos pela expressão "(nome próprio)". Cada informação que leva a deduções diretas (endereço, e-mail etc.) é suprimida. Faz-se necessário marcar as passagens suprimidas/substituídas de amarelo, no arquivo Word, para facilitar a anonimização dos áudios.

(1) exemplos:

a) Original: M71G:#00:14:42-1#a Cláudia saiu com a Ana? --> Transcrição: a F63G saiu com a (nome próprio)?

- b) Original: M76IR: #00:18:56-4# [...] pra lá na casa dela lá na casa dela é Pastor Miranda Pinto --> Transcrição: pra lá na casa dela lá na casa dela é (informação suprimida)
- As frases dos entrevistados não serão corrigidas, p.ex. *intregada, Sambródromo* em vez de *integrada, Sambódromo* (a escrita correta e qualquer outra informação sobre o falante deve constar no comentário).
 - Em caso de aglutinação como em *pr'eu* ou *d'eu*, mantém-se as palavras separadas *pra + eu / de eu* e faz-se uma observação no comentário. Aqui, faz-se necessário verificar em obras de referência (ex.: Houaiss, Aurélio, Borba, Michaelis) se as formas aglutinadas já foram lexicalizadas, como, por exemplo, em *caixa-d'água*, mas não em *lata d'água* --> *lata de água*.
 - Tudo é transcrito. Os sinais de pontuação não serão utilizados porque terão outros significados.
 - Manutenção de palavras que são senso comum no uso reduzido, sem marcação especial, a exemplo de: *pra, pro, tá, tava, tô*, etc.
 - Nas palavras com apagamento do fonema ou sílaba final será feita a seguinte marcação: *rapa{z}, vamo{s}*, etc. Com exceção em palavras terminadas em ditongo, com apagamento da semivogal (ex.: *falou, cantou*) e no apagamento do /r/ em verbos no infinitivo (ex.: *comer, cantar*). Nesses casos, tanto a semivogal "u", quanto o /r/ não serão escritos entre chaves.
 - Fazer uma lista com todas as palavras que podem aparecer de forma reduzida (ver exemplo n° **Erro! Fonte de referência não encontrada.**).
 - As frases do entrevistador não serão marcadas, porém serão corrigidas quando necessário. As hesitações, pausas, etc. não serão marcadas.
 - As maiúsculas não serão utilizadas nem no início das frases nem depois de pausas, somente quando o/a entrevistado/a realçar uma sílaba (ver exemplo n° **Erro! Fonte de referência não encontrada.**) ou quando se tratar de nomes próprios.
 - Todos os números são escritos por extenso: 2015 = *dois mil e quinze*
 - Letras não serão escritas por extenso. Exemplo: *A palavra saudade se escreve com "s"*.
 - Estrangeirismos não serão salientados.
 - Fazer um comentário sobre especificidades particulares (fonéticas¹, conversacionais, etc.) da/o entrevistada/o. Estas especificidades são retomadas no cabeçalho (veja-se item **Erro! Fonte de referência não encontrada.**).



Sinais utilizados

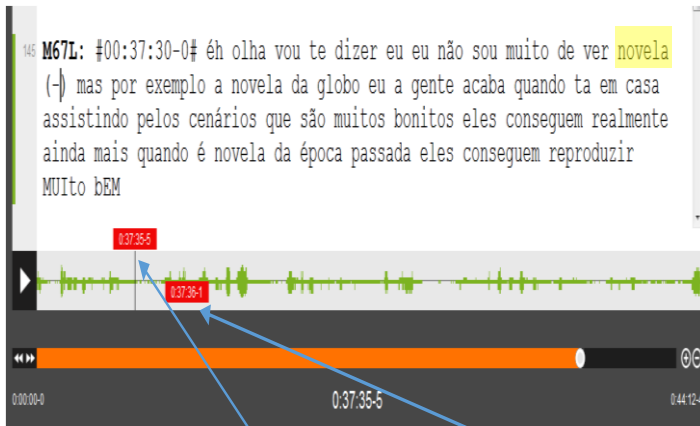
Os sinais utilizados a seguir estão em negrito para facilitar a compreensão deste guia. Não podem, porém, ser marcados em negrito na transcrição.

Duração das pausas durante a fala

- (-)
- (--)
- (3.0)** Duração das pausas a partir de 2 segundos são indicadas pela duração exata: segundo e uma casa decimal depois do ponto para a indicação do milissegundo

Como medir pausas

¹ Exemplo: a/o falante pronuncia <u> e <e> após <q> como [kwe] em vez de [ke].



- fim da palavra *novela* 0:37:35-5 início da palavra *mas* 0:37:36-1 --> A diferença é de 0,6 segundos (36,1 - 35,5) = tamanho da pausa (-)

Sobreposição

[] Quando as falas se sobrepõem ou ocorrem simultaneamente, elas serão escritas entre colchetes. O colchete é aberto no lugar em que a sobreposição começa e é fechado no fim da sobreposição. Os dois pares de colchetes devem alinhar-se um abaixo do outro como mostram os exemplos:

(1) exemplos:

a) EMB: #00:37:54-9# [Os dois?]

F61G: #00:37:55-0# [Os dois]

b) EMB: #00:16:39-4# [ahm]

F61G: #00:16:39-4# [eu] tinha uma amigo (-) que morreu que morava lá na Gávea e eu andava mais com ele (-) volta e meia a gente tomava um café: (-) conversava.

Movimento do tom no fim de unidades de fala

? Aumento do tom (por exemplo em perguntas)

; Diminuição do tom

(2) exemplos:

F61G: #00:00:49-5# muito tempo eu acho; eu;

F61G: #00:34:16-1# ah acho que isso tem eh talvez algumas expressões algumas gírias podem ser um pouquinho diferente mas acho que no geral não tem muita diferença não;

Alongamento de sílabas

: Duração, aprox. 0.2-0.5 segs.

:: Duração, aprox. 0.5-0.8 segs.

::: Duração, aprox. 0.8-1.0 segs.

- Os dois pontos seguem imediatamente a sílaba respectiva, sem espaço

(1) exemplos:

a) F61G: #00:00:49-5# eh em princípio achava (-) muito pequenini::nho

b) F61G: #00:19:42-6# (pego) pra ir pra cida:de

- Em casos excepcionais, pode-se colocar os dois pontos no meio da sílaba para destacar um determinado som que tenha sido enfatizado.

Exemplo: DO: IS. Embora a palavra seja monossilábica, nesse caso, percebe-se o alongamento do som /o/ com maior ênfase.

Maiúsculas Quando o/a entrevistado/a realça uma sílaba ao falar ou quando se tratar de nomes próprios, títulos de música, de filme, de livro, etc.

Respeita-se a separação silábica do português.

(2) exemplos:

a) F61G: #00:00:49-5# [...]princípio achava (-) muito pequenini::nho e se **CRU**za com as mesmas pes**SO**as
(--) no dia a **DI**a sabe

b) F61G: #00:16:39-4# [eu] tinha uma amigo (-) que morreu que morava lá na **G**ávea

c) M67G: #00:06:46-8 é (-) eu até tenho um livro agora se você quiser ler é muito interessante (-)
ahm: não tenho ele aqui mas (-) é do Ruy Castro agora sobre: o nome do livro é "**A** noite de
meu bem" que é o título da música de Dolores Duran [...]

/ Quando há uma pausa abrupta, normalmente interrompendo a palavra

(3) exemplo:

F61G: #00:00:14-4# meus pais não s/ não eram cariocas não

= Uma passagem imediata para o novo turno

(4) exemplos:

EMB: #00:01:55-4# e por que=

F61G: #00:01:56-0# =eu gosto mas é (6.0)

{ } Sons e sílabas não realizados e deduzidos a partir do contexto são colocados entre chaves

(5) exemplos:

{es}sas coisas

{a}cabou

“ ” Colocam-se entre aspas citação direta ou imitação de uma outra pessoa. Acrescenta-se um comentário, se houver necessidade.

(1) exemplo:

EFG: #00:18:40-4# e a vida aqui no bair/ no condomínio funciona muito bem? (--) ou tem/

M78LE: #00:18:47-1# razoÁVEL ((rápido)) razoável não tenho queixa eu particularmente não tenho queixa não (-) entende? às vezes acontece (--) de sair do do apartamento e: por acaso:: o: corredor a la/ a lâm/ a lâmpada não/ queimou e ninguém percebeu e tem que avisar "ei a lâmpada queimou" aí fora isso normal (-) não vejo assim grandes problemas não

<> Delimita trechos cantado, gritado, rindo (ações simultâneas à fala), etc. seguido da marcação da ação discursiva

(2) exemplo:

F79CG: #00:13:21-4# ah não/ tinha assim ven/ vendia assim alguma coisa mas não ERA quiOSque assim não SAbE vendia sorVEte vendia mas era diferente era diferente a gente cantava <Maringá Maringá depois que tu> ((cantando))

Não compreensão

() Uma passagem não compreendida é marcada entre parênteses simples com um espaço

(3) exemplo:

F61G: #00:00:49-5# é: eu acostumei as/ eu moro há (2.5) doze anos lá (-) muito tempo eu acho; eu; () eh em princípio achava (-) muito pequenini::nho

(tipo) Dificuldade de reconstrução exata. Passagem suposta, a partir de uma realização fônica pouco inteligível.

(4) exemplo:

F61G: #00:19:42-6# (pego) pra ir pra cida:de

(mas/mais) Passagem suposta, indecisão quanto ao(s) som(sons) apreendido(s)